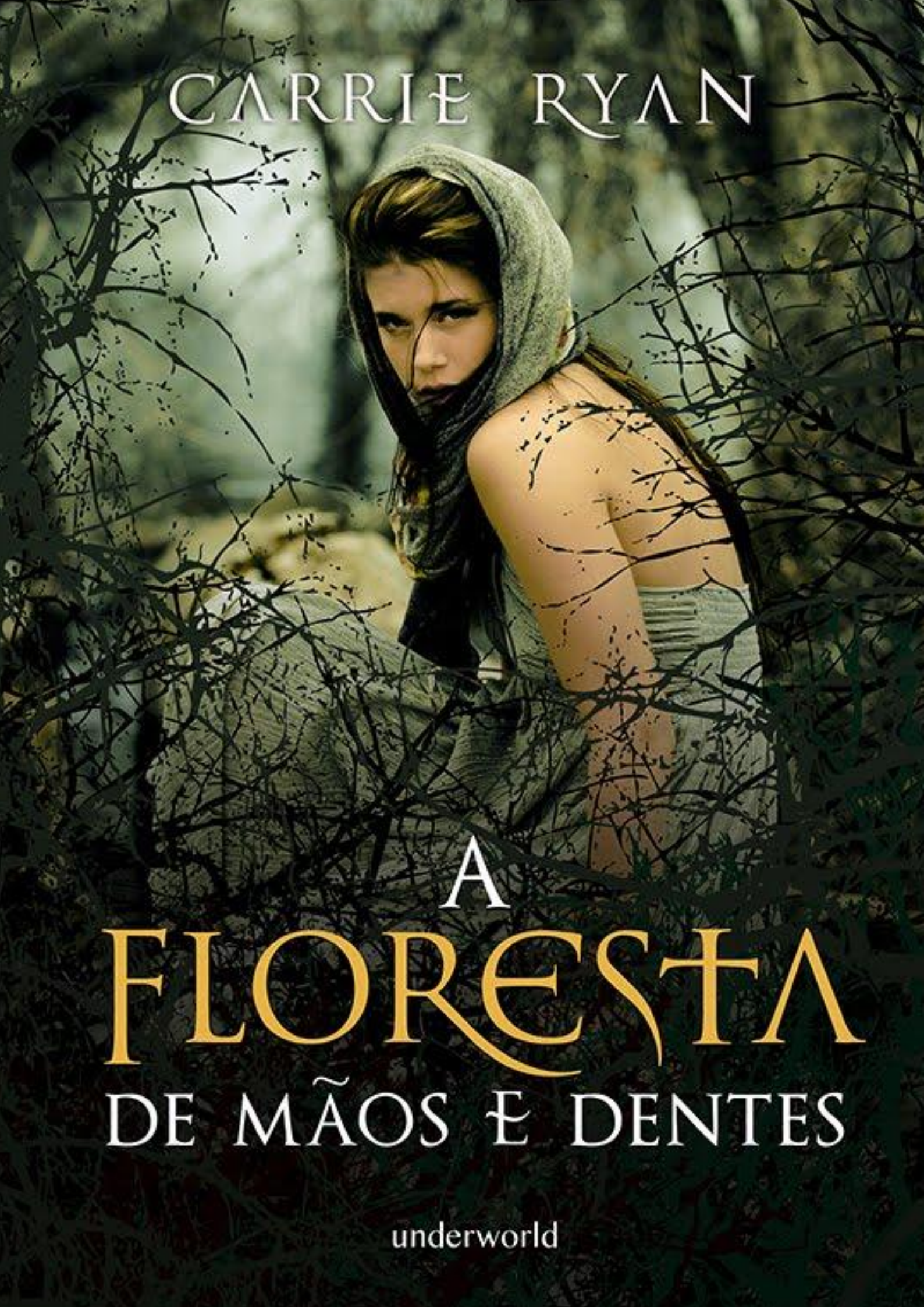




CARRIE RYAN

A
FLORESTA
DE MÃOS E DENTES

underworld

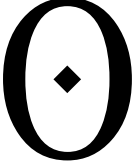


A
FLORESTA
DE MÃOS E DENTES

• • •

CARRIE RYAN



 MUNDO DE MARY É UM MUNDO de verdades simples. A Irmandade sempre sabe o que é melhor. Os Guardiões protegem a todos. Os Esconjurados jamais descansam. E você deve sempre tomar cuidado com a cerca que percorre o perímetro do vilarejo; a cerca que protege o vilarejo da Floresta de Mãos e Dentes. Mas, lentamente, as verdades de Mary estão se desintegrando. Ela está aprendendo coisas que nunca quis saber a respeito da Irmandade e seus segredos, dos Guardiões e seu poder, e dos Esconjurados e seu desespero. Quando a cerca é violada e seu mundo é atirado no caos, Mary deve escolher entre sua vila e seu futuro - entre seu amado e o homem que a ama. E ela deve enfrentar a verdade a respeito da floresta de Mãos e Dentes. Pode existir vida em um mundo cercado por tanta morte?



I

Minha mãe costumava me contar histórias sobre o oceano. Ela dizia que havia um lugar onde tudo o que existia era água, até onde nossos olhos pudessem enxergar e que o oceano estava sempre em movimento, se jogando contra você e então indo embora. Ela uma vez me mostrou uma fotografia que ela disse ser de minha tataravó em pé no oceano quando ainda era uma menininha. Vários anos se passaram e a fotografia se perdeu em um incêndio muito tempo atrás, mas eu me lembro dela, desbotada e desgastada. Uma garotinha rodeada pela imensidão. Nas histórias de minha mãe, que foram passadas a ela por seus antepassados, o som do oceano era como o do vento passando através das árvores e os homens costumavam caminhar na água. Uma vez, quando eu já era mais velha e nossa vila estava sofrendo com a seca, eu perguntei a minha mãe por

que, se tanta água existia, havia anos que nossos córregos estavam praticamente secos? Ela me disse que a água do oceano não podia ser bebida - que a água era repleta de sal.

Foi nesse momento que eu deixei de acreditar em suas histórias sobre o oceano. Como poderia existir tanto sal no universo e como Deus iria permitir que tanta água se tornasse inutilizável?

Mas havia vezes quando eu me aproximava do limite da Floresta de Mãos e Dentes e olhava para a selva que se estendia ao infinito e imaginava como seria se tudo aquilo fosse água. Eu fecho meus olhos e escuto o vento nas árvores e imagino um mundo onde nada além de água passe pela minha cabeça.

Esse seria um mundo sem os Profanos, um mundo sem a Floresta de Mãos e Dentes.

Frequentemente minha mãe colocava-se junto a mim e erguia a mão sobre os olhos para bloquear o sol e olhar além da cerca, observando as árvores e moitas, na esperança de ver seu marido regressando para casa.

Ela é a única que acredita que ele não se transformou, que ele ainda pode voltar para casa o mesmo homem que ele era quando partiu. Eu desisti de meu pai meses atrás e enterrei a dor de perdê-lo o mais profundamente possível de modo que eu pudesse continuar com o meu dia-a-dia. Agora eu tenho medo de me aproximar do limite da Floresta e olhar através da cerca. Eu tenho medo de vê-lo lá entre os outros: roupas esfarrapadas, pele flácida, o terrível e articulado gemido e os dedos em carne-viva de tanto puxar as cercas de metal.

Que ninguém o tenha visto dá esperanças a minha mãe. De noite ela reza a Deus para que ele tenha encontrado algum tipo de refúgio como nossa vila. Que em algum lugar na densa Floresta ele tenha encontrado segurança. Mas ninguém mais tem esperança. A Irmandade nos conta que a nossa é a única vila que restou no mundo.

Meu irmão Jed se tornou voluntário em turnos extras nas patrulhas de Guardiões que monitoram a linha da cerca. Eu sei que, como eu, ele acha

que nosso pai foi perdido para os Profanos e que ele espera encontrá-lo durante uma das patrulhas no perímetro e matá-lo antes que nossa mãe possa ver em que seu marido se transformou.

As pessoas da nossa vila enlouquecem ao verem os seus entes queridos transformados em Profanos. Foi uma mulher - uma mãe - terrificada com a visão de seu filho infectado durante uma patrulha, que se jogou sobre o fogo e queimou metade de nossa vila. Esse foi o incêndio que destruiu a herança de minha família quando eu era criança, que extinguiu nossas únicas ligações com quem nós éramos como pessoas antes do Retorno, embora a maior parte estivesse tão corrompida que só restavam apenas fragmentos de memórias.

Jed e eu tínhamos mais atenção com nossa mãe agora e nós nunca deixávamos que ela se aproximasse da cerca desacompanhada. Algumas vezes Beth, a esposa de Jed, costumava se juntar a nós nessas vigílias até que ela foi colocada em repouso por causa da gravidez. Agora éramos apenas nós.

Um dia, o irmão de Beth se aproximou de mim enquanto eu estava lavando nossas roupas no córrego que se ramifica no rio principal. Até onde eu me lembrava Harold tinha sempre sido meu amigo, um dos poucos em nossa vila da minha idade. Ele me trouxe um punhado de flores silvestres para meus lençóis ensopados e nos sentamos e observamos a água correr embaixo das pedras enquanto ele torcia os lençóis em complicados movimentos para secá-los.

— Como está sua mãe? Ele me pergunta, pois acima de tudo, é educado.

Eu curvo minha cabeça e lavo minhas mãos na água. Eu sei que eu deveria voltar para ela, que eu já tirei muito tempo para mim hoje e que ela provavelmente está ansiosa, esperando por mim. Jed está fora em uma longa patrulha pelos perímetros, checando a força das cercas, e minha mãe gosta de passar suas tardes perto da Floresta procurando por meu pai. Eu preciso estar lá para confortá-la se o encontrarmos. Para afastá-la da cerca se ela o encontrar.

— Ela ainda tem esperanças, eu digo.

Harry estala sua língua, mostrando a sua compreensão. Ambos sabemos que não há motivos para ter grandes esperanças.

As mãos dele procuram e agarram as minhas debaixo da água. Eu sabia que isso ia acontecer há meses. Já tinha reparado no modo como ele me olhava agora, como seu olhar havia mudado. Como a tensão tinha invadido nossa amizade. Nós não éramos mais crianças há alguns anos.

— Mary, eu... — Ele para por um segundo. - Eu gostaria que você fosse comigo na Festa da Colheita no próximo fim de semana.

Eu olho para nossas mãos debaixo da água. Eu posso sentir meus dedos se enrugando com o frio, e a pele dele é tão macia e carnuda. Eu penso na proposta dele. A Festa da Colheita é o período no outono em que aqueles em idade de se casar se declaram uns aos outros. É o início do namoro, o período durante os curtos dias de inverno onde os casais decidirão se eles podem formar um par compatível. Quase sempre os namoros terminarão na primavera com a Festa da Renovação - uma semana de celebração dos votos de casamento e batismos. É muito raro que um namoro termine. Casamento em nossa vila não está relacionado com amor - está relacionado com compromisso.

A cada ano eu penso nos casais se formando ao meu redor. Como os meus amigos de infância de repente encontram seus pares, se juntam, e se preparam para o próximo passo. Comprometem-se uns com os outros e começam o namoro. Eu sempre pensei que o mesmo iria acontecer comigo quando chegasse à hora. Que por causa das doenças que dizimaram tantos de nós quando eu era criança, seria muito mais importante que aqueles entre nós em idade de se casar encontrassem um par. Tão importante que não sobraria garotas disponíveis para dedicar a vida à Irmandade.

Eu até mesmo esperei que talvez eu tivesse sorte suficiente de encontrar mais do que um pretendente, para eventualmente encontrar o amor como minha mãe e meu pai.

E ainda assim, mesmo que eu fosse uma das poucas em idade de se casar nos últimos dois anos, fui deixada de lado.

Passei as últimas semanas lidando com o desaparecimento de meu pai. Lidando com o desespero e desolação de minha mãe. Com a minha própria dor e desolação. Até esse momento eu não tinha pensado que eu poderia ser a última a ser convidada para a Festa da Colheita. Ou mesmo que poderia ser deixada à margem.

Parte de mim não conseguiu deixar de pensar no irmão mais novo de Harry, Travis. Era a atenção dele que eu estava tentando atrair durante o verão, a sua amizade que eu queria transformar em algo mais. Mas ele nunca correspondeu as minhas sutis e embaraçosas investidas.

Parecendo estar lendo minha mente, Harry diz:

— Travis vai levar Cassandra. — Não posso deixar de me sentir vazia e minúscula e com raiva de minha melhor amiga por ter conseguido aquilo que eu não havia. Ela havia atraído a atenção de Travis e eu não.

Eu não sei o que dizer. Eu penso na forma como o sol ilumina a face de Travis quando ele sorri e fito os olhos de Harry tentando encontrar a mesma luminosidade. Eles são irmãos, afinal de contas, nasceram com cerca de um ano de diferença. Mas nada mais sinto, além das mãos dele nas minhas, debaixo da água.

Não respondo, opto por sorrir ligeiramente, aliviada porque pelo menos alguém havia me convidado, enquanto parte de mim tenta imaginar se a nossa velha amizade poderá se transformar em algo mais durante os escuros meses de namoro que aconteceriam no inverno.

Harry mostra um largo sorriso e aproxima seu rosto do meu e eu não consigo deixar de pensar em como nunca tinha desejado que fosse com ele o meu primeiro beijo. Então, antes que os lábios dele tocassem os meus, ouvimos aquilo.

A sirene. Ela é tão velha e raramente usada nesses dias que o som arranca com um estalo e com um soluço ruidoso para só depois soltar seu grito forte.

Os olhos de Harry encontram os meus, seu rosto agora se afasta um pouco.

— Havia alguma simulação prevista para hoje? — pergunto.

Ele sacode a cabeça, seus olhos estão tão arregalados quanto os meus devem estar. O pai de Harry é o líder dos Guardiões e ele saberia dizer se alguma simulação estava prevista. Eu me levanto, pronta para regressar correndo à vila. Cada centímetro da minha pele vibra, meu coração apertado como um punho fechado. A única coisa em que consigo pensar é minha mãe.

Harry agarra meus braços e me puxa para trás.

— É melhor ficarmos aqui - ele diz. — É mais seguro. E se a cerca foi quebrada? Temos que encontrar uma plataforma. - Eu era capaz de ver o terror nos olhos dele. Os dedos dele apertavam meu pulso quase se enterrando dentro dele mas eu continuava lutando, tentando me afastar de suas mãos e de seu corpo até me libertar.

Caminho até o topo da colina me dirigindo para o centro da aldeia, ignorando o caminho sinuoso e escolhendo me agarrar aos ramos e videiras para escalar a encosta íngreme. Enquanto subo eu olho para trás, para Harry, que permaneceu junto a água. Ele tapa seu rosto com as mãos como se não suportasse a visão daquilo que estaria acontecendo em nossa vila. Eu vejo seus lábios se moverem, como se ele estivesse me chamando, mas tudo que eu consigo ouvir é a sirene - o som da sirene queima meus ouvidos e ecoa pelo meu corpo.

Toda a minha vida foi condicionada por aquela sirene. Antes que eu pudesse caminhar eu já sabia que a sirene significava morte. Significava que de alguma forma a cerca havia sido derrubada e que os Profanos estavam entre nós. Significava pegar em armas, se dirigir para as plataformas e levantar as escadas - mesmo que isso significasse deixar alguns dos nossos para trás.

Quando eu era pequena minha mãe costumava me contar como no início, quando minha tataravó ainda era uma criança, o som da sirene era ouvido constantemente enquanto a aldeia era assolada pelos Profanos. Mas, então, a cerca foi fortificada, os Guardiões foram criados e os Profanos

diminuindo com o passar do tempo até se chegar ao ponto em que eu não me lembrava de uma única vez, nos últimos anos, em que a sirene tivesse produzido o seu lamento, sem ser em uma simulação. Eu sei que desde que nasci houve brechas na cerca, mas eu sei também que sou muito boa em bloquear memórias que não me servem a nada. Eu tenho medo dos Profanos, mesmo sem essas memórias.

Quanto mais me aproximo dos limites da aldeia mais lentamente caminho. Eu já consigo ver que as plataformas aninhadas no topo das árvores estão cheias; algumas já puxaram as escadas para cima. O caos reina ao meu redor. Mães arrastam seus filhos e as ferramentas usadas no dia-a-dia abandonadas pelo chão, em meio ao pó e a grama.

E então a sirene cala-se. O silêncio se impõe e todos ficam petrificados. Um bebê recomeça a chorar, uma nuvem passa na frente do sol. E eu vejo um pequeno grupo de Guardiões arrastando alguém até a Catedral.

— Mamãe — suspiro, um turbilhão de emoções assolando meu peito. Porque, de alguma forma, eu sabia. Sabia que não deveria ter demorado tanto no riacho com Harry, que eu não deveria ter deixado ele segurar minha mão enquanto mamãe estava me esperando para acompanhá-la até a cerca.

Caminho de costas bem retas em direção a entrada da Catedral, um prédio antigo feito em pedras muito antes do

Retorno. A sua pesada porta de madeira está aberta e meus vizinhos se afastam quando vêem que eu me aproximo mas ninguém olha em meus olhos. No meio da multidão eu ouço alguém murmurar.

— Ela estava muito próxima da cerca, ela deixou que um deles a agarrasse.

No interior, era como se as paredes de pedra eliminassem o calor do dia. Os pelos dos meus braços eriçam-se. A luz é fraca e eu vejo as irmãs rodeando uma mulher que está ajoelhada gemendo mas que ainda não havia sido transformada. Minha mãe sabia que nunca deveria se aproximar demais da cerca - dos Profanos. Muitos em nossa vila haviam se perdido dessa forma. Só poderia ter sido meu pai que ela viu junto à cerca e eu fecho meus olhos

assim que a dor, até então escondida bem fundo no meu íntimo, se apodera de novo do meu corpo.

Eu deveria ter estado com ela.

Quero enroscar-me em mim mesma, para me esconder de tudo o que aconteceu. Mas, em vez disso, aproximo-me de minha mãe e ajoelho-me, repousando a cabeça em seu colo e segurando uma de suas mãos para colocá-la em meus cabelos.

Se eu fosse capaz de capturar a essência da minha vida, ela seria assim: minha cabeça apoiada no colo de minha mãe, as suas mãos passando suavemente pelos meus cabelos, ambas sentadas em frente à lareira enquanto ela me conta histórias, herdadas das mulheres de nossa família, sobre a vida antes do Retorno.

Agora as mãos de minha mãe estão pegajosas e eu sei que elas estão cobertas de sangue. Eu fecho meus olhos para não ver a cena, para não ver a gravidade dos ferimentos.

Minha mãe está mais tranquila, suas mãos instintivamente passeando pelos meus cabelos, retirando o lenço que cobre minha cabeça. Ela está balançando e dizendo alguma coisa em voz baixa, enquanto respira, que eu não consigo entender.

Por enquanto, as Irmãs mantêm-se afastadas. Juntaram-se em um canto com a elite dos Guardiões - A Guilda - e eu sei que eles estão decidindo o destino de minha mãe. Se ela foi apenas arranhada eles a colocarão em quarentena mesmo que ela não tenha sido infectada. Mas se ela foi mordida e consequentemente infectada por um dos Profanos, só havia duas opções: matá-la já ou prendê-la até a transformação, e então empurrá-la para o lado de fora da cerca. Como minha mãe ainda está consciente, eles irão perguntar a ela e deixá-la decidir.

Ter uma morte rápida e salvar sua alma ou levar uma existência entre os Profanos.

Nós aprendemos na escola, que no início, logo após o Retorno, aqueles que fossem atacados não tinham essa escolha. Eles eram abatidos

imediatamente. Isso foi antes da situação mudar, quando parecia que eram os vivos que tinham perdido a batalha.

Mas então uma das pessoas que havia sido infectada - uma viúva - foi ter com as Irmãs e pediu-lhes que a deixassem encontrar seu marido na Floresta. Suplicou que lhe dessem o direito de respeitar os seus votos de casamento junto do homem que ela havia escolhido e amado. Os vivos já tinham se estabelecido nesse local - tinham criado um local seguro dentro de um mundo rodeado por Profanos. A viúva apresentou um excelente argumento: a única coisa que separa os vivos dos Profanos é a liberdade de escolha, o livre-arbítrio. Ela queria ter o direito de optar por estar com seu marido. As Irmãs debateram o assunto com os Guardiões mas a Irmandade sempre tem a palavra final. Elas decidiram que um Profano a mais não iria aumentar o perigo para a comunidade. Então, a viúva foi levada até a cerca onde os Guardiões a mantiveram presa até que ela sucumbisse à infecção. Depois, empurraram-na através do portão, mesmo antes dela morrer e regressar como Profana.

Não consigo entender como deixaram uma velha senhora enfrentar tal destino, mas imagino que seja isto o direito de poder escolher.



II

— **V**ocê vai ficar conosco agora — as Irmãs me dizem — até que seu irmão chegue. — Jed ainda não voltou de sua ronda na linha da cerca. As Irmãs enviaram um mensageiro para trazê-lo de volta, mas ele vai levar pelo menos um dia para chegar. Nossa mãe provavelmente já terá partido quando ele retornar e ele não terá a chance de convencê-la a mudar sua escolha.

Minha mãe escolheu se juntar aos Esconjurados. E tenho certeza de que meu irmão vai me culpar pela escolha dela. Vai me perguntar por que permiti que ela tomasse essa decisão por si mesma, por que não intercedi por ela e mandei os Guardiões matarem-na.

Não tenho certeza se saberei o que dizer a ele.

É um processo complicado, entregar um humano vivo à Floresta de Mãos e Dentes. Os Guardiões descobriram, anos atrás, que a transferência

não pode ser feita cedo demais porque um humano vivo atirado dentro da Floresta não é nada além de comida para os Esconjurados, que vão rasgar sua carne e comer até não restar nada.

Mas ao mesmo tempo é perigoso demais ter os Infectados na aldeia. Os Guardiões não vão correr o risco de que alguém Retorne entre os vivos e não há certeza sobre quando os Infectados irão morrer e Retornar. Tudo depende da gravidade da mordida: com uma mordida pequena e simples, a infecção pode demorar dias até se espalhar e matar, ao passo que um ataque devastador pode fazer com que alguém Retorne em segundos.

Assim, os Guardiões desenvolveram um sistema complicado de portões e roldanas que mantém os infectados numa espécie de purgatório entre os vivos e os Esconjurados. E onde minha mãe está agora, e eu estou sentada por perto, ouvindo-a estalar a mandíbula e bater os dentes como um gato louco por um rato enquanto a infecção toma conta de seu corpo. Ela está doente demais para conversar agora, arrasada demais para sequer compreender alguma coisa.

Ela está com uma corda bem amarrada no tornozelo esquerdo e fica futucando distraída suas pontas esfiapadas. Estamos todos aguardando o inevitável, mas sabemos que, a julgar pela sua ferida, isso vai levar pelo menos um dia. A transformação nem sempre vem com rapidez para os Infectados.

Estou ali com ela, no lado seguro da cerca. Mas não estou sozinha, porque eles têm medo de que eu não seja de confiança e que ver minha mãe como uma dos Esconjurados me faça provocar algo terrível e idiota como abrir todos os portões e provocar uma violação. Um Guardião — um dos amigos do meu irmão — foi posto como vigia para mim e minha mãe. Será ele quem irá operar os portões e quem irá me matar caso eu chegue muito perto dela depois de sua transformação. Esse foi o acordo que fiz com as Irmãs para estar com minha mãe neste momento: posso ficar perto dela, mas se eu for mordida serei executada imediatamente.

Sento-me com os joelhos bem perto do peito, abraçando as canelas. Não

sinto mais os meus pés, como se o sangue se recusasse a ir para tão longe do meu coração.

Estou esperando minha mãe morrer.

O tempo nada mais é para mim do que uma marcha na direção do Retorno de minha mãe. Eu gostaria que ele fosse uma coisa sólida, algo que eu pudesse agarrar, sacudir e parar. Em vez disso, desliza para longe do meu alcance e o dia não para de se desenrolar. Pessoas da aldeia vêm me consolar, mas elas não sabem o que dizer. A esposa do meu irmão, Beth, mandou avisar que está rezando por nós, mas as Irmãs não permitem que ela saia da cama por medo de que ela perca a criança.

Vi Harry parado a certa distância, o sol inclemente da tarde brilhando em seu rosto. Fico aliviada por ele não tentar se aproximar de mim, não tentar falar comigo sobre esta manhã quando segurou minha mão embaixo d'água e me manteve longe de minha mãe.

Eu me pergunto se ele ainda pensa que nós vamos juntos à Celebração da Colheita na semana que vem. Ela não será cancelada, nem mesmo por causa da morte da minha mãe. Como a Irmandade sempre nos faz recordar, é assim que são as coisas agora, depois do Retorno: a vida deve continuar. E o ciclo que nos cabe suportar.

Quando o sol se põe, Cassandra me traz o jantar e se senta comigo. É um crepúsculo dolorosamente lindo e as cores se refletem no rosto pálido e nos cabelos de Cass. O Guardião se manteve afastado esta noite, sabendo que o fim deve estar se aproximando. Tenho me alternado entre a esperança de que minha mãe se transforme rapidamente e seu sofrimento acabe logo e o pavor de que ela se transforme depressa demais e que eu a perca para sempre.

Depois de um tempo eu pergunto:

— Cass, você acredita no oceano? Você acha que ele ainda está lá fora?

— estou observando o jogo da luz nos topos das árvores na Floresta, a maneira como tudo o que está à vista ondula.

— Me lembra do que sua mãe costumava falar sobre o oceano? — ela

pede. Sua voz é suave e gentil.

— Nada a não ser água — eu a lembro. Cass sempre fez minhas vontades, sempre me ouviu enquanto eu repetia as histórias da vida antes do Retorno que foram transmitidas pelas mulheres da minha família. Uma vez, a mãe dela a proibiu de falar comigo porque disse que eu estava enchendo a cabeça de Cass com mentiras e blasfêmias. Mas nossa aldeia é pequena demais para que uma proibição desse tipo consiga surtir efeito.

— Só não sei como pode haver tanta água no mundo, Mary — ela me diz. Seus olhos brilham quando ela desvia o rosto do pôr do sol para me olhar. — Não consigo imaginar um lugar lá fora sem Esconjurados — ela franze a testa. — Senão, por que iríamos estar aqui ao invés de lá?

Uma lágrima surge no canto do olho dela, cintilando com o sol que desaparece no crepúsculo, e escorre pela face, a imagem de minha mãe em seu cercadinho é forte demais para ela suportar. Puxo Cass para perto de mim e a deixo colocar a cabeça no meu colo, de costas para a Floresta, e acariciar meus cabelos do jeito que a minha mãe costumava fazer. Ficamos olhando os lampiões se aproximarem da aldeia. Minha mãe costumava me contar sobre o tempo em que ela era criança, quando as Irmãs faziam funcionar o velho gerador na véspera de Natal. E uma das histórias que nunca compartilhei com minha amiga e penso em contar isso a Cass — sobre como uma vez por ano esta pequena aldeia costumava ficar mais iluminada do que o céu.

Mas agora ela mal acabou de chorar e ainda está fungando, e não quero encher sua cabeça com mais histórias esta noite.

Quando vai embora, implora que eu vá com ela. Mas não posso. Digo que preciso estar aqui quando acontecer, ela leva as mãos à boca como se o horror fosse demasiado, e então se vira e corre para a segurança da aldeia.

Quero correr com ela, para fugir de onde estou e esquecer este dia. Mas eu fico, meus dedos tremendo e o ar espesso na minha garganta. Preciso enfrentar o que minha mãe vai se tornar. Eu devo isso a ela depois desta manhã, depois de deixá-la vagar sozinha.

Volto a vigiar a cerca. Olhando a luz descer pelo céu, lançando sombras cruzadas no chão aos meus pés. Desfoco meus olhos, borrando tudo ao meu redor. A cerca não existe quando faço isso. Como se todos fôssemos um só mundo.

— Mãe? — sussurro ao amanhecer. Noite passada foi de lua nova e passei as horas no escuro ouvindo o farfalhar de folhas secas atrás da cerca, minha mente imaginando as piores coisas possíveis. Cada rangido era a cerca quebrando, cada som de raspagem os Esconjurados finalmente encontrando uma fraqueza no metal.

Agora o ar é cinza e úmido, me arrasto de quatro para chegar mais perto do cercadinho que prende minha mãe. Ela está ali, no meio do terreiro, tão quietinha que por um momento penso que morreu e está prestes a Retornar. Bólis e terror sobem na minha garganta, mas ficam presos nela. Sinto a necessidade de gritar, mas estou totalmente muda, com minha boca aberta e meus dentes arreganhados.

Minhas saias enrascam nas pernas e cravo as unhas no chão, e já estou quase na cerca quando ouço o Guardião atrás de mim. Viro a cabeça e olho para ele, implorando.

— Ela ainda está viva — eu digo a ele, porque sei que está. Ele olha para trás, encarando a neblina e, ao perceber que estamos sozinhos, faz que sim como se me desse permissão, enlaço meus dedos no metal fino e enferrujado da cerca, sentindo suas pontas frias e afiadas afundarem nas palmas das minhas mãos.

— O oceano — murmura minha mãe. Ligeira, ela vira a cabeça e vejo que seus olhos estão arregalados e desfocados, mas lúcidos. Ela se arrasta na minha direção até nossas mãos se enlaçarem por entre a cerca.

— O oceano, Mary, o oceano! — ela está falando com tanta urgência agora, a boca se movendo tão rápido. Tenho medo de que o Guardião pense que ela está louca, tenha se transformado e me mate, mas não consigo puxar minhas mãos porque minha mãe me segura com força demais.

— Tão lindo, o oceano — ela repete as palavras sem parar, os olhos

brilhando com lágrimas que não foram derramadas. — A água, as ondas, a areia, o sal! — agora ela está balançando a cerca, e isso provoca ondulações para ambos os lados, o metal balançando para frente e para trás. Fico atônita que ela tenha essa força; há tantas horas que está morrendo.

— Isso me consome — ela diz, sua voz apenas um murmúrio. Ela estende um dedo por entre a grade e acaricia meu pulso. — Minha menininha — diz. — Não esqueça, minha menininha — lágrimas escapam dos seus olhos e ouço o Guardião gritar atrás de mim e então minha mãe desaba no chão, seus dedos escorregando dos meus.

No momento entre a morte de minha mãe e seu Retorno, eu paro de acreditar em Deus.

O Guardião rapidamente agarra a ponta da corda amarrada ao tornozelo esquerdo de minha mãe quando me afasto correndo da cerca. Ela está ancorada por um sistema de roldanas amarradas a galhos bem altos. Ele puxa com força, a outra ponta da corda arrastando minha mãe até o outro lado do cercadinho. O Guardião puxa uma alavanca, um portão se levanta e seu corpo sem vida desliza para dentro da Floresta de Mãos e Dentes. Ele corta a corda, reverte a alavanca e os portões se fecham com um rangido. Por um segundo o mundo está em silêncio ao nosso redor, o som de nossa própria respiração abafado pela neblina.

Após completar sua tarefa e o corpo de minha mãe ser dado inteiramente aos Esconjurados, o Guardião põe a mão no meu ombro. Seja para me consolar ou para me segurar, não faz diferença. Tenho a impressão de que posso sentir a pulsação dele por entre as pontas dos dedos. Estamos os dois tão vivos naquele momento cercado por tanta morte.

Não sei se quero ver minha mãe Retornar. Se vou suportar ver. Mas não

posso deixar de me perguntar como será esse momento. Haverá uma fagulha ou um instante em que ela irá se lembrar de mim? Em que ela irá se lembrar de sua antiga vida?

Minha mãe costumava me contar histórias sobre como, muito antes do Retorno, os vivos costumavam se perguntar o que acontecia depois da morte. Ela disse que religiões inteiras nasceram e evoluíram em tomo dessa simples e única incerteza.

Agora que sabemos o que acontece após a morte, uma nova pergunta surgiu para tomar o lugar da antiga: por quê?

Subitamente, o arrependimento me invade. Me pergunto se deveria tê-la vestido com uma roupa diferente. Se deveria ter colocado roupas mais quentes nela, ou sapatos melhores. Se deveria ter prendido um bilhete no lado de dentro do vestido dela dizendo que eu a amo. Me pergunto quanto tempo ela vai levar para encontrar meu pai e se irá reconhecê-lo. Uma imagem dos dois de mãos dadas na linha da cerca passa pela minha cabeça.

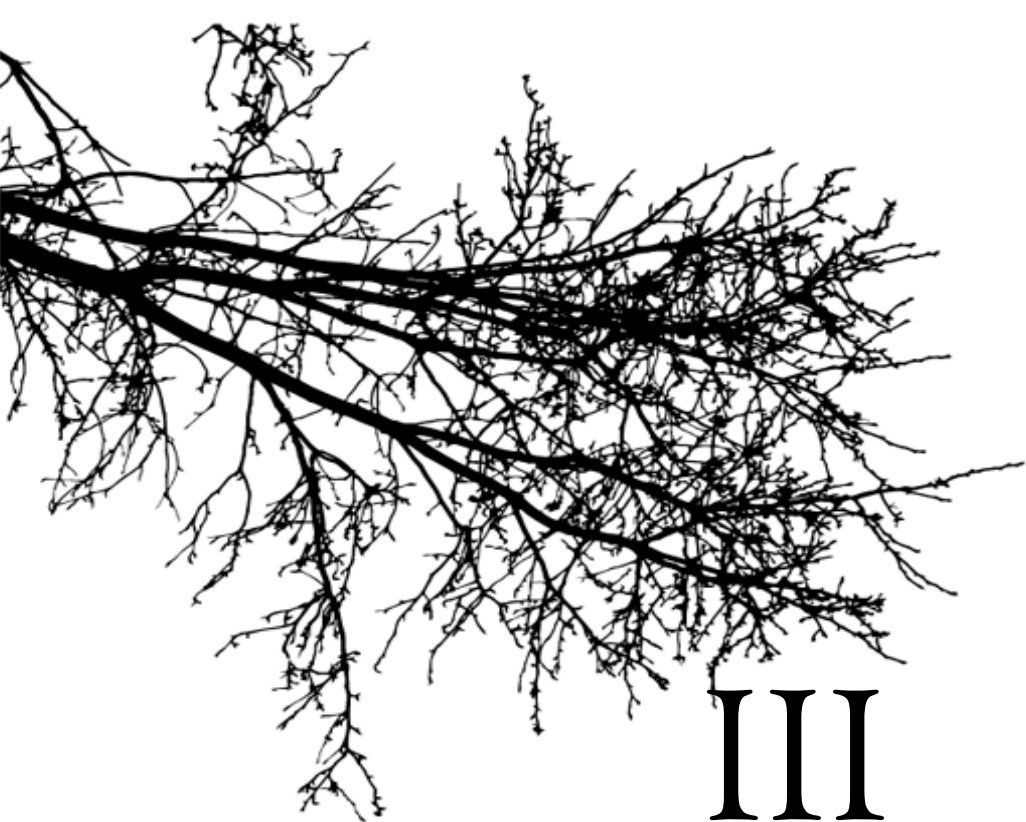
Ela está de pé antes mesmo que eu perceba o que está acontecendo. Me encara e, por um momento, tudo em que consigo pensar é: Mãe. Então, ela abre a boca e meu mundo se estilhaça em pedacinhos com os gritos dela que se transformam em gemidos quando as cordas vocais cedem.

Não consigo suportar e começo a ir em sua direção, lutando sob o peso da mão do Guardião, mas aí ouço gritarem meu nome em aviso.

É Jed. Eu não o ouvi se aproximar, mas posso sentir seu cheiro agora, o aroma de bosque, trabalho e fumaça da nossa casa. Não me dou ao trabalho de olhar para ele, só sei que ele está atrás de mim e desabo em cima dele. Ele voltou para casa de sua ronda na linha da cerca bem a tempo de ver nossa mãe morrer e Retornar.

Mais tarde, o Guardião dentro dele irá me interrogar e me criticar. Porque permiti que minha mãe fizesse essa escolha e porque fracassei tanto com ele e com ela ficando de namorico perto do riacho. Porque fui egoísta demais para compreender que minha mãe iria para a Floresta sem mim e porque eu não estava lá para impedi-la.

Mas por ora ele é meu irmão e ambos os nossos pais se foram, e somos tudo o que restou.



III

A primeira coisa que as Irmãs fazem quando Jed me leva de volta para a Catedral é arrancar minhas roupas e quase me afogar no poço sagrado. Espero para ver se a água irá queimar a minha carne agora que não acredito mais em Deus, mas nada acontece enquanto as Irmãs entoam cânticos de oração e esfregam meu corpo. Por entre a água e os braços das Irmãs, vejo Jed ser escoltado para fora da Catedral.

Elas me puxam para fora da água benta, meus olhos ardem e meus cabelos compridos se enroscam como uma teia de aranha sobre o meu rosto, eu tusso e escarro.

— Você ficará aqui dentro dos muros da Catedral — dizem-me as Irmãs.
— Não podemos permitir que você volte à linha da cerca.

Eu compreendo isso e sei que nenhum protesto fará com que elas mudem de ideia. Mas, ainda assim, irrita-me que elas pensem que eu seria tão burra a ponto de ir atrás de minha mãe. Ela não existe mais.

Um cobertor é colocado sobre meus ombros e sou levada por um corredor que nunca havia notado antes. Desço um lance de escadas e entro num aposento com chão de pedra, um catre e uma janela que dá para o cemitério e, mais além, para a Floresta. Quero rir. Se elas têm tanto medo de que eu faça algo drástico após presenciar a morte de minha mãe, por que me colocaram em um quarto que dá para o local onde ela se transformou? Posso ver claramente a série de portões pelos quais ela foi arrastada e consigo até mesmo ver alguns Esconjurados se espremendo contra a linha da cerca. Os gemidos deles entram de leve pela janela aberta.

— Por que não posso ir para casa? — pergunto quando fecham a porta atrás de mim.

A mais velha, Irmã Tabitha, para no limiar.

— É melhor que você fique aqui.

— Mas e meu irmão? — cruzo os braços sobre o peito, apoiando os cotovelos nas mãos e me dobrando sobre mim mesma.

Ela não responde. Então a porta se fecha e ouço a tranca deslizar e se encaixar. Fico sozinha com o som dos Esconjurados.

Durante um tempo fico olhando o sol viajar pelo céu. Reparo que no calor do dia os Esconjurados abandonam seu posto na cerca e vagam de volta para o bosque, arrastando os pés para ir se deitar em uma espécie de hibernação eterna da qual só despertam quando sentem carne humana por perto.

Fico observando as cercas em busca de um vislumbre de minha mãe, um vislumbre que nunca vem.

Não há lua nessa noite e eu fico vendo as estrelas preencherem o vazio escuro. As nuvens se aproximam pesadas e baixas, cobrindo tudo a ponto de não me deixar ver mais nada lá fora, então vou para meu catre e me sento, sem me dar ao trabalho de acender a vela que está em cima de uma mesinha perto da porta.

Quero dormir, quero que sonhos me puxem para fora deste mundo e me façam esquecer. Para impedir que as memórias fiquem girando ao meu redor. Para pôr um fim a esta dor que me consome.

Uma fina fatia de luz se infiltra pela abertura de baixo da porta de madeira e consigo ver as paredes que me cercam. Um grilo canta em algum lugar. Jogo o cobertor sobre a cabeça e os ombros, abraço minhas pernas de encontro ao peito e choro em silêncio por minha mãe.

No dia seguinte, meus olhos queimam pela falta de sono. Acompanho o sol em sua lenta trajetória pelo chão e não presto atenção a mais nada a não ser na luz que vai fugindo de mim vagarosamente. Alguém me traz comida e uma jarra com água, mas não ligo para nenhuma das duas coisas. Mais tarde, a Irmã Tabitha vem e diz que está ali para ver como estou, mas sei que está ali para avaliar meu estado mental. Para ver se cedi sob o peso das mortes dos meus pais. O dia continua assim: comida, Irmã Tabitha, água, Irmã Tabitha, sem parar, sem parar.

Uma pequena parte de mim anseia por se rebelar, por se libertar deste aposento. Por fugir e ir chorar com meu irmão. Mas estou cansada demais e meu corpo não quer se mover. Aqui estou aquecida, alimentada e sozinha, e não preciso responder a perguntas ou olhares de acusação de ninguém. Não tenho que explicar por que minha mãe estava sozinha, por que eu não estava com ela.

Em vez disso, eu posso passar o tempo me lembrando. Deito-me no chão com os olhos fechados e o corpo relaxado, tentando sentir as mãos de minha mãe nos meus cabelos enquanto repito as histórias que ela costumava me contar sem parar na minha cabeça. Me recuso a esquecer quaisquer detalhes e fico aterrorizada que isso já tenha acontecido. Repasso cada história novamente — histórias aparentemente impossíveis sobre oceanos e prédios que iam até as alturas e homens que tocaram a lua. Quero que elas fiquem

gravadas na minha cabeça, que se tornem parte de mim, que eu não possa perdê-las como perdi meus pais.

Meu irmão não me visita e as Irmãs não me dão notícias dele. Fico me perguntando se ele pensa em mim. Quero ficar com raiva dele, mergulhar em qualquer outra emoção que não seja choque e dor, mas entendo que é assim que ele vivência seu luto.

E, finalmente, depois de uma semana, a Irmã Tabitha vem me ver e me entrega uma túnica preta para vestir, dizendo que eu estou livre para ir embora e que eu deveria agradecer a Deus pela força que Ele me deu para seguir com a vida.

Faço que sim com a cabeça, sem vontade de dizer a ela que agora Deus não tem nada a ver com essa história. Volto devagar à casa de minha família, onde apenas semanas atrás vivíamos juntos, felizes e em segurança. A casa é de meu irmão agora que minha mãe morreu e ele, como único filho, herdou. Não consigo deixar de sentir dor dentro de mim ao me aproximar, sabendo que minha mãe não está ali. Nunca estará. Penso em todas as memórias aprisionadas nas paredes de troncos ásperos, todo o calor, os risos e sonhos.

Sinto como se quase pudesse ver essas coisas vazando para fora da casa, desaparecendo com a luz do sol. Como se a casa estivesse se purificando de nossa história. Esquecendo minha mãe, suas histórias e nossa infância. Sem pensar, ponho a mão na parede à direita da porta. Assim como em toda construção em nossa aldeia, existe uma linha da Escritura ali, esculpida na madeira pela Irmandade. E nosso hábito e dever pressionar a mão contra essas palavras todas as vezes que atravessamos um limiar, para nos lembrarmos de Deus e de Suas Palavras.

Espero que elas me acalmem, que me infundam luz e graça. Mas a calma não vem, não preenche a dor oca dentro de mim. Me pergunto se algum dia voltarei a me sentir inteira, agora que não acredito mais em Deus.

A madeira sob as pontas dos meus dedos está macia, de tantas gerações de aldeões que pressionaram suas mãos neste ponto específico. Este ponto que minha mãe nunca mais tocará.

Como se soubesse que eu estaria vindo hoje, meu irmão abre a porta, fazendo com que eu puxe bruscamente a mão do versículo da Escritura. Vê-lo me enche de lembranças e renova minha dor. Ele não me deixa entrar, e me pergunto se Beth pode nos ouvir conversando.

Fico surpresa com o nervosismo que sinto perto de meu próprio irmão. Antigamente, ele e eu éramos amigos e compartilhávamos tudo. Mas ele sempre foi filho de meu pai, e eu, filha de minha mãe. Perder nosso pai para os Esconjurados foi demais para ele e eu o tenho visto endurecer cada vez mais ao longo dos últimos meses. Ele se jogou de corpo e alma em seu papel de Guardião, rapidamente galgando vários degraus em suas fileiras. Torço os dedos à frente do corpo enquanto vasculho seu rosto à procura da suavidade que um dia conheci, mas tudo o que encontro são arestas afiadas.

— Por que você a deixou partir? — ele me pergunta. Ele levanta uma das mãos sobre os olhos para bloquear o sol que bate sobre meu ombro, sua postura me lembra a maneira como nossa mãe se punha ali e vasculhava a Floresta procurando por nosso pai.

Estava esperando por essa pergunta e, no entanto, ainda não sei o que ele deseja ouvir.

— Foi a escolha dela — digo a ele.

Ele cospe no chão perto do meu pé e parte do cuspe fica grudada nos pelos pretos curtos em seu queixo.

— A escolha não era dela — sua voz está tensa e contida e eu sei que ele preferia estar gritando, mas não quer provocar uma cena na aldeia. — Ela estava louca, estava doente.

Posso sentir sua fúria e sua dor me inundarem, e quero me apoderar de suas emoções, ajudá-lo a carregar esse fardo. Mas minhas próprias emoções são demasiadas, formam um redemoinho e me tomam de assalto de tal maneira que me encontro indefesa para consolar meu irmão.

— Eu não podia matá-la, Jed. Não podia deixar que fizessem aquilo com ela — resisti à necessidade de olhar para minhas mãos enquanto falava.

— O que é que você acha que atirá-la aos Esconjurados foi, Mary? — ele

estende a mão e agarra meu ombro com tanta força que os dedos quase penetraram no osso. — Você não percebe que eu vou ter que matá-la agora? Quando eu estiver em patrulha, o que acha que vai acontecer se eu a vir? Você acha que eu posso deixá-la ir — ele acena na direção dos campos, da linha da cerca — assim sem mais nem menos? Aquilo não é vida. Não é natural. É uma coisa doentia, horrível, maligna e não posso acreditar que você pôde fazer isso comigo. Que você pôde deixar que eu matasse a nossa mãe porque você não teve força suficiente para fazer isso.

Agora eu vejo que ele queria que eu a tivesse matado para que ele não precisasse ter feito sua própria escolha.

— Desculpe, Jed — eu digo, porque não sei de que forma posso corrigir o que aconteceu entre nós. Ele é um Guardião, um dos poucos cujo único dever é proteger a aldeia, consertar a linha da cerca, matar os Infectados. Não sei como forçá-lo a ver que era escolha dela, não minha. Que, ao fazer essa escolha, ela deve ter tido consciência de que caberia a seu próprio filho a obrigação de matá-la mais tarde. Não sei como fazer com que ele entenda que, às vezes, amor e devoção podem sobrepujar uma pessoa a ponto de fazer com que ela queira se juntar a seu cônjuge na Floresta. Ainda que isso signifique abandonar tudo o mais na vida.

Dou um passo à frente para lhe dar um abraço, mas ele mantém o braço rígido, a mão ainda sobre meu ombro para que eu não possa chegar mais perto.

— Agora eu sou o homem da casa, Mary — ele me diz.

Tento sorrir, para lembrar-lhe de que ele sempre será meu irmão.

— Isso não quer dizer que você não possa abraçar sua própria irmã — eu digo.

Ele não ri como eu esperava.

— Soube que você vai entrar para a Irmandade — ele diz. Suas palavras me atingem como um tapa. Não sei o que eu estava esperando: raiva, dor, arrependimento, mas não que me rejeitasse. Não que me recusasse e me deixasse para as Irmãs antes que eu sequer tivesse a chance de falar com ele.

De me defender. Foi por isso que ele não veio falar comigo na Catedral — na cabeça dele eu já pertencia a elas, eu já era uma Irmã.

Parte de mim sempre soube que a coisa terminaria assim, que essa cena seria inevitável em nossas vidas. Caminhando em direção à minha casa hoje, eu soube de algum modo que não teria permissão sequer de entrar para pegar os parques pertences de minha mãe. Jed ficaria com tudo.

— Ninguém falou por você, Mary. Ninguém pediu por você. Ninguém cortejará você este inverno — os dedos dele ainda machucam meu braço.

— Mas, Harry — eu digo, gesticulando inutilmente para trás, na direção da colina que esconde o riacho onde, apenas uma semana atrás, Harry me convidou para a Celebração da Colheita. Estou lutando para me lembrar se cheguei a lhe dar uma resposta.

Jed começa a balançar a cabeça antes mesmo que eu possa entender todos os barulhos confusos que varrem a minha cabeça. Abro a boca, mas ele me interrompe.

— Ele não pediu por você, Mary.

Eu olho fixo para ele, sentindo como se tudo o que sempre fui estivesse escoando para fora do meu corpo e me deixando. Em minha aldeia, uma mulher solteira tem três opções. Ela pode viver com sua família; um homem pode falar por ela, cortejá-la durante o inverno e se casar com ela nas cerimônias de primavera; ou ela pode entrar para a Irmandade. Nossa aldeia tem permanecido isolada desde logo depois do Retorno, e, embora tenhamos crescido em força e números ao longo dos anos, ainda é imperativo que todo homem e mulher jovem e saudável se casem e procriem se possível.

A doença que atingiu minha geração só fez tornar novas crianças algo ainda mais importante. E com tão poucos de nós tendo atingido a idade para se casar nas últimas estações, isso foi algo que cresci esperando. Que um dia neste outono alguém como Harry viesse pedir minha mão. Ou que algum dos outros rapazes de minha idade manifestasse algum interesse. Eu esperava um dia poder dizer que senti amor por um homem como minha mãe, que se dispôs a ir até a Floresta de Mãos e Dentes atrás de seu marido Esconjurado.

Naturalmente, Jed poderia escolher me abrigar e esperar para ver se alguém falaria por mim no ano que vem, dar ao restante das famílias da cidade um tempo para absorver o fato de que ambos os meus pais são agora Esconjurados. Que nossa família foi tocada pela morte sem fim. Mas está claro que esta é uma escolha que ele não está disposto a fazer.

— Ainda há tempo — eu digo. Posso ouvir um tom de desespero em minha voz, a necessidade que tenho de que ele me aceite agora que somos tudo o que restou.

— Seu lugar é com as Irmãs — ele diz, sua voz sem nenhuma emoção. — Boa sorte — a pressão de seus dedos em meus braços me empurra para longe da entrada de sua casa. Olhando em seus olhos, penso que ele na verdade até me deseja sorte.

— E Beth? — pergunto, procurando qualquer desculpa para ficar um instante a mais com meu irmão. Esperando reacender a amizade que compartilhamos apenas algumas semanas atrás, que compartilhamos por nossas vidas inteiras.

Vejo os músculos de seu maxilar ondularem e sua mão apertar com força a moldura da porta.

— Ela perdeu a criança — diz. Ele recua para dentro da casa, a escuridão em seu interior ocultando a expressão em seu rosto. — Era um menino — acrescenta ao fechar a porta.

Dou um passo à frente, pronta para forçar minha entrada. Mas aí ouço a tranca e paro, a mão estendida no ar. Quero agarrá-lo, abraçá-lo e chorar junto com ele. Eu teria sido uma tia, penso enquanto pressiono minha mão contra o calor da porta de madeira. Quero gritar com Jed que também estou sofrendo, que sinto muito e que preciso dele.

Mas então percebo que ele tem sua nova família com a qual chorar. Que, de algum modo, eu não sou mais o bastante para consolá-lo. Sou apenas uma lembrança das mortes de nossos pais. Flexiono meus dedos contra a porta, cravo as unhas na madeira, e percebo como estou completamente sozinha agora.

Lutando para evitar que minha garganta doa, abaixo a mão e dou as costas ao único lar que já conheci na vida. Olho para as casas familiares no caminho. Os jardins coloridos de verão que vão dar em trilhas de terra batida onde três menininhas brincam de roda de mãos dadas, cantando uma canção. Eu sei que deveria voltar à Catedral, mas sei também que assim que entrar para as Irmãs minha vida começará a girar em torno do estudo da Escritura e não terei muito tempo para meus próprios desejos. Então, em vez disso, me afasto do aglomerado de casinhas e ando até a beira dos campos, agora colhidos e preparados para o inverno, e começo a subir a colina que dá para a borda oriental da nossa aldeia.

Quando era criança, aprendia em minhas aulas com as Irmãs que, logo antes do Retorno, Eles — quem eram Eles é algo que há muito já foi esquecido — sabiam o que estava por vir. Eles sabiam que algo havia saído horivelmente errado e que era apenas questão de tempo até que os Esconjurados invadissem tudo.

Eles ainda achavam que conseguiriam conter tudo. E assim, enquanto os Esconjurados infectavam os vivos e a pressão do Retorno começou a aumentar cada vez mais, Eles estavam ocupados construindo cercas. Cercas infinitamente longas. Se as cercas eram para manter os Esconjurados do lado de fora ou os vivos do lado de dentro, não sabemos mais. Mas o resultado final foi nossa aldeia, um enclave de centenas de sobreviventes no meio de uma vasta Floresta de Esconjurados.

Existem várias teorias sobre como nossa aldeia surgiu no meio desta Floresta. A Catedral e alguns dos outros prédios são claramente anteriores ao Retorno, e algumas pessoas sugerem que Eles criaram este lugar como um santuário. Outros afirmam que nós somos um povo escolhido, que nossos ancestrais foram os melhores de seu tempo e foram enviados aqui para sobreviver. Quem somos e por que estamos aqui é algo que se perdeu na história, se perdeu porque nossos ancestrais estavam ocupados demais tentando sobreviver para se lembrar de transmitir o que sabiam. Os poucos remanescentes que tivemos um dia — como a foto que minha mãe tinha de

minha tataratataravó em frente ao oceano — foram destruídos no incêndio quando eu era criança.

Não sabemos de nada além de nossa aldeia a não ser a Floresta, e nada além da Floresta.

Mas pelo menos Eles foram inteligentes o bastante para deixar uma pilha de material para construção de cercas depois de terminarem de criar nosso mundinho. E assim, depois que a aldeia se estabeleceu, ela começou a fazer a Floresta recuar e se expandiu. Pouco a pouco, meus ancestrais foram cortando pedaços da Floresta e a reclamaram para eles próprios, empurrando a linha da cerca até não restar mais nada com que construir.

Esta colina fez parte do grande último impulso, a última grande fortificação. Nossos ancestrais acharam importante dominar o ponto mais alto para podermos vigiar a Floresta. Durante um tempo havia uma torre de vigia no alto da colina, mas agora ela está caindo aos pedaços e nunca mais foi utilizada. Mas isso não me impede de escalá-la para que, uma última vez antes de ir para as Irmãs, eu possa estar no ponto mais alto de nossa existência cercada.

Olho para o mundo abaixo. A minha direita os campos se estendem ao longe, pontilhados aqui e ali com vacas e ovelhas que foram postos para fora dos celeiros aglomerados na parte mais afastada da linha da cerca. Não faz diferença se eles se desgarrarem e forem para a Floresta — assim como todos os animais, à exceção dos humanos, eles não podem ser infectados pelos Esconjurados.

A minha esquerda fica a aldeia propriamente dita. Daqui de cima as casas são ainda menores, a Catedral uma forma imensa que domina as fronteiras do crepúsculo, seu cemitério é tudo o que existe entre o grande edifício de pedra e as cercas paralelas à Floresta. Daqui posso ver a maneira estranha como a Catedral cresceu, alas brotando a partir do santuário central em ângulos estranhos.

Ao pé da colina, no lado oposto à aldeia, existe um portão que dá para um caminho que se estende bem para o fundo da Floresta, uma cicatriz que

corta o chão por entre as árvores. Embora esse caminho e seu gêmeo que leva até o lado da Catedral na aldeia também estejam protegidos por cercas, ambos são proibidos pelas Irmãs e pelos Guardiões.

As trilhas são faixas inúteis de terra cobertas por galhos, arbustos e mato. Os portões que as bloqueiam estão trancados desde antes de eu nascer.

Ninguém se lembra para onde vão os caminhos. Uns dizem que eles estão lá como rotas de fuga, outros que a presença deles ali é para que possamos viajar até bem fundo na Floresta em busca de lenha. Só sabemos que um aponta para o sol nascente e a outro para o sol poente, Tenho certeza de que nossos ancestrais sabiam para onde os caminhos levavam, mas, como quase tudo o mais no mundo de antes do Retorno, esse conhecimento se perdeu.

Nós somos os guardiões da nossa própria memória e fracassamos para conosco. Nossa situação é idêntica a daquele jogo que costumávamos jogar quando crianças na escola. Ficávamos sentadas formando um círculo, uma aluna sussurrava uma frase no ouvido de outra e a frase era passada ao redor até que a última aluna do círculo repetisse o que havia ouvido, apenas para descobrir que a frase não tinha nada a ver com a que havia sido dito originalmente.

Esta é nossa vida agora.



IV

É fim de tarde quando desço da torre e caminho de volta até a Catedral. As Irmãs estavam me esperando.

— Então você escolheu se tornar uma de nós? — a mais velha, Irmã Tabitha, me pergunta. Ela me encara de pé à frente do altar, ladeada por duas Irmãs de meia-idade.

— Não tenho outra escolha — digo a ela, pois é a verdade.

Ela respira fundo e posso ver seus lábios se comprimirem formando uma única linha. Ela se vira bruscamente e passa por uma porta oculta atrás de uma cortina perto do púlpito.

— Venha comigo — ela diz, e eu vou, as duas outras Irmãs nos seguindo

em silêncio.

Percorremos um corredor que nos leva mais para o interior da Catedral do que jamais estive até chegarmos a uma grande porta de madeira com faixas de metal. A Irmã Tabitha puxa a porta com força para abri-la, pega uma vela que estava em cima de uma mesa do lado de dentro e nos leva por uma escadaria íngreme de pedra que desce em espiral. O ar vai ficando mais frio e úmido, e quando chegamos ao fundo estamos num salão cavernoso repleto de fileiras e mais fileiras de prateleiras vazias.

Mas não paramos. Atravessamos o aposento e fazemos uma pausa em um canto escuro. Digo a mim mesma que nada tenho a temer neste estranho lugar. Que a Irmandade sempre protegeu o povo da aldeia. E, no entanto, não consigo impedir o frio que toma conta de meu corpo e penetra fundo em meus ossos.

Irmã Tabitha puxa uma cortina e revela uma porta trancada. Ela retira uma chave da correntinha que traz ao pescoço, abre a porta e me manda entrar. Eu a sigo por mais um corredor — este mais se assemelha a um túnel, com paredes de pedra, um chão de terra batida e um teto sustentado por vigas grossas de madeira. Mais estantes correm pelas paredes e de vez em quando vejo uma garrafa empoeirada aninhada em uma prateleira.

— Você sabia que há muito, muito tempo, séculos antes do Retorno, este prédio costumava pertencer a uma plantação? Costumava abrigar uma adega? — Irmã Tabitha pergunta enquanto caminhamos, nossos passos ecoando ao nosso redor. A chama de sua vela tremeluz e ela não se importa em esperar uma resposta porque sabe que nunca aprendemos sobre isso na escola.

— O que agora é a Floresta logo além de nossa aldeia costumava ser vinhedos. Até onde os olhos podiam ver. Os Guardiões nos dizem que ainda encontram restos dos vinhedos, que ainda acham vinhas envolvendo as cercas.

O túnel faz uma ligeira curva para a esquerda. De quando em quando passamos por uma porta embutida na pedra. A madeira está empenada e

toda marcada, com parafusos enormes enterrados nas paredes. Eu paro ligeiramente em frente a uma delas, curiosa para saber o que há atrás, mas sou empurrada pelas Irmãs que vêm atrás de mim. Fico me perguntando por que essa história — o vinhedo e este túnel — tem sido mantida em segredo e por que a Irmã Tabitha escolheu este momento para me contar.

— Eles costumavam armazenar o vinho para fermentação sob nossa Catedral, mas não era lá que ele era feito — continua a Irmã Tabitha. Finalmente chegamos a um beco sem saída e uma escadaria de degraus de madeira cravada na terra batida, levando para o alto, e a Irmã Tabitha para, virando-se na minha direção. Eu olho atrás dela, e vejo uma porta de madeira no teto, no topo das escadas. — O vinho era feito em outro lugar — diz ela, atraindo de volta a minha atenção. — Eles tinham que pisar nas uvas, o que é uma sujeira e atrai bichos, e por isso eles tinham um abrigo separado para isso. Eles usavam este túnel para transportar e armazenar suas reservas. Um dia, quando o solo deixou de render, o vinhedo foi abandonado. O velho abrigo de madeira deixou de ser cuidado e acabou caindo aos pedaços. Mas o vinhedo propriamente dito, nossa Catedral, permaneceu de pé porque era feito de pedra.

A Irmã Tabitha sobe as escadas devagar, curvando o corpo ao se aproximar da porta no teto. Ela usa três chaves para destrancá-la e depois desce, deixando-a fechada.

— Era aqui que ficava o abrigo — ela diz, me empurrando escada acima de um jeito que quase tropeço. Me agacho, batendo as costas na porta de madeira tosca em cima de mim, as faixas de metal espetando minha pele. Eu sabia que as Irmãs tinham fama de duras e de castigarem fisicamente quando necessário durante as lições. Mas nunca as tinha visto assim, agressivas, distantes, assustadoras,

— Abra a porta, Mary — diz a Irmã Tabitha. Sua voz é assustadora em seu tom baixo e sombrio, e percebo que não tenho escolha. Forço o corpo contra a madeira pesada até a porta se abrir, escancarando-se e caindo ao chão do lado de fora com um estrondo que sacode tudo ao nosso redor.

Atrás de mim, sinto a Irmã Tabitha empurrando minhas pernas para que eu perca o equilíbrio caso não suba pela abertura e saia do pequeno túnel. Eu me endireito e me estico, como se saísse da terra, e então sinto que me empurram pelas costas. Quando dou por mim, estou de quatro ao ar livre, agulhas de pinheiro espetando as palmas das minhas mãos. Ouço pássaros, sinto a grama seca sob os dedos dos meus pés descalços e estou desorientada — confusa — até ouvir o primeiro gemido. O som diminui e cresce dentro de mim — familiar demais, alto demais, perigosamente próximo demais.

Por instinto, levanto-me de um salto e logo em seguida me agacho, mãos estendidas à frente do corpo. Pronta para me defender. Giro para a esquerda e para a direita, não consigo ver mais que um borrão de tudo o que me cerca. Quase histérica, me viro de volta para o buraco do qual saí, de volta para a segurança do túnel subterrâneo, mas a Irmã Tabitha está bloqueando meu caminho.

— O que a senhora está fazendo comigo? — grito. Minha voz sai rouca e falha de tanto medo, e as palavras que saem da minha garganta quase me engasgam enquanto tento respirar. Tateio o chão, buscando com os dedos um pedaço de pau, uma arma, alguma coisa enquanto os gemidos vão ficando cada vez mais altos, e então eu ouço um som metálico familiar. E o som dos Esconjurados puxando a cerca.

Olhando ao redor, percebo que saí numa pequena clareira distante da aldeia, protegida por um anel de cerca com o dobro da minha altura. Os Esconjurados estão começando a se juntar ao meu redor num enxame. Dois passos em qualquer direção e eles podem me alcançar pelos elos de metal. O sangue martela meu corpo, o pânico obscurece minha visão, minhas mãos tremem e latejam violentamente com o ritmo do meu coração.

Eu tento olhar para todos os lugares ao mesmo tempo. E então a Irmã Tabitha estende a mão, um dedo escapando para fora de sua túnica negra, apontando na direção das árvores. Eu não tinha visto o portão, mas ele está lá — o mesmo conjunto complicado de portões que é utilizado na aldeia

quando alguém é amaldiçoado a se perder na Floresta. Tudo o que a Irmã Tabitha precisa fazer é puxar uma corda que está no chão ao lado da mão dela. O portão irá se abrir, ela e as outras Irmãs voltarão rapidamente para sua passagem secreta e eu ficarei sozinha para enfrentar os Esconjurados.

— O que a senhora está fazendo? — tento gritar, mas minha voz está fraca demais, muito cheia de ar na traqueia. — Por que está fazendo isso comigo? — tento respirar e soluço. Os Esconjurados estão tão perto. Para todo lugar que me viro lá estão eles, desesperados para me pegar, espremendo-se contra a cerca.

As lágrimas correm dos meus olhos e pingam do queixo.

— Por favor — murmuro, caindo de quatro novamente, me arrastando na direção da Irmã Tabitha, agarrando sua túnica preta. — Por favor, não me deixe aqui — estou parecendo uma criança implorando à própria mãe.

— Sempre há uma escolha, Mary — a Irmã Tabitha me diz, parada com os pés firmes contra os degraus, a metade inferior do corpo ainda oculta lá embaixo. — É o que nos faz humanos, o que nos separa deles.

Eu olho para o rosto dela, tento encontrar um jeito de fazer com que isto termine logo. As bochechas dela estão vermelhas por causa do ar frio e de seu próprio fervor. As rugas nos cantos de seus olhos são como relíquias: é como se um dia, há muito tempo, ela tivesse sabido o que era rir.

Eu desabo. Estou de joelhos perante a Irmã Tabitha. Minha cabeça cai até o peito, de tão arrasada que estou. Não há nada que eu possa fazer.

Ela põe as duas mãos na minha cabeça.

— É importante que você saiba disso, Mary — ela me diz. — Você precisa entender a importância desta escolha que está fazendo para se tornar uma de nós. A Irmandade não é algo onde se entra de modo impensado.

Mantenho os olhos baixos, fazendo que sim com a cabeça e encarando as folhas de outono de cores esmaecidas. Meu corpo treme e não consigo controlar os espasmos dos músculos. Ao meu redor, por toda parte, os Esconjurados cravam desesperadamente as garras na cerca. Eles podem sentir meu cheiro aqui.

— Tenho que ouvir você falar em voz alta, Mary — ela passa as mãos pelos meus cabelos, só consigo pensar em minha mãe e na escolha que ela fez.

— Eu escolho entrar para a Irmandade — respondo a ela, desesperada para sair da clareira.

— Ótimo — diz a Irmã Tabitha ao deslizar as mãos da minha cabeça até um ponto abaixo de meu queixo. Ela me pega com firmeza, no limite da dor. Me puxa até que eu olhe em seus olhos, que têm o verde-acinzentado escuro do céu durante uma tempestade de verão. — A próxima e única vez em que você abrir a boca para falar — ela me diz — será para louvar ao Senhor.

Levo um instante para compreender as palavras dela — que estou salva — e então aceno freneticamente que sim com a cabeça; o som dos Esconjurados faz minha pele se arrepiar inteira. Ela dá um passo para o lado e me ajuda a descer de novo as escadas. Muda, eu a sigo pelo túnel até o salão cavernoso, e enquanto subimos as escadas de volta à Catedral fico pensando na frieza que vi nos olhos da Irmã Tabitha. Como o olhar dela parecia rasgar a minha alma, o frio ainda agora me penetrando onde eu antes só havia conhecido o calor da Irmandade.

Retornamos ao Santuário da Catedral e as Irmãs me levam pelo corredor até o mesmo quarto que eu havia ocupado ainda esta manhã, o quarto com vista para a Floresta e os Esconjurados. Agora existe uma escrivaninha sob a janela e um armário no canto com duas túnicas pretas penduradas do lado de dentro. Uma fogueira foi acesa na minúscula lareira de pedra para afastar o frio do inverno que vem chegando, mas não consigo sentir seu calor.

Antes de sair, a Irmã Tabitha coloca a Escritura em minhas mãos.

— Quando você a tiver lido cinco vezes, poderá começar a merecer seus privilégios — ela diz.

E então me deixa novamente sozinha para contemplar minhas escolhas.

A Escritura é um livro mais grosso que uma mão aberta, a encadernação gasta e rachada e as páginas quase transparentes de tão finas com letras

amontoadas umas nas outras. Leio à mesa sob a janela quando há sol, e quando não há sol fico olhando para o fogo e lembro de minha mãe. Tento conciliar o que leio na Escritura com o que sei sobre nossa vida aqui e finalmente percebo que não existe resposta.

Meu mundo parece tão pequeno agora, as quatro paredes do meu quarto, o único lugar em que tenho permissão de ficar sem ser supervisionada. Sinto saudades de ficar no alto da colina, sentindo o vento e olhando para o horizonte, me perguntando o que existe além da Floresta, se é que existe algo. Em algumas noites, quando o sono custa a chegar, minha mente vaga ao longo da linha da cerca, até o portão que guarda o caminho proibido. Mas mesmo nos meus sonhos eu não o atravesso.

Semanas se passam. A medida que o inverno vai chegando, se acomodando ao nosso redor e os dias vão ficando mais curtos, passo menos tempo lendo e mais tempo pensando. Fico olhando as estrelas pela minha janela à noite e me pergunto se os Esconjurados sentem a mudança de temperatura. Me pergunto se minha mãe sente frio na Floresta.

No meio do inverno, meus estudos são interrompidos em uma tarde de neve pesada ao eco de gritos descendo o corredor do lado de fora do meu quarto. Corro até a janela e olho para fora, me perguntando se os Esconjurados finalmente romperam às cercas e estão invadindo a aldeia. Mas tudo em minha linha de Visão está calmo e a sirene silenciosa. Vou até a porta e pressiono a orelha contra ela, apavorada. Se alguma coisa deu errado dentro da construção, eu posso estar a salvo dentro do meu quartinho. Então me lembro que a Catedral é também nosso hospital, e as Irmãs as guardiãs do conhecimento da cura.

Os gritos se transformam em vozes urgentes, abafadas de tal forma que não consigo distinguir palavras individuais. Um homem continua a gritar, como se sentisse dor, dou as costas à porta e vou escorregando até me sentar

no chão.

Tapo as orelhas com as mãos, mas ainda consigo ouvir a dor, as vozes e o medo. E depois o silêncio, tão pesado que quase posso me afogar nele.

Nesta noite eu não durmo, fico deitada debaixo das cobertas ouvindo a Floresta ranger e gemer, a neve cair sobre nossa aldeia e as Irmãs andando de um lado para o outro, cuidando de seu mais novo paciente.

Penso em como ficamos tão concentrados no perigo que a Floresta nos apresenta que nos esquecemos de que o resto da vida pode ser igualmente perigoso. Penso em como somos frágeis aqui — como peixes em um aquário de vidro, com a escuridão nos cercando por todos os lados.



V

No dia seguinte sou chamada para cuidar do paciente, que ficou em silêncio a noite toda.

— Temos muitos deveres, Mary — Irmã Tabitha diz ao me conduzir do meu quarto até o Santuário principal e depois descendo por um corredor, subindo um lance de escadas estreitas e descendo outro longo corredor ladeado por portas de madeira. — Assim como você aprendeu a dedicar sua vida ao Senhor, aprenderá agora a cuidar dos filhos Dele. Mas lembre-se — diz, se virando e pegando meu queixo com seus dedos frios — você ainda está cumprindo seu voto de silêncio. Ainda tem de fazer por merecer seus privilégios.

Faço que sim com a cabeça. Não digo a ela que acabei de ler a Escritura pela quinta vez há uma semana. Tenho estado ocupada demais aproveitando

minha solidão.

Ela abre a porta e eu ouço um grunhido que me faz lembrar dos Esconjurados. Por um instante fico paralisada na porta, revivendo o momento em que minha mãe se transformou e seus gritos deram lugar a gemidos irreconhecíveis.

A luz do sol entra por uma janela do outro lado do aposento e reflete as paredes revestidas com painéis de madeira, um contraste com o corredor escuro e apertado. Tudo aqui é mais brilhante que no meu quarto, mais claro. Encostada a um canto, uma cama pequena com lençóis brancos e uma colcha de retalhos ligeiramente esfarrapada; em cima dela, um rapaz se debate, tentando arrancar a roupa de cama.

— Água — ele implora, e a Irmã Tabitha se vira para mim e me manda ir lá para fora e pegar um pouco de neve limpa numa tigela para ele chupar enquanto ela vai buscar curativos novos.

Quando volto, minhas mãos estão vermelhas e em carne viva de recolher a neve. Aproximo-me bem devagar da cama. O paciente está calmo agora, e quando ouve as solas dos meus sapatos no piso de madeira ele se vira e eu vejo quem é.

— Travis — eu digo sem querer. Minha voz sai rouca e olho ao redor rapidamente para me certificar de que a Irmã Tabitha não me ouviu falar. Não tenho dúvida de que ela me mandaria para a Floresta se achasse necessário.

— Mary — ele sussurra. — Ah, Mary — ele agarra a minha mão e a leva de encontro ao rosto com tanta força que me puxa para frente e acabo tropeçando e caindo de joelhos ao lado da cama. Um pouco da neve da tigela transborda e cai no chão, mas os olhos dele estão fechados e ele não vê os flocos se derreterem nas tábuas riscadas do piso.

Seu rosto queima, ponho a mão em sua testa como minha mãe costumava fazer quando Jed e eu ficávamos doentes na infância. Penso em todas as vezes em que esbarrei por acidente em Travis enquanto brincávamos nos campos ou caminhávamos juntos até nossas aulas, e no entanto de algum

modo sua pele parece diferente agora. Mais adulta. Mais de homem e menos de menino.

Pego um punhadinho de neve da tigela e levo a mão até a boca dele. Sua língua lambe meus dedos e eu sinto como se minha pele estivesse descongelando pela primeira vez na vida. Subitamente, ele não parece meu amigo, mas algo mais, e tenho que me forçar a me lembrar que ele não é meu, não posso sentir desejo por ele. Ele solta um suspiro e vejo seu corpo relaxar, voltando a se deitar no colchão.

— Por favor, Mary, mais — ele pede, de olhos ainda fechados. Respondo que sim com a cabeça e continuo a lhe dar neve para comer. A respiração dele derrete em meus dedos, seu corpo é tão quente, está tão desidratado e tem tanta sede.

— Como dói, Mary — ele murmura. — Meu Deus, a dor é tão horrível.

A necessidade de consolá-lo com palavras me toma de assalto e eu quero tanto saber o que aconteceu com ele, mas tenho medo de perguntar e correr o risco de que a Irmã Tabitha me ouça falar e me mande para longe dele, nunca mais me deixe vê-lo novamente. Pressiono a testa contra o rosto dele, minha pele fria contra a dele, e é assim que estamos quando a porta se abre atrás de nós e a Irmã Tabitha entra de supetão, amarrando logo a cara.

Cai o silêncio, e então Travis diz:

— Obrigado pela prece, Mary. Já fez eu me sentir melhor — e isso fez com que a testa da Irmã Tabitha ficasse um pouquinho menos franzida.

— Prece é sempre o melhor remédio — ela diz, se aproxima da cama e com um carinho que eu nunca havia achado possível puxa o lençol do corpo de Travis para examinar suas feridas.

As faixas de tecido atadas ao redor de sua coxa esquerda estão manchadas de sangue, mas é um sangue velho e marrom, o que deve ser um bom sinal. A Irmã Tabitha me manda segurar as mãos dele enquanto retira os curativos e eu me seguro para ver o que há por baixo.

Eu já vi tantas coisas horríveis e grotescas na vida que nunca me ocorreu que passaria mal ao ver o ferimento de Travis. Não há como crescer cercado

pela Floresta e não ver as coisas mais pavorosas — os Esconjurados com suas peles ocas rasgadas e escancaradas por causa das feridas que provocaram a infecção, seus dedos rachados e quebrados de tanto cravá-los nas cercas, braços presos apenas por cartilagem.

Travis agarra minhas mãos com força, mais como se estivesse me consolando do que pedindo consolo. No meio de sua coxa, um buraco vermelho-vivo ainda emana um sangue de aspecto aguado. O ferimento está costurado com fileiras de pontos grandes e tortos. A Irmã Tabitha coloca uma mão em cada lado da ferida aberta e aperta, o que faz Travis ganhar de dor e revirar os olhos até o alto da cabeça.

— Ainda não há infecção — ela me diz sem levantar a cabeça. — O que me dá esperança — ela enrola faixas limpas de tecido sobre a pele em carne viva. — Mas a fratura foi feia e não sei se a reduzimos corretamente, então teremos que esperar para ver. Uma coisa que eu sei — ela levanta o lençol até o queixo dele e o ajeita com firmeza ao redor dele — é que Travis vai ficar nesta cama no mínimo pelo resto do inverno e terá sorte se voltar a andar. Agora está tudo nas mãos de Deus.

— Será que... — Travis hesita, engole em seco, o rosto pálido, o suor brotando profusamente da testa. — Será que Mary pode vir rezar por mim? — ele pede.

A Irmã Tabitha olha bem seriamente para Travis e depois para mim, ainda segurando minhas mãos. Ela assente uma vez, um movimento rápido que não passa de uma fração de segundo.

— Pode. Mas por ora ela precisa voltar aos estudos. E é importante que você saiba, Travis, que ela não tem permissão de falar, a não ser na hora da oração, então, por favor, não a tente a fazer mais do que isso.

Olho para o jeito como os dedos de Travis se enroscam nos meus. Penso no dia, meses atrás, em que seu irmão Harry e eu ficamos de mãos dadas sob a água e ele me convidou à Celebração da Colheita, e que já ficou no passado há tanto tempo. Lembro-me de como a pele de Harry parecia inchada e errada então e de como sinto a de Travis dura e cheia de calos contra a

minha própria pele macia.

Viro a mão de Travis e olho para as linhas que cruzam sua pele, fico pensando em tudo o que perdi desde então.

Acabo indo ao quarto de Travis todas as manhãs. Ajudo a Irmã Tabitha a limpar sua ferida, que ainda está em carne viva e vermelha e preocupa as Irmãs. Elas franzem a testa e murmuram palavras para Deus ao passarem por ele. Todas oram por sua recuperação. Quero saber o que aconteceu com ele, mas me mantenho em silêncio conforme o ordenado. Tudo o que eu consegui descobrir é que aconteceu uma grave fratura no osso que perfurou a pele e não está curando do jeito que deveria.

Frequentemente Travis está soterrado por cobertores quando o vejo, semidelirante de tanto calor e febre. Na maior parte do tempo ele não me reconhece. Em outros momentos ele me agarra, pede água e implora para que a dor pare.

Quando posso, me ajoelho à beira da cama dele, pego suas mãos, as fecho nas minhas, chego bem pertinho do ouvido dele e sussurro. Eu sei que deveria estar rezando e que as Irmãs acreditam fervorosamente que a prece é a única coisa que o salvará, mas não consigo.

Não posso confiar a vida de meu amigo a alguém em quem não confio e com quem ainda estou tão zangada por tirar minha família de mim e me deixar aqui neste mundo.

Então, em vez disso, eu conto a ele sobre as coisas nas quais acredito, as coisas que sei serem verdadeiras somente por conta da fé. Conto a ele as histórias que minha mãe costumava me contar sobre a vida antes do Retorno.

Conto a ele sobre o oceano.

Nesses momentos sei que estou apaixonada por Travis. Só eu sei a dor que sinto de tanto que desejo que ele fique bom novamente. Se pudesse tirar um pedaço da minha própria vida e dividi-la com ele para que ficasse melhor, eu não hesitaria nem por um instante. E não entendo como, dia após dia, posso entrar neste quarto, encostar meu rosto tão perto do dele que meus

lábios roçam sua face e sua orelha, e ele não melhora.

Quando não estou com Travis, mas a sós em meu quarto, não consigo me esquecer daquele dia à beira do riacho, o dia em que minha mãe foi infectada. Lembro-me de como Harry me disse que Travis havia escolhido minha melhor amiga Cass e não eu. Muito embora Cass não tenha estado na Catedral para fazer companhia a Travis do jeito que eu tenho, nem o mereça como eu mereço, lembro-me de que Travis já está prometido a outra. Que, se não fosse a perna quebrada dele, ele estaria cortejando Cass agora. E saber disso me enche de raiva e de dor que se misturam tão fundo dentro de mim que não consigo distinguir as duas coisas e tudo o que sei é que sinto desejo.

E por isso que sei que jamais poderei ser uma verdadeira serva de Deus, porque nunca serei capaz de me entregar às Irmãs. Porque amo Travis demais para deixá-lo de lado.



VI

Tenho contado a Travis sobre o oceano. Ele adormeceu num sono febril, os lábios entreabertos, mas continuo a sussurrar em seus sonhos, tentando fazer com que ele fique bem. Como de costume, me ajoelho ao lado de sua cama e fico afastando seus cabelos da testa, e é assim que estou quando a porta se abre atrás de mim. Antes de ver quem é digo um rápido "Amém" e me levanto, o rosto corado e a respiração ligeiramente ofegante.

Arregalo os olhos quando vejo quem são os visitantes: Cass e Harry, acompanhados pela Irmã Tabitha.

— Mary! — Cass grita. Ela corre até onde estou e me abraça, o que eu retribuo, enterrando o rosto nos cabelos louros, quase brancos dela. Muito embora estejamos no meio do inverno ela ainda tem cheiro de sol.

Já começo a sentir as lágrimas fazendo meus olhos arderem e minha

garganta queimar. E a combinação das saudades que eu sentia da minha melhor amiga, de ter perdido o contato físico e da traição de me apaixonar por Travis. Pela primeira vez estou feliz

por não ter permissão de falar, pois não sei o que diria a Cass, como poderia explicar por que ela me achou ajoelhada ao lado de Travis, com uma das mãos no cabelo dele.

— Ah, Mary, como vai ele? — ela assume o meu lugar ao lado de Travis, fechando as mãos dele nas dela exatamente como eu havia feito. Mesmo em seu sono febril, ele inclina a cabeça na direção dela.

Tenho certeza de que ele está sentindo o cheiro de sol e tem a mesma fome dele que nós todos temos.

— Travis — ela o chama, a voz suave como um suspiro. — Travis — com uma das mãos acaricia a testa dele e ele geme baixinho. Quando desce a mão pelo rosto dele, ele pressiona o rosto contra ela.

Ver a reação que ele esboça a ela me dói tanto que mal consigo suportar ficar ali olhando. E a mesma sensação que tive quando fiquei perante meu irmão e ele me disse que eu tinha que ir para a Irmandade porque ninguém havia falado por mim. O mesmo vazio oco bem no centro de mim.

Por um instante sinto vontade de arrancar Cass da cama, de empurrá-la para bem longe de Travis. Quero gritar com ele e dizer para ele que ela não era eu e que ele deveria reagir dessa forma só comigo. Que sou eu quem está aqui desde o começo.

Mas não faço nada. Porque quero acreditar que existe uma razão pela qual Cass não veio fazer nenhuma visita desde que Travis se feriu. Como sei que ela é delicada até mesmo isso, vê-lo febril e gemendo, é quase demais para ela suportar. Muito embora ele seja o pretendido dela, muito embora nós quatro tenhamos crescido junto e sido amigos desde que me entendo por gente.

Ela sempre foi a mais fraca de nós duas e eu sempre senti a necessidade de protegê-la. O fato de ela estar aqui é prova cabal do quanto ela gosta dele, e perceber isso me faz sentir ainda mais vazia e tola por algum dia ter

pensado que estava apaixonada por Travis.

Agora a mão dela está no rosto dele e ela fica um tempo em silêncio enquanto as lágrimas correm de seus olhos.

— Há quanto tempo ele está assim? — ela me pergunta. — Quando ele vai melhorar? Quando vai acordar?

Olho para a Irmã Tabitha porque não tenho permissão de falar e ela dá um passo à frente, entre eu e Cass, e começa a responder as perguntas dela. Fico aliviada por ter o peso das explicações retirado dos meus ombros e me afasto da cama, para longe de Cass, Travis e da Irmã Tabitha, e lhes dou privacidade para conversar.

— Olá, Mary — diz Harry. Eu tinha me esquecido de que ele está no quarto, perto da parede ao lado da porta, e o cumprimento com um aceno de cabeça. Seus cabelos escuros estão mais compridos que da última vez em que o vi e estão enfiados atrás das orelhas. Isso faz as maçãs do seu rosto ficarem mais altas e agudas. Estamos ao lado um do outro e sinto meu corpo queimar de fúria e vergonha com esse rapaz que me rejeitou. — A Irmã Tabitha nos contou que você não pode falar, que você fez uma espécie de voto, mas acho que Cass simplesmente esqueceu.

Volto a acenar com a cabeça. Não sei o que diria a ele se eu pudesse falar. Talvez lhe perguntasse por que ele nunca falou por mim. Por que ele me convidou para a Celebração da Colheita na manhã em que minha mãe foi infectada, mas nunca mais disse uma palavra para mim até agora. Nunca foi a Jed e fez seu pedido por mim. Por que me deixou para ter este destino com a Irmandade.

Talvez perguntasse a ele o que aconteceu a Travis, o que provocou uma fratura tão feia na perna dele e por que não havia feito nenhuma visita até agora.

— Foi seu irmão quem o encontrou — ele me diz, como se estivesse lendo minha mente. Ambos estamos olhando para Cass curvada sobre Travis, a Irmã Tabitha empoleirada na beira da cama explicando tudo com uma voz baixa e gentil. Fico sempre surpresa ao ver como a Irmã Tabitha

pode ser carinhosa quando se trata das feridas de Travis. — Foi ele quem o trouxe aqui — ele acrescenta. — Beth ficou desesperada por não poder estar aqui também com o irmão. Mas as Irmãs têm medo de que qualquer movimento faça com que ela perca o bebê — engulo em seco rapidamente, tentando acalmar a queimação na minha garganta. Jed esteve aqui naquela noite. Esteve aqui há apenas alguns dias. Tão perto e, no entanto, nem veio me ver. Nem se importou de me dizer que sua esposa estava grávida novamente.

Não posso fazer nada a não ser assentir e tentar impedir que minhas bochechas fiquem vermelhas, com tantas emoções em guerra dentro de mim. Preciso dar tudo de mim para manter as mãos fechadas placidamente sobre meu estômago.

Harry se vira para me encarar, mas eu continuo olhando em frente. Assim como seu irmão, ele é mais alto que eu e por isso tem que olhar para baixo ao falar comigo.

— Ninguém sabe o que aconteceu, Mary, nem onde ele estava — ele hesita. — Jed nos contou que achou Travis meio delirante, se arrastando no meio dos campos. Mas ninguém foi capaz de descobrir nada a respeito.

Ele vasculha meus olhos como se eu soubesse de algo, como se eu tivesse as respostas às perguntas que ele não faz. Não faço nada a não ser retribuir seu olhar. Finalmente, ele se inclina muito de leve.

— Mary — ele diz, falando muito baixo para que as outras pessoas no quarto não possam ouvir. — Me desculpe — ele termina.

— É que eu... — ele olha para o chão e depois, sobre meu ombro, para seu irmão e Cass.

Ele abre a boca para falar mais, mas nesse instante o corpo de Travis estremece um pouco em cima da cama quando Cass solta sua mão e se levanta. Ela está fungando, seus olhos estão vermelhos e injetados, seu rosto inteiro parece arrasado, como se ela estivesse exausta da emoção de estar tão perto de tamanha dor.

Ela não é mais a mesma mulher que entrou antes.

— Posso voltar para visitá-lo de novo? — ela pede.

Estamos de tal modo dispostos no quarto que a Irmã Tabitha não precisa se movimentar muito para olhar por cima do ombro de Cass e me encarar por um instante antes de responder.

— Claro que pode. Mary ora por ele diariamente. Você pode vir junto com ela então. Quem sabe se vocês duas pedirem a Deus, Ele demonstre misericórdia.

Posso sentir os olhos de Harry fixos em mim, ansiosos para que eu olhe para ele. Mas não quero suas desculpas agora. Não quero explicar por que passei tanto tempo ao lado de seu irmão.

Cass se vira para mim e põe a mão no meu rosto.

— Minha Mary — ela diz. — Você é boa demais.

Só consigo pensar que ainda posso sentir o cheiro de Travis nas mãos dela e isso quase me destrói por dentro.

Depois que Cass e Harry foram embora, Irmã Tabitha me escolta de volta ao meu quarto.

— Você terminou de ler a Escritura do começo ao fim cinco vezes — não é uma pergunta e, embora eu não tenha problemas em mentir a ela por omissão, não posso mentir diretamente na cara dela, por isso faço que sim com a cabeça.

— Então seu voto de silêncio terminou.

— Sim — respondo, a linguagem estranha em minha boca depois de tantas semanas de silêncio. Minha voz parece alta e ríspida para meus ouvidos, que acabaram se acostumando a murmúrios suaves colados ao rosto de Travis.

— Em breve você irá avançar ao próximo estágio de seus estudos. Por ora, você ajudará Cass a passar por essa provação e continuará a rezar por

Travis.

Apenas concordo com a cabeça. Porque, embora tenha permissão de falar agora, isso não quer dizer que eu queira. Com a capacidade de falar, vem junto o fardo de ter que me explicar para Cass.

Como sou fraca, não conto a Cass que meu voto de silêncio foi removido. Em vez disso, me sento numa cadeira perto da janela e ela se ajoelha ao lado da cama de Travis, os lábios se movendo em oração. A febre de Travis não baixa e ele raramente acorda, embora costume gemer muito de dor e se debater na cama. Após algumas visitas assim já vejo que ela está cansada, exaurida e perdida, por isso eu me aproximo e me ajoelho ao seu lado e a envolvo em meus braços. Ela desaba chorando.

No sétimo dia, Cass não vem se sentar com Travis e começo a ficar preocupada, achando que alguma coisa aconteceu com ela. Mas aí Harry aparece no lugar dela e me diz que ver Travis sentindo tanta dor foi demais para ela suportar.

Ele não fica. Não pergunta como vou ou como vai Travis. Em vez disso, ele fica parado em pé à porta do quarto de Travis por um momento, olhando para mim sentada em minha cadeira ao lado da janela vendo o irmão dele dormir tranquilo.

— Você o ama — ele diz para mim. Tento encontrar acusação em sua voz, mas não consigo.

— Você não falou por mim — respondo.

Seus olhos me fuzilam por um instante e depois ele desvia o olhar de mim, voltando-se para a janela. Eu quero que me diga por quê. Mas em vez disso, ele diz:

— Desculpe, Mary — se vira e sai, apenas me olhando de relance antes de fechar a porta.

Vou escorregando para fora da minha cadeira e engatinho até Travis,

endireitando-me para ficar ajoelhada ao lado da cama. Faz muito tempo desde que eu assumi esta posição pela última vez. Nos últimos dias quem se ajoelha é Cass, e Travis tem aos poucos ficado melhor; a vermelhidão ao redor da cicatriz começa a desaparecer. Mas ele ainda precisa despertar totalmente em vez de ficar entrando e saindo de uma semi-inconsciência inquieta, sua mente aparentemente perturbada de tanta dor.

Eu o agarro e começo a soluçar. Soluço por minha família perdida, por trair minha melhor amiga, por ninguém ter falado por mim e por ter me apaixonado tão profundamente por Travis. Soluço porque minha vida não é nada que imaginei que seria. Soluço pela maneira como todos nós vivemos, pelos Esconjurados, pela Floresta de Mãos e Dentes, pelas Irmãs e pelos Guardiões. É por mim, por Travis, sua perna quebrada e o pensamento de que talvez ele nunca venha a se recuperar, ou se isso acontecer, que talvez ele nunca mais ande direito. Amanhã vou começar minha próxima etapa de estudos e tenho medo de que não me permitam mais ver Travis.

Eu soluço porque isto não é vida. Porque não é assim que a vida deveria ser e porque não sei como consertar nenhuma dessas situações.

Minhas lágrimas encharcam o travesseiro. Travis está com o rosto, o pescoço e os cabelos todos molhados agora, mas não consigo parar e continuo até quase vomitar, enquanto meu corpo tenta colocar ar nos pulmões, em meio às convulsões.

Então sinto uma mão na minha cabeça e olho para cima. É Travis e ele está acordado. Por um momento me pergunto se ele está confuso e não entende o que estou fazendo ali ao invés de Cass. Quem fica de vigília à cabeceira dele é Cass, e é a Cass que ele reage.

Mas aí ele murmura:

— Tudo vai ficar bem, Mary — ele puxa minha cabeça até seu peito, me envolve em seus braços e eu só consigo pensar por que a vida não pode simplesmente parar aqui e agora e nos deixar em paz neste momento.

Em vez disso, ouço um arrastar de pés à porta. Levanto a cabeça e é a Irmã Tabitha, trazendo o jantar de Travis. Ela ergue a sobrancelha ao ver

minha aparência: toda descabelada e com o rosto inchado de tanto chorar. Me levanto, me afasto da cama e enxugo o rosto com a manga da túnica.

Travis voltou a dormir, o corpo relaxado, braços ao lado do corpo, e fico pensando se simplesmente imaginei isso tudo.

A Irmã Tabitha não diz nada quando deixo o quarto e volto correndo pelo labirinto da Catedral até meu próprio santuário que tanto me consola. Mas, algumas horas depois, lá está ela à minha porta, me dizendo que meus novos estudos tomarão o dia inteiro e, portanto, não terei mais tempo de ir rezar por Travis.

Passo a noite sentada à minha escrivaninha com a janela aberta, o ar gelado soprando sobre meu corpo entorpecido. Olho para a Floresta, para a linha da cerca, e me pergunto sobre minha mãe e meu pai. Será que a vida deles é mais fácil agora? Os Esconjurados sentem medo? E perda, amor, dor, desejo? Uma vida sem tanta agonia não seria mais fácil?



VII

A Irmã Tabitha está correta: com meus novos estudos não há tempo para visitar Travis durante o dia. As necessidades da Catedral dominam meu tempo. Pela manhã, varro a neve das calçadas, tiro o pó dos bancos e arrumo os livros para as missas. Faço as velas sacras para o altar, cantando as preces especiais para cada camada de cera. Faço as refeições e lavo os pratos. Mas não tenho permissão para ir além dos muros da Catedral. Não posso ir até o poço nem ao riacho ou aos campos.

E por isso não vejo ninguém da aldeia, a menos que as pessoas venham à Catedral.

Ao longo das semanas seguintes, Cass e Harry vêm se sentar com Travis. Às vezes vêm juntos, às vezes sozinhos. É terrível da minha parte, mas me escondo quando vejo Cass se aproximar. E que simplesmente não consigo suportar ter de encará-la sabendo que é ela quem Travis escolheu, e não consigo aguentar pensar que, mesmo ele tendo dito meu nome naquela noite, ele pode ter pensado em Cass na verdade.

Quando não consigo mais suportar, saio da cama à noite e me enrolo na minha manta. Saio de mansinho do meu quarto e desço o corredor até o centro da Catedral. Ao longo dos anos, a aldeia acrescentou alas ao prédio, salões que se afastam do Santuário principal em ângulos bizarros, uns cruzando com ele, outros não. Meu quartinho faz parte da estrutura velha, construída de pedra em vez de madeira, úmida e escura. A maioria das Irmãs escolheu viver em outras partes da Catedral, nos quartos mais novos de frente para a aldeia, preferindo não olhar para o cemitério nem para a Floresta. Talvez a Irmã Tabitha tivesse planejado meu quarto como castigo, com a intenção de reforçar meu isolamento. Mas não protestei — prefiro o silêncio e a solidão de meu espaço vazio.

A medida que me aproximo do Santuário, o teto se abre para a escuridão e o salão se abre para revelar fileiras de bancos. Me espremo contra a parede para que as Irmãs que fazem a vigília noturna não possam me ver. Faço uma pausa para observá-las enquanto se ajoelham com as cabeças inclinadas na direção umas das outras, as luzes das velas lançando sombras em seus rostos. Elas sussurram furiosamente e suponho que estão rezando, até que uma delas sibila e diz baixinho:

— É assim que sempre foi e sempre será, e as Irmãs não vão admitir que você pense diferente. Você não deve pensar tais coisas, quanto mais falar nelas.

Sem pensar, vou me aproximando sorrateiramente na escuridão, tentando ouvir mais. Mas então a Irmã Tabitha entra ligeira no Santuário e eu fujo. Silenciosamente, atravesso uma porta, desço um salão, subo as escadarias estreitas e desço outro salão até pressionar a mão contra a porta de Travis. Estou respirando ofegante, e meu corpo formiga por ter escapado aos olhos da Irmã Tabitha e conseguido chegar a Travis. Giro devagar a maçaneta.

Há uma vela em cima da mesa ao lado da cama dele e ela tremeluz quando a porta se abre e a corrente de ar do corredor adentra o quarto. Fecho rapidamente a porta. Ele está recostado sobre travesseiros e olhando

na minha direção, como se estivesse esperando.

Levo um instante para perceber que está acordado. Ele me estende uma mão. Ela treme muito levemente.

— Mary, venha rezar por mim — ele diz e eu corro até o lado da cama, me ajoelho e enterro minha cabeça em seu corpo.

O fedor de doença passou e seu rosto não está mais pálido nem suado. Ele toca meu queixo com as pontas dos dedos e eu sei que minha pele está molhada de lágrimas.

— Reze por mim, Mary — ele diz.

— Eu... Não posso — digo a ele. — Não conheço nenhuma oração.

— Me conte aquela do oceano — ele diz e eu rio. Ele sorri e desliza desajeitado de volta para a cama; me inclino e começo a sussurrar em seu ouvido. Ele aperta com força a minha mão e não consigo fazer outra coisa a não ser deixar que meu coração bata mais acelerado do que jamais bateu antes.

Há uma semana tenho vindo ao quarto de Travis todas as noites, e repito para ele as histórias que minha mãe costumava me contar. Estou exausta, mas delirante de felicidade. A noite estamos em nosso próprio universo, pertencemos somente um ao outro, como se tivéssemos jogado fora todas as nossas outras obrigações.

Esta noite meu corpo pulsa com expectativa quando me ajoelho à beira de sua cama, nossos dedos entrelaçados. Temos compartilhado a respiração um do outro pelo que parecem semanas, ainda que apenas por alguns momentos. É como se o infinito residisse entre nossos lábios e nós nunca fôssemos realmente nos tocar. Como matemática, onde dividir algo ao meio pode durar uma eternidade.

Meus lábios quase roçam os dele e eu me esqueço de Cass, Harry, Jed e nossa aldeia. A noite, aqui neste quarto, somos apenas Travis, eu e nosso

primeiro beijo.

E neste momento que percebo que tem alguma coisa errada. Talvez um deslocamento nas correntes de ar no quarto, talvez meus ouvidos estalando quando uma porta em algum lugar se abre, mas eu recuo um pouco e olho nos olhos de Travis. Percebo que ele também sente a diferença.

— Shhhh — eu digo, colocando um dedo entre nossos lábios, surpresa por existir um espaço entre nós para sequer um dedo. Luto para ouvir mais alguma coisa e em seguida pés — muitos pés — vêm subindo as escadas e começam a descer o corredor. Recuo em pânico e Travis afasta as cobertas, puxa meu corpo, jogando-o para baixo do seu e me empurra entre ele e a parede, puxando o cobertor sobre nós dois.

Prendo a respiração e aguardo.

O corredor se enche de sussurros quando um grupo de pessoas passa pela porta arrastando os pés. Então a porta do nosso quarto se abre, as dobradiças rangem de leve, e eu começo a suar profusamente. O coração de Travis bate nos momentos em que o meu não, e eu sei que quem estiver à porta deve estar ouvindo nossa percussão combinada. De onde estou não sei dizer o que Travis está fazendo, mas ele respira fundo e regularmente como se estivesse dormindo. Fecho bem os olhos e me amaldiçoo por correr um risco desses.

Ouçó a pessoa na porta dar um passo para dentro do quarto.

— Travis? — ela pergunta, como se testando para ver se ele está acordado. Mordo o lábio, porque reconheci a voz da Irmã Tabitha. Travis não se move, não reage.

Finalmente, a porta se fecha com um clique, a tranca girando, o som abafado pelas cobertas. Nós esperamos. Travis abaixa as cobertas e o ar puro e frio volta a circular pelos meus pulmões, mas não saio da minha posição.

Neste corredor, as paredes são finas e ouvimos pessoas começando a se movimentar no quarto ao lado. Há um barulho de mobília sendo arrastada no chão e depois alguém murmura num sibilo, como se para mandar o barulho parar.

Travis e eu olhamos nos olhos um do outro. Tudo o que conseguimos ouvir são murmúrios indistintos, a cadência de vozes indo e vindo, rápidas e sobrepostas.

— Você acha que alguém se feriu como você? — sussurro.

Ele balança a cabeça.

— Eu acho que seríamos capazes de ouvir bem se alguém estivesse sentindo dor.

Eu dou de ombros. Talvez a pessoa tenha desmaiado.

— Por que me trancariam aqui dentro se fosse apenas alguém ferido? — ele sussurra.

Virando minha cabeça de volta, encosto a orelha na parede. Ouço uma resposta brusca e ríspida, pronunciada em tons agressivos.

— Não, não vamos contar a eles até chegar a hora. Você fique de boca fechada e não fale a respeito — e depois quem quer que estivesse falando deve ter se afastado do outro lado da parede, e as vozes voltaram a ser apenas murmúrios.

Enquanto estou tentando imaginar o que está acontecendo, subitamente me dou conta de que estou deitada na cama com Travis, meu corpo espremido entre ele e a parede, nosso calor combinado nos envolvendo. A respiração dele muda muito de leve, agora está mais pesada, cheia de desejo, como se ele tivesse percebido a mesma coisa.

Cada centímetro da minha pele instantaneamente acorda, os pelos do meu corpo buscam movimento, como se fossem antenas. Travis está deitado de costas e eu estou de costas para a parede, olhando direto para ele.

Minha mão estava repousando no seu peito e alguma coisa dentro de mim me leva a pressionar meus dedos contra a pele dele, apertar meu corpo contra o seu. Minha respiração sai trêmula. Tudo, tudo mesmo, é quase demais para suportar.

— Acho que eu deveria ir embora agora, caso elas venham ver você novamente — digo, ele engole em seco e faz que sim. Posso ouvir o jeito como o ar entra e sai de seus pulmões, como se respirar fosse um esforço.

Começo a passar de volta por cima do corpo dele. Antes eu não tinha prestado atenção por causa da adrenalina, do medo de ser apanhada. Mas desta vez tudo dentro de mim entende o que está se passando aqui nesta cama. Tomando cuidado com a coxa dele, passo uma perna por cima dos seus quadris, apoiando-me contra a parede até ficar de joelhos sobre ele, uma perna de cada lado.

Ele fecha os olhos e recosta a cabeça novamente sobre o travesseiro, lábios levemente entreabertos como se sentisse dor. Assustada, inclino-me sobre ele e sussurro:

— Estou machucando você?

De olhos ainda fechados, ele balança a cabeça afirmativamente, estende as mãos para o alto e as coloca nos meus quadris, mãos tão grandes na minha pele, me segurando firme por um segundo, nós dois quase um só, ali colados um contra o outro do queixo ao quadril. Minha cabeça dá voltas ao perceber que minha proximidade o afeta, que eu não sou a única que sente esse calor.

Um barulho enorme vem do quarto ao lado, rapidamente termino de passar por cima de Travis e deslizo até o chão, pronta para me enfiar debaixo da cama se necessário.

Mantendo a cabeça bem perto da parede procurando ouvir mudanças na movimentação no quarto ao lado, corro sorrateira até a porta e testo a maçaneta. Trancada. Não há como conseguir abri-la.

Agora Travis está tentando se levantar, apoiado na cama pelos cotovelos. A luz do luar, consigo ver seu rosto afogueado de calor.

Vou ter que descer pela janela. Atravesso o quarto e pelejo com a guilhotina até abrir o suficiente da janela para eu poder passar. O ar frio invade minha camisola fina, lutando com o calor residual da cama de Travis, e puxo a manta que havia trazido comigo sobre os ombros. Felizmente tem sido um inverno rigoroso e caiu neve suficiente lá embaixo para aparar a queda de dois andares. Estou prestes a fugir quando ouço meu nome.

Travis está estendendo a mão para mim e, muito embora eu saiba que estou me arriscando demais, volto até ele.

— Verei você de novo? — ele pergunta. A chama da vela ao lado de sua cama bamboleia com a rajada de ar que vem da janela e seu rosto mergulha nas sombras.

— Não sei — digo a ele com sinceridade. — Não tenho certeza se posso correr esse risco.

Ele faz que sim com a cabeça. Ele compreende. E então pega minha mão e pressiona seus lábios contra a palma. Sinto um fogo entrando na minha corrente sangüínea e tomando conta do meu corpo. Ele beija meu pulso e meu corpo vira um inferno flamejante. Ele começa a subir pelo meu braço, a respiração hipnotizante, e eu quase cedo quando ele me puxa para perto de si.

Mas eu recuo, puxando o braço para meu peito.

— Fique bem — eu digo a ele porque não sei como explicar o que realmente quero dizer. Então saio pela janela e a neve que me cobre instantaneamente alivia a pele que instantes atrás estava em chamas.

Com medo de ser vista pelas pessoas no quarto ao lado do de Travis, atravesso correndo o cemitério na direção da linha da cerca e penetro nas sombras próximas à margem da Floresta. Corro espalhando neve para todos os lados, tentando não deixar tão óbvio que foi um humano que acabou de sair debaixo da janela de Travis, mas em pouco tempo meus pés começam a congelar, pois as chinelinhas que estou calçando não são proteção nenhuma contra a neve.

Estou tão perto da Floresta quanto ousar no período da noite quando começo a dar a volta para conseguir entrar na Catedral pela porta da frente. Minha mente vagueia de volta para Travis, de volta para sua cama e o toque de sua pele. Meu corpo estremece com as memórias, o desejo, o ar frio. E por isso no começo não percebo que estou seguindo nas pegadas de outra pessoa sobre a neve — não só de uma pessoa, mas de muitas.

Eu paro. Não há nada atrás de mim a não ser a floresta e meu coração começa a bater acelerado. E se esses forem os rastros dos Esconjurados? E se a cerca tiver sido violada e não houver ninguém para soar o alarme? O terror

toma conta de mim, mas eu saio em disparada na neve, escorregando e tropeçando, para seguir os rastros de volta à sua fonte.

Eles param na cerca. No portão do caminho que dá para fora de nossa aldeia e atravessa a Floresta de Mãos e Dentes. Ajoelho-me na neve e olho através do portão. Posso ver, reluzindo ao luar, um par claro de pegadas que levam até este portão. Elas se estendem, por entre os galhos quebrados, descendo o caminho, floresta abaixo até onde consigo ver. Não são as pegadas arrastadas dos Esconjurados, mas as pegadas fortes e distintas dos vivos, como se alguém estivesse caminhando por este caminho até nós com um objetivo definido.

O caminho é proibido para todos: aldeões, Irmãs, Guardiões. Nunca vi este portão ser aberto, nunca vi alguém usar este caminho.

Alguém de Fora veio à nossa aldeia.

O que significa que existe um lado de Fora — algo além da Floresta.

Empolgação, medo, curiosidade, pânico sobem num jorro pela minha garganta, me deixando tonta e quase me derrubando antes que eu consiga engolir e forçar minha cabeça a voltar ao momento presente. Curvando-me sobre a neve, percebo o traço da pegada do Forasteiro. É pequena como a minha, mas as passadas são largas — ou é um rapazinho ou uma mulher.

Alguém de Fora veio à nossa aldeia!

O vento começa a soprar agora, espalhando a neve que acabou de cair e obscurecendo as pegadas. Estou quase dando pulinhos de alegria ao seguir as pegadas de volta à aldeia, até a frente da Catedral. Estou prestes a escancarar a porta de tanta empolgação, todo o meu ser explodindo de energia, quando minha mente alcança meu corpo.

Ninguém soou a sirene; ninguém tocou os sinos da aldeia. Pode ser de noite, mas algo como um Forasteiro é uma notícia digna de se acordar a aldeia. E, no entanto, as Irmãs mantiveram o Forasteiro um segredo. Elas o arrastaram até o quarto ao lado do de Travis e o trancaram lá. E eu ouvi uma delas dizer que não contariam à aldeia até que as Irmãs estivessem prontas para fazê-lo.

Subitamente, eu compreendo que não deveria saber sobre o Forasteiro, e me pergunto até que ponto as Irmãs irão para manter este segredo. Penso no túnel sob a Catedral e na clareira no mato e fico imaginando que outros segredos elas podem estar guardando.

Mergulho nas sombras lançadas pelos muros da Catedral sob a lua. Com minhas mãos tateando sua formidável face de pedra, ando sorradeira por entre os arbustos e ao redor dos montinhos de neve até chegar embaixo da minha janela. Estendo a mão, abro-a e entro, trêmula e molhada, os dedos das mãos e dos pés entorpecidos.

Depois de atizar as brasas da minha lareira, eu me dispo e penduro as roupas em cima da cadeira para secarem. Sento-me no tapete em frente à lareira, enrolada no cobertor, o corpo ainda frio por dentro. Ouço o vento aumentar do lado de fora e dou graças porque minhas pegadas serão apagadas, mas sei que isso também irá destruir as pegadas que o Forasteiro deixou até o portão.

Alguém de Fora veio até nossa aldeia e agora que estou aqui sentada, olhando as chamas, sei no fundo do meu ser que era isso que eu estava esperando, era isso o que eu estava desejando, embora nunca tivesse me dado conta até este momento.

O Forasteiro é a minha desculpa para deixar esta aldeia. Agora que existe prova, agora que toda a nossa aldeia saberá que existe mais do que isto, que não somos mais uma ilha, agora é nossa hora de nos reconectarmos ao mundo de Fora.

Nada mais pode nos conter. Não quando a notícia do Forasteiro se espalhar. E eu serei a primeira a passar pelo portão. Eu serei aquela que nos levará até o oceano. Ao lugar intocado pelos Esconjurados.



VIII

Três dias passam e eu estou desesperada. Não houve notícias do Forasteiro, nenhuma menção a ele. Finalmente, frustrada, vou ver Travis, mas a Irmã Tabitha está no corredor do lado de fora do quarto dele e me diz que sua febre retornou, ele foi transferido e não estão permitindo visitas por medo de que ele não seja capaz de combater mais infecções. Não terei permissão de vê-lo até que elas tenham certeza de que ele está bem-

— Não podemos permitir que você e ele façam todas nós adoecermos este inverno, Mary — diz ela.

Olho por cima do ombro dela e vejo o quarto vazio de Travis.

— Onde ele está? — pergunto. Sinto que tenho o direito de saber.

— Ele está seguro — ela responde. — E ele não é da sua conta, — ela olha bem firme para mim, estreitando bem os olhos — Mary — sua voz é firme e cheia de autoridade. Ela faz uma pausa e leva um dedo aos lábios, como se tentando decidir o que quer dizer a seguir. — Mary, você é curiosa e isso pode ser perigoso. O que você acha que nos trouxe até aqui? O que você acha que provocou o Retorno e trouxe os Esconjurados?

Começo a ficar sem ar. Mesmo antes de ter sido levada até a clareira na Floresta, eu já tinha medo da Irmã Tabitha, a mais velha das Irmãs, a líder da Irmandade.

— Eu... Eu... — gaguejo. — Eu pensei que não sabíamos o que havia provocado o Retorno.

Mais uma vez, fico imaginando qual é a extensão do conhecimento que as Irmãs possuem que o resto de nós não tem. Afinal, elas têm sido a única constante desde o Retorno, ou pelo menos é o que nos dizem. Elas têm sido a força motriz por trás da aldeia: foram elas as criadoras dos Guardiões, a razão pela qual existimos e ainda estamos todos vivos.

A palavra delas é a palavra de Deus, e não pode ser questionada. São elas quem nos ensinam na escola, quem nos dizem que somos tudo o que restou do mundo e que o tempo do Retorno já passou e não importa mais em nosso novo mundo. São elas quem nos ensinam a não questionar as proclamações delas, a não questionar nossa sobrevivência após o Retorno e o novo mundo que elas construíram para nós.

A Irmã Tabitha sorri de um jeito que imagino que uma mãe sorriria para fazer a vontade de uma criança.

— Nós sabemos o bastante — ela me pega pelos braços e me puxa para o antigo quarto de Travis consigo. Me aperta com firmeza, mas não machuca. Vai me conduzindo até a janela, até ficarmos em frente a ela, olhando para a linha da cerca e a Floresta lá fora.

— A causa exata do Retorno pode estar cercada de mistério, mas nós sabemos que eles estavam tentando enganar Deus. Tentando enganar a morte. Tentando mudar a vontade Dele — ela aponta na direção da Floresta.

Como sempre, os Esconjurados puxam os elos da cerca. — É isso o que acontece quando você vai contra a vontade de Deus. Esse é o castigo Dele. Essa é a nossa penitência.

Ela fala com tanta autoridade e fervor. Sua mão agora é um punho fechado e ela a soca contra o alpendre para deixar bem claro o que está dizendo.

— Você precisa se lembrar, Mary, de que vive para Deus agora. Todas nós vivemos para Deus. E somente por intermédio da graça Dele que sobrevivemos — ela se volta para mim com uma expressão feroz, quase frenética. — Lembre-se de onde viemos, Mary. De onde todos viemos. Não do Jardim do Éden, mas das cinzas do Retorno. Nós somos os sobreviventes — ela agarra meus ombros e me sacode. — Precisamos continuar a sobreviver. E eu não vou permitir que nada ponha isso em risco.

Ao olhar nos olhos dela, sei que não hesitará em me sacrificar para a Floresta se isso significar a salvação desta aldeia ou simplesmente a salvação da posição que ela ocupa aqui. Ela é uma fanática, de tão cheia de paixão que é. Pela primeira vez eu consigo entender de verdade o mundo em que vivo. Não o mundo que está sempre à margem, à beira, vivendo sob o peso constante da Floresta. Mas o mundo além disso, governado pela Irmandade e seu dever de nos proteger e nos preservar.

É ao perceber isso que passo verdadeiramente a entender nossa fragilidade.

A Irmã Tabitha espera que eu diga alguma coisa, mas não sei o que lhe dizer. Não sei como reagir. Ela precisa compreender o que eu agora finalmente sei — que jamais me encaixarei realmente aqui. Como Irmã, como esposa, como aldeã.

As Irmãs podem ter conhecimento e poder, mas a Irmã Tabitha deixou claro que tais coisas jamais estarão ao meu alcance. Para ela, eu não sou de confiança porque não vim de vontade própria para a Irmandade e porque faço muitas perguntas e procuro respostas demais.

Nunca serei admitida à elite, jamais me contarão seus segredos: por que

elas têm um túnel que vai dar na floresta e para que as salas além do túnel são usadas. Minhas tarefas aqui nunca serão mais do que cuidar dos doentes, limpar o Santuário, ler a Escritura e rezar por nossas almas.

Jamais serei dona da minha vida.

Essa é uma revelação aterradora. Tudo o que eu queria agora era minha mãe, correr para ela e me afundar nos seus braços, na segurança que ela me dava.

Mas agora minha mãe faz parte do mundo de que a Irmã Tabitha está falando. Faz parte daquilo contra o qual lutamos todos os dias.

Como se lesse a minha mente, ela diz:

— Você precisa encontrar o seu lugar aqui, Mary. Você precisa se entregar a Deus e parar de procurar outra coisa — ela se inclina sobre mim enquanto fala, de modo que sou forçada a me curvar para trás para não sentir seu hálito quente enquanto continua a falar e falar. — Você acha que quer respostas para suas perguntas, mas não quer. E não vai conseguir. Porque é nosso dever e nosso juramento como Irmãs garantir que tais perguntas não sejam feitas. Você tem que entender: não há perguntas para você.

Ela passa um dedo comprido pelo meu rosto, a unha raspando minha pele.

— Você vai acabar conosco se continuar a seguir esse caminho! Eu sinto isso, eu posso ver isso em você.

Uma fagulha de alarme pega fogo dentro de mim. As palavras dela ecoam alto na minha cabeça: eu vou acabar com elas. É como uma peça de quebra-cabeça se encaixando no lugar, uma compreensão súbita de por que a Irmã Tabitha tem me mantido tão perto dela, por que ela não me deixa nem sequer sair da Catedral.

— O que é que a senhora está me pedindo para fazer? — eu murmuro. Penso em Cass, suas trancas loiras, no seu cheiro de sol e em como ela chorou por Travis quando ele estava ferido. Não posso acabar com ela, acabar com tanta doçura e luz.

— Pare de procurar respostas para perguntas que você não deveria nem estar fazendo! Aceite sua vida aqui. Por que você acha que esta aldeia sobreviveu enquanto o resto do mundo pereceu? Por que você acha que temos vivido tanto tempo sem uma brecha? Por que você acha que estamos a salvo dos Esconjurados? E porque não tentamos a ira de Deus. Não tentamos os Esconjurados. Não corremos riscos imbecis, mas nos dedicamos a Deus e uns aos outros — o rosto dela está bem perto, seus olhos brancos e arregalados.

— Nós sobrevivemos porque a Irmandade fez o que era necessário. Nós mantemos a ordem na aldeia — ela olha pela janela, vendo a extensão interminável da Floresta. — Imagine esta aldeia sem ordem — ela soca o alpendre mais uma vez. — Imagine as pessoas rompendo votos e quebrando juras. Roubando umas das outras. Assim era o mundo antes do Retorno. E olhe só o resultado — ela faz um gesto amplo na direção da floresta e então se vira, me fuzilando com o olhar.

— É por isso que você deve deixar Travis em paz. Eu vi como você o cobiça. Mas ele não é para você.

Tudo ao meu redor parece estar desabando, meus joelhos enfraquecem e mal conseguem suportar meu peso. Eu não sei o que dizer ou como reagir, e por isso faço que sim com a cabeça, a dor dentro de mim intensa demais. Ela está me pedindo para abrir mão da única coisa que me restou.

Ela me agarra pelos ombros, enterrando os dedos compridos e ossudos em minha túnica.

— Quando você sair deste quarto, vai voltar a se dedicar à Irmandade e a esta aldeia. A cada pessoa aqui e à continuação de nossa sobrevivência. Você se arrependerá!

Seu corpo estremece e ela fica sem ar, dentes trincados e músculos tensionados. Ela se afasta de mim e volta para a janela. Por um momento penso ver no reflexo do vidro a tristeza no rosto dela, no peso da pele dela em seu crânio.

— Eu sei que devo soar muito dura, Mary — ela diz a voz subitamente

calma novamente, controlada. — Que as regras da Irmandade são duras. Mas o que é uma aldeia sem ordem? Sem regras e pessoas que as executem?

Ela coloca a mão espalmada contra a vidraça, os dedos bem abertos, e vejo que ela treme ligeiramente.

— A Irmandade carrega um peso sagrado. Nós o carregamos para que os aldeões não precisem fazê-lo. Para que possamos esquecer o que veio antes, possamos nos curar, possamos renascer sem o peso dos nossos pecados antes do Retorno.

Meu corpo queima — por todo este tempo temos sido mantidas na ignorância e as Irmãs sabiam.

— Por que vocês guardam esses segredos? — pergunto. — Por que não confiar em nós?

Ela se vira para mim e por um momento seus olhos enxergam através de mim, como se olhando para dentro de si, para o passado. Como se estivesse se lembrando. Vejo um vestígio de sorriso ao redor de seus olhos, velhas rugas de risos se formando levemente.

Começo a perceber que posso estar forçando muito as coisas com ela. Que posso estar forçando-a a me jogar na Floresta para evitar que eu revele o que descobri: que a Irmandade está guardando segredos de todos nós. Dou um passo para trás, mas a voz dela me detém.

— Sua mãe costumava lhe contar histórias sobre a vida antes do Retorno — ela diz. — Mas ela algum dia lhe contou sobre assassinato? Sobre a dor e a angústia? A heresia e a hipocrisia? Guerras, engodos, egoísmo? Sobre pessoas que permitiam que seres humanos morressem de fome lá fora, no frio, enquanto elas tinham calor e comida? Mesmo durante o Retorno, quando lutávamos para manter a humanidade viva, as pessoas se voltavam umas contra as outras, atacavam umas as outras, roubavam umas das outras!

— É por isso que estamos aqui, como sobrevivemos nos isolando. Deixando o resto da humanidade perecer. Aqui, todos são alimentados. Todos são aquecidos, protegidos, amados e cuidados. Nós fazemos isso, Mary. É a Irmandade que trouxe o céu para este inferno. As pessoas sempre

querem que confiemos nelas, mas olhe só aonde isso nos leva! Eu confiei em você e olhe só como você se esgueira por este lugar à noite quando pensa que não estou olhando. Olhe só como você distorce as regras para seu próprio interesse.

— Mesmo que isso signifique magoar seu amigo. Você deseja Travis, você o tenta, mesmo sabendo que ele está prometido a Cass. Você coloca seus próprios desejos à frente dos de sua amiga, de sua comunidade e de Deus — ela faz uma pausa, parece se recompor por um instante antes de prosseguir.

— Você acha que quer amor, Mary. Você acha que o amor é a única coisa capaz de preenchê-la e torná-la inteira. Mas está errada. O amor pode ser feio e cruel. Ele pode ser escuro e provocar a mais profunda dor. Basta olhar o que fez aos seus pais — ela põe a mão sobre o peito como se estivesse segurando o próprio coração. — Você entende que a vida nesta aldeia não tem nada a ver com amor, mas com comprometimento?

Dou mais um passo para trás, cobrindo a boca com as mãos. Fico ruborizada. Todo esse tempo ela sabia sobre eu e Travis.

— Como você sabe essas coisas? — pergunto. Penso em todas as noites em que me esgueirei pela Catedral até o quarto de Travis. Em todas as vezes que pensei que estava sozinha, que havia escapado ao escrutínio de Irmã Tabitha. Mas ela estava apenas me testando. Vendo até que ponto eu estava disposta a desmerecer a confiança dela e minha própria lealdade.

Por um momento acho que ela não vai me responder.

— Não é uma vida fácil — ela diz finalmente — ser uma das guardiãs do conhecimento da Irmandade. É bem mais fácil viver na ignorância, como você. Você não vê que estou tentando salvá-la? Salvar você da dor e da angústia? E por isso que você precisa se arrepender. Porque, se não o fizer, jogará fora todas as chances que aproveitei para lidar com você. E você sabe qual será o seu destino.

Meu coração dispara quando penso no túnel sob a Catedral e na clareira na floresta, e faço que sim com a cabeça. A Irmã Tabitha afasta uma mecha

de cabelo do meu rosto e sua mão descansa no meu rosto do jeito que minha mãe costumava fazer.

— Eu estou tentando mantê-la a salvo, mas você precisa me ajudar. Agora posso ver que não é mais suficiente deixá-la aprisionada aqui na Catedral. Talvez eu estivesse errada em mantê-la longe da aldeia. Sua solidão acabou. Você pode deixar este prédio. Mas lembre-se de que eu sempre estarei vigiando você.

Ela continua com os olhos fixos nos meus e é impossível para mim desviar o olhar. E então ela se vira, sua longa túnica preta varrendo o chão, e me deixa perto da janela, fechando a porta ao sair e me deixando sozinha com a vista da Floresta.

Lá fora, a pura neve branca cobre as árvores e a cerca, re-cobrindo os Esconjurados. E um dia límpido e brilhante. O sol refletindo os cristais de gelo. E um daqueles dias em que você não consegue compreender porque existe tanta beleza em um mundo que só tem coisas feias.

Isso é quase insuportável.

Vou vagando até a cama e me ajoelho ao lado dela do jeito que costumava fazer quando Travis estava aqui. Pressiono meu rosto em seu travesseiro, tentando sentir o cheiro dele, tentando me lembrar. E um teste para ver se eu consigo realmente desistir dele.

Eu sei que jamais vou poder. Nem que seja para salvá-lo. Sou egoísta demais.

Quando me dou conta, estou socando o travesseiro, rasgando os lençóis, um grunhido baixinho se formando na minha garganta. Estou prestes a quebrar tudo ao redor quando ouço batidas suaves.

Fico paralisada.

Ouço as batidas novamente. Elas não vêm da porta, mas da parede. Subo em cima da cama e encosto a orelha na parede. Retribuo as batidas de volta com um dedo.

— Olá? — ergunto, a voz baixinha.

Parte de mim se pergunta se isto é uma armadilha montada pela Irmã

Tabitha para me tentar, para testar se eu levei o que ela disse a sério.

— Quem está aí? — ouço do outro lado.

— Mary — respondo. — Quem é você?

— Meu nome é Gabrielle — ela diz. — Eu vim pelo portão. Onde estou?

— Você está na Catedral — digo a ela. Meu coração bate feito louco. Quero que ela saiba que está segura, mas não tenho mais certeza disso. Tenho tantas perguntas a fazer a ela e sei que a Irmã Tabitha estará de volta a qualquer momento, e se me pegar vai me jogar na Floresta.

Mas há uma coisa que preciso saber primeiro.

— Você está bem? Você foi... — luto com as palavras. — Mordida? Infectada? — tenho de saber se ela conseguiu chegar à aldeia sem se ferir. Se o caminho está seguro.

Minha respiração irregular é tão alta em meus ouvidos que mal ouço a resposta dela.

— Não — ela diz. — Não, eu estou bem. Não estou infectada.

Descanso a testa na parede quando ela fala isso, sentindo uma onda de alívio me inundar por uma razão que não consigo identificar nem explicar.

Abro a boca. Estou prestes a perguntar a ela de onde vem, se existe um mundo do lado de fora da Floresta e como ele é, se existem outras aldeias lá e se elas estão seguras. Se ela viu o oceano e se ela sabe por que estamos todos aqui, por que isso aconteceu e por que estamos aprisionados neste lugar.

Mas em vez disso sinto lágrimas no meu rosto e ouço um barulho de algo raspando no corredor. Pulo correndo da cama, recolho os lençóis que havia rasgado do colchão antes e vou em disparada até a porta, de modo que quando ela abrir a Irmã Tabitha não saberá que eu estava na parede, falando com a garota do outro lado.

Saio do quarto rapidamente e vou para a lavanderia, deixando o vapor dos tanques ferventes de água me recobrir, fazendo minha pele reluzir de forma que ninguém saberá se o que rola nas minhas faces são lágrimas ou suor.

Quando acabo de lavar o cheiro de Travis dos lençóis, visto meu casaco pesado, calço as luvas e saio de fininho para o cemitério, descendo na direção da linha da cerca. Aqui, no auge do inverno, é solidão garantida; ninguém da aldeia se atreve a se afastar demais do calor de suas lareiras, nem mesmo para prestar homenagem aos caídos. Aqui jazem meus ancestrais, todos menos meu pai e minha mãe, cujas mortes não estão marcadas com uma lápide porque são Esconjurados.

Olho para a Catedral atrás de mim, imaginando se verei Gabrielle na janela no meio da escuridão que cai.

Ela está lá, em pé próxima às cortinas. Eu paro e olho para ela e nossos olhos se encontram. Prendo minha respiração sem querer — é como olhar um reflexo na água. A mesma idade, os mesmos cabelos escuros, as mesmas perguntas em nossos olhos. Ela parece mais alta, mais esguia do que eu. Está usando um colete feito de um vermelho que não é natural, tão brilhante e estranho que quase fere meus olhos. Ela levanta uma das mãos e a encosta na janela, achatando a palma da mão na vidraça. Eu levanto minha própria mão e começo a caminhar na direção dela, mas então a vejo se virar e olhar para trás, as cortinas se fecham e ela some.

Saio correndo e me escondo atrás de um anjo do cemitério, com medo de ser apanhada olhando para o quarto da Forasteira quando obviamente sua presença aqui deveria ser segredo. Quando tenho certeza de que as sombras do crepúsculo irão mascarar meus movimentos, caminho até o portão que guarda o caminho para o Lado de Fora. Reparo que a neve é macia e não tem nenhum sinal de perturbação. Não há provas de que um Forasteiro foi trazido por esta cerca algumas noites atrás. Nada que entregue que há um Forasteiro no meio de nós.

Dou a volta entre as casas, batendo os braços contra o corpo para me manter aquecida, e vou caminhando numa linha tortuosa até a colina da aldeia. Subo até a torre; as tábuas estão escorregadias por causa do gelo. Quando chego ao ponto mais alto de nossa aldeia, olho para a Floresta. Forço a vista para ver se consigo encontrar o fim dela, achar onde começa o

resto do mundo.

Mas tudo o que consigo ver é a escuridão.

Minha vida inteira girou em torno do mundo fora da linha da cerca, em torno da Floresta. E claro que eu me pergunto se existe algo além da Floresta, se alguma coisa sobreviveu ao Retorno ou se as histórias de minha mãe eram verdadeiras e um mundo inteiro existiu antes do Retorno. Nunca sequer soubemos se existe uma cerca do outro lado das árvores — se isso tudo tem um fim. Seremos apenas a gema de um ovo, a Floresta a clara, e outra cerca a casca? Ou será que a Floresta continua para sempre, cercada por nada a não ser Esconjurados? Uma parte de mim havia imaginado que não poderia existir nada em nosso mundo a não ser Floresta.

Floresta e os Esconjurados.

Eu também pensava sobre o oceano, sobre o Lado de Fora antes. Mas nunca me havia ocorrido sair daqui e descobrir. Deixar esta aldeia e a única vida que já conheci. Desde pequenos nos dizem que não existe nada além das cercas pelo qual valha a pena viver. Que o mundo terminou com o Retorno e que somos os últimos sobreviventes.

Mas é claro que não somos. Gabrielle é prova disso. Muito embora o chão esteja coberto de neve e eu esteja agora em pé no alto de uma torre em cima de uma colina varrida pelo vento, não tenho frio. Estou empolgada demais para sentir frio. Existe uma prova de vida do lado de fora de nossas cercas. Não posso deixar de imaginar como isso irá mudar nossas vidas.

Existe um mundo lá fora, além de nós. E agora nós fazemos parte desse mundo. Isso é assustador e maravilhoso.



IX

Batuco os dedos na mesa embaixo da janela no meu quarto. Estou impaciente. Não consigo evitar que meu pé fique sapateando no chão. Fico de olho na linha da cerca, procurando algum sinal da minha mãe. Fazer isso é a única coisa que tem afastado minha mente da Forasteira — Gabrielle = e de ficar planejando maneiras de escapular para encontrá-la.

Após nosso recente confronto, eu sei que a Irmã Tabitha fica me vigiando, mas mesmo assim não consigo ficar parada, não consigo impedir minha curiosidade. Numa tentativa de evitar a sua detecção, fugi pela janela e fui para baixo da janela do quarto de Gabrielle, torcendo para encontrar um jeito de subir os dois andares e entrar lá. Mas a janela está sempre escura e as cortinas fechadas.

Desde aquele primeiro dia em que ela ficou na janela com seu estranho

colete vermelho, não voltei a vê-la e começo a me preocupar se ela está bem. Mas eu sei que ela ainda está na Catedral. Sei disso pela maneira como as Irmãs sussurram entre si mesmas

e olham aquelas de nós que não são iniciadas ao círculo interno. O ar aqui é tenso, como uma corda esticada ao seu limite.

Tenho ficado mais descuidada em minhas tentativas de falar com Gabrielle e sei que provocarei a ira de Irmã Tabitha se ela descobrir. Mas não consigo evitar. E como uma febre. Agora que não tenho mais permissão de ver Travis, só consigo pensar em Gabrielle.

Decidi que vale a pena enfrentar a Irmã Tabitha e os Esconjurados se eu conseguir finalmente descobrir o que existe além da Floresta.

Uma batida à porta me assusta e me desvia de meus pensamentos. É uma Irmã jovem enviada para me levar para ver a Irmã Tabitha. Ela me conduz de volta na direção do Santuário no coração da Catedral, passando por outra ala cujo acesso é aberto somente para Irmãs de elite.

Fico imaginando se chegou a minha hora. Se estes passos serão os meus últimos. Se eu estou finalmente pagando pela minha curiosidade, teimosia e impetuosidade. Me pergunto se vou implorar o perdão da Irmã Tabitha quando ela me levar pelo túnel até o velho abrigo e me abandonar na Floresta.

Mas a Irmã Tabitha não está sozinha quando entro no escritório dela, bem iluminado pela luz do sol forte que fere meus olhos ao se derramar por três enormes janelas que dão para a aldeia. Harry está lá com ela, braços ao lado do corpo, mãos fechadas em punhos. Travis morreu, penso subitamente. Haviam me dito que ele tinha piorado, aqui está seu irmão com ar solene e triste e eu quase caio aos seus joelhos.

— Tenho novidades — a Irmã Tabitha me conta, e eu faço que sim com a cabeça, pois minhas cordas vocais estão sendo corroídas por lágrimas ácidas. — Harry falou por você, Mary — ela me diz.

Viro a cabeça bruscamente para encarar Harry. Posso sentir minhas sobrancelhas se juntarem com choque e raiva. Não posso acreditar que isso

seja verdade. Por que ele falaria por mim agora se não havia feito isso antes, quando era importante, quando eu poderia ter dito sim e significado alguma coisa? Quando eu não conhecia o amor e poderia ter sido feliz com admiração e aceitação?

— Mas e a Irmandade? — eu gaguejo. Isso não pode estar acontecendo.

— Eu dei a ele a minha bênção. E o seu irmão Jed também — diz a Irmã Tabitha. — Você é mais necessária lá fora como esposa e mãe do que aqui dentro como Irmã — seus olhos agudos me perfuram. — Ambas sabemos que você não é adequada para a Irmandade.

O mundo gira ao meu redor e não tenho nada para me agarrar a fim de me equilibrar. Só consigo pensar em Travis e o que senti ao me colar ao seu corpo naquela noite. Como vou poder estar com seu irmão depois disso?

— Vocês vão se casar na Festa dos Votos na primavera — ela continua. — Junto com Travis e Cassandra — ela acrescenta como se não soubesse que está partindo meu coração.

— Meus deveres para com Deus... — começo a perguntar, muito embora eu não acredite em Deus.

— Serão servidos fazendo Sua vontade e garantindo que nossa aldeia viva mais uma geração — ela termina.

Ela quer dizer ter filhos com Harry. Meu estômago dá voltas só de pensar nisso. Penso na mão dele segurando a minha debaixo da água no dia em que minha mãe foi infectada. Penso no aspecto da mão dele, inchada, branca e errada.

Abro a boca, pronta para rejeitar sua corte. Mas aí percebo que fazer isso ligará para sempre meu destino ao da Irmandade, me condenará a uma vida dentro destas paredes a serviço de Deus e da Irmã Tabitha.

Minha cabeça gira, tentando determinar qual é a melhor opção, qual o melhor destino: vida como esposa de Harry ou vida como Irmã. Nenhuma das duas me leva mais perto de Travis.

— Vocês dois gostariam de um momento a sós para conversar? — ela nos pergunta.

Olho de esguelha para Harry, sem ligar para a dor, a raiva e a tristeza profunda que se irradiam do meu corpo. Ele olha para mim, sua expressão suave, as mãos que não estão mais fechadas em punhos. Parece que ele está prestes a se inclinar para diante, para se aproximar de mim. Sinto meus músculos ficarem tensos e estremecerem em reação a isso.

Fico surpresa por não grunhir feito um animal ferido acuado por cães. Ele começa a levantar uma das mãos — se isso é para me chamar ou para me afastar eu não sei, nem me importo. Já me sinto me afastando dele, colocando um espaço físico entre nós sem dar um passo sequer.

Os olhos dele me olham com mais dureza, mais força, e ele balança a cabeça.

— Não — ele diz. E então ele sai e eu sou escoltada de volta ao meu quarto, onde eu desabo e começo a chorar. Arranco os cabelos, me soco toda e me jogo no chão, à frente do fogo que se apaga na lareira.

Um dia, uma vida com Harry poderia ter sido aceitável. Um dia, as histórias de minha mãe eram apenas fantasias, e meu mundo era quente, ensolarado e cheio de amor e amigos. Mas nunca houve empolgação. Não havia vida além da aldeia. Antes eu podia até ter tido uma paixonite por Travis, mas era um simples desejo infantil que poderia ter sido facilmente apagado pelo contentamento de ter sido pedida em casamento por Harry.

Mas tudo isso mudou agora. Tanto mamãe quanto papai são Esconjurados, Travis está muito ferido, Cass está sumida, Jed não se importa mais o suficiente nem sequer para falar comigo quando vem à Catedral para rezar.

E existe vida fora da Floresta.

Posso ouvir os Esconjurados gemerem. O som é transportado pela neve e atravessa a janela. Penso novamente em como a vida deles é simples, como é muito mais fácil. Me pergunto por que todos lutamos contra isso, por que temos lutado contra eles por tanto tempo ao invés de simplesmente aceitarmos nosso destino.

Sem me importar mais com as consequências, saio de mansinho do meu

quarto, desço marchando pelo corredor, subo as escadas até onde a Forasteira está sendo mantida. Estou quase empurrando alguém fora do meu caminho quando percebo quem é: Cassandra.

Ela está saindo do quarto antigo de Travis.

— Cass? — pergunto. — O que você está fazendo aqui? — me aproximo para lhe dar um abraço e ela até aceita, mas seus braços estão moles e fracos ao meu redor. Há semanas não nos vemos, há meses não passamos um tempo juntas como amigas do jeito que costumávamos passar antes de minha mãe se tornar uma Esconjurada. Pela primeira vez eu percebo o quanto nos separamos e quanta falta senti da amizade dela, quanta falta senti de ter alguém para confidenciar meu medo, minha dor e minha confusão.

Ela me solta primeiro e puxa a porta atrás de si até ouvir o clique, cortando a única fonte de luz no corredor estreito.

— Estou aqui para ver Travis — ela me diz.

Perco o fôlego na hora, e esqueço no mesmo instante de tudo o que eu estava pensando sobre a Forasteira.

— Ele está bem? Ele voltou para o andar de cima?

Ela faz que sim, puxa sua longa trança loura e morde o lábio com os dentes de cima.

— Travis é meu agora, Mary. Assim como Harry é seu.

— Eu... — quero dizer que ela está errada, que Travis me ama e que sempre será meu. Mas naturalmente isso não é verdade. Travis nunca foi meu. Mesmo durante aquelas longas noites rezando juntos, eu sabia que Travis pertencia a outra pessoa. Ele sempre foi de Cass. Assim como agora eu sou de Harry.

Ela solta a trança e põe a mão no meu braço, tenho que me forçar para não fazer uma careta de desagrado.

— Você precisa esquecê-lo, Mary — ela me diz, cravando os dedos na minha pele. — Ele seguiria você a qualquer lugar, e não pode. Simplesmente não pode.

— Mas...

— Sabe, eu me apaixonei por Harry. Isso aconteceu apenas nestas últimas semanas, quando a dor de Travis foi demais para mim — ela olha atrás de mim, como se estivesse em algum outro lugar que não fosse um corredor bem no interior da Catedral. — Nós passamos tanto tempo juntos. Ele segurava a minha mão. Eu tinha certeza de que ele ia pedir por mim — ela volta a puxar sua trança. — Eu tinha tanta certeza de que ele me amava, — seu olhar pousa em mim, sério e impiedoso — mas então ele pediu por você ao invés de mim.

Pensamentos demais rodopiam na minha cabeça.

— Eu achava que você estava sendo cortejada por Travis. Achava que ele havia convidado você para a Celebração da Colheita — penso em todas as vezes em que Cass visitou Travis, todas as vezes em que ela se ajoelhou ao lado da cama dele e o consolou e eu interpretei a dedicação dela como amor e posse. — Como Harry poderia pedir por você se você já estava prometida?

Ela inclina a cabeça como se estivesse me vendo pela primeira vez em anos.

— A Irmã Tabitha me deu a opção de terminar a corte — ela me diz. — Elas não tinham certeza de que ele sobreviveria à infecção e, mesmo que sobrevivesse, supunham que ele ficaria aleijado e, portanto não seria um marido adequado para cuidar fisicamente de uma esposa. Eu vim para visitá-lo por lealdade e amizade. Assim como você.

É claro que Cass visitaria Travis em sua hora de necessidade, houvesse corte ou não — nós todos nos conhecemos a vida inteira, crescemos juntos quase como se fôssemos todos da mesma família.

— Então, o que aconteceu? — pergunto a ela.

Ela me olha com dureza.

— Harry pediu por você ao invés de mim.

— Mas por quê? — minha voz sai fraquinha, desesperada.

Um músculo ondula ao longo da linha de seu maxilar.

Devagar, ela dá de ombros, inclinando a cabeça nessa direção.

— Não precisa ser assim — digo a ela. Nunca vi Cass assim: tão séria, resoluta, sóbria.

— Precisa — ela diz.

— Mas se você ama Harry e eu... — eu paro, mas ambas sabemos o que eu estou para dizer.

— Você ama Travis — ela termina para mim. Só posso ficar ali parada em silêncio, as mãos pendendo frouxas ao lado do corpo. Deixo a cabeça cair. Não pela primeira vez hoje, sinto as pernas fracas e um vazio por dentro. Como tudo pôde ter dado errado tão rápido?

— Desculpe — finalmente murmuro.

— Eu sei que não foi sua intenção — ela diz, colocando uma mão no meu braço. — Como eu também não tive a intenção de me apaixonar por Harry — não consigo olhar nos olhos dela, não posso deixar que ela veja minha hesitação. Pois sei que foi minha intenção. Nunca me detive no meu desejo por Travis, mesmo quando via Cass com ele e como ela havia chorado ao lado de sua cama. Durante todo esse tempo eu sabia que eles estavam prometidos. Que eu estava tentando Travis a quebrar seu juramento, a rejeitar minha melhor amiga para ficar comigo e sabia que ele me amava o suficiente para fazer exatamente isso.

Coloco minha mão sobre a dela, mas ela a retira, sua pele fria escapando escorregadia da minha.

— Eu só não entendo por que não podemos mudar isso. Se não era assim que as coisas deveriam ser, se não é isso o que queremos...

— Harry falou por você, Mary — ela diz por entre dentes. — Ele fez sua escolha. Ele escolheu você e não eu. E se ele pretende que eu me case com Travis, então é isso o que eu vou fazer.

Cass fala com tanto fervor que me assusta. Ela sempre foi a garota descuidada, a menina alegre que sempre deixava problemas e preocupações de lado.

— Mas ainda podemos mudar isso, Cass — inclino-me na direção dela. — Eu vou falar com Harry, vou falar com ele que não quero ficar com...

Rápida como uma cobra, ela estende a mão, me agarra pelo ombro e me puxa para perto até quase tocarmos nossos rostos.

Na penumbra do corredor ela não parece nada além de sombras; as sobranceiras parecem se fundir, formando uma máscara feroz.

— Você não vai fazer nada disso. Você não vai partir o coração dele assim.

— Mas não é assim que as coisas deveriam ser. Se eu quiser ficar com Travis...

Ela me interrompe novamente sacudindo meu braço e me jogando contra a parede do corredor.

— Se você partir o coração de Harry, juro que nunca vou deixar Travis. Você vai ficar sozinha. Você vai ser mandada de volta para as Irmãs aqui — ela para como se lesse a minha mente e acrescenta: — E não pense que Travis irá me rejeitar por você. Ele nunca faria isso com o próprio irmão. Você precisa perceber que qualquer coisa que ele possa ter feito antes passou, agora que Harry falou oficialmente por você. Agora que você vai ser a esposa do irmão dele.

As palavras dela dilaceram meu corpo. Eu nunca a tinha visto assim antes, tão amarga, dura e atormentada.

— Mas, Cass, você não está vendo? Você não ama Travis. E ele não te ama! — eu sei que estou sendo dura e cruel, mas ela precisa enfrentar a realidade.

Ela olha para mim como se não entendesse, e então ri.

— Casamento não tem nada a ver com amor, Mary — ela diz, como se fosse uma professora falando com uma aluna. — Casamento é compromisso, comprometimento e cuidado. Nada disso nunca foi amor.

Eu balanço a cabeça, sem acreditar.

— Mas você disse que amava Harry e mesmo assim está disposta a deixá-lo de lado. Por quê?

Ela dá de ombros mais uma vez.

— Estou fazendo o que é melhor para ele. E para a aldeia. É assim que

tem que ser, Mary. É assim que será.

Eu quero sacudi-la, para ver se faço com que ela entenda. Ela parece exatamente a Irmã Tabitha, como se não compreendesse as escolhas que está fazendo por todos nós. Percebo como é forte a influência das Irmãs, com que força elas nos prenderam em suas crenças.

Abro a boca para continuar a discutir com Cass, mas o olhar dela, a ferocidade, me incomoda demais. Pela primeira vez minha melhor amiga me aterroriza.

Mas ela também tem razão. Ainda que eu rejeite Harry, Travis jamais falaria por mim no lugar dele. Ele jamais causaria tamanha vergonha ou dor ao irmão. É como se cada porta em minha vida tivesse sido trancada, cada janela fechada e bloqueada com tábuas até que só reste um caminho para mim. Minha escolha se resume ou a Harry ou à Irmandade.

E então, meus ombros caem, e eu cedo.

— Ok — digo a ela.

Ela assente uma vez. E diz:

— Você precisa esquecer Travis agora. Hoje. Aqui.

Um protesto paira nos meus lábios, mas os olhos dela me apavoram e eu fico em silêncio. Me pergunto se voltaremos a ser amigas algum dia ou se este será o nosso fim. E claro que sempre seremos civilizadas — a aldeia é pequena demais para inimizades — mas será que algum dia voltaremos a compartilhar nossas vidas completamente uma com a outra como fazíamos antes?

Subitamente, eu me sinto sem chão, sinto como se tivesse perdido tudo ao mesmo tempo e precisasse de alguma coisa para me firmar. Vejo minha vida num lampejo, Cass sempre ao meu lado, sempre escutando minhas histórias, rindo comigo e compartilhando nossas vidas. Memórias de nossa amizade me invadem e meus olhos se enchem de lágrimas. Preciso de Cass agora, não posso perder este último laço com tudo o que sempre fui.

— Me prometa — digo a ela. — Me prometa que ainda seremos amigas, que vamos continuar sempre a nos apoiar para o que der e vier.

Ela sorri, um vestígio da antiga Cass, o cheiro de raios de sol flutuando no ar.

— Sim — ela diz. Mas tudo o que eu consigo pensar é que gostaria que as coisas fosse assim tão simples, enquanto eu me lembrava como era sempre outra pessoa que ela ia visitar na Catedral, e nunca eu.

Olho para a outra ponta do corredor, para depois do quarto de Travis, onde a Forasteira estava sendo mantida. A porta dela está entreaberta, deixando escapar um vestígio mínimo de luz. Passo correndo por Cass e vou até o quarto, mas ele está vazio, sem lençóis na cama ou qualquer outra evidência de que um hóspede tenha recentemente ocupado este lugar. Eu devia ter imaginado. A janela estava escura há dias.

Cass está atrás de mim à porta, visivelmente confusa. Mas em vez de explicar qualquer coisa a ela, caminho até a janela e inclino a cabeça em um ângulo até conseguir enxergar a marca de uma mão, as pontas dos dedos bastante visíveis. Chego mais perto e minha respiração atinge o vidro e palavras subitamente aparecem na névoa que ela deixa para trás.

Gabrielle, ela diz, acompanhada por uma série de letras: XIV. Além desse eco, não há nenhuma outra prova de que ela tenha existido algum dia. Passo os dedos sobre as letras, apagando-as eficientemente.

— O que você vê? — Cass pergunta, se aproximando para ficar ao meu lado.

— Você já parou para se perguntar se a Floresta tem fim? — pergunto a ela. Eu já lhe perguntei isso antes e já sei qual será sua resposta.

Ela dá um risinho, agora voltou a ser ela mesma.

— Você nunca desiste das suas fantasias, não é, Mary? — ela pergunta. — Sabe, que nem o oceano?

Eu dou um pequeno sorriso. Ainda pouco à vontade perto da minha amiga. Ainda com medo dela.

— Provavelmente — respondo. Mas se a floresta não tiver fim, então de onde veio Gabrielle?

Muito embora eu seja uma mulher prometida, ainda moro com as Irmãs na Catedral. A Irmã Tabitha explica que meu irmão não quer me aceitar devido à saúde delicada de sua esposa durante a gravidez. Mas parte de mim se pergunta se isso não seria apenas um pretexto e se a Irmã Tabitha não estaria me mantendo por perto para me vigiar. Para ver se desisti de minha busca por respostas.

Não desisti. Durante a semana seguinte encontro desculpas para entrar em todos os quartos usados para habitação na Catedral. Não há sinal de Gabrielle. É como se ela nunca tivesse existido.



X

A primavera na aldeia quer dizer chuva, batismos e casamentos. Ela significa o Festival do Éden, a comemoração de se ter vivido mais um ano, do triunfo sobre os Esconjurados e orações pelos anos que virão. O auge do Festival do Éden são os casamentos. Em nossa aldeia, o casamento é um vínculo sagrado e as três cerimônias que consolidam o elo entre marido e mulher são chamadas de Festa dos Votos — um evento que dura uma semana inteira, começando com as Juras, passando para a Amarração e terminando com os Votos da Constância Eterna. E a culminação das cortes do inverno que começaram na Celebração da Colheita.

O ritual mais importante e sagrado da Festa dos Votos é o dos Votos da Constância Eterna, que une para sempre o casal como marido e mulher. A noite anterior aos Votos é a da cerimônia de Amarração, na qual as Irmãs amarram a mão direita da noiva à mão esquerda do noivo e o casal passa a noite em sua nova moradia. Eles são deixados a sós e recebem uma faca cerimonial que podem usar para cortar sua Amarração. É uma oportunidade para expor quaisquer ressentimentos entre eles e a última chance de rejeitarem um ao outro como cônjuges.

Os dias de Festival do Éden, entre as cerimônias da Festa dos Votos, são o momento para batizar as crianças nascidas dos casamentos do ano anterior e celebrar a concepção das que ainda estão por vir. É a época mais solene e alegre da aldeia, que homenageia nossa sobrevivência, nossa existência, a continuação de nosso povo desde o Retorno. É um compromisso com a perseverança e com a dedicação,

Como uma das duas únicas noivas deste ano, eu estou vestida com uma túnica branca que vou usar todos os dias desta semana. Flores do início da primavera estão entrelaçadas nos meus cabelos. Somos quatro nos casando e fazendo nossas Juras: eu e Harry, Travis e Cass.

Estamos em pé enfileirados sobre uma plataforma elevada na frente da Catedral, sua forma imensa lançando sombras sobre nós. Estamos posicionados de frente para nossos pretendidos com a Irmã Tabitha ao nosso lado, e a aldeia inteira em peso do outro lado. O sol de primavera está especialmente forte hoje, um calor úmido subindo em ondas do chão e tornando o ar tão espesso que era como se estivéssemos respirando dentro d'água.

A Irmã Tabitha fala de obrigações. De pecados, vida, compromisso e votos. De como somos o sinal da constância de nossa aldeia. Ela nos recorda de nossa fragilidade, dos perigos não só dos Esconjurados do lado de fora das cercas, mas das ameaças que vêm de dentro: doença, esterilidade, abortos espontâneos. Aponta para nós quatro e fala de como às vezes as gerações nos falham em números e de como é nosso dever engordar nossas fileiras,

aumentar o número de famílias da comunidade.

As palavras dela entram por um ouvido, saem pelo outro e não consigo me concentrar nelas. Outros pensamentos ocupam minha mente. É a primeira vez que vejo Travis desde que Harry falou por mim. Depois que Travis foi liberado dos cuidados das Irmãs. Depois que eu fui deixada para trás na Catedral sem ter mais para onde ir.

Os cabelos dele estão mais claros, mais alourados, como se ele passasse as tardes fora, ao sol. Ele ganhou um pouco de peso e por isso sua pele não está mais tão esticada sobre as maçãs do rosto. Seus olhos brilham mais, estão mais verdes, não estão vazios. Ele parece bem. Saudável.

Vê-lo me dói. E preciso de todas as minhas forças para permanecer parada na frente de Harry e não encostar em Travis, que está em pé às minhas costas, de frente para Cassandra.

A Irmã Tabitha continua a falar de nossos deveres um para com o outro e para com Deus, mas só consigo me concentrar no movimento do ar provocado por Travis quando ele se inclina sobre sua bengala e imperceptivelmente desloca seu peso, tentando ficar confortável.

É bom vê-lo em pé, caminhando e com saúde. Embora eu odeie vê-lo sorrir — estou arrasada.

Quando a Irmã Tabitha nos leva até a parte dos juramentos da cerimônia, todos nos viramos de frente para o altar. Harry está à minha esquerda e Travis à minha direita. Se fechar os olhos, posso imaginar que é a Travis que estou fazendo a promessa, que é Travis que irá me levar para casa no fim da semana, para nossa nova vida.

Repetimos as palavras da Irmã Tabitha enquanto ela nos orienta em nossas Juras. É justo quando fazemos a jura uns aos outros, prometendo honrar os votos da eternidade ao final da semana, sinto os dedos de Travis roçarem os meus. Tento agarrar a sua mão, mas só sinto ar.

Agora eu sou a prometida de Harry, e ele me conduz ao descermos da plataforma, para longe da sombra da Catedral e para a luz do sol. Somos cercados por pessoas que nos cumprimentam e nos desejam felicidades, não

consigo mais ver Travis na multidão.

Eu o perdi de vez.

A semana da Festa dos Votos passa numa velocidade estonteante. A cada evento, nós quatro somos os convidados de honra, separados do resto da aldeia, colocados em exibição. Somos conduzidos de um evento a outro. Jantares para marcar a importância da ocasião. Sessões de orações solitárias para preparar nossas almas para o compromisso que as unirá em breve.

Além das Juras, da Amarração e dos Votos de Constância Eterna, o maior evento da Festa dos Votos é o batismo. Cada bebê é levado perante as Irmãs e os Guardiões, é passado pelas mãos das pessoas da aldeia. Estas crianças pertencem a todos nós, dizem as Irmãs, elas são nosso futuro.

Quatro crianças nascidas dos casamentos do ano passado são batizadas, e não consigo deixar de ver Jed e Beth tentarem se afastar despercebidos das margens da multidão. Me pergunto se a dor de perder seu filho este outono está sendo demais para suportar.

Finalmente, no meio da semana, consigo ficar um tempo sozinha e arranco as flores dos cabelos. Estou cansada dos aldeões, cansada de Harry, das Irmãs, dos Guardiões e de todo mundo me desejando felicidades.

Estou cansada da felicidade. E por isso vou até a velha torre de vigia na colina, o único lugar onde tenho certeza de que vou encontrar a solidão.

Mas ao chegar lá já existe alguém, estou prestes a dar meia-volta quando reconheço a figura sentada, recostada na torre. É Travis. Sinto arrepios dentro de mim. Nunca me ocorreu que ele viria a este lugar, que alguém além de mim jamais viesse a este lugar.

Faz tanto tempo desde a última vez em que estivemos sozinhos juntos que só consigo olhar para ele, meus olhos famintos. Por um momento penso em me virar e voltar por onde vim, deixá-lo ali e deixar a tentação de lado. Ele não é meu, não pode ser meu, dói demais estar perto dele e saber que nossa situação é definitiva.

Mas, antes que eu possa me mover, Travis estende a mão para mim e diz:
— Mary, venha rezar comigo.

As palavras dele eram tudo o que eu precisava. Eu corro, tropeçando em minha túnica, caindo, me arrastando e me arranhando no chão até chegar onde ele está, mãos no peito, respiração ofegante.

— Oh, Mary — diz, passando a mão nos meus cabelos e segurando minha cabeça. Ele puxa meu rosto para o dele, atravessando tudo o que nos separou até agora. Eu preciso dele com uma urgência que não pode mais esperar.

Ele para minha cabeça no instante em que nossos lábios vão se tocar. Ele está arfando e eu só consigo respirar o ar que vem de seus pulmões. Ficamos assim pelo que parece uma eternidade, incapazes de nos comprometermos um com o outro, de irmos até o fim.

— Mary — ele sussurra. Posso sentir o movimento de seus lábios.

Estou esperando que ele me afaste e me diga que não podemos fazer isso. Que eu não pertenço a ele e que ele não irá trair seu irmão. Enfio a cabeça no seu ombro, apertando minha testa em seu pescoço.

É um dia quente e ele está suando, eu pressiono minha boca contra sua pele, sentindo o gosto de sal nos meus lábios. Quero me derreter dentro dele, esquecer todas as barreiras entre nós, estou me segurando para não respirar o ar dele, ficar sentada aqui e me esfregar ainda mais nele.

Ele não é meu, mas de Cass, e eu sei que deveria dar meia-volta, deixar este lugar. Mas não sou forte o bastante para fazer isso. Só desta última vez quero me afogar na sua essência, envolvê-la ao meu redor como uma lembrança.

Ficamos sentados assim por um tempo. Eu me espalho no colo dele, me agarrando a ele, sentindo tudo dentro de mim se abrir. Percebo que estou feliz. A mão de Travis passeia de volta até os meus cabelos e relaxo recostada contra ele, liberando o que resta de minha hesitação.

É um dia perfeito de primavera. Os pássaros voltaram à nossa aldeia, a neve virou lama e o sol está brilhante, morno e gostoso. Uma brisa nos cobre

e o som por entre as árvores me lembra das histórias que minha mãe contava sobre o oceano.

— Em momentos assim é difícil acreditar que não somos as únicas pessoas no mundo. Só nós dois nesta colina — Travis me diz. Eu sorrio.

Ele continua:

— Mas em outros momentos eu penso que não podemos ser as únicas pessoas no mundo. Esta aldeia, quero dizer. Deve haver mais lá fora, alguma coisa além da Floresta.

Tento puxar minha cabeça de volta para poder olhar Travis nos olhos. É como se ele tivesse falado exatamente o que penso e entrado nos meus sonhos. Eu achava que era a única a acreditar em vida fora da Floresta. Apertando suavemente a minha mão, ele mantém minha cabeça encostada em seu ombro e meu coração bate como louco enquanto ele fala.

— Você não foi a única criada com histórias — ele me diz e eu prendo a respiração, esperando por mais. — E elas simplesmente me fazem pensar que deve haver mais coisas lá fora. Que isto não pode ser tudo. Não podemos ser tudo. Deve haver mais na vida que esta aldeia e suas leis.

A voz dele está embargada, como se também sentisse as correntes que nos separam um do outro. Ele coloca um dedo sob meu queixo e levanta meu olhar para encarar o dele.

— Você não sente isso, Mary? Que existe mais? Que esta vida aqui não é o bastante?

Lágrimas brotam dos meus olhos e meu sangue parece cantar. Olho para a linha da cerca como se pudesse enxergar nosso futuro. Ela está longe o bastante para que eu não consiga ver nenhum Esconjurado individual, apenas uma multidão deles puxando os elos da cerca. Quando o vento muda de direção, consigo ouvir os gemidos deles subindo a colina.

Estou prestes a contar a ele sobre Gabrielle — a prova de que existe mais — quando um relâmpago vermelho dardeja por entre as árvores e meu coração quase para, fico sem ar. Agora eu estou sentada, quase em pé, cada sentido sintonizado com a Floresta.

— O que aconteceu? — pergunta Travis, também se sentando, a mão nas minhas costas.

Penso que estou tendo alucinações, mas então volto a ver o relâmpago. Um vermelho brilhante que não é natural contra as sombras dos pinheiros. Eu me levanto, esquecendo a calma, a felicidade que tinha acabado de sentir, e desço correndo a colina, tropeçando em raízes, pedras e não dando a mínima. Mal consigo me conter quando chego perto da cerca que se estende ao longo da base da colina, recuando bem a tempo de manter minha distância para não me arriscar a ser mordida e infectada.

O vermelho lampeja novamente e então se aproxima de mim. Ela está na cerca agora, com os outros. E está claro só de olhar para ela que é uma Esconjurada. Seus braços e pernas não funcionam como se pertencessem ao mesmo corpo e sua pele está bem esticada sobre o corpo, como se os ossos de seu rosto pudessem perfurá-la a qualquer momento.

Mas o vermelho de seu colete acolchoado ainda é vibrante e estranho, e eu sei que é ela. É a Forasteira. Gabrielle.

Quero prender meus próprios dedos na cerca. Travis vem saltitando atrás de mim e me puxa de volta.

— O que você está fazendo? — ele exige saber, sua voz sibilante enquanto tenta recuperar o fôlego. Ele anda mancando com uma bengala e subitamente me ocorre que esforço ele deve ter feito para descer a colina atrás de mim tão rápido.

Gabrielle dispara correndo ao redor dos outros Esconjurados. Ela parece com eles, mas é de algum modo diferente. Mais esguia. Mais rápida. Ela se debate contra os elos de metal com uma velocidade e uma voracidade que eu nunca vi antes. Fico com Travis no nosso lado da cerca, sem saber o que sentir ou o que fazer.

— Nunca mais faça isso — Travis diz no meu ouvido, abraçando meus ombros, puxando-me para si.

Eu só quero me soltar, deixar que ele me envolva, me tome e me proteja. Todo o meu corpo sacode com cada batida do coração, minhas mãos

tremem.

— Ela estava no quarto ao lado do seu — eu digo, apontando para Gabrielle. — A Forasteira que veio para a aldeia naquela noite em que eu estava no seu quarto — meu rosto fica quente quando lembro da sensação do corpo dele sob o meu.

Ficamos observando enquanto a garota de colete vermelho puxa os elos da cerca, desesperada para nos alcançar. Existe alguma coisa de tão errada com ela — nenhum de nós jamais viu um Esconjurado assim.

— Ela falou comigo pela parede um dia — digo a ele. — Depois que você foi transferido e eu saí procurando por você. Ela me contou que seu nome era Gabrielle — minha garganta queima e eu engulo soluços que ameaçam se libertar. Não posso acreditar no que aconteceu a esta garota que ousou vagar pelos caminhos da Floresta, que ousou entrar em nossa aldeia.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e eu me viro para Travis.

— Ela disse alguma coisa a você ? — eu sussurro. — Ela disse a você de onde veio? Por que ela veio até a aldeia?

— Oh, Mary — diz ele.

E então seus lábios se colam aos meus e eu me calo.

Eu me lembro da maravilha que foi meu quase primeiro beijo com ele naquela noite há tanto tempo. Foi a noite em que Gabrielle veio pelo portão. Antes que qualquer um de nós dois soubesse alguma coisa sobre a Forasteira e só nos importávamos com nós dois naquele quarto. Como meu coração batia acelerado e meu corpo se sentia à beira de tudo e mais alguma coisa. Desde então já dei outros beijos. Beijos de amigo. Todos de Harry. Todos durante nosso período curto de corte. Nunca beijei ninguém a não ser Harry.

Mas este beijo com Travis — é como acordar, nascer e perceber o que a vida é e o que ela pode ser. Me afogo nele, as ondas me puxando para baixo e me fazendo rodopiar como se eu nada fosse. Eu nada seria, mas ao mesmo tempo seria tudo.

O som da cerca estremecendo sob o ataque de Gabrielle nos separa. Ele encosta a testa na minha.

— Deveríamos contar a alguém — eu digo.

Ele concorda com a cabeça.

— Sobre ela — acrescento.

Ele sorri.

— Isso também — ele diz. Não consigo deixar de sorrir também.

Como as sementes adormecidas no chão, sinto como se finalmente eu estivesse florescendo. Me aquecendo. A alegria brota dentro de mim, se expandindo por todo o meu corpo. Pus de lado com esforço o horror de descobrir que Gabrielle se transformou em uma Esconjurada, empurrei-o bem para dentro de mim para que ele não estrague a alegria deste momento.

— Eu sou mais rápida que você — digo a ele. — Vou correndo contar aos Guardiões. Eles vão querer saber — hesito. Penso nas minhas promessas a Cass, à Irmã Tabitha, a Harry e a mim mesma. Penso no que significa manter essas promessas, em tudo que estarei abrindo mão. Tentei seguir as regras da aldeia, as leis da Irmandade, e elas não trouxeram nada a não ser confusão, mistério, mentiras e dor.

Achei que poderia deixar Travis ir. Achei que poderia viver contente. Mas isso foi antes de ele me dizer que acreditava num mundo fora das cercas. Antes de eu perceber que ele foi criado com histórias de algo melhor ao nosso redor, de algo mais.

Em pé aqui encarando Travis, sentindo o gosto dele nos lábios, decido jogar tudo para o alto. Vou enfrentar a ira de Cass, Harry e Irmã Tabitha com Travis ao meu lado.

— Você virá me buscar?

Eu sei que estou pedindo a ele para trair seu irmão, para perturbar o equilíbrio da aldeia e magoar minha melhor amiga. Mas nada disso me interessa mais. Estou disposta a jogar tudo fora por ele.

Ele sorri, passa o dedo sobre meus lábios como uma promessa e, com o som de Gabrielle puxando a cerca se desvanecendo atrás de mim, viro-me de volta para a aldeia, a fim de buscar os Guardiões.



XI

Durante os dois dias seguintes desde que conversamos na colina, tenho esperado Travis vir me buscar. Ando de um lado para outro dentro do meu quartinho de pedra na Catedral, forçando o ouvido para tentar escutar a voz dele ecoando corredor abaixo, mas tudo o que ouço é o silêncio. Sempre que me encontro finalmente sozinha e consigo me afastar do infinito rol de tarefas e festividades, corro para a colina. Esperando encontrá-lo lá. Esperando que ele tenha encontrando um jeito de ficarmos juntos.

Mas todas as vezes que chego lá não encontro nada a não ser o vento nas árvores. Os gemidos dos Esconjurados vindo da Floresta. Os Guardiões aumentaram o número de patrulhas da cerca, e eu me sento para observar enquanto eles andam de um lado para o outro, olhando para a Floresta, em

busca de Gabrielle.

Às vezes vejo Jed lá no meio deles e quero correr até ele para lhe dizer tudo o que sei sobre Gabrielle. Dizer a ele que ela veio do Lado de Fora. Mas fico quieta porque os Guardiões servem às Irmãs e tenho medo de que Jed não guarde meu segredo. De que a Irmã Tabitha descubra que eu sabia sobre Gabrielle e me jogue na Floresta.

Harry, que agora é aprendiz de Guardião, me conta que a Veloz, como a estão chamando, desapareceu na Floresta. Que às vezes ela aparece e se joga contra as cercas, e que é tão feroz que os Guardiões não conseguem matá-la.

A existência dela empanou o brilho do Festival do Éden. Alguns aldeões temem que os Esconjurados estejam mudando, se adaptando, e que a Veloz seja evidência de uma nova raça que irá nos matar a todos.

A Guilda de Guardiões e as Irmãs tentam abafar o pânico que já começa a crescer, nos dizendo que os Esconjurados rápidos não são novos. Em um de nossos eventos, a Irmã Tabitha aparece, ladeada pelos dois Guardiões de mais alto posto. Os aldeões se aglomeram diante dela, segurando bem seus filhos, olhos atentos na direção das cercas. O ar está denso com o medo deles, e posso sentir meus músculos se tensionarem com todo esse estresse.

— O conhecimento dos Esconjurados rápidos tem sido transmitido de geração para geração dentro da Irmandade desde o Retorno — ela diz, em pé ali parada com os braços ao lado do corpo, a túnica preta longa drapejando ao redor de seus tornozelos ao vento da tarde. — Os Velozes são ferozes, raros e devastadores. Eles sempre existiram e Deus abençoou esta aldeia fazendo com que eles não viessem nos incomodar aqui — ela me olha de esguelha ao dizer isso, como se de algum modo eu fosse a culpada pela presença de Gabrielle.

— Não sabemos o que faz com que eles sejam diferentes, o que faz com que eles sejam rápidos. Mas o que sabemos é que eles se desgastam rapidamente, destruindo seus corpos, e que logo tudo vai voltar ao normal. Os Guardiões dobraram suas patrulhas e tiraram homens dos campos para auxiliar nas vigílias da aldeia. Esta ameaça logo vai passar, ou com os

Guardiões matando a Veloz ou com. a Veloz morrendo por desgaste.

— Até lá, nossa única opção é continuar nossas preces a Deus e pedir Seu perdão e Sua bênção.

A Irmã Tabitha nos guia a todos em oração e desce da plataforma para deixar que as comemorações do Festival do Éden e da Festa dos Votos continuem. Mas eu posso ver nos rostos de todos que eles não estão seguros, têm medo desta nova raça de Esconjurados. A dança perde a graça. As celebrações terminam mais cedo. As pessoas trancam suas casas à noite, se preparando para o pior.

Não consigo deixar de imaginar que outras informações elas estão escondendo de nós. Que segredos as Irmãs mantêm trancados em sua Catedral. O que elas sabem sobre a criatura que foi Gabrielle, que um dia foi uma garota como eu.

Meus pensamentos se voltam constantemente para o dia em que a Irmã Tabitha me levou até o túnel subterrâneo e à clareira na Floresta. Será que a mesma coisa poderia ter acontecido com Gabrielle? Quero correr até a Irmã Tabitha e perguntar a ela o que ela fez, como isso aconteceu. No começo fico calada porque tenho pavor de acabar como Gabrielle, e depois outras preocupações começam a tomar conta de mim: será que havia alguma coisa que eu poderia ter feito para salvá-la? Será que eu poderia ter me revelado? Procurado com mais afinco? Será que eu fui a responsável pelo destino dela?

Finalmente, minha curiosidade se torna demasiada e eu preciso saber o que aconteceu — o que fez com que ela se transformasse em uma criatura tão rápida e poderosa, diferente de qualquer outro Esconjurado que já conheci.

Nos poucos dias que restam antes de minha Amarração a Harry, começo a andar sorrateiramente ao redor da Catedral enquanto realizo minhas tarefas. Paro do lado de fora de portas fechadas, ouvindo conversas entre as Irmãs mais velhas, as que suponho que sejam as guardiãs dos segredos.

Mas não descubro nada importante. Frustrada, percebendo o tempo se escoando diante dos meus olhos, começo a explorar áreas proibidas. Testo os

limites da Irmandade, da Catedral. Sabendo que, se for apanhada, eu também posso ser atirada na Floresta para seguir as pegadas de Gabrielle.

Mas não ligo para minha irresponsabilidade. Pois cada dia que passa é outro dia que Travis não vem para mim. Que fico mais desesperada para compreender o que aconteceu. Que preciso saber tudo: por que estamos aqui, quem são as Irmãs, o que provocou o Retorno.

Perguntas que nunca nos permitiram ponderar. Cujas respostas nos proibiram procurar.

Estou explodindo com esses pensamentos dentro da minha cabeça. Quando me ajoelho em serviços ou vou às comemorações da Festa dos Votos, sinto-me como uma rebelde tentando encontrar um jeito de passar por cima das Irmãs, contemplando possibilidades de tapeá-las. De como obter acesso aos recessos proibidos da Catedral.

E, no entanto, quando minha última noite sozinha chega, a noite antes da minha cerimônia de Amarração com Harry, percebo que não descobri nada. Não tenho nada para ligar as Irmãs ao retorno de Gabrielle. Não encontrei nada para mostrar a cumplicidade delas. Eu me sento na beira da cama, agarrando minha camisola com força nas mãos, e olho pela janela aberta. Fico olhando para a Floresta e me perguntando se entendi tudo errado — se minhas perguntas não valeram de nada.

Me perguntando se as Irmãs estão certas e se o caminho delas é o único. Se a verdade delas é a única. Se a nossa aldeia é a única que restou no mundo. Me perguntando se minha mãe estava errada e o oceano não existe.

Trinco meus dentes, com vontade de gritar de frustração e confusão. Não consigo entender absolutamente nada!

Minhas pernas queimam de antecipação e eu salto da cama para andar de um lado para outro dentro do quarto. Ao meu redor, a Catedral está se acomodando silenciosamente para a noite. Minha mente entra em guerra contra si mesma, me ordenando a sair do meu quarto para uma última busca e em seguida me mandando ficar quietinha onde estou. Não tentar o destino e a ira das Irmãs e esperar que Travis venha e me busque como prometeu.

Mas aí penso em Gabrielle lá fora, se dilacerando contra as cercas. Me pergunto se minha mãe também estará lá. Se ela de algum modo sabe as respostas que estou procurando agora que está do outro lado.

Não me dou ao trabalho de acender minha vela quando saio do quarto. Não me dou ao trabalho de tentar escutar atrás das portas quando atravesso a Catedral, me esgueirando ao longo das paredes até descer bem de mansinho os degraus empoeirados que dão para o porão. Na minha cabeça estou seguindo a Irmã Tabitha, lembrando-me do dia em que ela me trouxe aqui para baixo, a um lugar que eu nunca soube que existia, para me ensinar sobre escolhas. Estou me lembrando de como aprendi pela primeira vez que a Irmandade vinha guardando segredos.

O ar fica mais frio e úmido à medida que vou chegando ao final das escadas e deslizo os pés descalços pelas pedras irregulares do chão. Não há luz e eu tateio para bater minha pederneira a fim de acender minha vela. Sua chama fraca mal ilumina minha mão trêmula e a luz se apaga rapidamente na escuridão espessa ao meu redor.

Com minha mão livre, tateio à procura das prateleiras vazias que, conforme a Irmã Tabitha explicou, costumavam conter garrafas de vinho e barris de fermentação. Ouço um ruído de pregos afiados arranhando madeira velha e fico paralisada, sentindo meus cabelos começando a arrepiar.

Quando tudo o que consigo ouvir é o som rascante da minha própria respiração, continuo a tatear pelo caminho até que, com a pancada seca do meu dedão na parede, encontro o canto da parede oposta às escadas. Puxo para o lado a cortina pesada que esconde a porta, me arrastando para trás dela e sentindo a poeira cobrir minha boca e meu nariz. E, finalmente, sinto as tábuas toscas de madeira da porta que dá para o túnel que me levará para a Floresta.

A trava não se mexe, e de repente não sei bem o que eu esperava encontrar aqui embaixo. Talvez eu estivesse esperando que a Irmã Tabitha tivesse deixado a porta destrancada. Talvez eu estivesse, torcendo para que a porta se abrisse por obra e graça da minha pura força de vontade.

Em vez disso, descanso a cabeça contra a madeira, pressionando a orelha contra ela como se pudesse ouvir alguma coisa do outro lado. Como se a própria porta pudesse sussurrar seus segredos para mim. Penso em tudo o que essas paredes já viram e me pergunto como era aqui quando o Retorno aconteceu. Será que eles sabiam o que estava por vir? Estariam preparados? Será que esta aldeia sequer existia antes do Retorno, ou foi criada como santuário? Como um refúgio oculto do mundo?

Mas as paredes não me dizem nada, não traem seus segredos e tudo ao meu redor é silencioso — minha própria respiração abafada pela cortina me separa do resto do aposento. A falta de sono faz meus olhos arderem, meus braços e pernas pesarem. Quero ficar para sempre aqui no casulo que é este lugar. Não quero ter que encarar Harry. Não quero ter que me perguntar se Travis virá me buscar. Não quero ter que concordar com as Irmãs, que reconhecer que estou errada a respeito delas.

Percorro com as mãos as faixas metálicas enferrujadas que seguram as tábuas da porta, testando para ver se encontro alguma fraqueza que sei que não existe. Corro os dedos sobre as dobradiças, lubrificando minha pele com a graxa que elas usam na Catedral para evitar que as portas ranjam.

Subitamente, tudo o que quero é minha cama. Desfrutar de minha última noite sozinha antes de ser amarrada a Harry. Minha última noite para aproveitar e deixar que Travis me puxe para o mundo dos sonhos. Afasto-me da porta, empurro a cortina de volta, limpo os dedos ao longo de sua superfície engordurada quando me dou conta de como passar. Como obter acesso ao túnel e aos quartos ocultos mais além.

Fico instantaneamente alerta quando passo a vela pelo piso aos meus pés. Sua chama parece pulsar junto com as batidas do meu coração, as sombras chapadas que lança ao meu redor tremeluzem nas beiradas. Meus dedos tremem quando os passo ao longo das prateleiras de madeira, testando a fraqueza delas. Por fim, meu dedo sente as lascas de uma tábua partida e eu a agarro firme, torcendo a madeira até ela estalar e quebrar, deixando nas minhas mãos uma prancha comprida e estreita.

Continuo vasculhando as prateleiras até encontrar outro pedaço grosso de madeira para servir de marreta improvisada e em seguida vou refazendo meu caminho de volta até a porta oculta. Enfio a lasca de madeira contra a cabeça do pino que segura as duas abas da dobradiça e começo a martelar a ponta com o outro pedaço. Mantenho a cortina bem enrolada nos meus ombros, torcendo para que isso abafe o som das minhas marteladas.

No começo o pino se recusa a ceder e preciso bater com mais força, até que estou atingindo a marreta contra a lasca de madeira com toda a minha força; já não estou mais dando a mínima para os ecos que crio ao meu redor.

Consigo sentir o pino escorregar do tubo, começar a bambolear. Eu o puxo com os dedos, usando a bainha da minha camisola para conseguir segurar melhor o metal escorregadio. Com um puxão final ele se solta, caindo ao chão com um som metálico agradável. Sem hesitar, começo a trabalhar na outra dobradiça, na parte de baixo da porta.

Minha camisola começa a colar nas minhas costas, se prendendo na minha pele com suor depois que soltei o outro pino e a porta não está mais presa à parede pelas dobradiças. Quero gritar de satisfação, mas apenas enxugo a testa com o braço e estico as costas enquanto avalio o progresso que fiz.

Embora a porta ainda esteja fechada pela tranca num dos lados, está livre no outro agora que desmontei ambas as dobradiças. Respirando bem fundo, enfio os dedos pela fenda estreita embaixo da porta e puxo até a porta se abrir levemente. Vou raspando a abertura estreita até puxá-la o bastante para conseguir passar por entre ela; agora que não tem mais as dobradiças para equilibrá-la no seu lugar, a madeira pesada quase cai para o lado.

O ar é úmido, bolorento, e minha própria respiração parece uma ventania para os meus ouvidos. Faço um grande esforço para ouvir na escuridão além da luz fraca da minha vela, com um pavor súbito de que possa haver alguma coisa ou alguém aqui embaixo. Quase me convenci de que posso ouvir cada bicho da terra atravessando o solo na minha direção até me lembrar da mesinha com velas ao lado da porta dentro do túnel. Acendo

todas elas, meu corpo estremecendo de alívio à medida que o pequeno círculo de luz ao meu redor vai crescendo.

Todo o meu corpo treme agora e se é de medo ou por causa do suor que encharca minha camisola fina eu não sei. Queria que Travis estivesse ao meu lado, alguém para segurar a minha mão, para afastar os terrores da minha imaginação. Tenho pensado neste túnel e nestes aposentos há tanto tempo e agora que estou aqui não quero seguir em frente.

Não sei mais se quero saber a verdade. Saber o que está escondido aqui em baixo.

Com a vela estendida à minha frente, eu me forço a avançar, a terra batida do chão macia para os meus pés descalços. Passo pelas estantes de vinhos e me lembro da Irmã Tabitha me contando a história deste prédio. Acompanho a curva do túnel para a esquerda e paro na frente da primeira porta.

A madeira é mais fosca do que me lembro, a abertura menor. Passo os dedos pelas lascas ao redor das bordas. Eu havia me esquecido dos parafusos de metal enferrujados enterrados na rocha, mantendo as portas trancadas, e quase solto um grunhido de alívio e frustração. Bato na madeira, e, quando não ouço nada em resposta, bato com mais força.

Eu me sinto como uma vizinha que entra chamando e isso me faz começar a rir feito boba; o som ricocheteia nas paredes de pedra e ecoa loucamente ao meu redor. O ruído é dissonante para meus ouvidos e me provoca arrepios na espinha.

Tentando respirar mais calmamente, coloco a vela no chão, sentindo falta da luz e do calor no mesmo instante. Meu corpo pulsa com cada batida do coração e minhas mãos cocam de medo. Pego um parafuso com cada mão, puxando um para cima e para trás enquanto empurro o outro para frente e para baixo.

Ouçõ um clique e depois um ranger quando os parafusos deslizam se soltando, e a porta subitamente se abre.

Uma rajada de ar sopra subitamente do aposento aberto, apagando a

vela aos meus pés e me jogando na escuridão.

O pânico toma conta de mim rápido e avassalador, e eu cambaleio para trás até empurrar a parede atrás de mim; meus pés escorregam. Imagino que estou sentindo mãos segurando meus tornozelos e mordo a língua para não gritar. Levanto-me do chão, tropeço e bato na parede, ouvindo o som de garrafas caindo das prateleiras e se quebrando ao meu redor.

Cega, eu corro. Atrás de mim, ouço o som de tecido se rasgando, o gemido de madeira contra metal. Tropeço e caio, sentindo dor quando bato em degraus de madeira e percebo que tomei a direção errada túnel abaixo. O salão cavernoso sob a Catedral fica do outro lado e agora estou embaixo da floresta. Por um segundo penso em correr de volta pelo túnel, de volta à Catedral, mas a escuridão é muito grande. Espessa demais.

Subo as escadas até ficar entalada na porta de madeira que leva para o andar de cima e não consigo prosseguir. Eu tento sair me empurrando e me enroscando como uma bola, colocando as pernas contra o peito. Minha respiração sai do corpo em espasmos, como soluços. Tampo a boca com a mão, mas isso não consegue fazer nada para abafar o ruído, o silvo agudo do meu corpo procurando ar.

Tento prender a respiração e escutar o silêncio ao meu redor, entre batidas do coração que fazem meu corpo inteiro pulsar. Ouço o som de líquido gorgolejando das garrafas de vinho quebradas. Mais nada.

Uma dor aguda perfura meu pânico e com mãos trêmulas puxo uma lasca de vidro da lateral do meu pé direito. Minhas bochechas estão molhadas de lágrimas. Eu não quero estar aqui.

Não quero nada disto. Não estou mais dando a mínima para Gabrielle, nem para as Irmãs, ou Harry, ou Travis. Não estou mais dando a mínima para nada no mundo.

Imagino que estou abrindo a porta de madeira pesada acima de mim e saindo de fininho para a clareira. Imagino que estou caminhando lentamente na direção das cercas, meu vestido branco esvoaçando ao redor dos meus tornozelos como se eu estivesse flutuando. Imagino minha mãe

esperando lá do outro lado.

Deixo que os soluços me assolem então. Não foi assim que imaginei a minha vida. Agachada, suja e aterrorizada dentro de um túnel secreto embaixo da Catedral na noite anterior da minha Amarração a um homem a quem não amo. Quando criança, eu sonhava com o amor, a luz do sol e um mundo além da Floresta. Sonhava com o oceano, um lugar intocado pelo Retorno.

E subitamente me pergunto que direito temos de crer que nossos sonhos de infância se realizarão. Meu corpo dói com essa descoberta. Com essa verdade. E como se eu cortasse alguma coisa importante de mim. A perda é quase devastadora. Quase o bastante para me fazer desistir.

É como se os meus ossos não pudessem mais sustentar meu corpo. Como se eu não fosse nada mais que sangue, lágrimas, medo e arrependimento, escorregando para dentro do mundo ao meu redor. Percebo que tenho três escolhas: encontrar um caminho pela porta acima de minha cabeça e entrar na Floresta sozinha, ficar aqui até a Irmã Tabitha me encontrar e me mandar para a Floresta, ou terminar o serviço que comecei e retornar à minha vida.

Afasto-me das escadas. Me forço a descer até o corredor que é tão escuro que é como nadar em água negra espessa. Sinto a terra úmida sob meus pés, o cheiro do vinho velho, amargo e azedo, grudando no fundo da minha garganta. Meu corpo fica tenso quando passo pela porta recém-aberta na escuridão, perco o fôlego quando imagino mãos me agarrando de dentro do quarto e não resisto mais à tentação de correr até que, ao virar a esquina no túnel, vejo o pequeno farol de luz formado pelo restante das velas ao lado da porta para o porão sob a Catedral. Agarro duas e refaço meus passos, seguindo meu caminho por entre os cacos de vidro, a luz das velas se reflete nas pontas afiadas.

Hesito em frente ao quarto, minha luz não penetra além do limiar. Ainda há tempo de recuar. De limpar as garrafas de vinho quebradas, substituir as dobradiças da porta e voltar para a cama, fingindo que esta noite

não passou de um sonho.

Em vez disso, respiro fundo e me forço a seguir em frente.



XII

O quarto é minúsculo, o teto baixo. Há um catre encostado na parede do lado oposto da porta, coberto com uma colcha de retalhos velha e meio descolorida. A minha direita, uma mesinha estreita, em cima dela um livro grosso que só pode ser a Escritura, cercada por velas apagadas. Do outro lado do quarto, há uma enorme tapeçaria pendurada na parede, as palavras sagradas da Escritura tecidas nela, um travesseiro fino e muito usado descansando logo abaixo para a pessoa se ajoelhar e rezar. No centro do quarto, um tapete de crochê redondo que parece ser feito de túnicas velhas da Irmandade cobre o chão.

Fico perplexa com a simplicidade do lugar, como se fosse o quarto de qualquer outra irmã na Catedral. Como se fosse um espelho do meu próprio

quarto no andar de cima. Avanço mais para dentro do cômodo, meus passos abafados pelo tapete. Passo um dedo pelo tecido macio da tapeçaria, me perguntando quantas outras mãos tocaram estas palavras, buscaram consolo em sua presença. O travesseiro no chão tem as marcas dos muitos joelhos que nele se apoiaram por horas.

Sento-me na cama e ela range levemente sob meu peso, perturbando o silêncio quase de sonho ao meu redor. Puxo os pés para cima e me deito, imaginando quem foi a última pessoa a dormir aqui. Gabrielle? Travis, quando estava tão doente? Uma Irmã enfrentando algum tipo de castigo?

Inquieta, louca por respostas, vou até a mesinha estreita e acendo as velas que cercam a Escritura. Embora eu esteja encarando o livro grosso com sua encadernação rachada, meu olhar perde o foco, meus pensamentos se voltam para dentro. Distraída eu o abro e começo a folhear, virando as páginas com rapidez, o som delas lembrando o farfalhar das folhas de outono caindo ao chão. Mas não estou olhando para as palavras escritas na página, estou olhando além delas, perdida em meu próprio mundo.

Até perceber que as palavras nas páginas parecem erradas. Que as páginas propriamente ditas estão espessas demais de tanta escrita. Inclino-me mais para perto e constato que todas as margens, cada espaço em branco em cada uma das folhas, está tomado por uma escrita comprimida. As palavras são tão pequenas que mal consigo entendê-las, a tinta do outro lado da página lança sombras, tornando as palavras basicamente indecifráveis.

Volto para a primeira página e luto para entender a grafia críptica, tinta azul sobre o papel vegetal — finas páginas amarelas. No princípio, ela dizia, não entendemos a extensão do que aconteceu.

Puxo uma vela mais para perto, mas não consigo entender o resto do escrito. Volto a folhear o livro, observando a mudança da grafia, a tinta ficando preta, mais espessa e mais difícil de compreender.

E então a escrita para no meio da Escritura. Subo a página com o dedo para ver o que foi escrito por último: Conforme esperado, o extremo e completo isolamento foram a causa da imensa força e velocidade dela. Deus

nos ajude a todos, vamos mandá-la para a Floresta para ver o quanto ela dura, para melhor compreendê-la. É por intermédio do sacrifício dela que ficamos mais forte. É por intermédio da glória Dele que sobrevivemos.

Não percebo que estou prendendo a respiração até sufocar, pedindo ar. Meu corpo treme, minha mente rodopia. Não consigo engolir o suficiente para evitar que as lágrimas borrem minha visão. Forçando-me a me afastar da mesa e tropeçando no tapete atrás de mim, caio contra a porta, o que faz com que ela se feche. O som da batida ecoa pelo corredor escuro.

Estou presa. Tudo dentro de mim grita e eu estou novamente sem ar. O pânico me consome e então, por hábito e um senso de segurança, passo os dedos pelo ponto ao lado da porta onde estaria a Escritura, onde as Irmãs escavaram as palavras no interior e no exterior de cada porta da aldeia. Normalmente o ponto é liso por conta das tantas mãos que o tocam diariamente, mas aqui a madeira do limiar ainda está áspera e isso me traz de volta para o momento presente.

Olho mais de perto para as palavras e percebo que não são citações da Escritura, mas uma lista de nomes. E no final está escrito Gabrielle, as marcas na madeira ainda fundas e recentes.

Subitamente, o vento ao meu redor muda, quase como um estalo no ar. Como se uma corrente de ar sutil tivesse sido introduzida no minúsculo quarto. Meu corpo formiga com o medo de que eu possa de algum modo ser apanhada. De que meu destino venha a ser igual ao de Gabrielle.

Puxo a porta e uma fresta se abre. O alívio de que ela não tenha se trancado me invade e dou uma espiada discreta no corredor. O cheiro ainda está bem forte por conta das garrafas de vinho quebradas. Não faço ideia de quanto tempo fiquei aqui embaixo. Estou desesperada para ler mais, mas sei que fazer isso trará o risco de me encontrarem.

Penso na possibilidade de levar a Escritura comigo, mas não tenho onde escondê-la. Saio de fininho do quarto, fechando e travando a porta atrás de mim. Limpo o chão das garrafas quebradas o melhor que posso, empurrando as lascas maiores de vidro para trás das estantes nas paredes. Então, com a

promessa de voltar, vou até a porta oculta e apago com as pontas dos dedos o pavio de cada vela em cima da mesa, mergulhando o túnel na escuridão quando saio. Os pinos bem engraxados deslizam facilmente nas dobradiças da porta, sem deixar provas de que estive aqui.

Quando fujo do porão, vejo pelas janelas um tom bem suave de rosa irrompendo no horizonte. Volto de mansinho ao meu quarto e visto minha túnica. Acendo a lareira e jogo minha camisola suja nas chamas que sobem. Depois de amanhã não vou mais precisar dela mesmo.

Fico em pé na frente da janela aberta ao lado da minha mesa, deixando o ar frio da manhã de primavera me lavar, purificar o cheiro de almíscar e vinho estragado do meu corpo. Olho para as cercas depois do cemitério, deixando que meus olhos percam o foco até que a Floresta não passe de uma mancha verde, os Esconjurados pontos sem cor, a cerca algo inexistente.

Mais nada na vida está claro para mim agora. Nada faz sentido e eu não sei como consertar as coisas.

Amanhã é minha Amarração com Harry. Hoje é a última chance para Travis vir me buscar. As celebrações irão recomeçar esta tarde. Mas por ora eu tenho este tempo só para mim, saio de fininho da Catedral e dou a volta na aldeia que está começando a despertar até voltar à colina.

Ao invés de olhar para a Floresta, para as margens do meu mundo, hoje olho para a aldeia lá embaixo. Para os chalés e casas aglomerados contra a terra que começa ao pé da colina e se espalha na direção da Catedral de cada lado da aldeia. A Catedral é uma forma imensa, suas alas se abrem como asas. Atrás da Catedral fica a visão familiar do cemitério e a pequena queda até o riacho onde Harry e eu demos as mãos no dia em que minha mãe foi infectada. Espalhadas ao longo do caminho estão as plataformas montadas nas árvores, com bons estoques e prontos para nos refugiarmos lá se acontecer uma brecha.

A cerca envolve tudo, elos altos e interligados nos mantendo eternamente a salvo. Penso em como são frágeis essas cercas, como as vinhas gostam de se enroscar ao redor delas durante o verão, causa de eterno

trabalho para os Guardiões que estão sempre patrulhando, sempre fazendo consertos e reparos.

Me surpreendo ao ver como algo tão delicado, como metal trabalhado, nos mantém aprisionados neste mundo. Impedidos de avançar pelos Esconjurados, mas também pelos nossos sonhos. O sol desliza pelo céu, por um breve instante reluzindo nas cercas que protegem o caminho além do portão perto da Catedral.

Passo a manhã pensando em como, juntos, Travis e eu podemos fazer tudo dar certo. Continuo a subir até o alto da colina, esperando que Travis venha me buscar, o tempo escoando ao meu redor como água sobre uma rocha.

Quando chega a hora de me preparar para a cerimônia de Amarração naquela noite, me sento na cama no pequeno chalé perto da Catedral que irá se tornar meu e de Harry assim que nossa união estiver completa amanhã. Minhas mãos estão inertes sobre meu colo quando percebo que Travis talvez não venha nunca me buscar, afinal.

Batidas à porta fazem meu coração dar um pulo e bater acelerado no meu peito. Levanto-me, torcendo para que seja Travis. Sabendo que esta é a nossa última chance. Que assim que a Amarração começar, eu terei que me entregar a Harry ou cancelar a cerimônia.

E cancelar a cerimônia significa me entregar à mercê das Irmãs. Implorar que elas me deixem voltar às suas fileiras, ainda que isso signifique não ser nada além de uma serviçal para elas. Uma mulher de nossa aldeia não recebe segunda chance no casamento.

Passo as mãos sobre o tecido branco que cobre minhas pernas, para alisá-lo. Minhas mãos tremem quando vou até a porta. Meu estômago dói e todo o meu corpo é inundado por ondas de medo, esperança e alegria.

A luz do lado de fora é o último suspiro do dia, por um instante penso que é Travis e que minha vida finalmente começou a dar certo. Que eu finalmente entendo onde me encaixo neste mundo.

E então ouço o farfalhar de saias quando a Irmã Tabitha passa pela

porta e entra abruptamente até o meio do quarto. Ela se vira para me encarar, me olha de alto a baixo com seus olhos aguçados.

— Eu vim prepará-la para a Amarração — ela diz. — Para dar a você a bênção da Irmandade.

Eu quero desabar ali mesmo, desaparecer até que não sobre nada além de um montinho vazio no chão. Fico zonza, minha visão escurece. Minha garganta queima e quero gritar e chorar. Mas me recuso a permitir que a Irmã Tabitha veja isso, então levanto bem a cabeça, fecho a porta e me seguro colocando a mão na parede.

Estamos sozinhas no pequeno chalé de um quarto que irá abrigar Harry e eu, até termos filhos e precisarmos de mais espaço. Pensar em ter filhos com Harry cai como uma pedra na minha cabeça.

Nos últimos dias eu já havia começado a imaginar como seriam os filhos que teria com Travis, como eles fechariam suas mãozinhas no meu dedo. Já havia sonhado uma vida inteira para Travis e eu. Agora aquela era a única vida que viveríamos juntos — a vida nos meus sonhos.

A Irmã Tabitha e eu nos encaramos frente a frente, nossas costas rígidas, até que ela dá um sorriso bem pequeno, soltando a respiração como se fosse dar uma risada.

Ela balança a cabeça.

— Existem coisas que devemos aceitar neste mundo, Mary. Coisas que podem não fazer sentido para nós agora, mas às quais precisamos aderir. Que precisamos manter sacrossantas se quisermos ter esperança de perseverar.

Ela caminha até a cama estreita e coloca uma cesta em cima da colcha de retalhos branca. Começa a retirar o conteúdo dela sem parar de falar.

— Os Esconjurados, por exemplo. Nós não os compreendemos. Só sabemos que eles sentem fome. Mas nós os deixamos em paz. Ninguém nesta aldeia sequer se importa em questionar mais a existência deles, embora eu tenha certeza de que nossos ancestrais perderam muito tempo fazendo isso.

Ela coloca sobre a cama uma corda trançada branca de aspecto delicado e depois tira a Escritura de dentro da cesta. Enrola a corda ao redor do livro

enquanto continua seu discurso.

— É a mesma coisa com o casamento. Nossos ancestrais sabiam que, para sobreviver, precisávamos perseverar. Eles sabiam conservar linhagens sanguíneas fortes. Sabiam que criar cada nova geração era a tarefa mais importante além de manter a aldeia segura e alimentada.

Ela traz a Escritura encadernada até a mesinha no meu lado do quarto e a põe ali em cima. Então se vira para a lareira e atiza as brasas enquanto adiciona gravetinhos de lenha seca até que os troncos começam a estalar.

As chamas devoram a casca, fazendo com que se curve em tentáculos de bordas vermelhas, mas o calor não consegue penetrar em mim, não consegue me aquecer.

— Existe uma coisa que você precisa saber a respeito de sua mãe, Mary — ela diz, ajoelhando-se à beira da lareira. — Você deveria saber que ela perdeu filhos.



XIII

Luto para manter a passividade do meu rosto, engolindo o susto. Só consigo pensar no meu irmão e eu quando éramos novos, sentados perto da minha mãe e do meu pai na frente do fogo. Ouço a cantiga de ninar que minha mãe costumava cantar para nós à noite.

Estou em guerra comigo mesma. Ao mesmo tempo precisando desesperadamente saber mais e me detestando por ceder à Irmã Tabitha. Por dar o que ela quer, a minha obediência a ela. A superioridade dela.

— Quando — é tudo o que digo. Engulo em seco, limpo a garganta. — Quando minha mãe... — não consigo terminar, com medo de fechar esta lacuna entre a vida de minha mãe e a minha própria.

— Antes de você — ela me diz. — E depois de você — não consigo ver os olhos dela, mas me pergunto se existe simpatia ali. Se ela está triste pelos bebês que minha mãe perdeu e se sente-se inútil por não ter conseguido impedir isso, muito embora ela seja a curandeira entre nós.

Por um momento é como se a Irmã Tabitha e eu estivéssemos ligadas pela tristeza de minha mãe.

Ela se levanta e então se vira para mim.

— Muitas, muitas vezes. Tantas que parecia que não era para você ter nascido.

Qualquer simpatia que eu pudesse ter tido pela Irmã Tabitha se acaba ali, o som dos gemidos de minha mãe no dia em que ela se transformou invadem meus ouvidos aos gritos. Ele me invade como uma onda até que começo a sentir enjoo, sentir que é impossível para mim estar neste quarto, estar perto desta mulher.

Mas não arredo pé dali, não quero deixar que ela veja o efeito que provoca em mim. Ela caminha até a mesa e põe as mãos sobre a Escritura. Então se encaminha até onde estou.

Os olhos dela encontram os meus quando pega a minha mão direita. Então ela desenrola a corda da Escritura e começa a enrolá-la ao redor do meu pulso. A cada círculo completado ela dá um nó complexo e me força a repetir Votos de Fidelidade. Por três vezes repetimos isso, três círculos de corda, três nós, três votos.

A cada volta, cada nó, cada palavra, eu sinto que estou ficando cada vez mais longe de Travis, e preciso morder os lábios para não chorar.

— Agora você é uma mulher Amarrada, Mary. E você tem um dever para com seu marido, para com Deus e com esta aldeia. Está na hora de fazer valer esse dever, Mary. Está na hora de parar de brincar perto das cercas. Não há nada lá fora. Sua mãe descobriu isso da maneira mais difícil e era de se esperar que você já tivesse aprendido sua lição com ela.

Tento puxar meu braço de volta, mas ela segura meu pulso com firmeza.

— Eu fiz tudo o que sabia para ajudar você, Mary. Ensinei a você sobre

nosso Senhor. Mas você não se contentou. Procurei um marido para você. Mas você não está feliz. O que vai ser preciso, Mary? Será preciso que aconteça a destruição desta aldeia para você encontrar a felicidade? Para que você se contente com a vida que lhe foi dada?

Os olhos dela são uma tempestade de verão. O suor pinica a minha pele e escorre pelas minhas costas, transpirando pelo tecido fino da minha camisola.

Sinto a respiração dela no meu rosto e tento me afastar, mas a parede me impede de continuar recuando.

— Reze a Deus, Mary — ela continua. — Reze para que Ele lhe traga misericórdia e lhe dê um filho, uma maneira de amar algo que não seja você mesma — ela balança a cabeça enquanto fala, a voz agora reduzida a um murmúrio. — Foi o que sua mãe fez, Mary. Como você acha que ela acabou engravidando de você?

Eu quero esbofeteá-la, atacá-la com toda a fúria, dor e ódio dentro de mim, que me consomem. Mas não posso. Porque, subitamente, não é a Irmã Tabitha que desprezo, mas a mim mesma. Nunca me ocorreu que minha mãe tivesse tido alguma dificuldade para me conceber. Nunca questioneei a facilidade com a qual supus que havia entrado em sua vida.

Fico chocada com a percepção do meu próprio egoísmo, em saber que essa mulher à minha frente tem mais conhecimento sobre a minha mãe do que eu sempre soube ou jamais saberei. Todas as histórias que minha mãe me passou inundam minha mente ao mesmo tempo. Jamais imaginei por que minha mãe me contava essas histórias. Jamais me perguntei o que essas histórias significavam para ela.

Jamais me perguntei no que minha mãe acreditava. Que tipo de vida minha mãe vivia na minha idade. Sinto uma falta tão dolorida dela neste momento que quero me fechar para dentro de mim mesma com vergonha e saudade.

A Irmã Tabitha está para falar mais quando ambos ouvimos uma batida à porta. Meu coração quase para. Travis, eu penso. Ele finalmente veio me

buscar. Meu rosto está tão perto do da Irmã Tabitha que posso ver o suor que brota da pele dela. Por um momento eu me pergunto se ela pode ouvir o que estou pensando, se ela pode sentir a maneira como meu corpo formiga em expectativa. Ela volta a sorrir, bem de leve, e recua. Harry entra no quarto e quero chorar quando o vejo ali, as bochechas rosadas por causa do ar noturno, os cabelos úmidos e começando a encaracolar sobre as orelhas.

Olho para a porta atrás dele nas últimas luzes do cair da noite, esperando vislumbrar Travis, torcendo para que ele esteja ali fora esperando logo na entradinha. Meus olhos vasculham cada sombra, mas não há nada — o mundo está vazio. E então, com um clique, a porta se fecha.

Nos braços, Harry carrega um cão preto que não aparenta ter mais de um ano, se contorce todo e parece ter um corpo cujas patinhas estão começando a brotar agora. O cão cai no chão, corre em círculos um pouquinho e depois volta e se sacode todo em cima dos meus pés, a cauda derrubando tudo o que está numa mesinha baixa ali perto.

— Um presente de casamento para você, Mary — diz ele, inclinando o rosto para baixo um pouco como se envergonhado.

Eu quero sorrir. Quero agradecer a ele. Mas, na minha cabeça, ainda estou olhando porta afora, esperando por Travis.

Harry estende o braço esquerdo. A Irmã Tabitha o pega e, deixando um comprimento de folga entre nós, amarra a outra extremidade da corda ao redor do pulso dele três vezes, completando a mesma série de nós e votos complicados que havia executado comigo.

Mantendo a mão ao redor do meio da corda que nos une, a Irmã Tabitha recita uma velha oração da Escritura. Ao acabar, diz:

— Vocês agora estão Amarrados — e então ela vai até a cama e puxa uma faca comprida de dentro da cesta que havia trazido consigo antes. Ela a coloca em cima da mesa, ao lado da Escritura. — Esta é a sua última chance de renunciarem um ao outro. Sua última chance de cortarem os laços entre vocês. Amanhã vocês farão seus últimos Votos da Constância Eterna — e então ela sai do chalé, nos deixando sozinhos.

Harry se vira na minha direção e eu mantenho os olhos no cachorro de aspecto estranho, que se enroscou todo à beira do fogo e está mordiscando um tronquinho fino que puxou de uma pilha ao lado da lareira. Harry estende a mão e tira algo da minha bochecha, estendendo para que eu veja, mas não consigo dizer o que é.

— Pestana — ele diz. — Faça um desejo e sobre-a para dar sorte.

A sinceridade da expressão dele me lembra de quando nós éramos crianças. De como costumávamos correr pelos campos logo depois de uma colheita quando o ar estava cheio de sol e do cheiro de vida. Naquele momento eu me lembro de uma tarde em que todas as crianças da aldeia estavam brincando, caçando umas às outras dentro do labirinto que nossos pais haviam cortado através do milharal.

Nos perdíamos e nos enroscávamos todos juntos no sol do fim de tarde como se não existisse mais nada no mundo que importasse além de serpentear por um caminho que não levava a lugar algum a não ser o meio de um campo. Quando achar o fim do caminho não era tão importante quanto a jornada para chegar lá.

Numa certa tarde, quando eu não podia ter mais do que oito anos, agarrei a mão de Harry e o puxei para dentro do labirinto comigo. Nós ríamos ao percorrer aos trancos os muitos caminhos, andando em círculos, descobrindo becos sem saída. E como tudo terminou em chuva, não o bastante para nos fazer sair do labirinto, mas o suficiente para matarmos nossa sede colocando as línguas para fora.

Como encontramos uma enseada que se desviava do caminho que era fácil de se perder, apenas uma pequena e estreita entrada que se abria para uma clareira pequena e redonda repleta de nada a não ser uma camada macia de trevos, como se aquele ponto nunca tivesse sido plantado ou nada nunca houvesse brotado ali.

Um ponto onde a chuva não caía e o sol não brilhava.

Eu me lembro de como Harry e eu seguramos as mãos um do outro e ficamos rodando em círculos até ficarmos tontos de tanto rir e rodopiar e

como caímos no chão, as pontas dos nossos dedos apenas se tocando.

Naquele exato momento o arco-íris mais incrível explodiu no meio da chuva e cobriu nossa pequena enseada de trevos. Tudo ao nosso redor era cor e luz, me lembro de como Harry virou sua cabeça na minha direção e como virei a minha na direção dele e como ele disse:

— Para dar sorte, Mary. Para nós. Para sempre.

A paixão nos olhos dele naquela idade, ainda menino, é a mesma que vi em Travis. A mesma que vejo em Harry agora. Percebo que andei tão zangada com Harry pelo meu próprio destino, como se ele fosse meu inimigo, e não o amigo que sempre conheci. Poso ver agora que a vida dele é tão fechada quanto a minha. Que ambos estamos presos às mesmas regras e que talvez seja injusto culpá-lo pelo que está acontecendo conosco agora.

E eu desabo.

— Quero ir embora daqui — digo a ele. Minha voz é apenas um sussurro.

Ele está calado e por isso eu continuo. Agora que eu já disse isso, não posso deixar de falar mais, não posso deixar de dizer as palavras que têm se acumulado na minha cabeça como nuvens escuras antes da tempestade, acumulando pressão e crescendo, e rolando umas sobre as outras de forma caótica.

— Existe um mundo lá fora. Além da cerca... existe outro lado. Um fim. Eu sei. Havia uma garota. O nome dela era Gabrielle e ela veio do outro lado. Ela era uma Forasteira e agora é uma Esconjurada e sei que foram as Irmãs que a sacrificaram. Ela é a Veloz, a que tem o colete vermelho estranho e é a prova, elas a mataram porque não queriam que a gente soubesse. Nunca quiseram que a gente soubesse.

Meu desabafo me deixa ofegante e fico aterrorizada por ter soltado essa ideia no mundo, por ter dito meus verdadeiros desejos. Esses pensamentos não são adequados — ninguém que eu conheça jamais expressou o desejo de deixar nossa aldeia. Trocar a utopia pelo que pode existir além.

— Isso vai fazer Você feliz, Mary? — ele pergunta. Sua voz é suave, sem

tom de censura, nem de julgamento.

Finalmente eu o olho nos olhos. Ele estende a mão e pega a minha, a corda branca pendendo entre nós.

Por uma fração de segundo odeio Harry por não ser Travis. E odeio Travis mais ainda por nunca ter vindo me buscar. Por ter me deixado esta noite. Mas acima de tudo, eu me odeio por amar o irmão de Harry com todas as minhas forças e não ter deixado nada para ele.

E por ser covarde demais para libertá-lo. Para usar a faca e cortar nossos laços.

Ele se curva para frente e eu percebo que ele tem o mesmo cheiro de Travis. Preciso fechar os olhos quando ele roça os lábios na minha testa. O calor do fogo quase me sufoca. Sua boca se move na direção da minha orelha.

— Sair daqui vai deixar você feliz, Mary?

Ele é tão doce, tão ansioso para me fazer feliz de maneiras que mais ninguém fez até hoje. Meus olhos começam a se encher de lágrimas e meu corpo começa a reagir a este homem como se fosse o irmão dele sussurrando no meu ouvido. Como se meu corpo não pudesse dizer a diferença entre os dois, entre seus sussurros e a sensação da respiração dele na minha carne.

Eu fecho bem os olhos e faço que sim com a cabeça. Apavorada de que ele me ponha para fora por ter um desejo desses — que me recuse e eu acabe ficando com as Irmãs.

— Vamos encontrar um jeito de você ser feliz, Mary. Prometo a você que vou encontrar um jeito para nós.

Eu faço que sim novamente, incapaz de abrir a boca e falar por medo de deixar escapar os soluços que estou tentando aprisionar aqui dentro.

— Eu só quero que você seja feliz, minha Mary — ele repete, estendendo a mão e ajeitando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, e depois se inclinando para beijar o caminho que seus dedos acabaram de percorrer. Abro os olhos e vejo meu novo cachorro, a maneira como ele estremece à beira do fogo enquanto sonha seus sonhos de filhote de cão,

provavelmente caçando alguma coisa que jamais irá apanhar. A única diferença entre ele e eu é que amanhã terá esquecido que algum dia quis algo além do seu alcance e eu sempre irei lembrar.

Harry continua a traçar uma trilha de beijos descendo pelo meu pescoço até que sou forçada a fechar os olhos, um suspiro escapando pelos meus lábios como se fosse de prazer.

Olhos ainda fechados, levanto uma mão e traço a curva de suas omoplatas. Me pergunto se as costas de Travis têm essas mesmas curvas. Se minha mão se encaixaria contra a sua pele do mesmo jeito que se encaixa sobre a de Harry. Tantas vezes eu revivi Travis sussurrando no meu ouvido, imaginei Travis beijando o meu queixo. Hoje à noite eu tento trazer à lembrança essas mesmas memórias, com medo de tê-las esquecido, me sentindo traidora pela minha própria confusão.

Mas as visões se recusam a vir e não consigo me lembrar de nada de Travis. E apenas Harry na luz da lareira, sua pele quente e cheirando a solo recém-revirado. E não consigo deixar de ouvir as palavras da Irmã Tabitha sendo repetidas neste quarto. Sobre esta ser a vida que recebi.

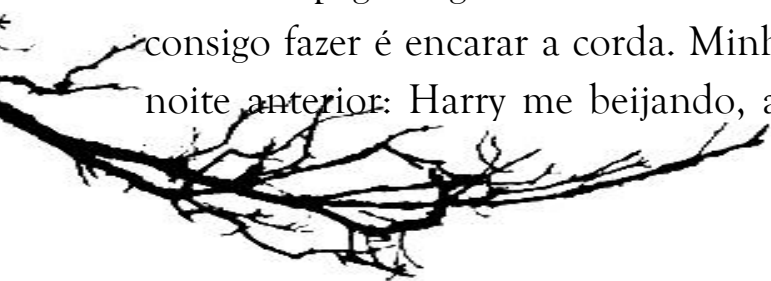
Não a vida que escolhi.

XIV

Quando a sirene soa na manhã seguinte, eu estou na cama. O cão que Harry me trouxe noite passada como presente de casamento, e que batizei de Argos, começa a latir feito louco, tentando decidir se ataca o barulho ou se esconde-se no canto.

Sinto um puxão forte no pulso e de repente estou meio esparramada no chão.

— Mary, levanta — grita Harry. Ele me puxou da cama e eu fico olhando para a corda bem esticada entre nós. Com a mão livre, Harry está tentando pegar alguma coisa em cima da mesa e, no entanto, tudo o que consigo fazer é encarar a corda. Minha mente é um turbilhão de imagens da noite anterior: Harry me beijando, a Irmã Tabitha me advertindo para ser



uma boa esposa e dar filhos para nossa aldeia, Argos e seus sonhos de cãozinho.

— Mary, você tem que me ajudar aqui! — ele está puxando a corda e eu a sinto machucar meu pulso. Agora posso ver que suas mãos estão tremendo. Ele caminha até perto de mim, me agarra pelos ombros e me puxa até a mesa. Ele pega a faca cerimonial deixada pela Irmã Tabitha e a desliza por baixo da corda da Amarração.

E então a pressão no meu pulso desaparece. Livre, Harry começa a saquear nosso chalé, recolhendo roupas e comida e enfiando tudo numa sacola.

Eu pego a outra ponta da corda, deixo-a escorregar entre meus dedos. As fibras ainda estão quentes ao redor de onde ficava o pulso de Harry.

E como se o tempo tivesse diminuído de velocidade, esticando-se como um fio de lã que chega ao limite de sua resistência. A sirene bloqueia todos os outros ruídos, de modo que eu consigo ver pessoas passando correndo pela janela ao lado da porta, olhando de relance para trás, a neblina rodopiando ao redor de seus pés de um jeito que faz parecer que elas estão flutuando, mas quase tudo isso ocorre em silêncio, seus movimentos perdidos na única nota comprida e sólida do alarme.

O pânico que fui criada para sentir não vem. Ao invés disso, caminho até a janela, sem me importar em cobrir meu corpo enquanto vejo meus amigos e vizinhos correrem abalados para as plataformas. Mesmo agora uma parte do meu cérebro, a parte que está enterrada no meu subconsciente, me manda agir. Me manda me vestir e correr. Correr com todos eles antes que seja tarde demais. Antes que as plataformas fiquem cheias e todas as escadas tenham sido recolhidas.

Atrás de mim, Harry está gritando ordens, mas suas palavras se misturam com a sirene, e é tudo uma confusão na minha cabeça. Uma pequena parte de mim se pergunta se essa sirene irá atrasar a cerimônia, se ainda haverá tempo para que Travis venha me buscar. Eu me pergunto se existe realmente uma brecha ou se é algo como minha mãe, alguém que

chegou perto demais da cerca. Alguém que correu um risco, perdeu a cabeça, ficou Infectado.

Argos arranha freneticamente a porta, tentando sair à força. Suas unhas raspam e deslizam inutilmente na madeira, e consigo sentir o pânico cada vez maior dele, que levanta a cabeça como se fosse uivar, os dentes arreganhados, os olhos implorando para que eu faça alguma coisa.

Por fim, estou justamente pegando minha saia quando vejo: um relâmpago vermelho brilhante pelo canto do meu olho no instante em que passa em disparada pela janela. Eu conheço aquela cor. Sei que ela não é natural. Conheço essa velocidade.

Os Esconjurados estão aqui, entre nós. Isto não é um exercício.

Gabrielle está aqui.

Eu me atrapalho com os botões da minha saia e vou até a porta enquanto visto uma camisa por cima da cabeça. Paro com os dedos encostando na tranca. E se já for tarde demais? Meu coração dispara com a indecisão que corre pelo meu sangue. E se as plataformas já estiverem cheias?

Olho novamente para Argos, que está tentando decidir se me segue, se confia em mim para protegê-lo. Harry não está prestando a menor atenção: ele corre ao redor do chalé abrindo armários, procurando armas.

Do lado de fora da janela, vejo duas crianças correndo pela neblina de mãos dadas. São irmão e irmã. Eu os conheço — conheço os dois desde que o menino, Jacob, nasceu, seis anos atrás. Jacob tropeça e cai, agarrando seu joelho agora ensanguentado. A irmã para, reparando que a mão está vazia onde até poucos segundos atrás segurava a mão de seu irmão mais velho. Ela olha para trás e vê Jacob no chão, o braço estendido, pedindo ajuda a ela. Ela balança a cabeça, a mão enfiada na boca e os olhos arregalados, os cachinhos louros balançando com o gesto.

Subitamente, seu corpo enrijece com um terror ancestral. Vejo algo molhado aparecer na frente da sua saia e ela cai para trás, alternando o olhar entre o irmão e alguma coisa mais além. Jacob vira a cabeça e então cai, usando as mãos para se arrastar no chão de terra batida. Minha visão é

bloqueada pela moldura da janela, e preciso pressionar o rosto sem jeito contra o vidro para ver o que já sei que está lá. É um bando de Esconjurados que vem se arrastando na direção do garoto. Eles sempre vêm em bandos.

A irmã dá dois passos na direção do irmão, agarra seu braço e puxa, mas ela é pequena e fraca demais para arrastá-lo. Os Esconjurados se aproximam e o garoto luta contra sua irmã, batendo nas mãozinhas dela para afastá-la, empurrando-a na direção das plataformas.

Tudo isso acontece em poucos segundos, me afasto da janela antes que meu coração volte a bater, antes que eu veja o destino de Jacob, que já sei com muita clareza. Assim como a garotinha, balanço a cabeça sem acreditar.

Isto é pânico. E pânico significa que as pessoas nas plataformas irão puxar as escadas mais cedo. Farão qualquer coisa para se salvar primeiro.

O pelo nas costas de Argos fica em pé, a cabeça está baixa e vejo seu corpo vibrar com um grunhido. Todos os cães de nossa aldeia temem instintivamente os Esconjurados e são treinados para farejá-los. Todo o seu ser está concentrado na porta do nosso chalé, ele está nos avisando do que existe mais além.

Alguma coisa esbarra com força em mim. Sou empurrada para longe da janela. Harry coloca a faca cerimonial na minha mão e agarra meu queixo, enterrando os dedos no meu maxilar e olhando bem fundo nos meus olhos.

Seu peito arfa, o suor escorre pelas têmporas. E então ele escancara a porta, corre para fora e volta antes que eu tenha chance de me recuperar. Antes que eu tenha chance de gritar ou de impedi-lo. Enquanto ainda estou esfregando o ponto da minha pele onde ele enterrou o polegar. Em seus braços está Jacob, que havia sido abandonado para os Esconjurados por sua irmã e por mim. Harry joga o garoto na cama e volta ao trabalho de coleta de suprimentos.

Ele joga um saco para mim e eu o agarro junto ao meu peito com uma das mãos, a faca cerimonial na outra. Ele agarra duas bolsas de água penduradas num gancho na porta e então para, olhando para mim. Ainda estou em pé, na parte da parede para onde ele me empurrou.

Ele estende a mão para mim e eu a aceito. Seus dedos percorrem a corda branca da Amarração no meu pulso e eu vejo um vestígio de sorriso percorrer seus lábios. Ele abre a boca para dizer uma coisa, mas a sirene que continua a tocar me deixa surda.

Sinto o chalé estremecer quando alguma coisa se choca violentamente com a porta. Harry me dá as costas e agarra Jacob. Joga-o por cima do ombro. Na porta, Harry faz uma pausa, colocando a mão contra a parede, tocando a Escritura escavada na moldura. Quero fechar os olhos, bloquear o que está acontecendo. Fingir que este dia nunca começou — que nunca vai começar.

Tento sentir a faca na minha mão, minha única arma. Desde bem jovens, todos em minha aldeia aprendem a lutar, para um dia como este. A madeira do cabo está lisa e escorregadia por causa da umidade da minha mão. Tem uma pegada estranha e desajeitada, e a sacola de comida me desequilibra.

E então, antes que eu tenha a chance de me reequilibrar, de me preparar, Harry escancara a porta e nós saímos em disparada.

Mesmo carregando o garoto, a água, um machado e sua própria sacola de comida, ele é mais rápido do que eu, seus passos mais seguros, e o meu terror escurece minha visão. Sem conhecer outro refúgio, Argos se enrosca nas minhas pernas, e eu tropeço.

Nosso chalé fica atrás da Catedral, logo à margem da principal área habitacional da aldeia. Aqui as plataformas são poucas, e eu corro para a mais próxima, desequilibrada pelo saco enorme que carrego junto ao peito. Meus dedos estão para se agarrar aos degraus de uma escada de corda quando ela escapa; a neblina da manhã torna a madeira escorregadia. Paro e olho para as pessoas acima — a plataforma só está com metade da lotação. O homem que puxa a escada para cima da plataforma simplesmente dá de ombros para mim. Nem sequer um pedido de desculpas. Não que eu conseguisse ouvi-lo com a sirene ainda pulsando em meus sentidos.

Ao lado dele na plataforma, homens pegam em arcos, soltando flechas na direção de alvos em algum ponto atrás de mim. Consigo sentir a

compressão de uma flecha rasgando o ar quando passa próxima à minha cabeça. Não sei se a flecha foi para mim ou para alguma coisa atrás de mim, e me recuso a olhar para trás para descobrir. A realidade é demais para suportar neste momento, e por isso eu a ponho de lado.

Frenética, olho ao redor em busca de outra plataforma e saio desesperada na direção dela. Argos ainda está ao meu lado, ele morde minha saia para fazer com que eu pare, eu tropeço e caio de joelhos. Levanto a cabeça e vejo Travis na escada, a menos de dez metros de onde eu estou ajoelhada. Ele está esperando por sua vez de subir, Cass ao seu lado.

Não consigo evitar e grito seu nome.

E inútil claro. A sirene é alta demais, e nosso pânico combinado nos ensurdece. Grito mais uma vez, fechando os olhos com o esforço de cada resto de ar no meu corpo para formar essa única palavra. A sirene é desligada justo no momento em que o som deixa minha boca e o mundo fica em silêncio, a não ser por mim e pelo eco do nome de Travis abandonando meus lábios.

E como se eu tivesse congelado o mundo para este momento. Ele levanta a cabeça e nossos olhos se encontram. Dois segundos, três — e somos quase uma pessoa. Ali, no meio do nada, existimos por um breve momento em nossa própria tranquilidade, quase posso imaginar seus lábios em meus pulsos.

E então sinto um puxão na manga da minha camisa quando homens começam a gritar ordens e os gemidos dos Esconjurados se fazem ouvir bem ao nosso redor, destruindo o silêncio. Giro violentamente meu saco, mas é Harry novamente, e ele apara meus golpes.

Ele segura meu braço e me puxa para longe do círculo de casas, para longe das plataformas muito cheias e de Travis, e na direção da Catedral. Ouço pessoas gritando. Pânico, dor, terror. O som se harmoniza com os gemidos, com os gritos da batalha.

Alguma coisa puxa os meus cabelos e eu me desequilibro, caindo sobre um joelho. Rolo para o lado no momento em que braços cinzentos

escorregadios tentam me agarrar. Estou deitada de costas, Argos latindo como louco quando uma mulher Esconjurada cai em cima de mim. Eu me debato na grama ao meu redor até sentir a madeira macia da minha faca. Giro para cima e para o lado e enfio a faca no ombro da Esconjurada.

É a primeira vez que usei uma arma contra um Esconjurado, quase vomito quando sinto o metal liso cortar a carne e se enterrar no osso. A mulher continua avançando em minha direção, seu braço quase decepado, os cabelos louros sujos caindo na cara. Tento puxar a lâmina para retirá-la, mas não consigo alavancagem suficiente.

Ela continua a cair em cima de mim. Sua boca está toda aberta e posso ver os buracos onde faltam os dentes. Levanto as mãos para tentar mantê-la à distância e ela enfia as unhas em mim. Sua boca está tão perto que consigo sentir o fedor da morte me invadindo. Eu a chuto, bato nela com os braços, mas de nada adianta. Fecho os olhos e espero.



XV

Ador não vem. Abro um olho e vejo que o progresso dela em minha direção parou. O fim do cabo longo da faca está enterrado na terra perto da minha cabeça e quase não impede que ela meta os dentes na minha carne. Ela continua a se debater e morder o ar, as pontas dos dedos arranhando minhas bochechas.

Eu caio para trás, fico deitada com ela em cima de mim e começo a me esgueirar ao longo do terreno, escorregando por debaixo dela. Sinto mãos agarrando meu ombro e começo a lutar de novo, mas é Harry, e ele me puxa.

Com um golpe certo ele decapita a Esconjurada e a cabeça dela tomba ao chão. Estico a mão para pegar minha arma, mas ela está enterrada fundo demais, presa no osso. Harry puxa meu braço e eu tenho que deixá-la para trás, o que deixa minhas mãos muito vazias, muito vulneráveis.

Meu corpo estremece, minhas pernas tremem e eu já posso sentir as lágrimas queimando minha garganta enquanto começamos a nos mover novamente. O ar está pesado com o cheiro de sangue, mque gruda no céu da

minha boca como se fosse um gosto mais do que um cheiro. Meu peito sofre convulsões a cada inspiração como se eu não conseguisse respirar o bastante.

Ao meu redor, meus amigos e vizinhos caem aos pés dos Esconjurados. Alguns já morreram e Retornaram, as gargantas rasgadas, os braços e pernas arrancados. Eles continuam a vir aos borbotões da neblina que nos envolve a todos.

Eles estão em toda parte. Os que estão sobre as plataformas pelejam para combatê-los, para proteger os vivos que ficaram no chão, mas os Esconjurados fluem numa onda interminável, que se multiplica à medida que eles vão aparecendo. A neblina deixa tudo confuso, tornando difícil discernir os vivos dos mortos.

Harry fica à minha esquerda, com Jacob jogado sobre seu ombro novamente. Ele aponta para trás de mim e eu me viro. A minha direita está a Catedral, seus muros de pedra grossos e sólidos. Embora os Esconjurados se aproximem em massa por trás de nós, eles ainda precisam chegar ao abrigo da Catedral. Irmãs e Guardiões já estão nas janelas do segundo andar disparando saraivadas constantes de flechas.

Posso ouvir o som de martelos enquanto aqueles que estão do lado de dentro fortificam as grandes janelas do piso térreo. Ainda estamos a uma boa distância quando vejo duas Irmãs surgirem do outro lado do edifício. Juntas, elas fecham os postigos grossos que trancam cada janela e seguem na direção da grande porta da frente, onde outra Irmã aguarda, chamando-as com gestos.

Parece haver um problema com a última tranca. Ao nos aproximarmos, vejo que elas estão trabalhando furiosamente para fechá-la. Por fim, uma Irmã empurra a outra para a porta e fica sozinha do lado de fora, e percebo que é a Irmã Tabitha.

Ela faz força contra a madeira pesada com todo o seu peso, empurrando-a. Finalmente, ela cede e eu a vejo cambalear para trás quando o postigo se fecha com um estrondo. Ela puxa uma trava grossa de metal e a encaixa nos suportes em cada lado da janela, reforçando-a. Tarefa completada, ela volta

correndo para a porta da frente e eu a vejo bater na madeira.

Harry e eu disparamos na direção dela, correndo para o abrigo temporário da Catedral. Tento gritar a ela que espere por nós, mas estou muito sem fôlego e as palavras praticamente não saem da minha boca.

Mas de algum modo ela parece saber, e quando a porta abre ela se vira. Ela vê quando Harry, Jacob, Argos e eu nos aproximamos, mesmo enquanto mãos tentam puxá-la para a segurança da Catedral.

E, no entanto, ela permanece parada na porta. Hesitando.

Não é que o mundo ao meu redor diminua sua velocidade, mas é como se cada detalhe se tornasse mais brilhante e vivido. Por um momento sinto como se estivesse fora de mim, flutuando e observando. Não sinto mais meus pulmões queimando nem minhas pernas doendo, ou a ardência no joelho pela queda anterior.

A Irmã Tabitha quase sorri, e posso ver que seus dedos que seguram a porta estão brancos. Cada passo que dou parece levar mais e mais tempo. Estamos perto o bastante agora para que eu possa ver as Irmãs atrás dela implorando a ela para que entre, gritando para que ela feche a porta. Gritando para a fortificação.

Mas mesmo assim ela espera. Mantendo a porta aberta, mantendo as outras a distância, ela dá um passo à frente, estende uma das mãos como se pudesse nos puxar para si mais rápido.

Ela não vê o relâmpago vermelho.

E no entanto deve sentir que alguma coisa está terrivelmente errada, pois subitamente eu paro de correr. Ela deve ouvir o barulho de pés correndo sobre a terra seca à sua direita. Ela deve ver a expressão de horror no meu rosto.

Gabrielle cai em cima dela antes que ela possa virar a cabeça. Se choca contra ela antes que ela possa registrar qualquer expressão. A Irmã Tabitha tenta recuar, tenta escapar para dentro da Catedral enquanto Gabrielle se enrosca na túnica preta comprida dela. Eu vejo quando as mãos das outras Irmãs a empurram porta afora. Posso ouvir seus gritos de dor se

transformarem em gorgolejos. Ouço os gritos de pânico das Irmãs do lado de dentro enquanto elas tentam fechar a porta, tentam jogar a Irmã Tabitha para fora, para longe delas.

A atenção de Gabrielle se desloca para elas e ela dá a volta na Irmã Tabitha para poder entrar. Ela quase consegue, quase entra no Santuário. Mas então a Irmã Tabitha abraça o corpo fino de Gabrielle e o puxa para longe da abertura, para em seguida Gabrielle se virar e afundar os dentes na garganta da Irmã Tabitha.

A porta da Catedral bate com força e a Irmã Tabitha e Gabrielle ainda estão brigando uma com a outra no chão. A neblina rola e turbilhona ao redor dos corpos em luta.

Posso sentir gemidos me sufocando e tampo a boca com força, pois sei que não posso atrair atenção para mim mesma, caso contrário a coisa que um dia foi Gabrielle rapidamente irá procurar uma nova vítima. Os Esconjurados nunca hesitam em deixar uma vítima recém-morta para pegar outra viva. É da natureza deles matar e infectar acima de tudo.

O mundo ao meu redor parece acelerar e subitamente fico tonta, tudo começa a rodar. Todas as escadas das plataformas foram puxadas ou empurradas. A Catedral está fechada. Não há lugar algum para onde ir.

A não ser o caminho, eu percebo. A não ser o portão pelo qual Gabrielle veio quando entrou pela primeira vez na aldeia há tantas semanas. Antes, quando ela era saudável.

Viro-me e saio correndo, Harry atrás de mim. Ouço som de pés demais atrás de nós. Tenho certeza de que Gabrielle está nos caçando. Quando nos aproximamos do portão a sirene volta a uivar, alertando os aldeões do que eu já sei — as plataformas estão cheias e os que ficaram no chão precisam procurar outros refúgios.

A cerca se deforma onde os Esconjurados que não conseguiram achar uma entrada forçam seus corpos contra ela; o cheiro de sangue fresco no ar os deixa loucos de fome. Meus dedos tentam abrir com dificuldade a tranca do portão, e então Harry está atrás de mim, pressionando seu corpo atrás de

mim, a respiração quente e rápida no meu ouvido.

Finalmente, a tranca cede e ele nos empurra pelo portão com tanta força que tropeço e caio no chão; as palmas das minhas mãos ardem. Olho para trás no instante exato em que Argos consegue passar. O portão bate e Gabrielle se choca contra ele, sangue escorrendo do queixo.

Fecho os olhos, prendo a respiração, deixo a sirene pulsar através de meu corpo, pela primeira vez grata porque o som é tão avassalador que bloqueia meus outros sentidos. Não quero ver agora. Nem ouvir, nem sentir, nem cheirar.

Mas meu corpo grita por ar e o fedor da morte me atinge em cheio. Ponho-me de pé e caminho de volta ao portão por onde viemos, tirando a mão de Harry do meu ombro quando ele tenta me deter. A distância de um braço, eu paro. Paro e encaro Gabrielle.

Eu encaro a morte nos olhos.

Os dedos dela estão todos quebrados; alguns deles apresentam ossos perfurando a carne. Seus braços estão em farrapos, ela se joga contra mim com uma paixão que não vai terminar até que seu corpo esteja por demais desgastado para ficar de pé, e mesmo assim ela irá se arrastar.

A sirene para novamente e o som é substituído pelo chacoalhar da cerca quando Gabrielle se joga contra ela sem parar, seus dentes quebrados batendo com seu maxilar mordendo em expectativa. Mas seus olhos ainda estão claros — aquela clareza dos recém-Esconjurados. Ela me encara como se eu fosse sua única salvação.

Percebo que estou no caminho no qual ela viajou até nossa aldeia e agora é ela quem está aprisionada do outro lado do portão. Quero perguntar a ela quem ela é, de onde veio e o que quer de mim. Por que estamos neste lugar.

Mas então ela levanta a cabeça como se farejasse o ar, alguma coisa capta sua atenção pelo canto do olho, e ela dispara de volta para a aldeia. De volta para a neblina, meus amigos e vizinhos. De volta para sua comida.

Harry vem me pegar, insistir para que eu desça o caminho com ele.

Argos fica rodando a nossa volta, latindo e rosnando para os Esconjurados que pulsam contra as cercas de cada lado. Mas eu me recuso a andar, a dar mais um passo que seja. Ao invés disso, prendo meus dedos na malha do portão onde Gabrielle havia ficado e olho por entre a neblina do amanhecer, na direção da nossa casa.

— Foi ela — murmuro. Meu corpo está começando a ficar dormente, como se não conseguisse aguentar mais e estivesse se desligando.

Harry me puxa pelo braço, tentando evitar que eu fique olhando fixamente para a carnificina turbilhonando na neblina.

— Do que você está falando, Mary?

— Daquela que eu estava lhe contando ontem à noite — começo a bater no portão, desejando sentir o máximo de emoções possíveis para provar que ainda estou viva. — Gabrielle. A garota que veio pelo caminho. Foi ela quem causou isso. Ela foi a razão...

— Mary, do que é que você está falando?~ a voz dele sai aguda demais, como se ele fosse se estilhaçar a qualquer momento.

Sinto como se estivesse me rasgando por dentro, tudo se fragmentando ao mesmo tempo.

— Você não está vendo? Elas fizeram isso com ela! As Irmãs, foram elas que fizeram isso e...

Harry arranca meus dedos da cerca e me puxa de encontro a seu corpo.

— Isso não importa mais.

Eu luto contra ele, não quero consolo, não com a fúria e o terror se misturando na boca do meu estômago.

— Mas e se os Guardiões tiverem algo a ver com...

— Eu disse que não importa, Mary! — sua voz ruge no meu peito, fazendo todo o meu corpo vibrar. — O que passou, passou, e agora não é hora de falar disso!

Abaixo a cabeça. Eu sei que não deveria pressioná-lo, mas não consigo evitar.

— Mas isso prova...

— Não! — ele grita. Ele resfolega e precisa respirar fundo, fechar os olhos, balançar a cabeça. Quando volta a falar, suas palavras são cuidadosamente medidas, pouco contidas. — Isso não prova nada. Só que as cercas foram violadas e que nossa aldeia está sob ataque e que nós não estamos lá para ajudá-los.

Olhando para a aldeia lá atrás, vejo figuras se movendo, mas não sei dizer se são vivas ou Esconjuradas. Não sei dizer se é uma escaramuça, uma batalha ou uma guerra. Acho que vejo aquele relâmpago vermelho novamente, mas não tenho certeza se não é minha mente pregando peças em mim. Me mostrando o que eu quero ver.

Mas então aparece alguém vindo da neblina em direção a nós. Duas pessoas se aproximando. Dou um passo para trás, me perguntando se são mais Esconjurados. Me perguntando como fui parar agora no lado da Floresta, com medo do que está na minha aldeia.

Suas feições começam a se cristalizar e reconheço o mancar de Travis.

XVI

O caminho logo do outro lado do portão é amplo o bastante para nós quatro andarmos lado a lado — eu e Harry, Travis e Cass — nossos ombros às vezes se encostando enquanto vemos a neblina se dissipar e começamos a entender completamente o caos que está acontecendo em nossa aldeia.

A coisa mais estranha em uma invasão de Esconjurados é que não há nenhum morto no chão; todos se levantam e se juntam às fileiras dos inimigos ou são devorados. A todo instante vemos amigos e vizinhos serem derrubados, apenas para retornarem e derrubarem mais amigos e vizinhos.

Eu estou entre Harry e Travis. Cass está do outro lado de Harry. Atrás de nós, Jacob está deitado, todo embrulhado bem apertado como se fosse um rolinho, os braços envolvendo os joelhos. Posso ouvir seu corpo sacudir em espasmos enquanto ele luta para conter os soluços. Ocasionalmente Argos vai até Jacob, gane e lambe seu rosto. Mas Jacob nem repara, e Argos volta a encostar seu focinho na minha mão e gemer.

Ao meu lado sinto Travis se mexer e a pele dos dedos da sua mão roça na minha. Meus dedos se mexem em resposta e unimos nossos dedos mínimos. Ele puxa minha mão para a dele e eu fico tão aliviada. Com esse simples gesto ele mostra que está seguro. Que ainda estamos bem. Abafo os pensamentos que haviam se insinuado nos meus sonhos ontem à noite: que Travis nunca veio me buscar. Que ele nunca ligou para mim. Que não me queria.

Seu polegar desliza sobre meu pulso e aí eu sinto o corpo dele enrijecer. Seus dedos percorrem a corda ainda atada a mim, esfiapada e suja agora. É a corda que amarrou Harry e eu juntos ontem à noite.

A mão de Travis se solta da minha. Sinto sua ausência da mesma maneira como alguém deve sentir a perda de um braço ou de uma perna. Desesperada, o fantasma de sua presença ainda me seduzindo.

Quero me virar para ele, falar com ele. Mas não posso forçar que as palavras saiam da minha boca com Harry ali tão perto. Com nossa aldeia morrendo diante de nós.

— Você acha que a gente devia ajudá-los? — pergunta Harry.

Pelo canto do olho, posso ver a mão dele abrindo e fechando sobre o machado que ele trouxe do nosso chalé. Sua voz está cheia do mesmo desânimo que todos nós sentimos.

Nenhum de nós se mexe. Ficamos simplesmente parados, olhando. Incapazes de compreender totalmente o que está acontecendo. Que o mundo que sempre conhecemos está desabando.

O fato de que uma coisa dessas pudesse ocorrer devia ter sido inevitável, e no entanto nenhum de nós jamais acreditou que aconteceria. Nunca achamos realmente que pudesse acontecer. É claro que já sofremos brechas, e sempre vivemos com a ameaça dos Esconjurados. Mas já se passaram gerações desde o Retorno. Estávamos sobrevivendo. Nossa aldeia é um testamento à vida constantemente cercada pela ameaça de morte.

E agora ela acabou. Tudo o que sempre conhecemos, o único lugar em que sempre estivemos, todas as nossas posses, tudo se foi.

Em pouco tempo os mortos atravessam a aldeia em seus passos arrastados e um a um vão se aproximando do portão. Como se nós fôssemos os últimos vivos para eles saciarem sua fome. O dia vai passando e nós ficamos ali, observando os Esconjurados se reunindo do outro lado, observando quando eles forçam a cerca. Escutando os gritos dos sobreviventes enquanto eles tentam em vão rechaçá-los, enquanto eles lutam, a partir das plataformas, para recapturar a aldeia.

Começo a reconhecer aqueles que estão se agarrando aos portões. Alguns deles são — eram — meus vizinhos. Eram meus amigos e colegas de classe. Alguns eram pais deles. Suas roupas ainda estão manchadas de sangue fresco, que em alguns casos pinga de suas bocas.

Fico pensando nos que ficaram nas plataformas, lutando contra esses Esconjurados recém-transformados. Fico pensando se eles percebem que, puxando suas escadas para cima em pânico, eles só fizeram aumentar o caos, só acrescentaram mais vítimas para os Esconjurados transformarem. Só criaram mais inimigos — centenas deles.

Depois de algum tempo, Cass não consegue mais suportar e se separa do grupo, vai até Jacob, que está deitado comatoso no chão, e o coloca no seu colo. Posso ouvi-la cantando cantigas de ninar, cantarolando nas partes onde esqueceu a letra.

De certa forma, é um consolo ouvir a voz dela. Ser lembrada de que a normalidade é algo que pode existir. Mesmo quando tudo o mais no nosso mundo nos escapa por entre os dedos.

— Estou preocupado que a tranca deste portão não aguarde — diz Harry quando o sol começa a baixar no fim do dia. — Ela não foi feita para manter os Esconjurados afastados. Só para proteger este caminho.

Estremeço ao olhar para a trava de metal que é tudo o que nos protege da horda faminta. Olho para a cerca de cada lado de nós, para como ela é larga aqui, mas estreita à medida que vai se afastando da aldeia. Seus elos estão vermelhos de ferrugem e é cheio de lianas que se enroscam nelas. Como o caminho é proibido, as cercas nunca foram consertadas, e me

pergunto quantos Esconjurados fazendo força contra ela seriam necessários para derrubá-la.

— Devíamos descer um pouco o caminho — diz Travis. — O suficiente para que eles percam o interesse e voltem para a aldeia. Para que parem de fazer pressão no portão. Talvez... — ele para de falar e depois parece reencontrar sua voz novamente. — Quem sabe durante a noite eles possam combatê-los. Retomar o controle da aldeia.

Ninguém responde e é como se ele se sentisse obrigado a acrescentar:

— Devíamos pelo menos dar a eles a noite, ver como a coisa fica pela manhã.

Harry concorda, a mão ainda agarrando o machado, os ombros tensos.

Eu não digo nada. Não confio nas minhas emoções, o formigamento que faz meus braços e pernas vibrarem. Me viro para olhar a trilha, os outros ainda se concentrando no portão e a atenção de Cass inteiramente voltada para Jacob. Dou alguns passos, ao mesmo tempo apavorada e empolgada.

O caminho aqui está cheio de mato e minha saia começa a agarrar em gravetos, o que faz com que eu tenha que lutar contra eles a cada passo.

Atrás de mim, posso ouvir Travis e Harry discutindo sobre comida e armas. Sobre se a aldeia seria capaz de repelir a brecha ou se o caminho é a nossa única esperança.

Eu me afasto da aldeia em silêncio. Me afasto o bastante para não atrair os Esconjurados no portão. Quando o caminho começa a estreitar, estendo bem os braços e quase encosto nos elos da cerca com as pontas dos dedos. Aqui, a Floresta não tem Esconjurados, e por um momento imagino que posso ouvir um pássaro cantar à distância.

Finalmente, tomo minha própria decisão: vou dar a eles a noite para verem se a aldeia consegue repelir a brecha. Mas depois eu vou descer este caminho. Sozinha, se for preciso.

Em algum momento durante a noite, começa a chover. Seguindo o conselho de Travis, deslocamos nosso pequeno grupo caminho abaixo, e aqui ele fica estreito demais para que possamos nos abraçar para combater o

frio e a umidade. Travis e Harry se sentam ao lado um do outro, Harry mais perto do portão, já que ele é o único que tem uma arma.

Eu me sento do outro lado da fileira, Argos põe a cabeça no meu joelho e eu fico puxando suas orelhas e passando a mão no seu pelo macio. Cass está entre nós, com Jacob bem enroscadinho no seu colo. Ela está toda descabelada, sua trança se desmanchou e criou um halo ao redor de seu rosto na escuridão. Jacob conseguiu adormecer há algum tempo — dorme como se estivesse desmaiado — mas Cass continua a balançá-lo suavemente e cantarolar baixinho, tanto para consolar a si própria quanto a ele.

Travis e Harry continuam a murmurar entre si, a cabeça clara de Travis inclinada na direção da cabeça escura de Harry enquanto sussurram, tentando determinar o que fazer a seguir. A chuva tira a habilidade dos Esconjurados de nos sentir — o ar pesado de tanta água diminui o nosso cheiro. Alguns deles se afastaram da cerca em ambos os lados, voltando para a Floresta. É um alívio bem-vindo do som excruciante dos gemidos deles, muito embora se o vento mudar eu ainda possa ouvir os últimos gritos abafados da batalha na aldeia lá atrás.

Os Esconjurados são um inimigo determinado que nunca dorme. Eu sei que os aldeões precisam tirar vantagem da chuva para seu ataque — o amortecimento do cheiro da carne humana pelo ar encharcado de água torna mais difícil para os Esconjurados encontrá-los.

De vez em quando Harry ou Travis levantam a voz e os Esconjurados se inquietam na Floresta. Todas as vezes Cass manda-os calarem a boca e, uma vez, quando um dos Esconjurados prende os dedos na grade atrás dela e flocos de ferrugem caem flutuando ao chão, ela começa a chorar baixinho.

Quero colocar meu braço ao redor dela, mas o espaço aqui é estreito demais, e nossos corpos estão dispostos de forma muito desajeitada com Jacob no colo dela.

— A Floresta tem um fim, Cass — digo a ela, tentando consolá-la. — Existe um Lado de Fora: existem mais coisas além.

— E daí? — ela diz, a voz trêmula.

— Você não quer saber o que há do outro lado? — pergunto a ela. — Ver o oceano? Saber que existem mais coisas? Encontrar um lugar que não seja tocado por tudo isso? — faço um gesto com os braços na direção de um homem Esconjurado magro que está roçando a cerca, mas a noite é tão escura que duvido que ela consiga me ver.

— O oceano sempre foi um sonho seu, Mary, não meu. — ela para por um momento e subitamente sinto uma mão no meu rosto. Eu levo um susto, porque não estava esperando, mas ela mantém sua mão fria em mim. A chuva enrugou as pontas dos seus dedos.

— É a única maneira de conseguirmos — eu digo. — De Jacob ter uma chance de viver.

— Nosso lugar é na aldeia. O lugar de Jacob é com os pais dele — ela diz.

Eu tenho vontade de sacudi-la, mas mantenho os dedos no pelo das costas de Argos.

— Você não vê? Tudo mudou — eu digo. — Os pais de Jacob podem não ter nem sobrevivido. Nada mais será o mesmo.

Ela afasta a mão do meu rosto para tapar a minha boca.

— Não quero ouvir essas coisas — ela diz, a voz séria. — Você não vê que acreditar que a aldeia acabou significa que todos que um dia conhecemos estão mortos? Não vou desistir assim tão fácil deles. E você também não deveria.

A mão dela escorrega do meu rosto. Posso ouvir quando ela ajeita de novo o garoto no seu colo, ouço ele soltar um resmungo e depois voltar ao seu sono sem sonhos. A chuva agora não passa de uma garoinha. Mais um Esconjurado se juntou ao primeiro na cerca ao nosso lado, atraído pelos gemidos. Está escuro demais para ver qualquer coisa, mas posso ouvi-los batendo levemente contra o metal. Ouço o desespero deles.

Me pergunto a quem essas mãos pertenciam. Qual dessas mãos um dia acariciou a cabeça de uma criança doente, um dia tocou os lábios de um ente amado, um dia se juntaram em prece. Me pergunto se uma dessas mãos

pertence à minha mãe.

— Descer esse caminho mataria a todos nós, Mary — diz Cass. — Você é egoísta de querer sacrificar todos nós por seus próprios desejos.

As palavras dela ecoam e arrebatam sobre meu corpo. Por um momento penso em voltar à aldeia para ajudar a combater a brecha. Em retornar ao chalé com Harry e continuar nossas vidas, terminar a cerimônia, ter os filhos dele em vez dos de Travis.

Tentar me resignar.

— Cass — sussurro. A água escorre pelo meu rosto e entra pela minha boca. — Nós já estamos mortos. Estamos cercados pela morte todos os dias e vamos levando nossas vidas exatamente como eles levaram as deles. Era inevitável que a morte invadissem nossas vidas um dia da maneira que invadiu nossa aldeia esta manhã. Não fazemos parte de nenhum ciclo de vida, Cass.

Ela não responde. Antigamente, eu teria dito a Cass tudo sobre Gabrielle. Teria dividido com ela meus temores de que as Irmãs trouxeram esta destruição para nós todos. Teria dito a Cass que tinha provas de um mundo além da Floresta.

Mas fico quieta. Tento discernir algo na escuridão, descendo o caminho que leva para longe da aldeia. De onde veio Gabrielle. Coloco a mão na terra úmida, me perguntando se talvez Gabrielle tivesse parado aqui antes de entrar na aldeia. Fico pensando o que a fez escolher descer o caminho, se ela começou sozinha ou se tinha companheiros que morreram ou a abandonaram ao longo do caminho.

Quero contar a Cass sobre Gabrielle para que ela possa sentir a mesma esperança que eu sinto. Mas tenho medo de que Cass apenas fale em voz alta os medos terríveis que passam pela minha cabeça: de que a história de Gabrielle não seja de esperança e que nenhum de nós pode esperar um final feliz.

Puxo os nós da corda de Amarração no meu pulso, torcendo-a, esfiapando as pontas, tentando soltá-las. Mas eles continuam firmes.

Quero saber por que Travis e Cass ainda não estão usando suas cordas

de Amarração. Se chegaram a usá-las. Pela regra da Festa dos Votos, assim que o noivo e a noiva estiverem amarrados com a corda, não podem desfazer a Amarração até o fim da última cerimônia de votos. Até que eles estejam unidos aos olhos de Deus — unidos espiritualmente de forma que os laços físicos não sejam mais necessários.

Eu sei que é razoável acreditar que, assim como Harry e eu, Cass e Travis cortaram a corda para poderem fugir da brecha com mais facilidade. Mas pensar nisso, a mera ideia de que eles podem nunca ter sido amarrados, me devora por dentro. Pensar que eles podem ter recusado a cerimônia com a Irmã Tabitha, ou que um deles possa ter cortado a corda durante a noite, faz meu sangue ferver.

Puxo meus joelhos até o peito e encosto a testa no tecido molhado da minha camisa, fechando bem os olhos. Sinto como se meu coração estivesse para explodir quando me pergunto se Travis e Cass chegaram a se Amarrar. E aí me pergunto se estraguei qualquer chance de Travis e eu ficarmos juntos porque não esperei por ele até o fim.

Porque eu escolhi me Amarrar a Harry. Porque eu abri mão de Travis. Por amor.

Quero chorar e rir ao mesmo tempo, mas em vez disso trinco os dentes.

Tento não deixar que a ideia do mundo exterior me empolgue em demasia. Mas não consigo evitar. Nas fronteiras do sono, quando meus pensamentos não são mais meus, mas têm vontade própria, o som do oceano chega a mim, o farfalhar de folhas de cem mil árvores que me cercam, pulsando com o vento quando as ondas arrebatam sobre a minha cabeça. Me puxando para baixo. Jogando meu corpo como se ele não precisasse de ossos.

Toda noite eu me afogo e toda manhã acordo lutando para respirar.



XVII

Acordo com o caos. Vozes berrando, Cass gritando, Argos latindo. Me debato, mexendo as pernas com dificuldade, tento me levantar e cambaleio por alguns passos até chegar bem perto da cerca. Dedos frios roçam a minha pele e eu grito e recuo até ficar encolhida no meio do caminho estreito.

Cass segura Jacob atrás do seu corpo e aponta na direção da aldeia.

— Eles estão chegando — ela diz, e pela neblina espessa consigo ver Harry parado com as pernas abertas, o machado bem firme em suas mãos. Travis está atrás dele, usando um galho grosso como arma. Argos se abaixa e rosna, pronto para atacar. As cercas que ladeiam o caminho assomam sobre

ambos, e a luz que antecede o amanhecer atravessa os elos, lançando sombras xadrez sobre todos nós.

Podemos ouvir o arrastar de pés se aproximando. Estendo a mão e pego a de Cass, ela aperta a minha com tanta força que sinto até os ossos esmagando.

— Deveríamos nos afastar mais, onde é seguro — eu digo enquanto a abraço. — Se não for a Veloz, podemos correr mais rápido do que eles.

Mas antes que possamos nos afastar demais, ouço Harry soltar um grito e sair correndo, deixando o machado cair de seus dedos. Travis sai mancando atrás dele e então, virando a curva, vejo duas figuras vindo em nossa direção — um homem e uma mulher.

Harry pega a mulher nos braços e é aí que eu percebo que são meu irmão e sua esposa. Desço correndo o caminho na direção deles, parando a poucos metros de onde Harry e Travis estão cercando a irmã deles, me bloqueando de meu irmão.

Jed dá um passo para o lado e olha para mim.

— Olá, Jed — digo, me aproximando como se eu fosse o filho pródigo, e não ele. Vejo que ele olha de relance para a cordinha branca trançada e suja que ainda pende do meu pulso e depois seus olhos vasculham meu rosto. Por um momento tenho medo de que ele não vá dizer nada, mas então ele abre os braços e eu finalmente estou abraçando meu irmão, que havia sumido de minha vida por tanto tempo. Não consigo deixar de pensar no laço de amizade que costumávamos ter e na saudade que senti dele.

Dou um passo para trás e Jed abraça protetoramente sua esposa. Ela puxa um xale úmido e esfarrapado bem apertado sobre os ombros e encosta a cabeça no meu irmão, os cabelos castanhos frisados se soltando de sua bandana.

— A aldeia acabou — ele diz. Nós andamos o mais perto possível uns dos outros no caminho estreito. Beth em uma ponta, recostada em meu irmão, em seguida Harry, Travis e depois Cass, Jacob e eu na outra ponta. A cerca nos restringe de cada lado, fazendo com que eu me sinta ligeiramente

aprisionada, me forçando a respirar fundo para manter a calma.

— Gente demais foi transformada — continua Jed. — Não é mais seguro ficar no chão — ele puxa Beth para si, usando a mão para manter a cabeça dela em seu ombro. — Aproveitamos a chance na chuva para ir atrás de vocês. Este caminho era nossa única esperança.

Beth estremece ao ouvir as palavras dele e o tremor parece passar dos ossos dela para os meus.

— Mas como pode ser isso? — pergunta Harry. — Os Guardiões são treinados para isso.

Jed cerra o maxilar.

— Os Guardiões treinam para consertar cercas, repelir uma brecha de Esconjurados lentos e pesados. Foi a Veloz — ele nos conta. — Aquela com a roupa vermelha estranha. Ela era demais. Apareceu rápido demais, matou gente demais. Então os mortos se transformaram e, mesmo sendo lentos, eram muitos. Isso foi demais para os Guardiões. Para todos nós.

— Mas eles ainda não estão lutando? — pergunta Harry. Posso sentir a frustração na sua postura. Suas mãos abrem e fecham como se ele estivesse procurando o machado para brandir.

Jed simplesmente abaixa a cabeça até o peito e dá um beijo de leve na testa da esposa. As lágrimas pingam de seu rosto.

Sinto o fôlego abandonar meu corpo, meu estômago queima com a consciência de que é realmente verdade. Nossa aldeia não existe mais. E como se todos tivessem sofrido um grande baque. Os ombros caem. As pernas amolecem.

Uma centena de rostos desfila num lampejo pela minha mente: professores, amigos, Irmãs, Guardiões, vizinhos. Todos estão Esconjurados. Os pais de Beth, Harry e Travis: mortos. Cass nunca mais vai ser abraçada por sua mãe. Jacob nunca mais vai brincar com sua irmã.

Penso em como foi perder primeiro meu pai e depois minha mãe. Penso na dor excruciante. E posso dizer pelos rostos ao meu redor que essa realidade está começando a assentar, a ser compreendida pelos outros.

Jacob não parece compreender, ele olha de um rosto para outro com a expressão intrigada.

Ao nosso redor, os Esconjurados continuam a gemer, continuam a arranhar as cercas. Harry solta um pigarro e agarra o braço de Jed.

— Você tem certeza?

— Acabou — é tudo o que Jed diz. — Não tem volta.

Posso ver como o maxilar de Harry fica mais rígido e me lembro tão bem desse olhar dos tempos de nossa infância, quando ele costumava ver os garotos mais velhos brincarem de Guardiões. Eu sei que ele está se perguntando se sua presença na aldeia teria feito alguma diferença — se ele é um covarde por ter escapado pelo portão.

— Então o caminho é a nossa única opção — diz Travis. Ele olha para todos nós e não consigo deixar de pensar que seu olhar paira mais tempo sobre o meu do que sobre os demais.

O resto de nós continua em silêncio, e então Harry fala.

— Temos um pouco de comida que Mary e eu trouxemos da aldeia. E dois odres de água. Nós os pegamos quando ouvimos as sirenes ontem de manhã.

— Mas isso será o bastante? — pergunta Cass. Ela pressionou a cabeça de Jacob contra seu peito e tampou suas orelhas para que ele não possa ouvir nossa conversa.

— Há comida e armas no caminho — diz Jed, com voz tranqüila.

Harry é o primeiro a responder.

— Por quê? Não entendo — ele finalmente diz.

Jed respira fundo.

— A Irmandade. Desde o começo, desde depois do Retorno, elas têm instruído os Guardiões a preparar o caminho. A guardar suprimentos aqui fora no caso de uma brecha. Um acontecimento desses não era previsto. Seremos forçados a deixar a aldeia. Os Guardiões se preparavam para uma situação dessas.

— Mas eu sou um Guardião e não sabia nada a respeito disso.

— Você é aprendiz de Guardião — diz Jed.

O rosto de Harry fica vermelho.

— Meu pai foi chefe dos Guardiões e nunca disse nada a respeito! — agora Harry está gritando, agitando os Esconjurados que fazem força contra a cerca de cada lado e fazendo com que os gemidos deles fiquem mais intensos.

Ele olha para mim, o peito arfante.

— Você fez parte da Irmandade. Sabia alguma coisa sobre isso? — seus olhos parecem pegar fogo, eu dou um passo para trás.

— As Irmãs guardavam segredos — digo a ele. — E parece que os Guardiões também — não posso olhá-los nos olhos ao dizer isso. Todos nós temos segredos.

Harry passa as mãos nos seus cabelos escuros. As maçãs dos rostos parecem ainda mais agudas na luz da manhã.

— Elas nos proibiram de seguir este caminho, e ainda assim guardavam suprimentos aqui? Alguém teria me contado isso algum dia?

Jed dá de ombros.

— Que diferença isso faz? — ele pergunta.

Harry fica em silêncio por um momento.

— Então para onde o caminho leva? Se você sabe sobre os suprimentos, por que não sabe para onde ele leva?

— Porque, muito embora eu tivesse sido escolhido como Guardião, eu não era membro da Guilda. E duvido que mesmo a Guilda soubesse. E a Irmandade que detém o conhecimento. Nós apenas fazemos o que ela manda — Jed se vira para mim. — Era onde eu estava no dia em que mamãe foi... infectada. Eu estava lá fora, nas trilhas, checando suprimentos, me certificando de que as cercas ainda estavam seguras. Foi por isso que não consegui voltar antes que ela... se transformasse.

Penso no meu primeiro dia com as Irmãs, no túnel secreto sob a Catedral que levava até a clareira no meio da Floresta. No quartinho onde as Irmãs haviam mantido Gabrielle. Fico pensando novamente no que estava por trás de todas as outras portas grossas e se o resto delas também escondia

quartos ou algum outro túnel oculto que levasse para outros caminhos. Se neste exato instante as Irmãs e os Guardiões trancados na Catedral já não havia encontrado seus próprios caminhos para fora da aldeia e estavam começando novas vidas.

Deixando o resto de nós para trás, para morrer.

— As Irmãs e os Guardiões não importam mais. O importante — diz Jed, interrompendo meus pensamentos — é que nós podemos sobreviver nesse caminho. Pelo menos por algum tempo. Mas precisamos começar agora.

Harry ainda está de cara amarrada. Ele distribui os poucos sacos de comida que temos, se curva para apanhar seu machado e diz:

— Já que sou o único que tem uma arma, eu vou na frente — ele chama Argos para ficar ao seu lado e juntos eles começam a descer o caminho, Cass e Jacob logo atrás. Travis pega Beth pela mão e caminha com ela, um apoiando o outro enquanto descem cuidadosamente o centro do caminho para evitar as cercas imensas. Jed e eu ficamos para trás.

Viajamos em silêncio a manhã inteira, andando devagar, nos esquivando dos arbustos e passando por cima de galhos caídos. Por fim, Jed para de caminhar e eu faço o mesmo. Os outros continuam a descer o caminho, se afastando de nós até não podermos vê-los mais e ficamos a sós. Ele parece ansioso, inquieto. Fica deslocando o peso do corpo de um pé para o outro, como se não conseguisse ficar à vontade.

Por fim ele fala, com a voz baixa.

— Mary, eu... — ele hesita e eu vejo os músculos ao longo de seu maxilar pulsarem. As lágrimas começam a correr pelo seu rosto, e sua expressão desmonta. — Eu não sei o que fazer — ele diz.

Nunca vi meu irmão chorar e meu coração começa a bater descompassado. Dou um passo à frente para consolá-lo, mas ele levanta a mão, me mantendo à distância.

— O que foi, Jed? — pergunto. — O que aconteceu?

Ele se vira para a cerca ao seu lado, balança a cabeça.

— Jed? — insisto.

— Ela está infectada, Beth está... — ele sufoca com as palavras. Passa a mão no rosto como se isso fosse a única coisa que sustentasse seu corpo.

Eu cambaleio para trás, me distanciando dele. Este tempo todo ela esteve entre nós. Este tempo todo e ele não nos contou.

— Você tem que matá-la! — eu digo antes de pensar melhor. Estou prestes a pedir desculpas quando ele cai de joelhos à minha frente. Ele agarra minha camisa, implorando, e fico aturdida demais para falar.

— Você não está entendendo — diz ele. — Você não sabe. É só uma mordidinha. Não foi nada. Talvez ela nem esteja doente... Talvez... — a voz dele vai ficando mais fraca.

Eu me agacho em frente a ele e ficamos de cara um para o outro.

— Jed — eu digo, tentando tornar minha voz mais calma e tranquilizadora. — Você é um Guardião. Você sabe o que significa uma mordida. Você sabe o que significa uma infecção.

Ele faz que sim com a cabeça, mas não acho que minhas palavras tenham realmente sido entendidas.

Eu respiro fundo.

— Você sabe que não há esperança.

— Não posso matar minha mulher — ele implora com voz rouca, indefeso, quase caindo sentado. Ele bate no chão e ruge angustiado, fazendo com que os Esconjurados caídos ali perto se levantem, sentindo nossa presença. Eu ouço os gemidos enquanto eles começam o processo de nos farejar. O primeiro atinge a cerca, a menos de dois metros de distância, seguido por outro e mais outro.

Ouçó-os balançarem as cercas ao nosso redor e então digo:

— Você pode deixá-la ir. Você pode soltá-la na Floresta.

Jed começa a rir, um som baixo e amargo. Ele cai em cima de mim antes que eu consiga me mover, colocando a mão no meu pescoço e me empurrando cada vez mais para trás. Minha saia se enrola nas pernas e bato contra a cerca, sinto seus elos de metal enferrujado se enterrando entre

minhas roupas.

— Já entendi, Mary. Você sente prazer com isso, não sente? — seus cabelos pretos estão revoltos, dando ao seu rosto um aspecto selvagem. Ele arreganha os dentes. — Eu fico louco com você por deixar que nossa mãe se torne um deles e por isso você agora pode ficar toda arrogante porque minha esposa também vai ser tornar um deles?

Sinto dedos de Esconjurados nos meus cabelos e tento sair de perto da cerca e gritar, mas Jed me impede de fazer qualquer som. Eu me debato contra ele, revirando os olhos porque só consigo sentir o cheiro de morte e decomposição e estou desesperada. Subitamente, ele parece perceber o que está fazendo, o que fez, e deixa as mãos caírem.

Eu me afasto dele, da cerca, e cambaleio caminho abaixo segurando meu pescoço machucado. Minha respiração sai entrecortada, lágrimas queimam meus olhos e meu corpo estremece com a raiva nascida do terror que acabei de viver.

Não dei mais do que alguns passos quando ouço sua voz.

— Mary, por favor — a voz dele perdeu o tom enlouquecido. — Por favor, me desculpe. Me desculpe — ele está soluçando e parece agora o menininho com o qual cresci. Eu paro, mas não me viro.

— Não posso perdê-la — ele me diz. — Se você já tivesse se apaixonado algum dia, entenderia.

Eu giro nos calcanhares.

— Não venha me falar de amor! — eu solto um urro. — Nunca venha me dizer o que sei e o que eu deixo de saber sobre o amor. Sua situação não tem nada a ver com o amor. Você é um Guardião. Você é treinado para matar os Esconjurados. Você nos colocou a todos em perigo mantendo-a viva. Você conhece as regras.

Ele esfrega o rosto com a mão. Está sentado no meio do caminho, joelhos dobrados, abraçando as pernas com um dos braços.

— Nossa aldeia nunca deu muita importância ao amor — ele diz, olhando na direção da Floresta. — Tudo sempre girou em torno das

linhagens sanguíneas, de nos preservarmos e de tomarmos cuidados para não haver casamentos interfamiliares — ele aponta para os Esconjurados arranhando a cerca. — A questão sempre foi sobreviver a eles.

Penso em Harry e a lei da Irmandade de que eu me casasse com ele, e cruzo os braços.

— A Irmandade estava errada — ele diz. — A questão não é sobreviver. Deveria ser o amor. Quando você conhece o amor...

é isso o que faz a vida valer a pena. Quando você vive com ele todos os dias. Acorda com ele, o abraça durante a tempestade e depois de um pesadelo. Quando o amor é seu refúgio da morte que nos cerca e quando preenche você com tanta força que você não consegue nem expressar — ele balança o corpo para frente e para trás e as lágrimas correm pelo seu rosto sem parar. Ao nosso redor, os Esconjurados continuam a gemer.

Penso em Travis. Em como ele disse que viria me buscar.

— Eu conheci o amor — sussurro, tanto para mim mesma quanto para meu irmão.

Ele levanta um canto do lábio, quase sorrindo.

— Você não pode ter conhecido jamais o amor — eu já vou protestar quando ele levanta a mão para me fazer parar e continua. — Porque, se tivesse conhecido, não estaria me dizendo para matar minha esposa como se fosse uma escolha fácil. Você perceberia que não se abandona o amor assim. E você perceberia que certamente nunca o mata. Nunca.

Dou um passo a frente, mas ainda não confio nesse homem ferido, tenho medo de dizer a coisa errada e ele me atacar novamente. Estou dividida entre sentir medo dele e querer desesperadamente consolá-lo.

— Jed, você não tem escolha — digo a ele. — Ela é um risco para todos nós.

É como se ele não me ouvisse, não compreendesse.

— Eu só queria mais um dia com ela — ele implora. — Um dia para esquecer. Para fingir que não há infecção, que os Esconjurados não existem. Um dia para guardá-la na minha memória.

— Mas a infecção...

— A mordida é pequena, Mary — ele me diz, e seu rosto desaba quando ele pronuncia essas palavras. — Ela tem mais dois dias pelo menos, se não três — sua voz soa oca. — A infecção dela está se espalhando devagar. Se aprendi uma coisa como Guardiã é como os vivos se transformam. Eu conheço os sinais. Sei o que esperar — ele engole em seco. — Ela ainda tem tempo.

Eu olho para a Floresta. Não consigo imaginar Beth se tornando um deles. Se tornando Esconjurada.

— Por favor, Mary. Me deixe ter este dia e esta noite com minha esposa. Se você conhece o amor, então entende o que isso significa para mim.

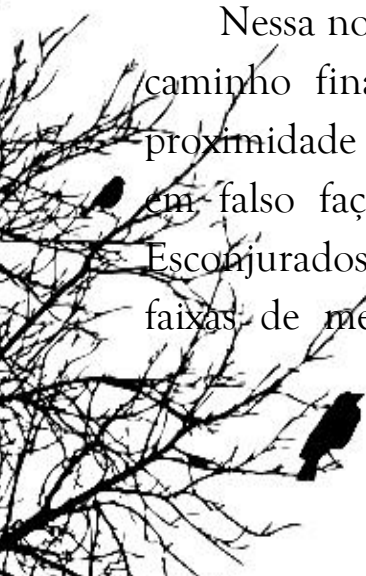
Concordo antes de perceber o que estou fazendo. Ele corre para mim e me abraça. Mas ainda estou pensando no que ele disse sobre o amor. Mesmo enquanto ele desce correndo o caminho para se juntar aos outros, para se juntar à sua mulher.

Enterro o rosto nas mãos. As palavras de Jed martelam minha cabeça. A culpa rasga minhas veias e me pergunto se algum dia amei Travis verdadeiramente, já que me permiti abrir mão dele. Me permiti ser amarrada a Harry. Minha traição queima fundo dentro de mim.

XVIII

Dumpro minha promessa: não conto aos outros sobre Beth.
Mas ainda assim fico de olho nela. Vigio para ter certeza de que Jed nunca saia de perto dela. Mesmo sem uma arma, estou pronta para matá-la, esteja ele pronto ou não.

Nessa noite, no momento em que o sol incendeia os topos das árvores, o caminho finalmente se alarga mais, nos dando um pouco de alívio da proximidade constante e avassaladora da cerca e do medo de que um passo em falso faça com que nos choquemos contra os elos e os dedos dos Esconjurados. Bem no meio da clareira, há um baú de madeira preso com faixas de metal. Ele é comprido e largo, e tem uma grande fechadura



enferrujada pendurada numa das extremidades. Argos fareja o objeto, balançando a cauda de um lado para o outro, dançando excitado.

Cercamos o baú e reparo que ele tem letras marcadas a fogo na tampa. Passo a mão sobre elas, retirando folhas apodrecidas de cima. XVIII.

Penso nas letras que Gabrielle traçou na janela do seu quarto: XIV.

— O que significam essas letras? — pergunto a Jed.

Ele dá de ombros.

— Faz diferença?

— Foram os Guardiões que colocaram eles aqui? — insisto.

— Não, o baú sempre esteve aqui. Foram as Irmãs que nos contaram a respeito e nos pediram para manter os suprimentos sempre frescos.

— E a chave? — pergunta Harry.

Jed dá de ombros de novo.

— Não pensei em trazê-la comigo.

Viro de costas e escondo o rosto para abafar as risadas.

Harry ataca a fechadura com seu machado, arrebatando-a na terceira tentativa. Dentro dela há três odres de água, dois sacos de comida e mais dois machados de gume duplo. Jed pega um e Travis o outro.

— Devíamos acampar aqui esta noite, onde há espaço — diz Harry. Todos concordamos, aliviados por poder ficar fora do espaço estreito entre as cercas, e os homens começam a arrancar as tábuas do baú para iniciar uma fogueira enquanto Cass e eu preparamos uma refeição simples.

Falamos pouco enquanto comemos naquela noite. Vejo as chamas consumirem as letras outrora marcadas a fogo na madeira do baú e penso em Gabrielle e como ela estava naquela noite quando a vi pela janela da Catedral. Seus longos cabelos negros emoldurando uma pele ao mesmo tempo pálida e escura, como a lua logo no instante em que aparece sobre o horizonte. Antes de se tornar uma Esconjurada. Quando ela era apenas uma garota como eu, olhando por uma janela trancada para a promessa do caminho que corta a Floresta, a promessa de outro mundo.

Naquela noite, quando adormeço num sono inquieto, Argos enfiado

entre meus braços, sonho com Cass e Jacob tentando me alcançar pela cerca. Só que eles não são Esconjurados. Eles estão de um lado de um portão trancado e eu estou do outro, e os sons dos Esconjurados me ensurdecem, mas não sei se eles estão vindo pegar a mim ou a eles.

Cass abre a boca e grita e eu acordo com um susto apenas para descobrir que seus gritos ainda ecoam nos meus ouvidos. Sob a minha mão, consigo sentir a reverberação do rosnado de Argos. Sento-me e me viro para onde Cass ainda está gritando e apontando.

Meu primeiro pensamento é que Jed estava errado e Beth se transformou, mas então, pelo canto do olho, vejo um relâmpago vermelho e meu coração para de bater. Eu me engasgo e quase paro de respirar quando vejo Gabrielle vindo em nossa direção. Me seguro para o impacto, para as dentadas, mas aí ouço o sacudir da cerca quando Gabrielle se choca com ela. Três flechas brotam do torso dela e um braço pende num ângulo bizarro, mas isso não a detém nem reduz sua velocidade.

Outros Esconjurados cambaleiam atrás dela e acabam se juntando a ela na cerca, todos clamando por nós.

Travis joga terra nas cinzas da fogueira da noite passada enquanto Harry e Jed se levantam, prontos com seus machados. Mas a cerca segura os Esconjurados, e somos atacados apenas pelo cheiro da carne fétida deles e pelos sons de seus gemidos desesperados.

Deixamos nosso pequeno acampamento sem dizer uma só palavra, voltando a caminhar em fila indiana à medida que o caminho torna a se estreitar. Andamos rapidamente, deixando os Esconjurados lentos se arrastando atrás de nós, incapazes de manter o mesmo ritmo. Mas Gabrielle nos acompanha a cada curva. Ela é como Argos, correndo à frente ao longo da cerca, empurrando-a, testando para ver se encontra alguma fraqueza, correndo de volta para nós, tentando atravessar.

— Como foi que ela saiu da aldeia? — ouço Beth gemer. — Como foi que ela nos encontrou?

Jed puxa sua esposa para perto de si, o caminho mal dá para que os dois

andem lado a lado. Ele olha para mim por sobre a cabeça dela.

— Ela deve ter conseguido voltar pela brecha — ele diz.

— Isso quer dizer que não deve ter restado nada na aldeia para ela — ouço Harry dizer. — Isso quer dizer que a aldeia deve ter acabado completamente. Se eles não conseguiram matá-la... — ele para de falar, permitindo que cada um de nós tire suas próprias conclusões.

Cass, próxima da frente da fila, para ao ouvir essas palavras, e quando me aproximo ela põe a mão de Jacob na minha e fica atrás de nós na fila. Posso ouvir os soluços dela, ouvir seu corpo estremecendo enquanto ela luta para respirar. Quero parar e abraçá-la, consolá-la, mas em vez disso seguro a mão de Jacob com mais força.

— Por que aquela ali é tão diferente? — ele me pergunta com sua voz ligeiramente anasalada de menininho. Aponta para Gabrielle, com seu colete vermelho-vivo.

Eu balanço a cabeça. Penso em Gabrielle sendo trancada na Catedral com as Irmãs, na última vez em que a vi e como a procurei e procurei, mas nunca consegui encontrá-la. Penso no túnel, nas portas dentro dele, no quartinho, nos escritos a mão dentro da Escritura. Não consigo parar de pensar no que as Irmãs fizeram a Gabrielle, como elas devem ter provocado esta destruição.

Uma nuvem grande e brilhante acaba de abafar a forte luz do sol logo acima de nossas cabeças quando o caminho volta a se alargar e chegamos ao portão que divide as cercas. Situada acima da alavanca, vejo uma pequena barra metálica com as letras XIX inscritas nela. Por um breve instante isso me faz lembrar das portas de minha aldeia, e de como as Irmãs inscrevem cada porta com palavras da Escritura. Deslizo minha mão sobre as letras do jeito que fui ensinada a reconhecer os versículos da Escritura quando entro num aposento.

Mas em vez de pensar em Deus, como deveríamos fazer, penso em

Gabrielle.

Fico pensando qual é a relação entre as letras que Gabrielle escreveu na janela, as letras queimadas a fogo no baú que achamos antes e estas, mas não consigo achar um padrão. Olho para onde Gabrielle soca a cerca com uma paixão louca que nunca tínhamos visto nos Esconjurados antes. Gostaria de poder lhe perguntar essas coisas, consolá-la, mandá-la parar e depois pedir sua ajuda.

Em vez disso, agarro o metal quente da alavanca e estou prestes a puxá-la quando Cass perde o fôlego e dá um passo à frente dos outros em minha direção.

— O que você está fazendo? — ela grita para ser ouvida por sobre os sons de Gabrielle. — Você não sabe o que está lá fora. Para que serve esse portão. E se houver Esconjurados do outro lado? Mary, você quer nos matar.

— Não temos escolha — respondo e puxo a alavanca, abrindo o portão quase sem emitir um rangido. Fico surpresa ao ver como ele é pesado; permaneço onde estou, segurando a alavanca enquanto os outros passam pelo portão lentamente.

Jed caminha com um braço protetor ao redor de Beth, e já reparo como seus olhos afundaram no crânio, como seus passos ficaram menos seguros, como seus cabelos castanhos pendem sem vida ao redor do rosto. Tento agarrar meu irmão, dizer a ele que esta noite ele tem que tomar conta dela. Que ela é perigosa demais. Mas ele balança a cabeça antes que eu possa falar e me diz que tudo está sob controle.

Eu me pergunto, quando Harry e Travis passam pela abertura, se eles veem essas mudanças em sua irmã. Se eles sabem o que aguarda por ela no fim do dia. A inevitabilidade de tudo.

Sei que Jed ainda não lhes disse que Beth está infectada, muito embora cada passo nos leve mais para perto de sua morte.

Depois que todos passam, deixo o portão se fechar suavemente. Quando coloco a tranca, descubro outra pequena placa de metal deste lado do portão. Gravadas nele, as letras XVIII — as mesmas letras queimadas no baú. Eu me

esforço para juntar todas as peças, para entender o que significam essas letras, mas não consigo chegar a conclusão alguma.

Balanço a cabeça e esfrego o dedo ao longo do metal. Suas bordas afiadas cortam meu polegar. Chupo o sangue dele e dou meia-volta para me juntar aos outros. Não avançamos muito porque logo o caminho chega a uma bifurcação e enfrentamos uma decisão. Argos desce num trote cada um dos dois caminhos, farejando furiosamente antes de voltar e se sentar aos meus pés, a língua pendurada do lado da boca.

— Podemos nos separar e vasculhar cada um ou simplesmente escolher um só — diz Harry, mãos na cintura, olhando o caminho que segue para a direita. Há uma pequena clareira onde os três caminhos se encontram e Beth aproveitou a oportunidade para se deitar no chão, em posição fetal, o xale bem enrolado nos ombros e a cabeça repousando sobre as pernas esticadas de Jed.

Cass se senta com Jacob, a mão fechada sobre a dele, ajudando-o a desenhar seus números na terra.

— A escolha é fácil — ela diz sem levantar a cabeça. — Deveríamos tomar o caminho que nos leve para longe dela — e aponta para onde Gabrielle se atira contra a cerca com o mesmo furor da primeira vez em que nos encontrou. Ela é a razão pela qual fomos forçados a caminhar em fila indiana por esse caminho estreito, temerosos de que, se caminarmos lado a lado, ela possa ser capaz de alcançar um de nós.

— O que Cass disse faz sentido — diz Travis. — Se pegarmos o caminho da esquerda, não há jeito de ela nos seguir.

Todos concordam. Jed ajuda Beth a se levantar e começamos a descer, devagar, o caminho à esquerda, deixando Gabrielle atacando a cerca atrás de nós. O caminho quase parece vazio sem a constante presença dela, e uma pequena parte de mim percebe que sinto saudades dela.

Chegamos a mais duas quebras no caminho estreito durante o calor do dia, e cada uma das vezes tivemos que escolher aleatoriamente que direção tomar. Justo quando a luz muda, fazendo com que as distâncias fiquem

indistintas, Harry, que até então estava caminhando na frente, subitamente para.

— É um beco sem saída — ele diz.



XIX

— **O** O quê? — grita Cass. Sua voz tem um tom de histeria e ela passa à frente de Harry para ver por si mesma. Ela começa a bater na parte da cerca em que o caminho termina e me lembra dos Esconjurados, sempre querendo o que está do outro lado.

Finalmente, Travis vai até onde ela está e a envolve nos braços. Ele pede a ela que pare de falar e a balança suavemente, Harry chega por trás dela e põe a mão em seu ombro. Juntos, eles tentam acalmar os soluços que fazem Cass estremecer. Até mesmo Argos sai trotando até onde ela está, encostando nas pernas dela e lambendo sua mão. Ela se agarra a Travis, posso ver como os dedos dela afundam na carne do ombro dele pelo colarinho de sua camisa, e não consigo deixar de ver essa cena com um certo ciúme, o seixo da

posse caindo no poço do meu estômago.

— Inútil — resmunga Cass. — Tudo. Perdemos tudo. Meu pai e minha mãe... minha irmã... — ela luta para respirar e vejo lágrimas nos olhos de Travis e de Harry. — Mortos — ela continua.

— Todos mortos. E nós... — ela volta a estremecer, o corpo todo sacudindo. — Nós... o caminho, ah, meu Deus — as palavras dela viram gemidos. Travis a puxa mais para perto e passa a mão nos cabelos dela para consolá-la.

Minha garganta arde e sinto o estômago se contrair, mas nada acontece e ninguém repara. Tenho vontade de arrancar Cass dos braços dele, mas em vez disso dou a volta por onde Beth se deitou enroscada no chão e dou alguns passos caminho abaixo para sair dali. Tento respirar fundo, mas meu corpo ainda vibra. Conheço a dor deles. Eu a compreendo, tenho vivido com esse tipo de arrependimento. Sei que deveria sentir simpatia, sei que estamos todos juntos nesta situação. Mas não posso evitar o calor, a raiva que ferve nas minhas entranhas.

— Devíamos simplesmente passar a noite aqui — Jed grita.

— Não tenho certeza de que Beth possa conseguir andar mais hoje — espero que ele conte a todos por que, como ele prometeu. Contar a todos que ela está infectada. Mas ao invés disso ele diz:

— Ela está arrasada com a perda dos pais.

Jogo as mãos para o céu e começo a me afastar irritada, mas Jed me alcança antes que seja impossível falar comigo.

— Não adianta — ele me diz, e se com isso ele quer dizer Travis, Harry, Beth ou o caminho, eu não sei. Só sei que estou cheia de raiva com tudo o que aconteceu. Essa fúria percorre meu corpo como se fossem relâmpagos disparando pelas minhas veias.

Não consigo deixar de soltar uma risada, que soa rouca na minha garganta.

— Você quer falar sobre o que é que não adianta, Jed? — pergunto, porque quero atacar alguém e quem está mais perto é ele. — Guardar seu

segredinho sobre Beth? — digo isso em voz alta, para todo mundo ouvir, e, como eu queria, tanto Travis quanto Harry olham para mim quando menciono o nome da irmã deles.

Subitamente, sinto uma profunda necessidade de magoar Travis, que está ali parado abraçado a Cass, os dedos dela possessivos ao redor do pulso dele como uma corda de Amarrar. Por me fazer querê-lo tão ferozmente e por não ter vindo me buscar antes de minha última noite com Harry. Por não vir antes de tudo ficar tão feio e complicado.

— Conte a eles, Jed — digo, meus olhos ainda fixos no olhar questionador de Travis. — Você prometeu que ia fazer isso. Conte a eles que Beth já está morta. Conte a eles que você se recusa a matá-la. Que você está pondo todos nós em perigo.

Não me mexo quando vejo a mão de Jed vindo na direção do meu rosto, quando sinto minha face queimar depois do tapa. Nem sequer faço careta ou levanto a mão para passar no rosto e diminuir a dor.

E fácil ver que Travis ainda não está entendendo o que está se passando. Ao ouvir seu nome, Beth acorda. Notando que estamos todos olhando para ela, se senta rapidamente, o xale escorrega do ombro e expõe a ferida purulenta que estava escondida por baixo.

Harry grita como um animal ferido e cai de joelhos, se arrastando até sua irmã. Travis fica simplesmente parado e me encara enquanto sinto meu corpo se inflamar. Eu já estou me desprezando, sentindo a vergonha tomar conta de mim, me afogar. Viro-me e desço correndo o caminho.

Mas pelo menos sei que Travis agora está sofrendo tanto quanto eu.

Vou vagando ao longo dos vários caminhos, deixando pilhas de pedras ou gravetos a cada vez que chego a uma bifurcação no caminho para que eu possa retrair meus passos de volta. Gostaria de poder encontrar algo que ajudasse — algo para levar de volta como oferenda para fazer as pazes e provar que estamos indo na direção correta. Que não vamos sair vagando

Floresta adentro até morrer de fome ou desidratação.

Mas não encontro nada — apenas o interminável caminho cheio de lianas e mato super crescido. Vinhas marrons mortas se penduram pelos elos das cercas, com brotos que podem um dia ter tido flores, mas que agora pendem murchas e ressequidas.

Depois de algum tempo, acabo retornando à primeira bifurcação do caminho, onde me sento e fico olhando para o mato. E quieto aqui, os Esconjurados não se levantaram ao som dos meus passos.

— Gabrielle? — pergunto ao silêncio. No começo minha voz é hesitante, mas depois fico mais ousada. — Gabrielle! — grito. Em pouco tempo ouço o som de um animal correndo pelo mato, e então seu colete vermelho-vivo aparece subitamente por entre as árvores e ela se joga contra a cerca. Não é ao próprio nome que ela responde, mas à minha existência. Ela não vem porque eu a chamo, mas porque tem fome de mim. Porque ela não tem mente, tem fome, e não conhece mais nada a não ser o desejo pela carne humana.

Ela parece um pouco mais lenta, como se seu corpo estivesse se desfazendo no esforço de sustentar tanta energia. Mesmo assim, enfia seus dedos pelos elos na cerca em minha direção, a boca colada no metal caso eu chegue perto demais.

Penso em enfiar um dedo pela cerca, dentro de sua boca. Deixar que ela me consuma e me infecte. Acabar com o caminho e com os desejos que são tão dolorosos de suportar.

Penso em minha mãe lá fora na Floresta em algum lugar e em como talvez eu pudesse encontrá-la se fosse Esconjurada. Sempre me perguntei se existe alguma fagulha de reconhecimento entre os Esconjurados — se eles são como animais ferozes que entendem alguma coisa tão profunda e verdadeira quanto o amor.

Estendo a mão e pressiono meu dedo contra a unha de seu dedo mínimo, o único dedo que não está curvado e quebrado de tentar arrancar a cerca.

— Quem é você? — pergunto. Seus olhos estão agora arranhados e têm uma cor azul leitosa, e sei que ela não me vê.

As lágrimas pingam pelo meu rosto, caem sobre minha camisa.

— É mais fácil do outro lado? — pergunto a ela, ainda percorrendo seu dedinho com meus próprios dedos. Ela tenta agarrar minha mão, mas a dela está muito mutilada para conseguir a destreza necessária.

Ela não é muito mais alta do que eu e tem um corpo parecido. Em outra época poderíamos ter sido confundidas com irmãs, embora seu nariz, um dia longo e reto, esteja agora torto, com o osso perfurando a ponta.

— Desculpe — digo a ela.

Quero tanto acreditar que ela consegue me ouvir. Que consegue entender. Mas ela continua tentando me agarrar, o sol começa a se pôr, e eu continuo a chorar lágrimas pesadas.

Estou justamente dando as costas para deixá-la, enxugando o rosto com a mão, quando uma coisa reluz na grama onde os dois caminhos se juntam. Eu forço a vista e viro a cabeça, mas não volto a ver o brilho, e então caminho até onde a cerca se divide e futuco o chão com o pé.

Ouçó um barulhinho metálico e me ajoelho, usando meus dedos molhados de lágrimas para cavucar a grama até que eu encontro. Presa aos elos do fundo há uma pequena barra de metal igual às que estavam penduradas sobre as alavancas do portão. Esta aqui está posicionada logo à direita da bifurcação, a menos de um palmo de distância.

Assim como as outras barras de metal, esta tem uma inscrição. Esfrego os dedos nela, deslocando a poeira. Posso sentir cada letra: XXIX.

Por curiosidade, vou até a outra ramificação do caminho, reviro o mato grosso e super crescido e encontro outra barra com letras semelhantes: XXIII.

Balanço sobre os calcanhares até cair sentada. Assim como os portões, essas caminhos são marcados: eles não são aleatórios.

Quase com medo de que eu possa estar vendo coisas ou inventando-as, me levanto de um pulo e saio correndo até a próxima bifurcação do caminho, meu corpo gritando por ar quando chego lá. Caio deslizando de

joelhos e escavo a grama e a terra até encontrar mais duas barrinhas de metal, cada uma marcando um caminho. Novamente com letras semelhantes: VII, IV.

Fecho os olhos e tento entender o padrão das letras. Tento descobrir o que elas estão me dizendo. O que elas têm em comum, mas meu coração bate rápido demais, meu sangue flui pelo meu corpo com tanta velocidade, tanta excitação, que não consigo me concentrar.

Meus dedos tremem enquanto os esfrego sobre as letras sem parar, sem parar, sem parar. Penso na janela onde Gabrielle escreveu seu nome. Na minha mente estão bem claras as letras que ela escreveu no vidro: XIV. As letras têm de ser alguma espécie de código e as barras de metal um tipo de marcadores.

E mesmo assim não consigo entender nada. Não consigo juntar as peças do quebra-cabeça. Meus dentes rangem de frustração e eu jogo terra em cima da barra que estava examinando. Volto a enterrá-la no mato.

A medida que o sol começa a pairar sobre as copas das árvores e minha pele arde lentamente com seu calor, volto ao nosso acampamento no beco sem saída, repassando as letras na minha cabeça sem parar.

A cada vez, chego à mesma conclusão: existe uma ligação entre as letras e Gabrielle. As letras irão me levar a ela. Irão solucionar o mistério de quem ela é e talvez até mesmo de onde ela vem.

Ela estava tentando me dizer alguma coisa quando escreveu aquelas letras na névoa de sua respiração na janela. E não tenho escolha a não ser seguir sua mensagem.

Bato os dedos distraída sobre os lábios enquanto penso. Estou louca de vontade de contar a todos sobre esta descoberta. Explicar a eles que agora temos uma direção de algum tipo. Um propósito.

Desço correndo o caminho, passando pelas pequenas pilhas de pedras que montei para marcar o caminho de volta para os outros, parando apenas para procurar as barrinhas, os marcadores dos caminhos. E a cada vez que esfrego meus dedos sobre as letras gravadas não consigo deixar de rir.

E ainda estou zonga de risos e alegria quando faço a curva no caminho e encontro Cass sentada, Jacob dormindo a poucos metros de distância, seu corpinho agarrando Argos como quem se agarra a uma lembrança da vida antes da brecha.

— Beth está morta — ela diz, sem sequer se importar de olhar para mim. — Estão cavando a sepultura dela — eu não queria que Jacob os visse decapitarem-na. Ele já viu muita coisa.

A tristeza toma conta de mim e a alegria da minha descoberta se esvai. Eu nunca disse adeus. Não estava lá.

Não fiz nada nas últimas horas de vida dela a não ser lhe causar dor.

— Eu deveria ir ajudar — digo. Minha voz revela tensão e dói ao deixar a garganta. As lágrimas já começam a descer dos meus olhos mais uma vez, escorrendo pelo rosto.

Ela estica uma mão e agarra meu tornozelo enquanto tento passar.

— Não — ela diz.

Deixo minhas pernas desabarem e vou chegando perto dela até me aconchegar.

— Desculpe — digo. Pedindo desculpas novamente, como se essas fossem as únicas palavras que eu tenho permissão de dizer.

Ela assente. Sua expressão é tão grave, tão séria. Não é a Cass que eu sempre conheci, aquela que era sempre luz e sol. Que sempre era despreocupada e feliz. Me dói ver a escuridão invadir seu espírito, assumir o controle dela.

Deixo minha cabeça cair entre os joelhos e ponho minhas mãos sobre a nuca. De repente, encontrar pedacinhos de metal com letras gravadas neles parece uma coisa inútil. E como se o mundo tivesse aberto sua imensa boca. Como se ele tivesse trazido a realidade de volta sobre nós, para nos lembrar de como nossa vida é injusta. De como é inútil tentar existir quando cercados por nada a não ser a morte. A morte incessante e determinada.

Uma nuvem obscurece o sol, jogando o mundo ao nosso redor na escuridão e no frio. O vento balança um pouco as árvores, as folhas revelam

suas partes inferiores brancas. O gosto da chuva recobre minha língua e à distância posso ouvir os gemidos baixinhos e leves dos Esconjurados deitados que se levantam para nos achar. Que ouviram meus passos e sentiram o meu fedor.

Decido não contar a eles sobre as letras. Não lhes dar nenhuma esperança. Não quero ver Cass desabar novamente, não quero carregar o peso das expectativas deles.

E se as letras não significarem nada? E se o caminho não levar a lugar nenhum? E se descobrimos o enigma, e se subitamente esperarmos um fim e não encontrarmos um? Já basta que eu saiba que os caminhos estão marcados, basta que eu saiba procurar pelas letras de Gabrielle.

Me pergunto se talvez todos os caminhos levem aos Esconjurados. Se isso é um destino ao qual nenhum de nós pode jamais escapar — algo tão certo quanto a morte. Me pergunto se talvez eu estivesse certa quando era criança, que não pode existir um lugar tão grande quanto o oceano, nenhum lugar tão grande que possa ter sido intocado pelo Retorno.



XX

Depois que Beth é enterrada, Harry e Travis voltam pelo caminho até onde Cass e eu estamos sentadas em silêncio, vendo Jacob tirar uma soneca com Argos, seus ombros ossudos levantando e abaixando hipnoticamente. Harry anuncia que o plano é retrair nossos passos enquanto ainda há um resto de luz e acamparmos na última divisão da cerca, onde o caminho é mais largo.

Deixo que sigam sem mim. Em vez disso, vou diminuindo a velocidade do meu passo até ficar no fim da fila e encontro Jed em pé ao lado de um monte de terra. Posso ver o peso de sua tristeza na postura dos seus ombros caídos, o jeito como suas mãos estão caídas ao lado do corpo, murchas como se não tivessem vida.

— Foi aquela de vermelho que a pegou — diz Jed, olhos fixos na terra que ainda está se assentando sobre a carne de sua mulher morta. — Ela foi

muito rápida. Rápida demais. Beth foi... — ele engole em seco. Fica em silêncio. — Beth estava grávida de novo — ele diz finalmente. A voz dele cede ao dizer isso, e hesito antes de me aproximar, antes de colocar o braço sobre seu ombro para ajudá-lo a suportar um pouco a dor.

Por um instante, tenho medo de que ele me afaste. Mas então ele desaba em cima de mim. Sou a única coisa que o segura de pé, e finalmente sinto que somos irmão e irmã novamente. Os laços forjados quando éramos crianças são fortes demais para serem rompidos.

— Jed — eu digo. E então faço uma pausa e respiro fundo. Com medo de estragar o momento. — O que aconteceu com Beth? Como ela foi infectada?

Uma pedrinha desliza do monte de terra direto para seus pés e ele me solta, curvando-se para pegá-la. Ele a esfrega entre o dedo e o polegar.

— Estávamos indo para a Catedral — ele diz. — íamos contar para a Irmã Tabitha que Beth estava grávida para que ela pudesse ser abençoada com as outras mães na cerimônia final dos Votos.

Minhas bochechas queimam com a lembrança do que estava para ocorrer no nosso último dia.

Ele tenta olhar bem para a Floresta, forçando a vista.

— Ouvimos a sirene e nos enfiemos em um chalé vazio. Eu estava tentando proteger bem a porta quando você passou correndo com Harry. Vi quando você correu para o caminho e percebi que você teve a ideia certa. Que o caminho era a única maneira de sobreviver. Eu tive tanto medo por você, Mary.

— Mas Beth — ele balança a cabeça ao se lembrar. — Ela não queria descer o caminho. Estava assustada demais. Queria ir para as plataformas. Onde sabia que estaria segura. Como sempre haviam nos dito. Ela não entendeu o que eu estava dizendo quando tentei explicar a ela que o caminho era seguro. Que eu havia estado lá antes com os Guardiões, protegendo-o.

Ele levanta a mão para trás como se fosse atirar a pedrinha na direção da

Floresta, mas se detém no último instante.

— Fui eu quem a puxou para vir comigo. Fui eu quem a puxou até o caminho quando começou a chover. Achei que se esperássemos até ficar escuro... talvez conseguíssemos nos esgueirar por todos. Estávamos a poucos metros do chalé quando a Veloz a agarrou. Pensei que a chuva ajudasse a desorientá-los. Que ela fosse nos dar o tempo de que precisávamos para conseguir escapar. Mas com a Veloz isso não acontece. Com a confusão de todo mundo gritando e lutando... não consegui ouvi-la chegando. Arranquei Beth das mãos dela. E Deus me ajude, joguei-a em cima de outra pessoa viva, torcendo para que isso mantivesse Beth a salvo.

Abraço meu corpo, imaginando como deve ter sido para Jed. Imaginando como é ser responsável por deixar que a pessoa amada seja infectada.

— Não havia nada que pudéssemos fazer então — sua voz é suave. Derrotada. — As pessoas sobre as plataformas mais próximas ao chalé... as pessoas que conhecemos por toda nossa vida... elas viram Beth ser atacada. E começaram a atirar flechas nela. Tentaram matá-la, e por isso não podíamos voltar. E o sangue da mordida dela atraía os Esconjurados lentos. Quase não conseguimos chegar ao portão.

Ele luta para controlar sua respiração, para conter seus soluços, e eu não quero nada mais do que trazê-lo para perto de mim e abraçá-lo. Acabar com sua dor e sofrimento como uma mãe faria com um filho.

Mas não faço isso. Fico à beira do túmulo de Beth, olhando para a Floresta e me perguntando como nunca estamos verdadeiramente preparados para a morte. Como podemos sempre estar cercados por ela, ser lembrados dela, sabendo que um erro pode levar à infecção. E, no entanto, quando ela vem, não estarmos prontos. Ainda temos muitos arrependimentos.

— Eu não tive escolha — ele finalmente diz, como se estivesse me pedindo absolvição. — Não podia deixar que ela se tornasse um deles. Não podia suportar pensar nela na Floresta.

— Eu sei — digo a ele, pensando em nossa mãe e na escolha que ela fez, na escolha que eu deixei que ela fizesse.

— Foi a coisa mais difícil que já fiz.

— Eu sei — repito, sem saber mais o que dizer a ele.

Jed faz que sim, aperta meu ombro com carinho e sobe o caminho para se reunir aos demais, que estão montando acampamento. Eu fico para trás, contemplado a mentira que disse a Jed.

Porque eu não aceito a mão de Deus, não acredito em intervenção divina nem em predestinação, não posso acreditar que nossos caminhos sejam escolhidos previamente e que nossas vidas não tenham vontade própria. Que não exista escolha.

Na manhã seguinte, o sol parece não se erguer, mas vazar ao nosso redor, o ar é espesso e pesado com a umidade que recobre nossa pele de suor. Muito embora precisemos avançar bastante esta manhã, ninguém esboçou um movimento no sentido de deixar a pequena clareira onde passamos a última noite. Cass toma um golinho de um dos odres de água e o passa adiante. Quando chega às minhas mãos, parece vazio.

Três dias se passaram desde a brecha. Estamos zangados, apavorados, arrasados.

— Devíamos voltar — diz Cass

Ao meu lado, Harry solta o ar como se o estivesse prendendo por muito tempo. Argos está deitado ao meu lado, as costelas sobressaindo como pedaços de pau quando passo a mão no seu flanco. Sua cauda bate letárgica na terra

— Não temos água suficiente para continuar vagando sem rumo assim — continua Cass. — Não podemos viver sem água e não podemos esperar prosseguir e simplesmente rezar para que chova novamente.

O dia mal começou e já sinto que se torcesse minha camisa daria para encher um dos odres de água.

— Talvez devêssemos procurar água — sugere Travis.

— O que precisamos fazer é voltar — responde Cass. As palavras dela saem bem firmes, como se ela tivesse repassado essa conversa na cabeça muitas vezes antes — Cass, querida, eu não acho que... — diz Travis e sinto meu estômago gelar com a palavra querida. Dou as costas para o grupo e olho para os Esconjurados que se reúnem na cerca, tentando a Floresta além deles.

— Não me interessa o que você acha — Cass o interrompe. Preciso morder o lábio para não soltar uma gargalhada. Não estou acostumada a essa Cass tão séria. Não parece natural, é estranho, e por algum motivo de repente parece muito engraçado.

— O que me interessa é que estamos quase sem água — ela se levanta e enfia o odre vazio na cara dele, forçando-o a cair para trás e se apoiar sobre os cotovelos. — Vamos ficar sem comida em alguns dias. O que me interessa é não morrermos de fome aqui fora na Floresta porque ficamos com medo demais para voltar para a aldeia — diz. Ela bate o pé vigorosamente no chão, como se não conseguisse controlar o próprio corpo.

— Não há nada lá para se voltar — diz Jed, a voz com um tom de finalidade.

— Você não sabe com certeza — diz Cass. A voz dela está ficando mais alta, mais aguda, mais desesperada. — Você não tem como saber. Você só sabe que as coisas estavam indo mal quando partiu. Não pode dizer que elas não melhoraram. Que eles não conseguiram consertar a brecha.

Jed não diz nada. Sua expressão indica que ele recuou para dentro de sua mente, para suas lembranças de Beth.

Cass começa a andar ao nosso redor.

— Vocês não conseguem ver o que vai acontecer aqui? A maneira como isto vai terminar? Vamos seguir estes caminhos até ficarmos fracos demais para nos mover, e então vamos morrer aqui — ela gesticula para o espaço ao

redor enquanto fala e está tão envolvida em seu próprio fervor que não vê as lágrimas nos olhos de Jacob, não vê que o está apavorando.

— De que adianta ficarmos vagando por aqui assim? — ela grita

— Tem alguma coisa lá fora — eu finalmente digo.

Ela gargalha, os olhos arregalados e alucinados.

— O que tem lá fora, Mary? Você está falando do seu oceano? — ela põe as mãos nos joelhos e se curva até o rosto estar no mesmo nível que o meu. — Nós podemos beber o oceano, Mary? Será que seu precioso oceano irá nos salvar quando estivermos morrendo aqui neste caminho?

Voltando a se endireitar, ela anuncia:

— Eu vou voltar — ela olha ao nosso redor antes de acrescentar. — E vou levar Jacob comigo — estende a mão para ele, mas ele simplesmente geme e recua — com medo da insanidade que reluz nos olhos dela, com medo da morte que testemunhou na aldeia.

Cass vai até onde Jacob está sentado e pega a mão dele, puxa-o para que ele se levante, mas ele não fica de pé. Seus gemidos viram soluços altos que sacodem seu corpinho, mas Cass não quer soltá-lo. Finalmente ele grita:

— Ai, doeu! — e Harry corre até ela e a afasta de perto do garoto.

Ela se vira subitamente para Harry e o agarra pelos braços. Posso ver onde seus dedos afundam na pele dele.

— Venha comigo — ela diz a ele, praticamente implorando. Ela está ofegante agora, o corpo todo tenso e trêmulo como se ela fosse entrar em combustão com a respiração mais leve. — Jacob pode ser nosso. Seu e meu. Podemos mudar isso tudo. Nós podemos consertar as coisas: podemos consertar isto tudo. Fazer com que seja do jeito que deveria ter sido — ela fala rápido, as palavras se atropelando umas sobre as outras como se ela fosse esquecê-las ou perder a vontade de pronunciá-las a qualquer momento.

Nenhum de nós se mexe, nenhum de nós respira enquanto vemos Cass desabar.

— Pense nisso, Harry — diz ela. Sua voz está mais suave agora. — Quando Travis ficou doente e éramos apenas você e eu.

Neste momento Cass me lembra uma criança. Com seus cabelos quase brancos de tão louros e seus olhos inocentes. Como ela me ouvia recontar as histórias de minha mãe, embora nunca nem ligasse para elas. Ela nunca entendia nada sobre o mundo antes do Retorno. Sua vida estava sempre no aqui e no agora. No êxtase de uma aldeia permanentemente protegida dos Esconjurados e de tudo o mais que possa ter um dia existido além das cercas.

— E se nós formos os únicos que restaram? — ela diz, se virando para todos nós, abarcando a todos com um gesto. — E se nós formos tudo o que restou do mundo? Não podemos nos permitir morrer. Não podemos ser o fim de tudo.

Harry olha ao nosso redor, os olhos arregalados, o rosto vermelho. O olhar dele acaba pairando sobre mim finalmente, como se ele estivesse enviando um pedido silencioso de socorro. Como se de algum modo eu soubesse o que fazer.

— Os caminhos estão marcados — eu finalmente digo, olhando para minhas mãos. — Ao fundo, no ponto onde se dividem. Há uma barra de metal com letras gravadas. Eram as mesmas letras que estavam no portão da nossa aldeia. As mesmas do baú que encontramos.

Harry arregala os olhos e então se solta de Cass e se ajoelha no ponto onde os caminhos se bifurcam e afasta para os lados o mato alto até achar a plaquinha de metal. Lê as letras: I-V e V-I-I.

Eu fico mexendo na cordinha suja de Amarração que ainda cerca meu pulso. Não quero compartilhar com eles as letras que Gabrielle deixou na janela para mim, é a última ligação entre nós. O último segredo que dividimos.

— Estas letras têm que significar alguma coisa — eu digo. — Acho que se as seguirmos poderemos ser capazes de descobrir uma ordem nelas. Descobrir o padrão e para onde elas levam.

Cass solta um grunhido baixinho.

— E daí? — ela diz. — Nós seguimos um desses caminhos e ele nos levou a um beco sem saída, ele não nos levou a lugar nenhum. É como nos

disseram quando éramos crianças: a Floresta de Mãos e Dentes não tem fim!

— E se mentiram para nós? — pergunta Travis, a voz calma e medida. Ele olha para nós, um de cada vez. — Eles obviamente mentiram a respeito do caminho. Os Guardiões colocaram suprimentos aqui fora mesmo quando nos diziam que o caminho era proibido. Permanentemente proibido. E se a Floresta tiver um fim?

— Precisamos voltar — Cass repete. Mas desta vez seus ombros estão caídos, o rosto está exausto e a voz sem qualquer emoção. — Por favor — ela acrescenta. Ela se vira para Harry e diz mais uma vez: — Por favor — mas ninguém se mexe para se juntar a ela, e finalmente ela se vira e desce cambaleando o caminho, se afastando de nós.

Ela não vai muito longe antes de cair de joelhos e começar a soluçar, soltando grandes uivos de dor que parecem ser ecoados pelos Esconjurados que empurram as cercas que nos envolvem. Finalmente, Jed se levanta e vai até ela. No começo ela levanta a mão como se para impedir que ele se aproxime, mas ele não deixa.

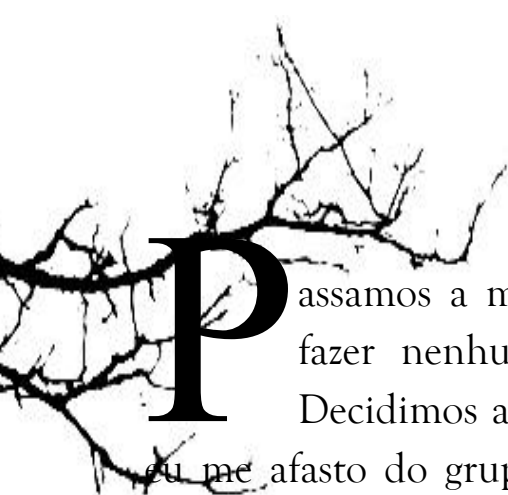
Em vez disso, ele se senta ao lado dela, puxa-a para seu colo e a abraça. Eu me lembro de como ele costumava me abraçar assim quando éramos crianças e eu acordava choramingando quando tinha um pesadelo. Preciso virar a cabeça para não ver o jeito como Jed embala Cass, meus olhos ardem e sinto saudade daquele tempo. Quando tudo com que eu me preocupava eram monstros em sonhos. Quando meu irmão estava sempre lá para me consolar.

Ficamos ali sentados, cada qual no seu próprio mundo.

— E se ela tiver razão? — Travis finalmente pergunta. — E se nós formos as últimas pessoas? Os últimos sobreviventes?

Nenhum de nós responde.

XXI



Passamos a maior parte do dia voltando sobre nossos rastros, sem fazer nenhum avanço real no novo caminho que escolhemos. Decidimos acampar cedo, todos estávamos exaustos. Naquela noite eu me afasto do grupo de mansinho e volto pelo caminho, na direção de nossa aldeia até onde nos separamos de Gabrielle. Faz apenas um dia desde a última vez em que a vi, desde que encontrei as placas marcando os caminhos, mas quando subo até a cerca e vasculho a Floresta, não a vejo, não vislumbro aquele estranho tom de vermelho.

Sento-me abraçando os joelhos ao peito e fico ali, apreciando a solidão. Aquele momento breve demais de quietude antes que os Esconjurados me farejem e venham esmurrar as cercas por mim. É raro sentar perto das cercas sem os Esconjurados, ter um pequeno vislumbre do que deve ter sido a vida antes do Retorno, antes dos gemidos constantes.

Minha pele se arrepia toda e então ouço o som de pés se arrastando atrás de mim. Eu me agacho e me viro, mas é apenas

Travis mancando em minha direção. Nenhum de nós diz uma só palavra enquanto ele se senta ao meu lado, esticando a perna ruim e massageando a área onde o osso ficou exposto antes.

Encosto a cabeça no ombro dele e ele se vira para me beijar na testa. Ele pensa nisso, claro, como um gesto de ternura. Para fazer com que eu saiba que ainda está ali para mim, para o que der e vier. Mas sentir os lábios dele faz meu corpo pulsar por toda parte. Combina com o silêncio: somos apenas nós ali, sem morte, sem responsabilidade.

Já passei do desejo. Preciso de Travis com uma ferocidade que jamais conheci. A não ser com ele.

Minha saia roda quando me sento e giro sobre um joelho até ficar de frente para ele. Com olhos arregalados, ele dá uma espiadinha caminho abaixo. Eu pego o queixo dele com a ponta dos dedos e o forço a olhar para mim.

O ar que respiro agora é almiscarado, eu o agarro pelos ombros, me colo o mais que posso ao corpo dele e depois mais e mais e mais. Há camadas demais de roupa entre nós e estou irritada com tudo o que nos separa e que eu não possa consumi-lo todo de uma só vez, todo o seu ser. Por um instante compreendo o desejo dos Esconjurados, a necessidade de ter a carne de uma pessoa viva.

Ele passa as mãos pelos meus cabelos e seus lábios estão tão perto, ah, tão perto dos meus. Memórias, dúvidas e temores me invadem, e eu ponho tudo de lado para viver só o aqui e só o agora.

Nós respiramos um ao outro, perdemos o fôlego, procuramos mais ar, mais um do outro. E aí seus lábios roçam os meus. Gentis, suaves, como uma folha caindo na água.

Ele pega minhas mãos e então sinto sua hesitação. Sinto seus dedos passando pela corda de Amarração que ainda pende do meu pulso.

Ele me solta, seus lábios abandonam os meus e sinto lágrimas quentes

no meu rosto. Não consigo olhar nos olhos dele. Para saber o que ele está imaginando.

Ele se afasta de mim, de um jeito que é como se arrancasse minha própria pele do meu corpo, e se levanta. Seus olhos reluzem, então ele dá meia-volta e desce o caminho puxando de uma perna. Quero correr atrás dele, atirá-lo contra a cerca e exigir que me diga por que não veio me buscar antes da Amarração. Quero culpá-lo por estas cordas ao redor do meu pulso.

Quero explicar que eu jamais teria feito isso se soubesse que ele viria. Quero implorar a ele que me perdoe por ter duvidado dele, por ter duvidado de que ele teria vindo me buscar antes de termos pronunciado os Votos de Constância Eterna. Quero acreditar que ele nunca teria me permitido casar com seu irmão, mas que seus planos se perderam no momento da brecha.

Mas então me distraio com um movimento vindo da Floresta, um lampejo de vermelho no limite da minha visão. Ela não está mais correndo, não está mais sequer caminhando ou de pé, mas se arrastando agora. Arrastando seu corpo quebrado pelo chão em minha direção, cravando os dedos na terra. Quase fico triste ao vê-la reduzida a isto. Seu corpo usou suas reservas de energia e começou a se desfazer.

Até onde sabemos, os Esconjurados não morrem, a menos que sejam decapitados ou queimados até virar cinzas. Eles não apodrecem, não se decompõem, apenas vão se desfazendo lentamente, um processo que fica mais lento quando eles se deitam como animais em hibernação. E é estranho ver Gabrielle assim, tão indefesa. Ela estende os braços em minha direção, quase implorando. Os gemidos agora são suaves e agudos como um bebê chorando em busca de consolo.

Mas seus olhos são os mesmos. Sua necessidade é a mesma.

Eu sofro por ela mesmo assim. Pelo fim que os sonhos dela tiveram. Tento me lembrar dela de pé em frente à janela da Catedral, e me pergunto se sua vida teve algum dia complicações iguais às minhas. Me pergunto se algum dia ela se sentiu dividida entre o dever e o amor. Me pergunto se a existência dela é mais simples agora que tudo se resume a uma necessidade,

um desejo.

Penso em Travis e Harry e neste caminho interminável, percebo que às vezes a morte vem antes que você espere. Que, embora raramente estejamos preparados para que nossos amigos, nossos familiares e amados morram, nunca estamos preparados para nossas próprias mortes. Nunca estamos preparados para resolver nossos próprios arrependimentos.

Desço correndo o caminho, quase cega pelas lágrimas. Quando me junto aos demais, vou direto a Harry e estendo o braço, a corda de Amarração esfiapada, pendurada.

— Corte — digo a ele. — Com o machado.

Ele pega minha mão, levanta a corda, afastando-a da pele branca delicada do interior do meu pulso. A lâmina do machado é fria e afiada, desliza fácil pela corda fina.

Ele ainda segura meu antebraço enquanto os restos das delicadas Amarras caem lentamente ao chão. Sinto que ele me puxa devagar, mas resisto. Então ele leva meu pulso à sua boca e beija a pele em carne viva machucada pela corda. Quando me solta, Harry não está olhando para mim, mas para seu irmão, um pequeno sorriso possessivo no rosto.

A coisa parece não ter fim. Pelas manhãs, lambemos o orvalho das folhas. Tentamos encontrar alguma sombra no calor do dia, dormir para conservar energia. Mas ainda assim estamos morrendo devagar. Nossos passos se tornaram menores e letárgicos. O mancar de Travis é mais pronunciado, como se ele não tivesse energia, exceto para simplesmente arrastar a perna atrás de si. Argos vai seguindo atrás de nós, mas não pula mais, apenas ofega com o esforço de existir.

Uma tarde, dois dias depois de enterrar Beth e cinco dias após a brecha, uma tempestade se arma ao nosso redor e ficamos quase zonzos de empolgação. Mas acaba apenas garoando, o bastante para umedecer nossas

roupas e línguas, mas nem de perto o suficiente para encher nossos odres de água.

Mal estamos conseguindo viver. A cada passo que damos, imitamos os Esconjurados que andam ao nosso lado do outro lado da cerca. Há dias em que me pergunto qual é de fato a diferença entre nós.

A medida que os dias passam, sinto o peso da responsabilidade nos meus ombros. A pergunta de Travis ecoa em minha mente: somos os únicos sobreviventes? E, se formos, será que eu nos matei insistindo em que continuássemos atravessando a Floresta? Se tivéssemos retornado à aldeia poderíamos ter feito a diferença na luta contra os Esconjurados? Deveríamos ter voltado? Tomado uma bifurcação diferente no caminho?

Serei eu a responsável pela queda final da humanidade?

Dez dias após a brecha, quando o sol da manhã dissipa a neblina com seu calor, chegamos a outra abertura no caminho. Desta vez, ao invés de dois caminhos divergentes, chegamos à clareira de uma praça com um portão diferente em cada lado. Cass cai no chão, puxando Jacob junto e lhe oferecendo o resto de suas rações — a comida que ela própria já não vinha comendo, mas guardando para ele.

Ela fecha os olhos e descansa a bochecha aguda na cabeça dele enquanto ele enfia o pedacinho de carne seca na boca.

Perdi a conta do número de bifurcações no caminho pelo qual viajamos. No começo tentei guardar tudo na cabeça como um mapa. Tentei me lembrar de quais caminhos estavam marcados com quais letras. Eu passava nossos dias de caminhada tentando juntar as peças, tentando encontrar o padrão.

Mas aí comecei a esquecer, as imagens mentais que havia preservado de cada caminho e cada barra de metal começaram a ficar nebulosas e se desvanecer, e às vezes eu tinha certeza de que as letras estavam se repetindo.

Que iríamos acabar atravessando caminhos pelos quais já tínhamos passado, como um verdadeiro labirinto.

Estou pronta para desistir. Para admitir a derrota. Para contar a eles sobre as letras de Gabrielle e pedir perdão por ter nos trazido a este lugar quando Harry lê as letras nas barras presas aos portões, como havia feito em cada bifurcação anterior. — X- X- X-I — ele diz, antes de ir se arrastando até o seguinte. — X-I- X — diz ele. — E, finalmente, X-I- V.

Levanto a cabeça num instante. Meu coração começa a bater acelerado no peito como se eu tivesse vindo em busca de ar depois de muito tempo embaixo d'água. Corro até onde Harry está, encostado no ultimo portão, olhando para o caminho com o rosto colado nos elos enferrujados.

Percorro a mão pela barra de metal e passo os dedos pelas letras: XIV. Na minha mente estou passando os dedos sobre uma vidraça na Catedral, seguindo o caminho que Gabrielle apresentou para mim: XIV.

Essas são as letras dela. Esse é o caminho dela.

— Devíamos descansar antes de avançar — diz Harry, mas eu já estou puxando a alavanca e abrindo o portão. Ouço todos protestarem atrás de mim, mas o sangue lateja furiosamente nos meus ouvidos. Não posso esperar por eles. Não posso descansar.

Começo a descer com urgência, as pernas ainda fracas, mas a mente as forçam a seguir em frente. Posso ouvir os outros atrás de mim, ouvir Cass gritando que não quer continuar. Gritando que deixem-na sozinha.

Mas não espero.

O sol da tarde já está descendo pelo céu quando eu sou forçada a cair de joelhos, quando a respiração fica pesada no peito — meu corpo protesta, exausto. Os outros finalmente me alcançam, ofegantes.

— Tem que ser aqui — digo a eles.

E é aí que vejo a aldeia por entre as árvores.



XXII

Não há pessoas. Não há fumaça saindo das casas. As plataformas elaboradas em cima das árvores estão vazias, as escadas caídas na terra, seus degraus cobertos de mato. O mundo aqui é silencioso. Parado. Morto.

Durante toda a nossa jornada ao longo do caminho, os gemidos dos Esconjurados foram constantes. Quando o som é tão incessante assim, a mente precisa encontrar um lugar para armazenar a constante lembrança da morte. E assim os gemidos passaram a não se tornar nada além de um zumbido, um ritmo de fundo para a vida cotidiana.

Talvez seja por isso que nenhum de nós nota quando o timbre desse zumbido se altera, se intensifica, se harmoniza. Quando ecoa ao nosso redor e nos empurra até que o ruído nos cerca por completo.

Em vez disso, cada um de nós segue seu próprio caminho, hipnotizado por este lugar novo, mas ainda vazio.

— Comida! — diz Jacob, a voz alucinada. Ele se solta das mãos famintas de Cass e corre na direção do prédio mais próximo. Cass o chama com a voz fraca e rouca de desidratação, e sai cambaleante atrás dele.

Ninguém a impede, o resto de nós continua a penetrar mais na aldeia. Muito embora esteja vazio, este lugar parece mais habitado que nossa própria aldeia. Aqui as ruas são largas e dispostas em formato de grade. Os prédios são maiores e mais sólidos. Há uma rua dedicada ao comércio: placas anunciando os produtos dentro delas pendem sobre cada entrada, balançando na brisa.

Descemos o que parece ser a rua principal, Harry e Jed seguem na direção de um prédio cercado por armas, deixando Travis e eu sozinhos, olhando pasmos o novo ambiente que nos cerca.

Levanto a cabeça e reparo que, assim como em nossa aldeia, este lugar possui plataformas nas árvores como refúgios de brechas na cerca. Mas, ao contrário de nossa aldeia, essas plataformas têm estruturas embutidas: casas, passagens entre plataformas, cordas e polias. É como se um eco da aldeia do chão existisse nas árvores. Como um reflexo numa poça d'água.

Eu fico ali parada, cabeça jogada para trás maravilhada com a luz do sol que passa por entre os brotos nas árvores e cobre meu rosto de pintinhas. Isso me enche de paz. Fecho os olhos e escuto o som do ar soprando por entre os galhos, fazendo cordas com nós se chocarem contra troncos de árvores e com que a porta de uma casa próxima bata de leve contra uma parede.

Mesmo com meus sentidos treinados se concentrando no mundo ao meu redor, não reparo nos gemidos crescentes.

Até que ouço alguém gritar. Até ouvir meu irmão gritar:

— Corram! — até sentir a mão de Travis agarrar meu braço, o som de vidro se quebrando perto da minha cabeça.

Eles saem cambaleantes das portas para o sol. Os Esconjurados deitados

que aguardaram tanto tempo nesta aldeia pela chegada de carne viva empurram cercas podres para o lado e quebram janelas empoeiradas. Qualquer coisa para chegar a nós.

Começo a ir na direção da plataforma mais próxima, mas Travis me puxa de volta.

— A escada — ele diz, enterrando os dedos no meu braço. — Minha perna. Não posso.

Por um momento não entendo, e então ele me puxa para longe desta rua e me leva de volta ao portão e ao caminho. De volta ao mundo conhecido que é seguro e está livre dos Esconjurados. De volta ao lugar de onde viemos.

Solto-me dele com um safanão, incapaz de voltar àquele caminho. De abrir mão desta aldeia e de minha busca pelo fim da Floresta e pelo oceano. Eu sei que assim que voltarmos àquele caminho estaremos presos, os Esconjurados ficarão barrando o portão por dias e semanas. Nunca seremos capazes de voltar.

— Nunca vamos conseguir — digo a Travis. E tenho razão. Já estamos bem no interior da aldeia, e os Esconjurados entre nós e a cerca estão em número muito grande para conseguirmos nos desvencilhar.

Chamo Argos de seu abrigo aos meus pés, orelhas coladas à cabeça, o zumbido baixo de um rosnado reverberando em minhas pernas. Ele olha para mim por um momento, sua hesitação clara. E então eu o empurro com o joelho e ele parte, seu treinamento assume o controle e ele começa a percorrer os prédios. Recuando e rosnando quando sente o cheiro de morte dos Esconjurados.

Desta vez sou eu quem puxa Travis, que manca muito por causa da rigidez da perna ruim. Com ele eu ando mais devagar, mas não estou disposta a abandoná-lo.

Ouçó os gritos de pânico de Jed e Harry, mas não tenho tempo de localizá-los. Só posso supor que eles também estão procurando refúgio, e espero que seja no mundo vazio das árvores.

Em cada porta Argos late e recua. Os Esconjurados saem aos borbotões das estruturas, de cada lugar oculto da aldeia, e começo a temer que jamais consigamos encontrar um refúgio seguro. Que este lugar não seja nada mais que uma colmeia de Esconjurados em hibernação.

Nos afastamos do centro da aldeia, indo para longe das lojas e para perto das casas. Esconjurados aparecem se arrastando dos campos ao redor, uma massa deles sentindo nosso cheiro e nos seguindo.

Travis tropeça e solta a minha mão. Eu me viro e vejo um garotinho vindo em nossa direção. Suas roupas estão esfarrapadas e os braços pendem soltos ao lado do corpo. Estou hipnotizada pelos seus olhos — um azul leitoso sem fundo contra uma pele branca pálida e cabelos ruivos despenteados. O rosto é cheio de sardas, que se espalham pelo nariz, bochechas e as pontinhas das orelhas.

Ele quase parece vivo, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo e encontrado seu mundo abandonado e alterado. Antes que eu perceba, estendi a mão como se para lhe dar as boas-vindas e chamá-lo até onde estou. Para lhe dizer que está tudo bem, que ele apenas acordou dentro de um pesadelo e que isso vai passar, se transformar em sonhos mais doces.

Ele está quase nos meus braços, a cabeça se virando na direção da minha mão, a boca se abrindo para expor dentes, quando um pé calçado numa bota surge de relance na frente dos meus olhos, atinge em cheio a cabeça do garoto e o faz cair rodopiando.

É Travis, que está segurando a perna ruim. Ele me agarra e me puxa para longe do garoto, guardando a raiva até estarmos a salvo.

Não consigo resistir e olho para trás para ver o garoto, que está lutando para se levantar. Pontinhos de sangue se misturam às sardas no seu rosto, e seu nariz agora é côncavo, empurrado para dentro da cabeça pelo chute.

Mas mesmo assim ele continua vindo em minha direção. Os olhos fixos em mim.

Argos mordisca meus calcanhares, os dentes insistindo em tocar a carne das panturrilhas. Ele usa seu corpo para me empurrar, para levar Travis e eu

na direção de uma enorme casa de três andares que domina o fim da rua.

Os Esconjurados estão agora quase nos tocando, e quando fechamos a porta da casa precisamos empurrá-los para o lado, as bocas escancaradas e as mãos estendidas tentando nos agarrar. Eles se inclinam para perto de nós e eu sinto o cheiro de morte deles, e então conseguimos entrar e Travis empurra a porta até ela trancar.

O silêncio da casa me motiva a agir rapidamente, e corro para as janelas, fechando os postigos, usando as tábuas grossas encostadas nas paredes para reforçá-los. Quando o térreo está seguro, corro para cima e vejo um longo corredor cheio de portas fechadas de cada lado.

As unhas de Argos arranham a madeira do chão enquanto ele fareja as frestas embaixo de cada porta. O ar aqui em cima é abafado e pesado de tanta umidade. Na última porta Argos começa a tremer, um grunhido baixo e comprido balançando seu corpinho.

Em cada porta eu encosto minha mão, coloco a orelha contra a madeira. Posso ouvir uma batida suave e repetitiva. Como o barulho de um gato trancado em um armário — é um eco das batidas aceleradas do meu coração. Muito embora eu saiba que deva esperar por Travis, engulo o medo na minha garganta e abro uma fresta da porta, pronta para fechá-la se encontrar mãos Esconjuradas.

Mas não há nada. Apenas as batidas constantes que agora estão mais altas sem uma barreira entre nós.

Permito que a porta se abra até o final e fico surpresa com a claridade do quarto. Uma janela grande deixa que a luz do sol entre e caia num ângulo agudo sobre um tapete esmaecido. Encostada em uma das paredes, vejo uma cama pequena com uma colcha de retalhos toda em tons de azul e amarelo. Sobre ela, pendurado na parede, um quadro de uma árvore com folhas verdes luxuriantes.

Eu me viro para olhar atrás da porta e aí vejo a origem das batidas. Enfiado no canto, há um pequeno berço branco com um saiote de renda branca. Não quero saber mais, mas ainda assim me sinto compelida a chegar

mais perto, a olhar dentro do berço.

Há uma criança — um bebê — que há muito tempo chutou as cobertas de lado. A pele dela é cinzenta e a boca está aberta em um grito perpétuo, porém silencioso. Ela não tem idade suficiente para rolar, se sentar, subir no berço. Então fica ali deitada chutando as perninhas gordas contra o estrado de madeira do berço, eternamente chamando pela mãe. Por comida.

Por carne.

Seus olhos estão quase fechados, mas sei que ela é Esconjurada. Dá para dizer pelo fato de que seu corpo não bombeia sangue, a moleirinha não pulsa mais. Pelo fato de que sua pele está flácida. Pelo seu cheiro.

E porque nenhuma criança poderia ter sobrevivido nesta aldeia por tanto tempo se estivesse viva. Ela joga um pezinho descalço para o ar e eu vejo as marcas da mordida, o anel de feridas que circula seu tornozelo e que a levaram até este lugar.

Eu me endireito e a encaro. Nunca havia visto um bebê Esconjurado. Deveria sentir compaixão. Deveria sentir algo dentro de mim me puxando para esta criança indefesa, uma espécie de instinto materno adormecido. Deveria querer trocar suas roupinhas sujas, cuidar dela.

Minhas pernas começam a tremer de exaustão e o mundo ao meu redor vai se inclinando de tal forma que tenho que agarrar a beirada do berço para não cair. Argos fica na porta, ganindo, os pelos em pé e os dentes arreganhados. O quarto tem fedor de morte, o que toma meus sentidos de assalto e invade minha cabeça — ele não gosta que eu fique tão perto do perigo dos Esconjurados.

E a criança continua ali, com seu choro mudo, sua boca aberta, chutando as pernas com fervor. Com sua necessidade evidente.

Estou tão cansada da necessidade. A necessidade de sobrevivência, de comida, de segurança e de conforto. Tudo o que eu quero é silêncio e sono. Paz.

Penso na escolha que minha mãe fez de se juntar ao meu pai na Floresta. Eu costumava acreditar que ela havia se infectado por acidente, num surto

alucinado de paixão ao ver meu pai ao longo da linha da cerca. Agora não tenho mais tanta certeza. Agora me pergunto se ela simplesmente não desistiu, se a luta da vida e da esperança finalmente não a fez se cansar de tudo.

E essa percepção queima fundo dentro do meu corpo, um calor que me toma por completo até eu sentir as pontas dos meus dedos em chamas. Uma raiva terrível toma conta de mim. Raiva da minha mãe, de mim, de nossa própria existência que sempre foi restringida pelos Esconjurados.

Respiro fundo e puxo um cobertor da cesta ao lado do berço. Coloco-o no chão. Pego o bebê com carinho, apoiando a cabecinha dela, e pelo momento mais breve ela vira a cara para mim como se fosse saudável, como se eu fosse a mãe dela, e sinto as lágrimas começando a descer pelas minhas bochechas.

Essa criança podia ser minha filha. Podia ser filha da minha mãe. Podia ser filha minha e de Travis. Alguém foi pai dela. Alguém um dia a segurou como eu a estou segurando agora.

Ajoelho-me ao lado do cobertor e a coloco no meio, minhas lágrimas criando círculos escuros quando caem sobre o tecido. Cantarolo enquanto dobro com cuidado os cantos bem apertadinhos, embrulho o bebê e a abraço, tentando lhe dar consolo.

Um dia, na aldeia, imaginei meus filhos com Travis. Eles teriam meus cabelos pretos e os olhos verdes dele, seriam fortes e saudáveis. Não se pareceriam em nada com essa criança e, no entanto, a sensação de ter seu peso assim nos meus braços, é justo como imaginei.

Passo meu dedo na testa dela e pela ponta de seu nariz. Cass me ensinou isso com sua irmã mais nova, um truque para fazer um bebê dormir. Mas esta criança jamais dormirá, jamais sonhará, jamais amará.

Estou tremendo quando ouço Travis descer mancando o corredor.

— Os outros conseguiram chegar às plataformas e estão seguros — ele diz quando entra no quarto. Para quando me vê, quando vê o que tenho nos braços. Seu rosto fica horrorizado quando percebe a realidade da situação.

— Mary — ele diz, estendendo a mão, me chamando para o corredor. Seu tom de voz é tenso, embora ele tente parecer gentil e tranquilizador. Posso sentir a hesitação dele, quase ouvi-lo gritar para que eu perceba o que estou fazendo.

Mas seguro a criança ao peito, cantarolo, a embalo, e ela uiva seu grito silencioso.

— Mary — ele repete, desta vez implorando. Ele dá um passo em minha direção tentando retirar a criança dos meus braços.

Mas antes que ele faça isso, vou até a janela, apertando seu peso macio contra mim. Eu a enfio debaixo do braço enquanto uso a mão livre para abrir a guilhotina. Deixo o ar frio bater na minha cara, lavar o fedor de morte do quarto. Me inclino para fora, deixo o sol queimar a minha pele, evaporar as minhas lágrimas.

E deixo a recém-nascida cair.

Ela cai sobre a massa de Esconjurados lá embaixo, e não a vejo nem ouço atingir o chão. Espero que sua cabecinha delicada não sobreviva a queda de dois andares e que esteja, finalmente, completamente morta. Mas também sei que, mesmo que a criatura sobreviva, ela não será mais nenhuma ameaça para nós.

Meu corpo estremece profundamente.

Travis chega por trás de mim e abraça meus ombros. Suas mãos tremem.

Levanto meus dedos e os ponho no rosto dele, sentindo a pulsação forte de seu coração sob a pele. O calor.

— Estamos seguros agora — digo a ele.

— Me conte uma história, Mary — ele murmura no meu ouvido, sua respiração suave, úmida e viva. Ele me puxa para a cama encostada na outra parede.

— Não sei se lembro de alguma — ainda estou chorando e ele me puxa para ficar ao seu lado.

— Me fale do oceano — ele insiste. A mão dele cobre a minha e ele puxa meus dedos para sua boca. Seus lábios se fecham sobre a carne do meu

polegar. Me lembro da primeira noite em que ele foi até a Catedral e como eu lhe dei neve para comer e a sensação de sua boca queimada contra meus dedos gelados. Me lembro da sensação do meu corpo descongelando pela primeira vez. De me sentir viva de verdade. Me permito relaxar da tensão, do medo e da dor dos últimos dias e desabo contra seu corpo forte.

Eu me permito sentir esperança mais uma vez.

— Tenho medo de que não ele não exista — minha voz quase some.

Ele desliza para o outro lado da cama e me puxa para seu lado até eu ficar aninhada contra ele, sua respiração quente na minha nuca, seus lábios tremendo contra minha pele. Seus braços me seguram firme, minhas mãos agarram bem as dele, seu polegar acaricia a parte de dentro do meu pulso.

Me permito esquecer o mundo em que vivemos. Me esqueço de nossa aldeia e desta nova aldeia, da Irmandade, do caminho e da Floresta. Não penso nos Esconjurados ou no meu irmão, em estar amarrada a Harry ou em minha melhor amiga.

Estamos sós numa casa que poderia ter existido antes do Retorno e poderia existir depois. Ela existe em um tempo que é normal e não sofre o peso da morte, da sobrevivência e do medo.

Só por este momento eu quero pensar na vida, em nós e em nada mais.



XXIII

Parece que os fundadores desta aldeia realmente entendiam a natureza da ameaça que existia do lado de fora das cercas. Enquanto as plataformas de nossa aldeia eram pequenas e tinham poucos suprimentos estocados, as plataformas aqui são quase aldeias independentes. Casas quase tão grandes quanto aquela em que cresci estão aninhadas nas bifurcações de galhos grossos, e pontes de cordas ligam as plataformas. Embora não possamos nos comunicar à distância da nossa casa com as plataformas a não ser por acenos, é óbvio que o resto de nosso grupo está feliz e saudável em suas casas nas árvores.

Da mesma forma, muito embora nosso pequeno santuário esteja cercado por incansáveis Esconjurados, parece que estamos seguros aqui dentro, postigos grossos reforçados por barras cobrem cada janela do andar de baixo. Embora os Esconjurados nunca cessem de forçar as paredes e portas, estamos

bem escondidos e seguros até que a persistência deles vença a resistência de nossas fortificações.

Parece que essa casa foi construída para um cerco desses e isso me faz imaginar como e por que nossa própria aldeia estava tão mal preparada. Me faz imaginar por que esta aldeia difere tanto da minha própria. Por que as casas deles são muito maiores e mais sofisticadas.

O andar de baixo consiste num imenso aposento que serve de cozinha, sala de jantar e de estar. Um grande fogão a lenha ocupa o meio do aposento e na maior parte de uma das paredes há uma lareira para cozinhar que é quase do meu tamanho.

Há uma sala de jantar com uma mesa comprida cercada por bancos — assentos suficientes para uma família grande e muitos vizinhos. Numa das pontas da área de estar há uma parede coberta por armas. Umas são lanças compridas, algumas são machados de cabo longo e outras eu nunca vi antes, todas têm lâminas afiadas. Há bestas e baús recheados de flechas. E, colocadas numa posição de honra sobre a lareira, estão duas espadas reluzentes com lâminas curvas e cabos intrinsecamente esculpidos.

Nos fundos da casa, meio escondido atrás das escadas, há um aposento impecável cheio de comida. Há três ou quatro prateleiras com vidros e mais vidros de compotas de frutas e vegetais. Ervas secas e carne defumada pendem do teto e as paredes estão cheias de barris com farinha e cereais.

Esta despensa tem comida suficiente para manter nós dois vivos por anos, ao que parece. E mais comida do que jamais vi e me pergunto se mesmo a Catedral tinha tanto estoque.

Logo do lado de fora da porta da pequena despensa há um minúsculo pátio fechado por um muro sólido de tijolos. Alguns vasos cercam o perímetro, prontos para o plantio. No meio há uma bomba que leva água fresca para a casa e o jardim. Há espaço suficiente para Argos tirar suas sonecas da tarde ao sol.

E óbvio que os donos originais da casa estavam esperando isso, estavam esperando a brecha inevitável que os deixaria presos. Uma ilha no mar de

Esconjurados.

No andar de cima há quatro quartos: três quartos para adultos e o berçário, cuja porta fechamos no primeiro dia aqui e não voltamos a abrir desde então. Assim como minha velha cabana em nossa aldeia, esta casa grande tem uma escada presa na parede ao final da escada no andar de cima. Eu subo nela e empurro um alçapão que leva para um grande espaço que tem o mesmo comprimento da casa.

Aqui em cima há mais comida enfileirada nas paredes e mais armas bem empilhadas. Há baús amontoados numa das extremidades que não me dou ao trabalho de explorar. No outro lado do aposento há uma portinha branca. Abro a tranca e empurro com força até que ela finalmente estremece, as vibrações fazendo com que meus braços subam à medida que o alçapão se abre.

Do lado de fora há uma pequena varanda com corrimões grossos à esquerda e à direita e nada na frente. Quando saio para a luz do sol acaricio o umbral à direita da porta, o hábito fazendo com que eu esfregue a mão sobre a Escritura que normalmente estaria escavada ali.

Mas essas paredes são nuas e lisas. Não há nada escrito na madeira, nenhum lembrete de Deus ou de Suas palavras. Lembro de todas as outras portas pelas quais passei até aqui e percebo que elas também estavam vazias.

Fico imaginando por que a Irmandade desta aldeia não mandou as pessoas inscreverem a Escritura, e então percebo que não há genuflexório nesta casa. Nenhuma tapeçaria nas paredes contendo Suas orações. Esta casa não contém nada de Deus. Esta descoberta me espanta: como puderam permitir a uma estrutura como a desta aldeia tamanha blasfêmia? T tamanha liberdade?

E me pergunto, pelo momento mais ínfimo, se as Irmãs desta aldeia não tinham um controle tão grande. Ou talvez não tivessem controle algum.

Me inclino contra o parapeito da varanda, olhando para a multidão de Esconjurados dois andares abaixo. Reparo que nenhum deles usa as vestes da Irmandade, nenhum deles veste uma túnica. Olho para os prédios ao meu

redor: nenhum deles tem aí marcas de Deus. Até onde posso ver, não existe nenhuma Catedral.

Minha cabeça dá voltas, tentando compreender esta nova aldeia. Tentando entender se ela era um lugar ausente de Deus ou apenas da Irmandade. Tentando entender se ainda é possível crer em Deus, mesmo sem a Irmandade.

Zonza, eu me sento, deixando os pés penderem pela borda da varanda, o que me faz sentir ainda mais sem chão. Nunca conheci uma vida sem a Irmandade, sem sua constante presença e vigilância. Nunca me ocorreu que Deus pudesse ser separado da Irmandade, que os dois nem sempre tivessem sido tão intimamente interligados que um pudesse existir sem o outro.

Esse pensamento me assusta, quase me fazendo perder a respiração.

Uma coisa pisca no canto do meu olho, me trazendo de volta de minhas revelações, e reconheço Harry em pé na beira de sua plataforma nas árvores a uma pequena distância. O mundo ao meu redor volta a ganhar foco e me levanto, pondo a mão sobre os olhos para poder enxergar melhor o ambiente que me cerca.

Percebo uma árvore enorme não muito longe dali, do outro lado da estrada de terra batida em frente à casa, entre a plataforma de Harry e a varanda onde estou. Vejo que ela costumava fazer parte do elaborado sistema de casas nas árvores e que existem cordas penduradas em tábuas aos meus pés. Elas pendem da beira da varanda onde não há corrimões até o chão, lugar onde os Esconjurados pisam sobre elas.

Parece que as cordas costumavam ser parte de uma ponte e percebo que esta casa, nossa casa, era provavelmente a âncora de todo o sistema. E agora, por algum motivo natural ou não, fomos soltos, deixados à deriva.

Me pergunto se há algum modo de Travis e eu chegarmos até os outros ou deles acharem um jeito de vir até a casa — se há um modo de consertar a ponte destruída pela árvore caída. Meu coração gela só de pensar nisso, não queria abrir mão de minha solidão com Travis tão cedo.

Harry acena para mim e eu retribuo. Ficamos parados olhando um ao

outro durante algum tempo até eu perceber que estou esfregando o pulso onde as cordas de Amarração um dia me esfolaram, onde cascas de ferida ainda marcam minha pele.

Ele está tentando me dizer alguma coisa, mas não consigo entender através de toda a distância e do gemido constante dos Esconjurados. Dou de ombros e levo a mão à orelha. Ele volta a gritar, fazendo um tubo com os dedos e mais uma vez eu balanço a cabeça. Ele acena, desistindo, como se o que tinha para dizer não fosse importante.

Depois de um tempo ele desce a plataforma, de volta à sua casa na árvore onde Cass, Jed e Jacob estão esperando. Já consigo ver uma pluma de fumaça subindo pela chaminé e me pergunto se eles também criaram sua própria vida. Se encontraram um meio de serem felizes neste novo lugar assim como Travis e eu encontramos.

Volto para dentro do sótão, a palma de minha mão roçando a parede lisa ao lado da porta. Hábitos antigos custam a morrer e a ausência não impede meus dedos de procurarem.

Com o passar dos dias, Travis e eu começamos a pertencer a outro mundo. Vivemos a maior parte de nossas vidas juntos no andar de cima, onde as janelas ficam abertas para a luz e para o ar. Uma vez mais os gemidos dos Esconjurados se integram à nossa vida cotidiana, o ruído constante relegado a um zumbido de fundo.

Apenas raramente, quando eu subo até a plataforma para olhar meu irmão, meu prometido e minha melhor amiga, me pergunto se eles estão vivendo uma vida igual à minha, uma tranquilidade doméstica cuja ameaça tão imediata do lado de fora de nossas portas desmente.

Uma vez quase pergunto a Travis por que ele não foi me buscar lá na aldeia. Estou sentada em frente a ele na mesa, há uma interrupção na conversa e eu quero tanto saber as respostas, saber como teria sido minha

vida sem a brecha. Estou tentando decidir como falar, a dor dessa espera queimando minha garganta.

Mas aí ele sorri e pega na minha mão — as palmas de suas mãos ásperas contra a minha pele — e percebo que isso não importa mais. Porque agora estamos juntos. E não quero estragar a harmonia que encontramos.

Começamos a nos acomodar em ritmos. Argos passa os dias cochilando em vários pontos da casa. Travis mantém nossa casa fortificada e eu mantenho nossos corpos alimentados. O mundo exterior termina na nossa porta e isso inclui nossos compromissos com outras pessoas. Aqui, em nossa casa, somos só nós e nossa vida juntos, e por enquanto isso é êxtase puro.

Até um dia, quando estou vindo da varanda no telhado e olho para os baús alinhados do outro lado do aposento. Pela primeira vez sou atraída para eles e passo a mão sobre a madeira macia, o cheiro de cedro invadindo minha cabeça.

Muito embora eu saiba que não pode haver ninguém atrás de mim, já que Travis não pode subir a escada que leva até aqui, eu me viro para garantir que não estou sendo observada. E então cuidadosamente eu levanto a trava de um dos baús que estão no topo da pilha.

Ele está cheio de roupas, e eu abro um sorriso, feliz por ter encontrado uma distração para a tarde. Um por um, vou puxando vestidos com bordados intrincados e decorados com costuras sofisticadas, cada um dos quais cuidadosamente dobrado para armazenamento. Todos têm cores diferentes, umas vivas, outras esmaecidas — e uns têm tons que eu nunca vi antes. O material é macio e diáfano, uma armação fina, mas rígida foi costurada no forro de cada saia para lhe dar mais balanço, espessura e rotação,

Seguro cada vestido contra meu corpo, me perguntando como deve ser usar tamanha beleza, até não me segurar mais e começar a experimentá-los. No começo sinto uma agitação, uma euforia com o material estranho contra a minha pele.

Mas aí começo a me perguntar que mulher um dia usou estes vestidos e

por quê. Durante dias vivi nesta casa e me proibi de imaginar como eram seus antigos ocupantes. Desde que deixei o bebê cair da janela não tenho me permitido especular sobre as crianças que um dia comeram na mesa no andar de baixo, os homens que fizeram as armas, as mulheres que prepararam cada compota de frutas e vegetais, fazendo planos meticulosos para um cerco ao qual nunca viveriam o bastante para resistir.

Agora estou vestindo as roupas dela e sou assolada pelas suas memórias. Eu sei que ela era mais alta do que eu porque seus vestidos cobrem meus pés descalços e arrastam no chão empoeirado. Sei que seus seios eram maiores do que os meus, talvez por causa dos filhos. Sei que os braços dela eram mais flácidos que os meus porque suas mangas engolem meus pulsos.

Mas não sei que sonhos ela imaginou enquanto rodopiava neste vestido. Que homem punha sua mão quente na nuca dela, fazendo sua pele formigar e seus olhos revirarem.

Subitamente fico zozza. Todos os meus pensamentos colidem dentro de mim ao mesmo tempo e sinto necessidade absoluta de saber essas coisas. Volto correndo à plataforma, ainda usando o vestido desta mulher, e me ajoelho e vasculho os Esconjurados lá embaixo. Examino os braços de cada mulher, suas cinturas, seus cabelos, seus pulsos.

Qual delas um dia havia vestido essas roupas? Qual delas passou as mãos sobre seu tecido para alisá-lo? Qual delas teve o bebê, criou os filhos, dormiu na Cama em que durmo agora?

É quase impossível diferenciar os Esconjurados em sua fome e motivação sem fim, suas peles macilentas e olhos sem expressão.

Nenhuma das mulheres abaixo parece certa, eu corro para a escada, desço de volta até o quarto e olho por cada janela. Mas é muito difícil. Todos estão muito aglomerados, eles rastejam uns por cima dos outros, levantando poeira em sua necessidade de entrar nesta casa, para me pegar e pegar Travis.

Sem sequer me importar em levantar a saia do meu vestido longo demais, disparo escada abaixo e agarro uma das lanças compridas, o que assusta Travis. Não ouço o que ele diz quando volto quase tropeçando escada

acima, a lança esbarrando nas paredes dos corredores. Sua ponta enferrujada e afiada vai arrastando atrás de mim, raspando os pisos de madeira já arranhados quando corro de volta para minha janela. Inclino-me sobre o alpendre, forçando as costuras do vestido e estendendo a lança o máximo possível. Ela é do comprimento certinho para eu alcançar a multidão da janela do segundo andar e cutucar os Esconjurados para tentar afastá-los um pouco, de modo a tentar dar uma olhada melhor no rosto de cada mulher.

É como uma fome que não consigo matar, uma sede insaciável: preciso saber quem viveu nesta casa, cuja vida assumi. Qual delas é a esposa e mãe? Estou quase convencida de que serei capaz de dizer apenas olhando nos olhos qual delas está batendo à porta de sua própria casa, procurando entrar de volta em sua vida antiga. A vida que roubei dela.

Estou em estado de desespero, enfiando a lança nos Esconjurados com lágrimas obscurecendo minha visão, quando Travis finalmente entra mancando no quarto, quase sem fôlego pela dificuldade de subir as escadas.

Ele põe a mão no meu ombro, mas eu o afasto com um safanão. Espeto cegamente cada corpo, gritando:

— Qual? Qual de vocês?

Finalmente, ele arranca a lança de minhas mãos e me puxa da janela. Mas desta vez minha mente já começou a trabalhar outras possibilidades, outras teorias.

— Talvez ela tenha ido embora — eu digo a ele. — Talvez ela não tenha conseguido voltar à casa, mas tenha podido chegar aos portões — digo. — Talvez ela tenha fugido como Gabrielle.

Levo as mãos ao meu rosto e tudo volta a foco por um breve momento. Talvez ela tenha escapado, talvez eles estejam todos lá, sozinhos, procurando. Talvez seja eu quem deva encontrá-los, lembrá-los, levá-los adiante. Começo a andar de um lado para o outro, minha mente dando voltas sobre si mesma e tropeçando.

— Eu consigo chegar até os portões — digo, a voz sem fôlego e empolgada. — Eu consigo encontrá-la.

— Quem? — Travis me pergunta, sua voz alta e firme ao me agarrar pelos ombros. — Você está procurando quem?

— Ela — eu respondo, apontando para mim mesma, para o vestido que estou usando.

— Do que é que você está falando, Mary? Isso não faz o menor sentido — ele continua me segurando e me impedindo de andar, mas meus pés continuam batendo contra as tábuas do piso, meus dedos se enterrando na madeira com vontade de se mexer, de agir de acordo com a minha necessidade.

— Você não está vendo? Alguém neste exato momento poderia estar em nossa aldeia, poderia estar em uma de nossas casas. Eles poderiam encontrar minhas roupas e pensar que eu sou uma delas, que eu sou uma Esconjurada, mas não sou. Estou aqui e eles jamais saberiam.

Puxo meus ombros das mãos dele e volto a andar de um lado para o outro. Enfio uma das mãos nos meus cabelos e gesticulo com a outra enquanto penso, tentando reunir os pensamentos que não param de trabalhar na minha cabeça.

Quem somos nós se não as histórias que transmitimos? O que acontece quando não resta ninguém para contar essas histórias? Para ouvi-las? Quem jamais saberá que eu existi? E se nós formos os únicos que restaram — quem saberá nossas histórias então? E o que acontecerá com as histórias de todos os outros? Quem se lembrará delas?

— Não há ninguém na nossa aldeia, Mary — ele me diz. — E a mulher que costumava viver aqui, por que ela importa? Ela não está mais aqui. Se ela escapou com vida, não desceu pelo nosso caminho.

Eu estalo os dedos.

— Você tem razão — digo, e cada pensamento em minha cabeça de algum modo se torna claro. — Ela deve ter se mudado. Deve ter descido pelo outro caminho, deve ter continuado a se afastar daqui.

Travis balança a cabeça.

— Mary — ele me pega pelo braço mais uma vez para impedir que eu

fique andando de um lado para o outro. — Me diga por que isso importa tanto assim para você. Me diga por que agora, tão repente assim, isso é tão importante?

Meus pés param e eu olho bem no fundo dos olhos dele Seus olhos impossivelmente belos e calmos.

— Porque ninguém nunca vai saber sobre ela. E isso dizer que ninguém jamais saberá sobre mim — minha voz é um murmúrio. — Quando chegarem à nossa aldeia, quem saberá de mim?

— Eu sei de você, Mary — ele põe a mão no meu rosto, percorre meu queixo com o dedo e sou forçada a fechar os olhos para ele não leia na minha expressão as palavras que soam na minha cabeça mas que não posso dizer em voz alta. Que não é o bastante.

Que eu tenho um medo horrível de que ele não seja o bastante.

Minha garganta queima com lágrimas quando ele me puxa contra seu peito.

— Eu sei de você, Mary — ele repete, as vibrações de sua voz tremendo pelo meu corpo. Seus lábios estão colados no meu ouvido e, como se ele pudesse ler a minha mente, ele diz: — A comigo não é o bastante, Mary?

Faço que sim com a cabeça, sentindo-me completamente vazia porque não posso suportar contar a ele a verdade. Mesmo enquanto ele lê minha mente, enquanto ele me prova o quanto conhece. Entretanto, ele já sabe a minha resposta. Sabe que ainda estou esperando que ele possa preencher o vazio e o desejo que sinto e que amanhã de manhã eu possa acordar em seus braços e isso será o bastante.



XXIV

Comecei a passar a maior parte do meu tempo na varanda do terceiro andar, um lugar onde Travis não pode me alcançar por causa de sua perna. Não sei o que ele faz o dia todo enquanto fico sentada na beirada de tábuas de madeira, minhas pernas penduradas no ar sobre os Esconjurados abaixo.

O calor tem sido quente e seco, todas as tardes eu espero pela chuva que nunca chega.

Voltei a vestir minhas próprias roupas. Todos os vestidos da dona desta casa foram dobrados direitinho e guardados no baú, a tampa fechada. Quando caminho pelo sótão para ir até minha varanda, tento evitar olhar esses baús empilhados contra a parede, mas sempre dou uma espiadinha. Sempre me pergunto que outros tesouros estão escondidos ali dentro.

Já prometi a Travis, ainda que não explicitamente, que não vou correr esses riscos novamente. Que não vou fazer nada para colocar nós dois em perigo. Que vou tentar ser feliz com nossa vidinha. E, no entanto, não consigo impedir minha curiosidade. Não consigo deixar de pensar no que mais posso encontrar nesses baús.

E então, uma tarde, quando não consigo mais suportar o tédio, vou me esgueirando pelo sótão como quem não quer nada e começo a mexer no conteúdo deles. Os vestidos eu ponho de lado, parando apenas rapidamente para sentir a suavidade do tecido, o brilho de alguns dos botões. Há mais roupas — parkas grossas de inverno, coletes do tipo do que Gabrielle usava, mas de cores suaves. Passo os dedos por elas e me forço a colocá-las de lado quando começo a pensar em quem deve ter vestido essas roupas.

Não consigo deixar de pensar nos habitantes desta aldeia e em suas histórias perdidas.

No fundo de um dos baús, encontro uma pilha de livros com capas de couro rachado. Levanto-os com cuidado e pedacinhos de couro se desintegram quando os retiro de seu esconderijo. Abro com dificuldade a capa do primeiro livro e passo os dedos pela página. É uma fotografia, amarelada nas bordas, de um bebê.

Eu só havia visto uma única fotografia na minha vida, a que se perdeu no incêndio em minha aldeia há tantos anos, e fico novamente chocada com a vividez da imagem. Com o modo como a foto capturou um momento individual na vida, congelado para toda a eternidade. Para que estranhos como eu contemplem e pensem.

Cuidadosamente, viro a página para encontrar mais fotos. De um quartinho com a luz da manhã entrando pela janela num ângulo agudo. Um rapaz com barba por fazer perto da cama, a mão se aproximando carinhosamente do mesmo bebê da foto anterior, agora adormecido entre as cobertas.

De uma criança sentada a uma mesa, o rosto risonho todo sujo de comida.

De uma criança tentando caminhar, a mão em cima de uma mesa, um homem sem rosto atrás dela com as mãos para apanhá-la se ela cair.

E então fotos tiradas do lado de fora. De uma criança num balanço, uma moça observando-a de lado enquanto ela voa bem alto.

De uma menina com marias-chiquinhas, as bochechas inchadas, prontas para soprar as velas pequenas e finas que estão enfiadas num bolo.

Fascinada, vou virando as páginas cada vez mais rápido, vendo essa criança crescer.

Até eu chegar a uma foto de uma jovem com os longos cabelos negros molhados ao redor dos ombros. Sua mãe está em pé atrás dela, segurando-a em seus braços. Ao redor delas, os picos das ondas estão eternamente paralisados, seus cumes brancos suaves capturados antes da arrebentação.

É o oceano. Exatamente igual à foto de minha tataratataravó quando ela era criança. E por um momento prendo a respiração porque a menininha na foto se parece comigo. E a mãe dela me recorda minha mãe.

Lágrimas começam a sufocar o ar em minha garganta e meu corpo estremece. Mesmo quando vejo como essa menininha nunca poderia ser eu: seus braços e pernas muito compridos e desajeitados, a mão menor e mais gordinha do que a minha. Mas por um momento, pelo segundo que se passa antes que minha mente seja capaz de discernir essas pequenas diferenças, me perco na ideia de minha mãe, eu e o oceano.

Folheio o resto do livro, mas as páginas restantes estão vazias. Esta é a última foto. Uma garota que nunca vi pessoalmente. Que existiu antes do Retorno. No oceano, a salvo com sua mãe.

Subitamente, o teto do sótão está próximo demais. Esta casa não é mais o bastante para mim. Eu sei que jamais me acostumarei a esta solidão, percebo que ainda anseio pelo oceano e não me basta simplesmente ficar sentada nesta vida e estar a salvo.

Meu corpo dói ao perceber isso, balanço a cabeça ao tentar me convencer de que isto não pode ser verdade. Que estou feliz aqui com Travis. Que isto era o que eu sempre almejei: segurança e amor.

O ar é muito espesso ao meu redor, me pressionando por dentro, ao redor, fazendo com que eu cambaleie até a porta e saia até o alpendre de onde é possível ver os outros sobre a plataforma. Cubro meus olhos porque a luz brilhante quase me cega.

Passo o resto da tarde vendo os outros seguirem com seu dia. Às vezes um deles para, acena para mim e eu retribuo o aceno, mas na maior parte do tempo eles vivem suas vidas como se eu não estivesse lá, ali sob eles, examinando tudo.

A casa que eles ocupam nas árvores é mais simples do que a casa que Travis e eu ocupamos, as paredes são feitas de troncos toscos, sem vidros nas janelas. Ela se espalha ao longo dos galhos e é difícil dizer onde a árvore termina e a casa começa. Uma grande varanda a circunda por completo, com plataformas de madeira e passarelas que dão para as árvores ao redor até outras casas e plataformas que formam uma grade sobre a aldeia. Parece que eles têm muitas provisões, pois já os vi comendo e rindo.

E embora eles tenham bastante espaço se quiserem ficar mais afastados, parece que preferem ficar próximos uns dos outros. Todos vivendo sob o mesmo teto.

Uma família feliz. Como a família nas fotos.

Um dia, Harry e Jed puxaram uma mesa de dentro, e agora eles fazem suas refeições do lado de fora, e eu os vejo rindo com vontade. Observo a maneira como a mão de Harry começou a se deter na cintura de Cass. Como ele passa mais tempo com Jacob, como se fosse seu próprio filho.

Muito embora eu não possa ouvir nada que venha do mundo deles por causa do burburinho que os Esconjurados fazem, esse mundo parece muito mais brilhante, vivido e completo que o meu. Faz com que minha própria casa pareça silenciosa e vazia.

Não é que Travis e eu não conversemos, pois nós conversamos. É apenas que parece que as palavras se tornaram desnecessárias entre nós. Sabemos pelo olhar, por um pensamento, o que o outro deseja. E assim nosso mundo parece ter ficado mudo.

Cada um de nós está tentando decidir a melhor maneira de sair desta casa, de sair desta vida. Imaginando como podemos chegar até os outros e fugir desta aldeia. Os dedos dos meus pés já começam a se mexer sozinhos quando eu começo a pensar descer o caminho e procurar pelo próximo portão, a próxima aldeia, o oceano. Procurar a mulher que um dia viveu nesta casa e dizer a ela que alguém ainda se lembra dela.

Que a vida dela significa alguma coisa.

Ao fim de uma manhã, vou até a varanda, sentindo as tábuas já quentes por causa do sol de verão, e vejo que Harry está em pé na ponta de sua plataforma, o ponto mais próximo de mim. Ele acena me cumprimentando, eu retribuo, e em seguida ele gira os dedos num círculo como se me mandasse uma mensagem.

Eu levanto os ombros como quem faz uma pergunta, não entendo o que ele quer dizer. Usando a mão inteira, ele desenha um círculo, mas continuo perdida. Ele continua com os movimentos por algum tempo e acaba desistindo, as mãos nos quadris. Então ele se vira, me dando as costas, e olha para trás. Eu faço o mesmo, mantendo os olhos nele ao virar as costas.

Ele balança a cabeça e posso ver seus ombros sacudindo enquanto ele ri. Finalmente, ele se despede de mim com um aceno e volta para se juntar aos outros, me sento no lugar de costume, balançando os pés, e abro um vidro de figo em conserva, espalhando a geleia doce numa fatia de pão fresco.

Eu fico chutando o vazio, deixando o ar fresco levantar minha saia, e contemplo a distância entre nossa casa e a cerca. A distância entre minha varanda e a plataforma de Harry. A densidade dos Esconjurados entre nós. E procuro maneiras de escapar, meu desejo de continuar procurando o oceano me inquietando profundamente com o passar dos dias.

Tento não pensar no livro cheio de fotografias escondido no baú do sótão. Não mencionei isso a Travis, tenho medo de que ele pense que estou agindo igual ao dia do vestido verde. Que de algum modo estou obcecada pelas pessoas que vieram antes de nós e suas histórias.

Fico me perguntando se a menina da foto sabia o que estava por vir.

Que o mundo mudaria de forma tão drástica. Parte de mim quer acreditar que a foto foi tirada depois do Retorno, que a mãe e sua filha ainda estão de algum modo a salvo, envoltas pelas ondas do oceano.

Mas não há medo nos olhos delas. E ninguém vive após o Retorno sem aquele medo. É o medo da morte sempre perseguindo você. Sempre precisando de você, implorando por você.

Para distrair minha cabeça desses pensamentos, exploro a aldeia com os olhos. Me perguntando como deve ser passear ao longo de suas ruas, como era quando ela era cheia de vida. Nossa casa domina o fim da rua, com habitações de madeira menores, porém bem feitas, se estendendo de ambos os lados. Não muito longe posso ver as casas comerciais em que havia reparado no nosso primeiro dia aqui, placas anunciando produtos à venda — roupas, comida, serviços — balançando na brisa intactos. É uma visão estranha porque em nossa aldeia a Irmandade fornece tudo e não há necessidade de comércio.

Mas por mais que eu tenha procurado, ainda não consigo achar nenhum sinal de Deus marcado nas construções. Ao invés disso, Esconjurados se arrastam de casa em casa, saem das lojas aos borbotões. Todo esse cenário é surreal demais para compreender, e por isso desvio o olhar, voltando-o novamente para Harry, Jed, Cass e Jacob,

Quando o sol está alto o bastante para me atingir em cheio na cara, começo a sentir sede e me viro para entrar. E aí que vejo a flecha enfiada na porta. Com um pedacinho de papel bem amarrado com barbante ao redor da haste.

Retiro o papel da flecha com meus dedos sujos de geleia e o desenrolo. Reconheço imediatamente as letrinhas trêmulas de Harry. *Contato, finalmente*, diz a nota, e não consigo deixar de dar um risinho. Os risinhos se transformam em sonoras gargalhadas quando vejo as outras flechas que furaram a madeira ao redor da casa, todas fora do meu alcance. Cada uma com um pedaço de papel amarrado ao redor da haste. Deve haver pelo menos dez flechas na lateral da casa.

E aí olho sobre o corrimão da varanda e vejo que alguns Esconjurados estão esparramados no chão de terra com flechas despontando de várias partes de seus corpos, cada um também com uma nota amarrada. Agora já estou rindo com tanta força que preciso me apoiar nos joelhos, porque as costas estão tendo espasmos com essa energia liberada.

Viro-me para procurar Harry e ele está no fim da plataforma, acenando como sempre, um sorriso enorme na cara. Agora eu entendo seus movimentos anteriores, tentando fazer com que eu me virasse para olhar atrás de mim. Começo a rir de novo.

Mesmo daqui posso ver que ele está orgulhoso de si mesmo. Orgulhoso de finalmente ter bolado uma forma de comunicação, não importa quantos problemas essa forma contenha.

Retribuo o aceno e seguro a mensagem de encontro ao peito. Me pergunto o que dizia a nota na primeira flecha, se ele havia escrito cartas maiores que foram ficando mais curtas a cada flecha disparada para longe do alvo. Fico me perguntando quantos dos Esconjurados lá embaixo carregam planos de fuga.

É minha vez de escrever de volta, e assim retorno rapidamente para dentro de casa, desço a escada, os outros andares e vou até a cozinha, onde encontro Travis, que está na despensa contando vidros e fazendo anotações num livro contábil.

— Fizemos contato! — eu digo, acenando a folha de papel na cara dele.

Ele franze um pouco a testa, talvez sem entender muito bem porque estou tão empolgada que não consigo nem explicar direito. Mas então ele sorri por causa do meu sorriso, pega a nota da minha mão e a lê.

— É de Harry — eu digo. — Ele a amarrou numa flecha e a disparou para nossa casa. Ele errou algumas vezes — digo a ele. — Na verdade um monte de vezes. Acabou que fui prometida ao pior arqueiro da aldeia!

Só me dou conta depois que a palavra já saiu da minha boca: *prometida*. É como se as letras individuais ficassem penduradas no ar como gordura flutuando em água. Como uma promessa que ainda não foi cumprida.

Nossos olhos se encontram e acho que vejo tristeza ali. Uma percepção de que, não importa que bolha que nos cerque aqui, Harry e eu temos uma história juntos. Um laço que nos une.

— Travis — eu digo, sem saber que palavras posso pronunciar a seguir para tranquilizá-lo. Para fazer com que ele se sinta melhor.

— O que você vai escrever de volta? — ele pergunta, preenchendo o vazio. Ele me entrega a nota e volta a contar vidros.

— Não sei — digo a ele. E é verdade. Parte de mim quer escrever tudo para ele. Que se lembra de nossa amizade quando crianças e nossa noite de Amarração e de como um dia fomos íntimos. Que se lembra do quão perto estivemos de nos tornar marido e mulher antes de acontecer a brecha.

De repente fico surpresa ao perceber como me sinto só.

E este é um pensamento assustador de se ter na frente de Travis. Travis, que faz meu coração bater mais rápido e meu corpo formigar só de pensar nele. Travis, cuja respiração eu meço quando estamos dormindo, cujo coração é a cadência da minha vida.

Deixo a nota cair no chão e ela flutua sobre a madeira como um suspiro. Travis se vira como se fosse pegá-la e o detenho quando está quase se ajoelhando. Eu me junto a ele no chão, olho no olho. Percorro os contornos de seu rosto com meu dedo, tentando me lembrar como foi a primeira vez em que tive tamanha liberdade com este rapaz.

Eu sei o instante exato em que minha proximidade o afeta. Sei no som de sua respiração, no jeito como a respiração dele muda, no jeito como sua boca se abre tão devagar. Sei no jeito como ele pisca apressado, como ele agora me vê por uma névoa de desejo.

Ele puxa meu rosto para perto do dele, seus lábios roçam nos meus, e então ele coloca minha cabeça em seu ombro. Me abraça com força e entendo como ele precisa de mim. Me enrosca em seu corpo, deixo que ele enrole seus dedos nos meus cabelo.

E fecho os olhos porque parte de mim ainda se sente sozinha e perdida. Parte de mim não sabe que futuro podemos esperar disso tudo, que

felicidade podemos conseguir nestes dias. Que futuro qualquer um de nós pode ter se somos os últimos humanos? Aqueles que carregam o fardo de carregar a nós mesmos, de recriar o mundo?

Eu me sinto esmagada por tanta responsabilidade. Responsabilidade por Travis, por Argos, pelas promessas que fiz a Harry que de algum modo ainda nos unem, mesmo que nunca tenhamos completado a cerimônia final. Meu peito começa a doer com tanto peso, o puro pânico da possibilidade de fracassar.

Me afasto dos braços de Travis e não olho para trás para ver as perguntas que sei que devem estar em seus olhos. Ele não diz nada para me impedir.

Então vasculho a casa inteira em busca de papel, os dedos trêmulos ao carregar uma pequena pilha de folhas para um dos quartos no andar de cima.

Quando encaro a página em branco, sinto-me imediatamente inundada de palavras mas incapaz de encontrar aquelas que quero usar. As palavras que podem transmitir o turbilhão dentro de mim. E assim começo escrevendo tudo o que eu já quis um dia escrever a Harry. E depois a Travis. E a Jed e a Cass. A minha mãe, ao meu pai, ao meu futuro. Escrevo tudo, preenchendo folhas de papel fino com palavras apertadas e apressadas que não me importo se ficarem borradas.

Quando acabo, levo a pilha de papel para o sótão e me sento de encontro à parede, uma caixa de flechas aos meus pés. Com dedos trêmulos e manchados de tinta, enrolo cada folha ao redor de uma haste e a amarro com barbante que encontrei numa cesta de costura.

Então saio para a varanda e miro. Todas as crianças de nossa aldeia aprendem a usar armas, incluindo bestas. A arma tem um peso familiar na minha mão quando percorro o dedo pela ranhura e a carrego com uma flecha. Por um breve momento me pergunto como o papel e o barbante irão afetar a trajetória, se ela ainda vai voar direito.

Prendo a flecha e então, com um som agudo, a corda volta ao seu lugar e dispara a flecha. Eu a vejo traçar uma curva pelo ar antes de se cravar no

crânio de uma Esconjurada.

Ela cai e não volta a se levantar. Eu pego outra flecha com outra carta e disparo também. Várias vezes eu enfio minha história nos crânios dos Esconjurados que nos cercam e ainda assim eles continuam vindo. A fome deles os leva em frente, e eles nem ligam para o fato de que estão passando por cima das formas agora realmente mortas de seus companheiros de legião caídos.

No fim, quando quase todas as minhas flechas acabaram, menos uma, derrubei vinte Esconjurados. E no entanto não há descanso. Não há um sucesso. Nada que marque minha realização.

Pego a última flecha com a última nota e a disparo. Ela voa reta e se enterra na madeira aos pés de Harry, onde ele está em pé na beirada da plataforma vendo minha pequena caçada.

Ele se curva e retira o papel da haste, deixando a flecha onde está. Ele desenrola a carta e a lê. Eu digo a ele que estamos bem e pergunto se eles estão bem. E então pergunto se eles pensaram numa fuga.

Fico esperando por uma resposta.



XXV

— **E**les estão começando a invadir — Travis me diz quando entro. Ele está sentado à grande mesa vazia no salão principal da casa, olhando para a porta. Argos está sentado ao seu lado e Travis coça suas orelhas distraído. Ambos ouvimos os Esconjurados raspando a madeira. O som não para nunca.

— Pensei que você tinha dito que a casa aguentaria — digo. Tento não soar acusadora, mas não consigo deixar de sentir certa sensação de traição. Como se Travis tivesse prometido me proteger e agora estivesse desistindo.

— Nós dois sabíamos que não ia durar muito tempo — ele diz, e me pergunto se ele está falando apenas sobre a porta e nossas defesas.

— Como você sabe que eles estão invadindo? — pergunto, falando baixinho e caminhando até a porta, onde coloco a mão sobre as vigas de madeira que me separam do mundo exterior. Elas parecem fortes sob meus dedos e mesmo assim consigo sentir a tensão sob cada lasca individual, o estresse constante que a madeira está sofrendo.

— Eu posso ouvir. O jeito como a madeira geme sob o peso deles. Quando estou aqui embaixo sozinho, isso é tudo o que ouço.

Abaixo a cabeça com o peso de suas palavras de acusação.

— Eu estou tentando encontrar maneiras de fugir daqui — digo a ele.
— Mas não consegui achar um plano que funcione.

— Ah — é tudo o que ele diz.

Passo um dedo ao longo de uma rachadura grande na madeira.

— Passar um de nós não é o mais difícil. E... — hesito por um momento a mais do que deveria.

— É a minha perna — ele completa.

Concordo com a cabeça.

— E o cachorro — acrescento.

Travis quase dá uma gargalhada, mas ela sai mais como um suspiro quando ele estende a mão para dar umas palmadinhas na cabeça de Argos. Argos se recosta contra a perna de Travis em resposta, olhos fechados de contentamento. O companheiro fiel.

Eu me viro para encarar os dois, minhas mãos às costas, e me encosto na porta.

— Eu não vou deixar você — digo a ele.

— Eu sei — diz Travis.

— A sua voz é de quem não acredita em mim — digo.

— Eu sei — ele responde. — Mas acredito.

— Nós vamos achar um jeito de sair dessa.

Estou prestes a ir até ele e segurar suas mãos, porque preciso que ele acredite em mim, quando ele pergunta:

— E depois? O que vai acontecer depois?

— Depois vamos encontrar um jeito de sair desta aldeia e descer aquele caminho e vamos poder encontrar o mundo exterior — eu digo a ele, as palavras saindo aos borbotões. — É como sempre dissemos...

— É como você sempre disse — Travis me interrompe. Ele não me olha nos olhos.

Engulo em seco, e o vazio começa a me preencher novamente. Meu coração bate acelerado no peito, minha respiração se torna ofegante. Deixo o meu corpo recuar até bater de encontro a porta.

— Travis, não estou entendendo. Foi sobre isso que começamos a conversar desde aquele dia na colina. Desde que você esteve na Catedral e eu lhe falei sobre o oceano e... — aponto para sua perna e ele coloca uma mão em cima de onde ficaria a sua ferida.

— Porque eu achei que isso deixaria você feliz — ele diz. — Lá no alto daquela colina quando finalmente nos beijamos, eu quis você mais do que qualquer outra coisa no mundo. Mais do que a aldeia ou a amizade do meu irmão ou minha prometida — ele faz uma careta como se essa palavra tivesse um gosto amargo em sua língua. — Eu ainda quero você mais do que tudo no mundo — murmura. — Eu ainda arriscaria tudo por você.

Ele coloca os cotovelos sobre a mesa e põe as mãos na cabeça, os dedos se afundam nos cabelos. Ao seu lado, Argos começa a ganir, incomodado com a atitude de seu novo dono, incomodado com a instabilidade instantânea no ar.

— Então por que você não foi me buscar? — pergunto, minha voz quase inaudível. Cerro meus punhos: o calor, a raiva e a vergonha que tenho dele nunca ter ido me buscar começam a tomar conta do meu corpo.

Ele permanece em silêncio por um longo tempo. E então pergunta:

— Você nem menos sabe como eu quebrei minha perna, sabe? — balanço a cabeça negativamente. Ele nunca me contou a história e eu nunca perguntei, supondo que ele me contaria quando achasse que era hora.

Ele continua sem levantar a cabeça.

— Foi por causa da torre. Aquela velha torre de vigia na colina na

aldeia. Eu costumava escalá-la e olhar para a Floresta além da cerca e me perguntar o que haveria no mundo lá fora. Costumava me perguntar como nossa pequena aldeia poderia ser tudo o que sobrou de um universo que um dia foi tão grande. Como nós poderíamos ser tudo o que restou? Como poderíamos ser aqueles a quem Deus confiou o futuro da raça humana?

Ele levanta a cabeça para mim agora.

— Não somos Noé, não somos Moisés. Não somos profetas. Por que nós?

— E aí eu comecei a me perguntar por que as Irmãs nos ensinariam que somos tudo o que restou. Que a cerca demarcava o fim do mundo. Eu subia naquela torre e fazia planos para fugir.

Seus olhos se perdem na distância, como se estivesse imaginando como é estar de volta à aldeia, no alto daquela torre. Como se ele estivesse vendo as paisagens antigas, sentindo o vento acariciar as pontas de suas orelhas.

— Você sabia que, quando éramos crianças, Cass costumava me contar suas histórias? Ela costumava rir de você. Não por maldade, mas daquele jeito que Cass costumava rir de tudo antes... — ele faz um gesto ao nosso redor, abarcando nosso mundo agora.

Eu balanço a cabeça.

— Eu achava que Cass não gostava das minhas histórias. Nunca se lembrava delas.

— Ah, sim, eu implorava para que ela me contasse alguma história nova sua.

— Por que você mesmo não me pedia? — murmurei.

— Porque você era de Harry — ele responde.

— Não fui sempre.

— Foi sempre sim — ele disse. — Aos olhos dele, sim — ele acrescenta em um tom de voz mais suave.

Começo a andar de um lado para o outro na frente da porta, expandindo meu caminho até que estou percorrendo o aposento inteiro.

— Por que você gostava das minhas histórias? — eu finalmente

pergunto.

— Porque você também sabia. Você sabia sobre o mundo lá fora. Além das cercas.

— E daí?

— E daí que eu precisava dessa crença. Eu precisava dessa... —ele dá de ombros. — Eu precisava dessa fé.

— Ainda não estou entendendo — digo a ele.

Ele bate com as mãos na mesa, o que assusta tanto Argos quanto a mim.

— Eu escalei a torre naquele dia para dizer adeus à Floresta. Para desistir daqueles sonhos e aceitar a vida que havia escolhido. Para esquecer o mundo fora das cercas. Para esquecer você.

Eu paro de andar.

— O que aconteceu?

— Estava gelado. Eu fui descuidado. Pensei em você e suas histórias sobre o oceano e em como você sempre acreditou com tanta força nelas — ele deixa uma das mãos cair novamente sobre a cabeça de Argos. Não levanta a cabeça para olhar para mim quando acrescenta: — Escorreguei.

Eu caio sentada numa cadeira, estupefata.

— Eu nunca fiquei sabendo disso.

Ele balança a cabeça, os olhos ainda voltados para Argos.

— No começo, quando quebrei a perna, fiquei delirante de dor e pensei que fosse castigo de Deus por desejar mais. Por estar infeliz com as escolhas que havia feito. Por ousar imaginar uma vida fora da Floresta.

Ele levanta a cabeça e olha nos meus olhos.

— Estava pronto para desistir de tudo então. Para seguir o caminho Dele, fosse qual fosse. Mas então você começou a ir ao meu quarto, noite após noite, e me contou sobre o oceano e me fez superar a dor, e eu não soube mais no que acreditar. Eu não sabia se estava sendo tentado ou se estavam me mostrando o caminho certo.

Ele passa as mãos no rosto.

— Você precisa compreender que Harry sempre a amou. Que ele faria

qualquer coisa por você.

— Não sei se isso é o bastante — digo a ele.

O canto de sua boca se contorce ligeiramente como se ele quase fosse sorrir.

— Eu não tenho certeza se qualquer um de nós dois jamais será o bastante para você, Mary — ele diz.

Sei que ele está esperando que eu lhe diga que está errado. Posso ver isso na maneira como prende a respiração, esperando que eu o corrija.

Ao invés disso, olho novamente para a porta, as lascas e rachaduras e a maneira como ela cede sob o peso dos Esconjurados que nunca irão parar de empurrar, tentando entrar em nosso mundo. Que isso nunca irá parar até estarmos todos mortos também.

Meu corpo todo estremece, e chamo Argos com palmadinhas na minha perna para que ele venha me consolar. Mas ele não sai de perto de Travis. Em vez disso, deita a cabeça no colo de Travis, me encarando com seus olhos castanhos enormes.

Só consigo me lembrar da espera. A cada respiração e batida do meu coração, a espera de que ele viesse me buscar.

— Eu também queria saber, Travis — digo. — Eu queria entender.

— Eu sei — ele diz. Porque sabe mesmo. Ele conhece meus desejos melhor até do que eu mesma.

Então fico pensando na minha mãe. Minha mãe, que cresceu ouvindo histórias sobre o oceano e depois as passou para mim, mas nunca foi lá ver por si mesma. Ela acreditava naquelas histórias. A paixão com que as contava para mim, o tremor em sua voz quando falava da época antes do Retorno. A maneira como segurava aquela fotografia da nossa ancestral nas ondas.

E nunca perguntei a ela por que não foi embora. Por que não partiu em busca do oceano. Por que simplesmente transmitiu essas histórias adiante sem nenhuma instrução do que fazer com suas memórias ao invés de vivenciá-las ela mesma?

Eu me pergunto agora se ela não foi embora por nossa causa. Por causa

de Jed e de mim. Mas, no fundo, sei que não foi por isso. Ela não partiu em busca do oceano por causa do meu pai. Porque ele era o bastante para ela. O bastante para mantê-la segura dentro das cercas por toda sua vida.

Até ele ficar do lado de fora. Somente então ela deixou a aldeia, somente então assumiu o risco. Pelo homem que amava, ela se dispôs a vagar pela Floresta numa fome constante.

Mas não pelo oceano. Não por si mesma.

— O que vamos fazer agora? — murmuro, com medo da resposta. A casa estremece sob a pressão dos Esconjurados lá fora. Vou até a porta e me encosto nela como se meu peso pudesse ajudar a mantê-los mais tempo a distância.

— Vamos encontrar uma saída — ele diz. — Vamos seguir em frente.

Concordo com a cabeça e ambos ficamos em silêncio por algum tempo. Olhando um para o outro, mas não vendo um ao outro realmente, nós dois perdidos em nossos próprios pensamentos, nosso próprio mundo.

— Você acha que eles sabem de nós lá fora? — pergunto finalmente. Quando vejo a confusão no rosto dele, continuo. — Não lá fora onde Harry e os outros estão. Quero dizer lá fora. Além da cerca. Descendo o caminho — aponto na direção das janelas fechadas.

Travis dá de ombros.

— Acho que nunca pensei dessa maneira. Passei tanto tempo naquela torre tentando descobrir um jeito de sair de lá que nunca pensei que houvesse pessoas tentando entrar na nossa aldeia.

Fico tamborilando com os dedos contra a madeira da porta, as mãos ainda às costas, enquanto pondero essas coisas.

— Você acha que Gabrielle estava tentando nos encontrar? Você acha que ela sabia que estávamos aqui? Ou acha que estava apenas seguindo o caminho como nós, indo para onde quer que ele a levasse?

— Não sei — ele diz. — Provavelmente apenas escapou desta aldeia quando ela foi tomada, do mesmo jeito que nós fugimos da nossa.

Inclino a cabeça para trás até ela repousar na porta e eu ficar olhando

para o teto. Volto a pensar naquela noite, quando encontrei pela primeira vez as pegadas de Gabrielle na neve.

— Antes, eu sempre havia imaginado que ela deixara a aldeia por escolha própria, que tinha a força de espírito que me faltava. Quando eu estava na Catedral e fazia silêncio à noite, eu costumava sonhar em seguir os passos dela. Em escapar através da janela pelo caminho até encontrar sua aldeia.

Percebo que tenho lágrimas nos olhos e me sinto um pouco envergonhada quando elas descem pelas minhas bochechas.

— Todos me receberiam de braços abertos e eu perguntaria a eles sobre o oceano e eles me levariam para vê-lo. Eu estaria livre da Irmandade e dos Esconjurados e de todas as regras, juramentos, permissões e votos. Mesmo agora eu consigo ver tudo com tanta clareza na minha cabeça... consigo sentir os braços deles me acolhendo. Sentir o sal no ar.

— Eu teria escapado — sussurro. — Mas então, quando cheguei aqui compreendi — bato a cabeça contra a porta, o velho ressentimento tornando a surgir. — Percebi que ela partiu porque sua própria aldeia havia sido atacada. Ela não era heroína, nem exploradora. Ela era como eu: forçada a fugir de sua casa apavorada, sem qualquer outra opção.

Mordo o lábio e acrescento:

— Isso me faz imaginar se eu teria partido se as cercas nunca tivessem sido rompidas. Ou se eu teria ficado na aldeia esperando você para sempre.

Travis fica ali sentado, olhando para mim. Estou esperando que ele proteste, que me diga que estou errada. Mas aí eu ouço um ruído estranho. Travis também ouve, nós dois viramos as cabeças e tentamos localizar sua origem.

Um rangido que vai crescendo de volume e ficando tão agudo que eu paro de ouvi-lo — depois um estalo e um ruído de algo quebrando violentamente. Argos começa a latir e sinto a porta estremecer sob minhas mãos.

Travis está ao meu lado. Ele me puxa para as escadas. Argos fica

correndo em círculos ao nosso redor, nos empurrando para a frente com o focinho. Sempre atrás de nós, nos protegendo. Já estamos na metade das escadas quando ouvimos um barulho tão alto que ponho as mãos nos ouvidos. Ouço o som das unhas de Argos raspando os degraus.

Os gemidos ecoam atrás dele, reverberando pelas paredes da casa. Mais barulho de coisas quebrando, o som de móveis sendo arrastados contra o piso de madeira.

Então os Esconjurados invadem a casa.



XXVI

Empurro Travis pelo resto dos degraus e olho para baixo para ver os Esconjurados surgindo num enxame. A madeira que / reforça a porta está em pedaços, metade dela faltando, e eles parecem vazar pelo buraco como sangue numa ferida.

Mil pensamentos passam pela minha cabeça. Como impedi-los. Como combatê-los. Para onde ir. Como nos escondermos. Como sobrevivermos. A perna de Travis, Argos, a escada e o sótão.

Travis desce o corredor com dificuldade, mancando ao tentar correr com a perna ruim.

— Lençóis! — digo a ele. — Pegue lençóis!

Ele não questiona, mas entra num dos quartos. Corro para dentro de outro e puxo o colchão de cima da cama. Ele é pesado e volumoso, e perco alguns momentos manobrando-o porta afora. Mas consigo voltar para o

corredor e empurro-o escada abaixo, criando um obstáculo para o avanço dos Esconjurados.

Mas eles vão achar um jeito de passar. Vão forçar passagem através dele com uma pressão que finalmente vai abrir as comportas, seus corpos desajeitados se empilhando sobre os degraus até chegarem ao andar e voltarem a seguir em nossa direção.

Desço novamente o corredor até onde Travis está e pego os lençóis das mãos dele. Jogo um por cima de Argos, que ainda rosna, gane e estremece. Sem me dar ao trabalho de reconfortá-lo, puxo as pontas dos lençóis e dou um nó nelas até prender Argos bem, transformando-o numa massa de dentes e unhas esperneando sem parar.

Jogo esse pacote por cima do ombro e reúno minhas forças para subir a escada do sótão, onde jogo O cachorro no chão. Ele cai com o traseiro em pé e recua para um canto, olhos arregalados e orelhas coladas na cabeça.

Abaixo a cabeça e vejo Travis em pé na base da escada. É como se o tempo se estreitasse e fechasse seu foco neste ponto, e as batidas do meu coração fossem a única indicação de que o tempo ainda passa. Posso ouvir o som dos Esconjurados se acumulando e escoando ao redor do colchão, deslizando para o corredor. Lentamente abrindo caminho na direção de Travis, na direção da escada.

Ele está com uma das mãos num dos degraus, os dedos ainda nem se fecharam nele. Olha para trás e vê que os Esconjurados já estão praticamente em cima dele.

Eu faço que vou descer para poder ajudá-lo. Ele balança a cabeça uma vez, um *não* definitivo.

Sem saber o que mais fazer, vou correndo até as fileiras de armas montadas na parede e agarro um machado de cabo longo com uma lâmina afiada de gume duplo. Eu a arrasto até o alçapão e a desço até onde Travis está.

Ele levanta a cabeça e olha para mim. Sua mão já soltou a escada. Eu havia esquecido de como os olhos dele podem ser tão verdes. De como as

bordas de suas íris têm um castanho tão leve. Da cicatriz escondida embaixo de sua sobrancelha esquerda.

De como ele pode olhar para mim e fazer com que eu me sinta inteira.

Antes que ele possa me impedir, pulo do alçapão, sem me importar com a escada. Pouso com estrépito ao lado dele, caindo num dos joelhos com a força do impacto.

Arranco o machado das mãos de Travis e me viro para encarar os Esconjurados. Grito para Travis:

— É melhor você achar um jeito de subir por aquela escada e rápido! — quando sinto que ele vai começar a protestar, desço o corredor em disparada, seguro o cabo do machado com as duas mãos.

Nunca em minha vida matei um ser humano. Uma coisa é sentar numa varanda e atirar flechas nos Esconjurados lá embaixo. Outra coisa é sentir a lâmina cortando carne ao meio. Porque apesar de a mente consciente saber que os Esconjurados não são mais seres humanos vivos, ainda existe outra parte da mente que se revolta contra essa verdade. Que insiste que as mulheres, os homens, as crianças que vêm em sua direção ainda devem ter um pouco de humanidade.

Especialmente os Esconjurados recém-transformados. Que não perderam braços, pernas e carne para o tempo e para a Floresta. Que não quebraram os dedos tentando enfiá-los por entre cercas e portas. Ver uma mulher grávida, seu corpo ainda grande e firme, seus olhos ainda límpidos, andar em sua direção e saber que ela está morta e ainda deve ser assassinada exige uma força de vontade quase impossível.

E, no entanto, eu ataco. Com toda a minha força, giro aquele machado corredor abaixo, separando cabeças de pescoços, decapitando-os para pôr um fim à existência desesperada deles. Nem sequer percebo que estou gritando até precisar respirar. O machado fica preso na parede e preciso dar um puxão para arrancá-lo e brandi-lo novamente. A lâmina cospe sangue. Giro o machado sem parar, derrubando os Esconjurados que encham o corredor.

O machado fica preso na parede do outro lado do corredor e, quando

eu o puxo novamente, o cabo escorregadio de sangue, percebo que me distraí.

Uma garota da minha idade está no alto das escadas. Ela usa um colete vermelho-vivo igualzinho ao de Gabrielle. Minha mão afrouxa, perco o foco e o impulso.

E hesito um pouco demais.

Alguma coisa puxa o meu pé. Cambaleio para trás, dando chutes. O machado escorrega das minhas mãos. Sem essa âncora, meu equilíbrio se vai.

Eu caio.

Uma mão agarra meu tornozelo.

Grito, chuto e começo a me arrastar para longe usando as mãos. Mais mãos nos meus pés, nas minhas pernas. Puxando incansavelmente. Os Esconjurados continuam a enxamear escada acima, cambaleando na minha direção. Tropeçando sobre os corpos dos verdadeiros mortos que matei, mas vindo em minha direção mesmo assim.

Tudo o que consigo ver é uma onda de Esconjurados subindo para cima de mim e me sinto indefesa, à mercê deles. Pronta para ser jogada nas marés da vontade deles. Nesse momento eu me pergunto se sentirei dor. Se restará algo de mim para se transformar. E se a fome de carne humana será igual à fome que tenho de oceano.

Quero fechar os olhos e deixar que eles venham. Deixar que o fim me alcance e me leve, me afogue no mar de Esconjurados. Mas ouço meu nome quando o choque de mil picadas de abelha sobe pelas minhas pernas. Recuso-me a olhar para a fonte da dor, não quero ver os dentes dos Esconjurados que podem estar rasgando a minha carne, infectando meu corpo. Ao invés disso, olho para cima e vejo Travis na escada, a boca aberta num grito, os olhos arregalados.

Ele me estende uma mão e eu me estico na direção dele, desesperada para sentir as pontas de seus dedos, quando vejo movimento no sótão. Antes que eu consiga entender alguma coisa, sou engolfada por um frenesi de pelo e dentes. Ouço o som de garras tentando se cravar na madeira e então um

rosnado feroz reverbera corredor abaixo quando Argos ataca os Esconjurados aos meus pés.

Ele é ação pura, rasgando a carne dos Esconjurados com suas mandíbulas, fazendo-os em pedaços.

Subitamente livre, corro para a escada e pego a mão de Travis. Ele só está na metade do caminho, e eu pego os degraus dois de cada vez até estar logo embaixo dele. Então, com a força de alguém que enfrentou a morte de perto e sobreviveu, eu o empurro com todo meu peso, quase o catapultando para dentro do sótão.

Abaixo de mim, ainda consigo ouvir Argos lutando contra os Esconjurados, os gemidos cada vez mais intensos à medida que seus números se multiplicam. Ouço um ganido e olho para baixo, para ver Argos recuando na minha direção. Sem pensar, desço a escada escorregando e o agarro pela pele da nuca. No mesmo instante ele fica molinho, como se soubesse que lutar contra poderia fazer com que eu o deixasse cair. Juntos conseguimos chegar ao sótão.

Travis fecha com um estrondo o alçapão pesado e passa as trancas grossas para fechá-lo bem. Argos, coberto de sangue e tremendo todo, começa a lamber minhas pernas, e Travis precisa empurrá-lo para chegar até onde estou.

Ele se ajoelha na minha frente e eu me sento com os joelhos dobrados, meu peso de volta às minhas mãos. Estou com medo de olhar nos olhos dele. Ao invés disso, ambos olhamos para meus pés e minhas pernas, que estão cobertas de sangue, minha saia em farrapos.

— Você foi mordida? — a voz dele quase emudece ao pronunciar esta última palavra. Seus dedos vasculham freneticamente minha pele, tentando encontrar as feridas.

— Não sei — eu digo.

— Você foi mordida? — ele grita comigo e eu grito de volta.

— Eu não sei!

Ele para, ainda olhando para todo o sangue, que começa a pingar no

chão.

Ele pega minhas panturrilhas em suas mãos, envolvendo os dedos ao redor da musculatura delas. Fecha os olhos como se de algum modo conseguisse sentir se a infecção dos Esconjurados está neste exato momento começando a corroer meu organismo. Me matando.

— Eu te amo, Mary — ele diz e é aí que eu me permito chorar. Solto grandes soluços de terror e de dor que sacodem meu corpo até que eu não consiga fazer mais nada a não ser me agarrar em Travis para me ancorar a este ponto.

Ele me puxa em sua direção e eu me enrosco no seu corpo chorando. Mergulho na escuridão com seus dedos percorrendo meus cabelos, minhas bochechas ainda molhadas e meu corpo estremecendo.

Em meus sonhos, sinto mãos me puxando de todas as direções, rasgando a carne que cai dos meus ossos, e para todo lado que olho quem está arrancando a minha pele é minha mãe.



XXVII

— **M**ary — alguém está puxando meu braço e eu acordo assustada, meu sonho ainda vivido na minha mente.

— Mary, não temos tempo agora para dormir.

Luto para abrir os olhos e encontro Travis agachado ao meu lado. Sinto dor e um peso no corpo, então uma lembrança me vem à mente e desperto num instante, puxando a saia para descobrir as pernas.

Elas estão envoltas em tecidos delicados, alguns com pontinhos vermelhos traindo as feridas por baixo.

— Marcas de mordidas? — as palavras saem da minha boca sem querer.

Ele se levanta e se afasta de mim, indo até os baús que estão abertos, seus conteúdos esparramados pelo chão. Todas as lindas roupas que eu havia experimentado estão agora jogadas de lado, algumas delas rasgadas para se transformarem nas minhas bandagens.

— Não sei dizer — ele diz, passando uma mão nos cabelos como se estivesse procurando alguma coisa.

Eu fico observando suas costas, observando o jeito como os músculos ao longo de seu maxilar se contraem quando vira seu rosto de perfil. Fico imaginando se saberia se eu tivesse mordida. Passo a língua pelos meus dentes, me perguntando qual é o gosto da morte. Me perguntando o que é sentir fome eterna.

Com dedos trêmulos eu mexo nas bandagens, puxando suas pontas. Elas grudam por um momento na minha pele antes de se descolarem com uma pontada aguda. Travis tem razão — é impossível dizer se as feridas são mordidas.

Mas quando termino de ficar inteiramente desperta eu sei. Sei que cada batida do meu coração não está espalhando a infecção mais fundo dentro de meu corpo, me matando a cada respiração. Sei que essas feridas foram provocadas por unhas e ossos quebrados, e não por dentes.

Sei que estou bem. Que sobrevivi a ser atirada num mar de Esconjurados.

Travis se ajoelha e sai procurando pelas roupas espalhadas ao lado dos baús, inspecionando cada peça de roupa e depois jogando alguma por cima do ombro e outras num canto escuro. De vez em quando Argos se interessa e sai caçando os materiais descartados quando vai caindo ao chão, rosnando e rasgando-os com suas poderosas mandíbulas.

Embaixo de mim, posso sentir as vibrações dos Esconjurados se empilhando corredor abaixo, quase latejando como a batida de um coração. Eles vão continuar vindo até que o número deles seja tão grande que poderão alcançar o teto, chegar ao alçapão subindo nos corpos uns dos outros. Penso nisso e esfrego minhas pernas.

Ouçõ um ruído seco quando o livro com as fotografias cai no chão. Travis está devassando os baús e jogando fora tudo o que não seja útil.

— O que está acontecendo, Travis? O que você está fazendo? — pergunto. Rastejo até os livros. Há fotos esparramadas para todos os lados, a

progressão da menininha ao longo da vida agora é uma confusão desordenada. Ele joga fora outro livro, um livro que eu não havia visto antes, e papéis explodem de dentro dele quando ele sai deslizando pelo chão, páginas amareladas flutuando ao nosso redor. Estendo a mão para apanhar um que tem as palavras *USA Today* escritas em letras maiúsculas grandes ao longo de toda a sua superfície. Travis me interrompe antes que eu tenha a chance de ler mais.

— Precisamos achar um jeito de sair daqui, Mary. Não temos muito tempo.

Olho novamente para a porta que dá para a varanda. Ainda está fechada.

— Você falou com Harry? — pergunto.

— Apenas para dizer a ele que ainda estamos vivos — ele diz. Dá para ver que o medo está acabando com sua paciência.

Eu me levanto e caminho até a porta. Quando a abro, vejo que está coberta de flechas e uma brisa sopra pelo sótão, fazendo os papéis voarem novamente. Olho por sobre a beira da varanda até onde Harry e Jed estão e eles acenam freneticamente para mim. Eles viram nossa casa ser invadida. Viram e se perguntaram o que aconteceu comigo e com Travis.

Me viro para Travis e uma flecha entra no sótão, passando de raspão pela minha cabeça. Ouço um ganido agudo e Travis sai apressado da escuridão ali de dentro, segurando o braço, sangue escorrendo por entre os dedos.

Ele olha fuzilando para o espaço onde Harry ainda segura a besta. Harry dá de ombros com um olhar sem graça.

— Que pena que Argos está aqui — diz Travis, trincando os dentes. — Eu me sentiria muito melhor com ele usando a besta.

Tento afastar a mão dele e olhar a ferida.

— Foi só um arranhão — ele diz, batendo na minha mão. Ele volta a separar as roupas e não consigo deixar de sorrir quando ele rasga uma tira de tecido e a amarra no braço para deter o fluxo de sangue.

Arranco a flecha do chão e desenrolo sua nota. *E agora?*, pergunta numa letra trêmula. Não sei a resposta, por isso jogo a flecha de lado e me junto a Travis perto dos baús. Ajoelho-me ao seu lado, ponho a mão no seu ombro.

Ele se senta sobre os calcanhares e esfrega a coxa como se quisesse. Quando levanta a cabeça para olhar nos meus olhos, posso ver o peso de sua tristeza ali.

— Nós vamos conseguir — eu garanto a ele. Mas ambos sabemos que isso pode não acontecer. Que este sótão pode ser nossa tumba.

Argos gane quando outra flecha entra voando no sótão e se crava nas tábuas do piso.

— Eu deveria ter fechado a porta enquanto Harry ainda estava tentando enviar suas mensagens — ele diz.

— Eles estão preocupados — digo. — Querem ajudar.

Travis arranca a flecha do chão e a joga num canto escuro sem se importar em ler a nota.

— Não temos tempo de lidar com eles. Precisamos sair daqui.

De repente ele desaba em cima dos baús e vejo seu perfil de relance, capto a tensão que ele estava tentando esconder de mim até então.

— Mary — ele olha para baixo, para suas mãos cerradas em punhos, os dedos estão brancos. — Você consegue perceber alguma coisa? Quero dizer... — vejo a garganta dele convulsionar quando ele engole em seco. — Você consegue sentir?

Ele está apavorado com a pergunta que acabou de fazer, a pergunta que pende no ar como algo que exala um cheiro horrível.

— Não estou infectada — respondo a ele, minha voz firme e forte. Ele não parece convencido. — Você não acha que eu saberia se estivesse infectada? Não acha que os Infectados podem sentir a morte corroendo suas veias?

Ele pensa no que eu disse e aí parece aceitar.

— Você me diria se estivesse? — pergunta, se virando para olhar para mim,

Estou prestes a dizer a ele que é claro que sim, mas não posso.

— Não até perto do fim — respondo. — Porque não consigo suportar nem pensar em partir seu coração antes do necessário.

Ele abre a boca para protestar, mas se cala e olha ao redor para as roupas espalhadas pelo chão. As batidas dos Esconjurados pulsam contra o chão abaixo de nós e seu rosto assume uma expressão endurecida de terror e seriedade.

— Não ligue para eles — ele me diz, e não sei se ele está falando dos Esconjurados ou dos outros nas plataformas. — Me ajude a rasgar esses lençóis e roupas e dar nós neles. Faça tranças com elas se não forem muito duras. Vamos usá-las como corda.

Concordo com a cabeça e assumo meu lugar ao lado de uma pilha de roupas. Rasgo os lençóis, amarrando-os em nós bem apertados. O primeiro vestido que pego é o verde que vesti há tantas semanas e sou obrigada a abafar meus pensamentos da mulher que usou esse vestido enquanto o destruo, o material protestando enquanto rasga.

Travis volta à varanda e começa a puxar as cordas grossas que pendem inúteis ao chão. Elas costumavam fazer parte de uma ponte, e ele chuta as tábuas de madeira com a perna boa e enrola a corda até fazer uma pilha.

— Será que vai alcançá-los? — eu grito.

— Vamos fazer com que alcance, de um jeito ou de outro — ele responde, sem levantar a cabeça de sua tarefa, os dedos um borrão enquanto ele amarra as várias cordas, transformando-as numa só.

Sinto o chão estremecer embaixo de mim, e sei que Argos sente isso também porque ele começa a emitir um grunhido baixinho na garganta, a cauda entre as pernas. Ele vem e se encosta em mim, seu corpo quente posicionado entre eu e a o alçapão. Como água enchendo um balde, os Esconjurados fluem para dentro do espaço embaixo de nós. Me pergunto quanto tempo temos antes que eles forcem a entrada, e esses pensamentos me fazem trabalhar com ainda mais diligência.

Quando termino de rasgar todos os vestidos e dar os nós, levanto-me do

chão e me espreguiço, fazendo uma careta por causa da dor nas pernas, me junto a Travis na varanda. Pergunto a ele o que mais posso fazer e ele grunhe.

Fico ali em pé o observando, retorcendo as mãos e me sentindo inútil. Um vento sopra ao nosso redor, varrendo o sótão, fazendo papéis saírem voando do chão e flutuarem na direção dos Esconjurados lá embaixo.

Eu tento pegá-los, salvá-los, mas o papel se desmancha na minha mão, virando pó. Uma página poussa aos meus pés e eu a apanho com cuidado. As bordas são ásperas, como se ele tivesse sido arrancado de uma página maior. Ao longo de toda a parte superior as palavras *The New York Times* estão escritas em letras maiúsculas. Abaixo delas, em letras igualmente grandes, diz: INFECÇÃO VARRE ESTADOS CENTRAIS: CIDADÃOS MANDADOS PARA O NORTE. Embaixo, uma foto de uma horda imensa de Esconjurados, tirada do alto como se por um pássaro.

Olho a fotografia mais de perto, tentando entender os detalhes por entre as partes granuladas. São mais Esconjurados do que já vi em toda a minha vida. Cobrindo uma área ampla, funda e determinada.

Cambaleio zonzinha de volta para o sótão, espalhando as outras páginas, procurando por mais fotos. As grandes palavras pretas gritam para mim em cada página: GOVERNO MUDA PARA LOCAL SECRETO; CDC INCAPAZ DE DETERMINAR CAUSA DA INFECÇÃO; ÚLTIMO REDUTO NAS ROCHOSAS FRACASSA; SURTOS RELATADOS NO MUNDO INTEIRO; ÁREAS ANTES LIMPAS AMEAÇADAS POR INFECTADOS VELOZES.

Com os dedos trêmulos, pego uma página que grita CIDADE DE NOVA YORK SITIADA com uma foto de prédios mais altos do que eu jamais poderia imaginar. Eles são imensos, empilhados quase no topo um do outro até onde a vista alcança. Fico zonzinha só de olhar para eles, e me lembro das histórias que minha mãe me contava de prédios que costumavam tocar o céu.

Mas jamais pensei em nada assim, jamais poderia ter sonhado com

edifícios como esses!

Engulo em seco, a garganta quase se fechando quando percebo a implicação dessa foto. Ela prova que minha mãe razão. Que as histórias que ela transmitiu para mim são

Que existe um oceano. E que ele deve ser imenso.

Levanto-me cambaleante e corro até a varanda para falar com Travis.

— Você precisa ver isto — eu digo a ele, puxando-o pela manga.

Ele olha para mim como se de muito longe, franzindo a testa como se estivesse profundamente mergulhado em concentração.

— Você está pronta? — ele passa por mim e volta para o sótão. Eu o sigo, segurando o papel quebradiço.

— Travis, olhe esta foto. Veja o que isso significa.

Ele ainda olha para mim de algum outro lugar e minhas palavras parecem nada significar para ele. Subitamente, um ruído alto e as tábuas do piso racham sob nossos pés. O chão se inclina o suficiente para que eu perca o equilíbrio e tenha que levantar as mãos para procurar algo em que me apoiar.

A página se desfaz entre nossas mãos quando Travis estende sua mão para mim e me endireita.

— Precisamos correr, Mary — ele grita, agarrando a corda improvisada que eu havia trançado e a leva até a varanda.

Meu coração bate no ritmo dos Esconjurados que se contornem embaixo de nós. Minha foto arruinada, caio de joelhos, vasculhando o restante das páginas em busca de mais provas. Em busca de outro vislumbre daqueles prédios. Mas tudo desaparece assim que minhas mãos agarram, se desfazendo, se desintegrando, desaparecendo.

Meus olhos ficam borrados com lágrimas de frustração. Não consigo mais sequer ver as palavras ou as fotos, apenas procuro cegamente algo em que me apoiar. Pela memória. E então meus dedos percorrem algo mais suave e resistente. É uma foto de um vasto trecho de prédios impossivelmente altos — exatamente iguais à foto que destruí há apenas

alguns instantes. Mais prédios do que eu jamais poderia imaginar que existissem no mundo, quanto mais em um único local.

Ao redor da margem da foto há uma borda amarela brilhante e as palavras Cidade de Nova York escritas em letras curvas.

Eu sorrio e me levanto, meus pés chutam um livreto que desliza pelo chão do sótão. Eu o pego. Comparado à Escritura ele é pequeno, apenas um pouco maior do que a foto de Nova e tem apenas a espessura do meu polegar. Coloco a foto dentro dele e enfio o livro dentro da minha saia para mantê-lo a salvo. Na varanda, Travis amarrou uma ponta da minha corda improvisada à corda mais grossa e à outra ponta em uma flecha. Ele prende a flecha no arco, aponta, prende a respiração e solta o arco da besta.

A flecha voa pelo ar, arrastando atrás de si sua longa cauda de tecidos de cores vivas, até se cravar na beira da plataforma, aos pés de Harry.

— Belo disparo — digo a ele.

Ele dá um pequeno sorriso ao responder, com uma piscadela:

— Uma das muitas coisas nas quais sou melhor que meu irmão — pego na mão dele, sinto um calor se irradiando pelo meu pescoço e minhas bochechas, e ficamos observando enquanto Harry agarra a corda da flecha e começa a puxar. Travis segura nossa ponta com a mão livre, para que ela não se afrouxe nem se embarace nos Esconjurados.

Finalmente, minhas tiras trançadas acabam e a corda pesada começa a avançar sobre o abismo que nos separa. Meu corpo treme de medo enquanto a vejo em seu caminho para cobrir toda a distância, e fico medindo sem parar o quanto resta de corda na varanda e quanto espaço falta ainda para cobrir.

Quase choro de alívio quando Harry agarra a corda grossa e começa a amarrá-la num galho bem resistente da árvore deles. Travis puxa sua ponta até ficar bem reta e a amarra numa viga do sótão. O chão estremece abaixo de nós com tamanha pressão que sou forçada a me segurar para não perder o equilíbrio.

Olhando de relance para dentro, posso ver o alçapão começando a

ceder, Argos escorregando ao redor dele, latindo e rosnando. Estamos ficando sem tempo.



XXVIII

Sem perder um momento, Travis dispara de volta para o sótão. Ouço barulho de coisas se quebrando quando ele se vira e esvazia um enorme barril antes cheio de farinha, uma nuvem de pó fino ocultando-o da minha vista. Ele leva o barril até a beira da plataforma, e seu corpo inteiro agora está coberto de uma fina película de pó branco. Quero rir do seu aspecto fantasmagórico, mas a pele dele tem a cor da morte.

A cor dos Esconjurados.

Pego na mão dele e aperto bem. Ele tenta sorrir em troca.

Enquanto convenço Argos a pular para dentro do barril, Travis usa corda extra para fazer uma alça ao redor dele, prendendo-a à linha que liga as plataformas de modo que o barril possa viajar de nossa varanda até a deles.

Argos gane, arranha as laterais, e quase não consigo evitar que ele pule para fora.

— Você precisa ir com ele — Travis me diz.

— Mas e você?

— Por favor, Mary, não discuta. Por favor, faça isso por mim — o suor se forma em gotas na poeira de farinha em seu rosto e consigo ver como seus músculos estão rígidos. Como ele está apavorado. E então concordo com a cabeça e me arrasto para dentro do barril, segurando de encontro ao peito Argos, que não para de se debater,

— Abaixese — Travis grita para mim e empurra minha cabeça para dentro do barril logo antes de ouvir um ruído seco e alto. Levanto bem devagar a cabeça, apenas os olhos acima da borda do barril, e vejo uma flecha despontando do barril onde estava minha cabeça momentos antes. Argos solta um latido como se tivesse ficado ofendido pela péssima pontaria de Harry. Amarrada à flecha, a corda que eu havia trançado e Travis a põe na minha mão, a outra ponta esticada até a plataforma.

— Segure firme — ele diz, e então empurra o barril para fora da varanda. Antes que eu tenha sequer a chance de gritar, protestar ou lhe dar um beijo de adeus, já estamos pendurados no ar. Tenho que lutar com Argos, que não para de chutar, ganir e querer me arranhar. Quase perco meu domínio da corda quando Harry puxa a corda trançada, puxando-nos por sobre o abismo.

Quando chegamos ao outro lado, Harry me tira do barril e Argos sai correndo ao nosso redor, jogando nuvens de farinha a cada passo. Ainda estou tossindo, grandes convulsões que sacodem meu corpo inteiro, quando ouço Cass quase gritar ao olhar para a casa de onde acabei de vir.

Viro-me para olhar. Travis está tentando subir na corda, de modo bastante desajeitado.

Ele luta para enrolar a perna ruim nela em busca de apoio e escorrega, ambas as pernas caindo de modo que só consegue a segurar com os braços.

E aí os dedos escorregam e ele cai sobre a varanda novamente. Limpa as

mãos nas calças; nuvens de farinha aparecem.

— Precisamos mandar o barril — eu digo.

— Não há tempo — diz Jed.

Mesmo daqui, na borda de nossa plataforma, posso ouvir a insistência dos Esconjurados enquanto atravessam aos socos as paredes do que costumava ser nosso santuário. Eu vejo Travis olhar para trás, posso ver seu rosto ficar pálido e seu corpo inteiro estremecer.

Minha garganta trava quando ele estende uma das mãos para pegar a corda, quando ele a envolve com os dedos para tentar uma segunda vez.

Harry agarra meus ombros, como se para me consolar, me proteger ou me abraçar, e quero me desvencilhar dele como uma distração desnecessária, como alguma coisa que me afasta da tarefa presente, que é concentrar toda a minha atenção em Travis, como se eu pudesse transportá-lo para cá apenas pelo poder de minha vontade.

Ele cambaleia e num instante já está pendurado sobre o espaço, as pernas chutando e girando. Atrás deles, os Esconjurados emergem da porta do sótão, empurrando uns aos outros para chegar até a varanda. Travis morde o lábio e eu sinto como se estivéssemos prendendo a mesma respiração juntos.

Um dos Esconjurados — uma jovem com cabelos alaranjados — estende as mãos para Travis enquanto ele fica ali, pendurado como uma isca. Ela sai da varanda em sua tentativa de chegar a ele, e suas mãos escorregam pelas pernas dele, se agarram nos pés e subitamente Travis está se segurando à corda com apenas uma das mãos.

A Esconjurada consegue puxar a si mesma para cima, aproximando cada vez mais o rosto do pé de Travis. Já posso ver pontinhos de sangue onde as unhas quebradas dela se afundam na carne dele. A boca se aproxima cada vez mais. Os dedos dele escorregam, alguns já pendurados.

Eu me sinto dar um pulo e avançar na direção da corda. Quero gritar, mas o grito está aprisionado na minha garganta, me estrangulando. Sangue começa a pingar nas mãos da Esconjurada, fazendo com que elas fiquem

escorregadias, fazendo com que ela duplique seus esforços.

Outro Esconjurado pula em direção a Travis e também cai da varanda, deslocando a mulher que já estava com dificuldades de se segurar nos pés dele. Com seu peso bem mais leve agora, Travis balança o corpo para a frente e abraça a corda com as duas pernas; Joga a cabeça para trás bem de leve, e eu sei que ele está encarando a horda de Esconjurados a pouco mais de um braço de distância.

— Anda — quero gritar, mas fico em silêncio mais uma vez. Posso sentir que Jed e Harry murmuram a mesma palavra sem fazer som.

Primeiro com uma das mãos, depois com a outra, Travis vai avançando em nossa direção. Os gemidos dos Esconjurados nos preenchem, nos tomam a todos de assalto enquanto a corda vai cedendo com seu peso, deixando-o cada vez mais próximo das hordas abaixo dele.

Percebo que o barril que carregava Argos e eu era pesado demais. Devemos ter afrouxado os nós ou forçado em excesso as fibras da corda.

O mundo brilha demais neste momento, a luz de um dia que se vai, o sol forte nos meus olhos enquanto vejo Travis abrir caminho até nossa plataforma.

A corda cai ainda mais, tensionando sob o peso dele, e de repente ouço um novo som. Um estalo quando a corda velha começa a se desfazer.

Eu avanço, mas as mãos de Harry me seguram.

— Não há nada que possamos fazer — diz, mas eu me desvencilho dele.

Vou deslizando de barriga até a beirada da plataforma, até chegar o mais próximo do abismo a que me atrevo.

— Travis — eu grito — Travis, você tem que se apressar.

Ele balança a cabeça, as mãos agora paralisadas. Um dos Esconjurados sai do porão aos tropeções, chega até a varanda e pula em sua direção. Ao cair, ele atinge a corda, o que faz com que ela balance e faça ainda mais sons de estalo.

A corda abaixa ainda mais, impossivelmente baixa. Os Esconjurados embaixo de Travis estão num frenesi agora. Estendendo seus braços ao

limite, os dedos parecem ficar mais próximos a cada segundo.

— Travis, você tem que me ouvir — ele balança a cabeça novamente. Posso ouvir as lágrimas sufocando minhas palavras, fechando minha garganta.

— A corda está arrebentando — Jed me diz, a voz baixa para que Travis não possa ouvir. — Ele não vai conseguir.

— Mary, você não deveria ver isso — é Harry, a voz baixa, um murmúrio suave, vindo ficar ao meu lado.

— Não, eu não vou deixá-lo! — levanto-me e pego a corda em minhas mãos como se pudesse puxá-lo de volta, levantá-lo para longe da horda lá embaixo.

A corda treme sob meu toque, vibrações dos músculos de Travis ecoando por cada fibra. Quero fechar os olhos e me arrastar até Travis, estar lá ao seu lado e puxá-lo de volta eu mesma.

Mas sei que seria inútil para mim ir atrás dele. A corda arrebentaria sob nosso peso conjunto e morreríamos os dois.

Olho para ele, tremendo como uma isca atirada à água.

— Travis — minha voz ainda vibra como um rugido, sem admitir qualquer resposta. — Travis, quer me escutar? Esqueça os Esconjurados, esqueça a corda. Esqueça tudo a não ser a minha voz. Feche os olhos e ouça a minha voz.

Ele não faz o que eu digo e eu pinço a linha com os dedos.

— Me escute! — grito mais alto do que jamais gritei na vida.

Seus olhos se fecham imediatamente.

— Agora, eu quero que você estenda a mão na minha direção e pegue a corda — vejo as mãos dele começarem a se movimentar lentamente. De modo quase infinitesimal no começo, e depois com mais confiança.

— Isso, bom trabalho, continue assim — eu dou força a ele quando ele aproxima a outra mão de nós. A corda começa a balançar com seu movimento, e sob meus próprios dedos eu consigo senti-la ceder um pouquinho mais quando mais fibras arrebentam, e ela perde mais tensão.

— Rápido, Travis. Ande um pouco mais rápido — ele está suando agora, mas faz que sim com a cabeça e em pouco tempo já está subindo acima da curva que a linha faz.

Os Esconjurados ficam desesperados embaixo dele quando sangue começa a escorrer de seu joelho, passando pela panturrilha e pingando de seu tornozelo. Os gemidos são uma força física que nos atinge como uma onda, mas ainda assim Travis consegue continuar se aproximando.

Atrás de mim eu consigo sentir a tensão em Harry e Jed enquanto eles observam, enquanto torcem por Travis baixinho, com medo de dar voz alta a sua esperança e interromper a concentração dele.

— Vão ajudar! — digo a eles e eles vão como se fossem um só até onde a corda sobe até as árvores, e é lá que eles estão quando Travis chega ao alcance da plataforma.

Finalmente, Travis está a salvo do nosso lado do abismo e eu desabo, percebendo que escapamos por tão pouco.



XXIX

Quando acordo, está escuro. Estou sozinha numa cama, pilhas de cobertas quase me sufocando. Começo a lutar para sair debaixo delas quando sinto dedos acariciando meu rosto. Fecho os olhos para aproveitar a sensação familiar.

— Você conseguiu — sussurro, levantando a mão e colocando-a sobre a dele. Sinto meu corpo afundar de volta à cama com alívio. E então me lembro. — Sua perna — digo, lutando para me sentar.

Ele põe a mão no meu ombro, o toque suave, porém insistente, me empurrando de volta ao meu ninho quente de cobertores. Mas eu resisto e permaneço sentada.

— Tudo bem — ele me garante. — Uns arranhões — ri baixinho. — Ela tinha umas unhas afiadas mesmo.

Na luz fraca, vejo-o balançar a cabeça como se quisesse afastar essa

lembrança. O rosto parece um pouco tenso, os olhos duros com uma pontinha de desespero.

— Mas você conseguiu — digo a ele.

— Consegui — ele diz.

Por um momento ficamos quietos. Escutando o mundo que desperta. Os gemidos dos Esconjurados lá embaixo.

— Quanto tempo vamos durar aqui? — finalmente pergunto.

Ele dá de ombros. As mãos agora estão paradas, calmas, no colo.

— Estão falando em montar o mesmo sistema que usamos para chegar aqui para nos levar a outro caminho. Para deixar a aldeia e fugir destas plataformas — ele para, se levanta da beira da cama e olha pela janela. — Mas tem que haver alguém do outro lado para isso poder funcionar.

Ele se vira para mim.

— Um de nós teria que ir até a Floresta. Teria que estar lá para amarrar a corda.

— Mas agora? Como qualquer um de nós poderia chegar lá? É longe demais da cerca, há muitos...

O resto da frase fica parado no ar entre nós. Travis não mexe a cabeça nem diz nada, mas puxa uma cadeira que estava encostada na parede até o lado da cama, arrastando as pernas dela sobre a madeira das plataformas. Ele senta, cruza uma perna sobre a outra. Noto que ele está com uma faixa de tecido enrolada ao redor de seu tornozelo esquerdo, que ele fica puxando distraído.

— Quando? — pergunto. — Quando eles irão tentar?

Ele ainda não me encara nos olhos. Em vez disso, seus olhos parecem vagar pelo quarto, ver tudo, menos a mim.

— Neste exato instante, a ideia é esperar até o inverno. Torcer para que seja um inverno bem rigoroso que diminua a atividade dos Esconjurados ou os congele. Jed e Harry já fizeram o registro dos suprimentos. Contanto que tenhamos chuva suficiente para encher os barris de água, deveremos ser capazes de aguentar até lá.

— Meses — eu digo baixinho.

— Sim, seria uma longa espera — ele diz. Dá mais uma puxadinha na bandagem do tornozelo como se ela estivesse muito apertada, e eu estico a mão para tocá-lo. Os músculos de seu braços repuxam ao meu toque.

— O que será que isso significa para nós dois? — pergunto. Ele não responde. A pele dele está fria sob a minha, vazia. Ele ainda não está olhando para mim, e me afasto dele, puxando as cobertas até os ombros.

Alguma coisa não está certa entre Travis e eu. Alguma coisa mudou, mas eu não sei o que é ainda.

— Me conte — sussurro. Temendo o pior.

Ele se remexe na cadeira e o vejo fazer uma careta ao por o pé com a bandagem de volta ao chão. Ele se levanta, vai até a janela e depois volta para a cadeira.

— Ontem, eu só conseguia pensar em salvar você. Em nos salvar — ele faz uma pausa como se estivesse tentando pensar no que dizer, em como ordenar seus pensamentos em palavras.

— Isso foi só ontem? — pergunto. Ele sorri, quebrando a tensão por um momento.

— Mary, — ele continua — quando vi você naquele corredor com os Esconjurados caindo em cima de você... — ele balança a cabeça como se quisesse sacudir essa memória para fora de sua cabeça. — Parte de mim quis morrer naquele momento. Trocar de lugar com você para que você sobrevivesse, para que você conseguisse escapar.

Ele agarra a parte de trás da cadeira e os dedos começam a ficar brancos.

— Eu percebi uma coisa então, Mary — ele solta a cadeira, batuca os dedos na madeira. Anda de volta até a janela como se tentasse adiar o que irá dizer em seguida. Eu abraço minhas pernas bem perto do peito, tentando me preparar para qualquer coisa.

— Não tenho sido justo com você — ele finalmente diz. Minha pele se arrepia, cada sentido meu se aguça. Posso ouvir a maneira como ele respira, o ar penetrando nos pulmões dele, o coração bombeando em seu peito. Ainda

posso sentir o cheiro do medo dele.

— Eu deveria ter contado antes a você o que Gabrielle me contou. Sobre o oceano — ele olha para mim agora, os olhos cheios de dor e implorando perdão. E como se tudo ao meu redor desaparecesse até que só existissem Travis e eu, juntos neste quartinho bem no alto das árvores.

— Como assim? — eu pergunto e minha voz soa pequenininha em meus ouvidos. Meu coração bate feroz agora. — Você me disse que ela não havia dito nada a você. Que vocês não conversaram.

Ele batuca com um dedo na moldura de madeira da janela aberta. A brisa da manhã brinca por um instante com seus cabelos, circula o quarto e depois vai embora. Ele fecha os olhos como se quisesse saborear a sensação do ar fresco na pele ressecada.

— Gabrielle esteve no oceano — ele finalmente diz.

Eu tento respirar fundo, com dificuldade, o mundo parece sair dos eixos por um instante.

— Quando? — pergunto ao soltar o ar. — Como? — no silêncio, me ocorre que, se ela viajou até lá, então deve estar perto. Significa que existe e que eu também posso ir até lá.

Jogo as cobertas de lado e minhas pernas se enroscam nos tecidos, o que me faz quase gritar de dor quando as cascas delicadas das feridas do ataque de ontem se abrem. Cambaleio para a frente, mas Travis não se move para me pegar. Quando recupero o equilíbrio, corro até ele na janela e o pego pelos braços.

— Você não sabe o que isso quer dizer? — pergunto a ele. Subitamente, sinto o meu corpo mais leve. Não me sentia tão feliz assim desde antes da morte de minha mãe.

— Podemos ir até lá — digo a ele. — Se ela foi até lá então também podemos ir — começo a dar voltas no quarto, a energia fervendo dentro das minhas veias.

— Ela disse a você a que distância fica? Ela disse como chegar até lá? — eu paro e vou até Travis para encará-lo, meu peito mal roçando no dele. —

Ela lhe disse como era? Falou sobre as ondas? O cheiro?

Travis me agarra pelos braços, me puxando e quase me levantando do piso áspero de madeira da plataforma.

— Ela me falou que é perigoso, Mary! — posso ver agora que o peito dele está ofegante, a respiração acelerada, o rosto vermelho e o maxilar cerrado. Ele me sacode, mas não muito. — Ela me disse que é perigoso — ele repete com uma voz mais suave. Como se eu só fosse compreender se ele continuasse a me dizer isso sem parar.

Sinto meu próprio rosto corar, confuso.

— Perigoso como? — pergunto. Puxo meus braços das mãos dele e os cruzo sobre o peito.

— Ela me disse que os Esconjurados se erguem das águas e ainda andam pelas praias. Que não há maneira de cercar o oceano, não há como se proteger. Ela disse que piratas assolam as margens e ninguém pode realmente estar seguro por lá.

Eu quero protestar, dizer a ele que está errado. Mas ao invés disso olho pela janela e vejo as árvores, as folhas ondulando lá fora na Floresta. O único oceano que já conheci.

— Não pode ser — murmuro.

— Mas é — ele me diz. — Você sabe que isso é verdade. O oceano do qual sua mãe costumava lhe falar era de antes do Retorno. Tudo mudou desde então. Tudo.

— Mas o oceano é grande demais para isso — protesto. — Vasto demais, profundo demais. Não compreendo como o Retorno pôde tocar isso também.

Ele espera um momento antes de responder:

— Nada neste mundo é profundo o bastante para resistir aos Esconjurados.

Ele me olha nos olhos, percorre meu queixo com o dedo.

— Nem mesmo nós.

Eu quase acredito nele, mas aí balanço a cabeça, a raiva começando a

crescer dentro de mim.

— Você está errado, Travis. Você está errado — cerro os punhos e soco o peito dele. — Não sei por que você está me contando essas histórias, mas você está errado.

Ele pega minhas mãos, fechando seus dedos sobre meus punhos.

— Ela me disse que se eu deixasse você ir para o oceano, nunca mais te veria.

— Então ela também estava errada! — grito. Me afasto dele com um safanão, recuando até a porta para não nos tocarmos mais. — Se você está me dizendo a verdade, então por que não me contou isso antes? Por que me deu tanta esperança para depois tirá-la de mim?

— Porque pensei que poderia proteger você — ele responde. — Porque eu estava torcendo para que eu fosse o bastante.

— Não — balanço firmemente a cabeça. — Eu achei que você também queria ver o oceano. Achei que era um sonho nosso. Eu achei... — engulo em seco e respiro fundo. — Achei que você iria me buscar.

Ele não olha para mim ao balançar a cabeça. Sinto como se meu mundo estivesse caindo. Entender o que ele está dizendo — o que ele não está dizendo — causa um impacto profundo dentro de mim. As palavras ecoam na minha cabeça: *ele nunca viria me buscar, ele nunca viria me buscar*.

Tudo roda, se torna insuportavelmente brilhante e depois escuro. Meu mundo se inclina, recuo até minhas pernas baterem na beira da cama e caio sentada.

Meu corpo dói tanto que quero vomitar.

— Você nunca iria me buscar, iria? — pergunto.

— Desculpe, Mary — ele diz, e é a mesma coisa que um não.

Tudo se quebra dentro de mim, se estilhaça.

— Não entendo, por que você está me dizendo isso tudo agora? Por que está fazendo isso comigo? — levo as mãos à cabeça, me curvando até quase formar uma bola.

— Porque eu... — ele para no meio da frase e fica em silêncio. Um

músculo repuxa em seu maxilar. — Mary, eu queria tanto você. E aquele dia na colina, aquele dia foi tudo. Ele me mostrou como a vida poderia ser... a esperança que poderíamos ter. Eu queria acreditar que nós podíamos ficar juntos. Queria acreditar que podíamos romper nossos votos e que de algum modo tudo ainda ficaria bem.

O olhar distante, ele balança a cabeça.

— Eu iria buscar você, Mary. Mesmo sabendo que jamais seria o tipo de marido que Harry teria sido. Muito embora eu fosse um homem quebrado, eu iria buscar você. Iria deixar minha paixão superar meu senso comum. Mas ver Gabrielle mudou tudo. Eu vi o que aconteceu àqueles que se desviaram do caminho das Irmãs. Eu vi o que aconteceria com a gente... com você. E eu não poderia suportar.

— Tudo o que eu conseguia ver era você com aquele colete vermelho, você tentando rasgar as cercas. Eu não podia deixar isso acontecer — ele abaixa a cabeça.

A agonia do que poderia ter sido faz com que minhas palavras quase fiquem presas na garganta.

— Nós poderíamos ter conseguido — eu digo. — Nós poderíamos ter fugido.

Quando ele me olha, seus olhos estão molhados de lágrimas.

— Não, não poderíamos — ele diz baixinho. — Jamais conseguiríamos ter escapado. — ele põe a mão sobre a perna. — Estou quebrado demais. Eles teriam nos achado... Nós nunca poderíamos ter escapado.

Ele se ajoelha na minha frente, pega minhas mãos e as segura na dele.

— Você não vê, Mary? Desde Gabrielle eu não tenho feito nada a não ser tentar manter você a salvo porque tive medo demais de perdê-la.

Eu balanço a cabeça, todos os meus pensamentos caindo de um lado para o outro, girando como num redemoinho.

— Por que você não me contou isso antes? Por que está dizendo essas coisas agora?

— Porque protegi você por tempo demais. Gabrielle disse que o oceano

era perigoso e pensei que poderia manter você distante dele. Mas aí, quando vi você ontem quase morrendo embaixo dos Esconjurados percebi que não posso mais fazer isso. Não posso tomar essas decisões por você.

— Percebi ontem que a questão do oceano não importa. Porque mesmo que nunca o encontremos você, ainda assim, não vai mais precisar de mim. Um dia, eu pensei que pudesse proteger você. Que poderia cuidar de você. Mas você é forte o bastante. Nunca vi nada igual ao que você fez ontem. Nunca vi ninguém sobreviver como você. Lutar contra os Esconjurados e sobreviver! — ele balança a cabeça, os olhos arregalados e brilhando. — Eu fiquei assombrado.

É como se ele tivesse puxado um tampão no meu corpo, e toda a dor e raiva estão escoando, não deixando nada para trás.

— Eu sempre vou precisar de você — sussurro. — Durante todo esse tempo eu esperei por você. E você nunca teria ido me buscar. Por que me deixou esperar por você?

Travis suspira, flexiona os dedos contra o alpendre.

— Acho que já naquela época eu sabia que não seria o bastante para você, Mary. Não se trata mais do oceano. Trata-se de você e do que você quer e precisa. Talvez você seja feliz comigo por alguns anos...

Ele faz uma pausa e posso ver lágrimas inundando seus olhos mais uma vez.

— Não posso ser seu sonho de reserva.

Quero gritar com ele por causa do que está dizendo, empurrá-lo e fazer com que ele retire o que disse. Em vez disso, passo por ele e vou até a janela. Me inclino para fora, machucando os quadris no alpendre. Por um momento me pergunto se eu seria capaz de sentir o cheiro do sal do oceano daqui. Se poderia fechar os olhos e me concentrar o suficiente, se poderia discernir o som das ondas quebrando na margem. Se eu poderia sentir o gosto do ar, o gosto do oceano.

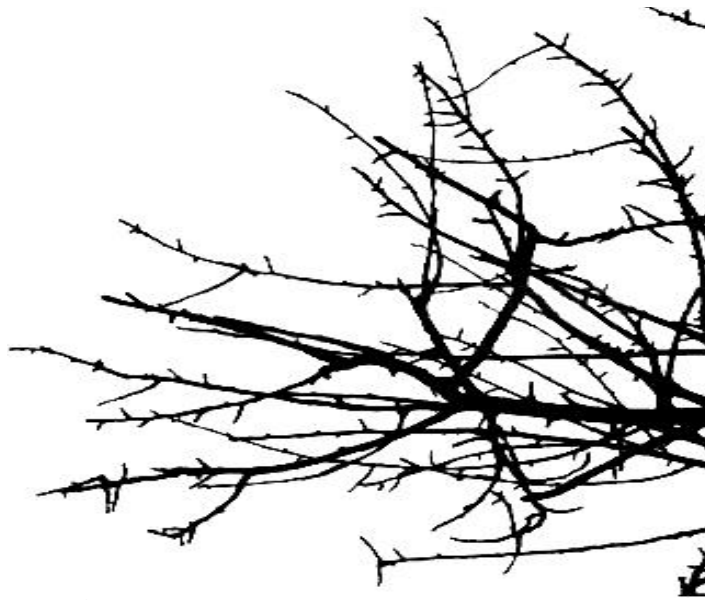
Desde aquele dia na colina, desde que ele prometeu que viria me buscar, eu supunha que este sempre seria nosso sonho juntos. A questão nunca foi

escolher um ou outro.

— Mary — diz Travis, chegando por trás de mim. Ele tenta pôr a mão no meu ombro, mas eu não deixo. Não quero que ele tenha razão. Não quero acreditar no que está dizendo, que eu poderia ser tão cruel e egoísta. O calor dele irradia em minha direção, tentando preencher o vazio em meu interior, mas cruzo os braços como um escudo.

Me afasto dele então e caminho até a porta. Quando atravesso o umbral, ele pergunta:

— Você desistiria do oceano por mim? Hesito, ponho a mão na maçaneta. Um dia eu esperei que, assim como aconteceu com minha mãe, o amor fosse deixar os outros sonhos de lado. A descoberta de que isso não é verdade me arrasa e eu saio porta afora, deixando Travis sem resposta.



XXX

É difícil encontrar solidão nas plataformas das árvores e por isso eu caminho ao longo das pontes de cordas até estar o mais distante de Travis e do resto quanto possível. Sento-me e deixo as pernas balançarem, as casquinhas das feridas provocadas pelos Esconjurados cocando enquanto curam. Quero chorar, mas não tenho lágrimas. Quero gritar, mas não quero provocar uma cena. Por isso me sento, fico olhando para a Floresta e penso na confissão de Travis de que nunca iria me buscar.

Que ele iria deixar que eu me casasse com Harry. Pego o livreto com a fotografia de Nova York. A luz do dia, as cores da foto parecem menos vivas do que no sótão, mas não me importo: percorro meus dedos sobre os edifícios, pensando sobre eles. Pensando no número de pessoas necessário para enchê-los todos e me perguntando no que aconteceu a essas pessoas.

Pensando em todas as histórias que se perderam.

Deixo a foto de lado e me concentro no livro. Nunca vi um livro tão pequeno — os únicos livros em nossa aldeia eram as

Escrituras e os volumes de genealogias. Abro cuidadosamente a capa de couro vermelho e percorro as letras elegantes da primeira página, sem entender seu significado: Sonetos de Shakespeare. O papel é grosso e amarelado, e posso sentir as bordas se esfacelarem sob meus dedos.

Incapaz de resistir, começo a folhear o livro, página a página de textos cuidadosamente distribuídos. E, no alto de cada página, uma letra. Minhas mãos congelam, e o vento faz o papel à minha frente quase se soltar. Engulo em seco e volto ao início do livro. Lá, sobre o primeiro bloco de texto, está a letra I. Na página seguinte, em cima do bloco de texto seguinte, estão as letras II.

Sigo o padrão trêmula, pois subitamente tudo faz sentido. As letras são números. Recordo-me do que Gabrielle escreveu em sua janela e vou até o bloco de texto correspondente, fazendo uma leitura rápida dele. Ele fala de julgamento, pragas, bem e mal, verdade e castigo.

Recordo as letras no baú próximo a nossa aldeia e viro as páginas até encontrar XVIII, número dezoito. Uma linha salta da página, me fazendo perder o fôlego: "Nem a morte se orgulhará de vos manter em seu domínio..." Eu largo o livro. Letras, números e palavras demais rodopiam em minha cabeça.

Está tão claro para mim agora que não entendo como não tinha percebido isso antes. Os caminhos estavam marcados por números. E deve haver um padrão neles, uma ordem que ainda temos de descobrir.

Estou tão consumida por esses pensamentos que não registro a presença de outra pessoa ao meu lado até que ele fala. Meto a foto no livro e o enfio embaixo da saia para que não o veja.

— Mary, você vai morrer que nem o resto deles? — Jacob pergunta com sua voz de menininho. — Você vai se transformar e depois me comer? — ele chuta as tábuas ásperas pregadas em um galho grosso com a ponta da bota.

Não consigo deixar de dar uma risada, e digo:

— Não, meu amor. Eu não fui infectada. Por que você pensou isso?

Ele franze a testa e eu percebo que não devia ter rido.

— Foi a tia Cass — ele responde. — O tio Travis contou a ela o que aconteceu antes, quando vocês estavam escapando. Ela disse que ficou espantada por você simplesmente não ter morrido quando todos aqueles Esconjurados caíram em cima de vocês na casa. Ela acha que você deve estar doente — com seu leve problema na língua, Cass vira *Cath* e Esconjurados vira *Ethconjugados*.

— Mas o tio Travis disse que você lutou contra os Esconjurados e que você foi muito corajosa. E verdade, tia Mary? Você lutou mesmo contra eles? — ele para por um instante e, se é que isso é possível, sua voz fica ainda menor. — Você pode me ensinar a lutar contra eles também? Porque eu tenho medo deles.

Puxo-o pela mão e o ponho no meu colo. Seu lábio treme e lhe dou um abraço bem apertado.

— Nenhum de nós quer ser igual a eles — digo. — E prometo que vamos fazer tudo o que pudermos para manter você a salvo.

— Eu não queria ter medo — ele diz. — Mas às vezes eu não consigo não ter.

— Eu sei, coração. Nós todos estamos com medo — digo a ele. E, de algum modo, abraçá-lo me faz ficar com menos medo.

— Sabe — eu digo a ele depois de um momento — quem me salvou mesmo foi Argos. Foi ele quem me resgatou quando eu caí.

Ele dá um risinho.

— Eu gosto do Argos.

— Então ele é seu.

Ele olha para mim com aqueles seus olhos enormes.

— Sério? — posso ouvir a esperança em sua voz, e ela me enche de alegria.

— Sim, sério. Pode ficar com ele: com ele ao seu redor você vai ter

menos medo.

Ele me abraça, seus dedinhos fortes no meu pescoço.

Ouçõ os passos de alguém se aproximando.

— Jacob, — diz Cass — seu tio Jed está procurando você para ajudá-lo a preparar o jantar. Quer ir ajudá-lo?

— Tia Cass, adivinha só? — ele grita, pulando do meu colo. — A tia Mary disse que posso ficar com o Argos para me proteger dos Esconjurados!

Cass sorri e despenteia os cabelos dele.

— Espero que você tenha agradecido a ela — diz e ele fica com as bochechas rosadas. Eu falo:

— É claro que ele me agradeceu — pisco para ele, que desce correndo a plataforma e atravessa as pontes chamando por Argos como se não existisse um mundo de morte abaixo de todos nós.

— Obrigada — ela diz depois que ele foi embora, e aceno com a cabeça.

Ela se aproxima e se senta ao meu lado, encostando-se no corrimão e vasculhando o horizonte. Não temos conversado realmente desde a brecha. Desde que ela me disse que eu deveria me casar com Harry.

— Sabe — ela diz. — Não seria tão duro se eles não amassem tanto você. Se não estivessem sempre falando de você. Até mesmo quando estavam crescendo, o negócio era sempre sobre a Mary.

— Isso não é verdade — digo. Mas minhas palavras não soam convincentes, pois estou vazia demais para protestar muito.

— Ah, é verdade sim — ela diz. Seu tom de voz é leve, contemplativo, sem raiva. — Quando éramos mais novos, Travis sempre queria ouvir suas histórias. Ele queria saber o que sua mãe lhe contava e você passava para mim. Harry queria saber do que você gostava e do que não gostava. A coisa era sempre sobre você. O que você queria. O que você sabia.

— Desculpe — eu digo a ela. Porque não sei mais o que dizer. Ela dá de ombros.

— Não estou falando isso para comprar briga — ela diz. — Só quero que você me entenda. Entenda por que mudei. Por que todos mudamos.

Acho que só quero que você seja minha melhor amiga novamente... mas isso não pode acontecer se eu estiver zangada com você e você fingir que eu não existo.

— Eu nunca fingi que você não existe — respondo.

Ela ri, quase como uma respiração.

— Eu não culpo você, mas houve um tempo em que eu estava em primeiro lugar para você, em que eu teria sido mais importante para você do que qualquer coisa ou qualquer pessoa. E quando deixei de estar em primeiro lugar, fiquei zangada. Porque havia perdido não só Travis e Harry quando os dois se apaixonaram por você, eu perdi você também. Mesmo antes da brecha. E só quando encontrei Jacob eu entendi. Porque agora ele vem em primeiro lugar para mim.

Ainda não sei o que dizer a ela.

— Acho que estou tentando perdoar você. E estou lhe dizendo que não me importo mais com Harry, Travis, essas coisas. Só me importo com Jacob, em garantir que ele tenha uma vida plena. Que ele possa crescer e encontrar seu caminho neste mundo. Jacob é como um filho para mim agora e tudo o que eu sempre quis ter foi uma família — ela dá de ombros. — Agora que tenho ele, tudo com Harry e Travis parece não fazer sentido. Um desperdício inútil de emoção.

Eu me deito na plataforma, sentindo a madeira aquecida pelo sol através das minhas roupas. Grandes nuvens brancas e fofas navegam pelo céu azul, seguindo seu caminho como se nada tivesse mudado no mundo abaixo. Como se o mundo fosse algo além de morte, decomposição e dor.

— É que às vezes, quando não há muita esperança no mundo, parece que é hora de consertar as coisas — ela diz.

— Ainda há esperança — digo. — Eles estão trabalhando em um plano — tento encontrar formas nas nuvens mas não consigo.

Ela ri novamente.

— Você está falando do plano deles de esperar até o inverno e tentar ir de fininho até as cercas? Não ponho muita fé nisso. Acho que isto aqui

provavelmente será o nosso fim, aqui em cima nas plataformas.

A Cass que conheci quando crescemos juntas não era tão pragmática. Este mundo nos mudou a todos, nos forçou a tomar decisões terríveis para as quais não estávamos prontos.

— Não estou disposta a abrir mão da esperança — acabo dizendo. — E não vou abrir mão do oceano.

— Achei que esse seria o caso — ela diz. — Mas só queria me certificar de que você soubesse que, se chegar ao ponto de ter que escolher entre você e seu sonho do oceano e manter Jacob a salvo, vou escolher Jacob.

— Eu sei — digo a ela. E então, depois de um tempo, acrescento. — Você está sendo uma excelente mãe, Cass — quero acrescentar que tenho a esperança de que vamos encontrar um caminho para fora daqui, encontrar um lugar seguro onde ela possa se casar e ter uma família enorme. Mas não faço isso. Em vez disso, pergunto a ela se não quer ficar ali comigo e me ajudar a encontrar formas nas nuvens, e passamos a tarde lado a lado, olhando para o céu como se o mundo ao nosso redor não fosse o que sempre foi.



XXXI

— **F**ogo!
Acordo com um susto e minhas mãos imediatamente descem para as laterais, tentando procurar por entre os lençóis por Travis ou Harry — qualquer um. Mas estou sozinha e cada respiração queima meus pulmões enquanto luto para me lembrar o que me separou com tanta violência dos meus sonhos.

— Fogo!

Volto a ouvir a palavra e então meu irmão está à porta, com Jacob jogado sobre seu ombro, e percebo que ele está enevoadado, que o mundo está enevoadado, e é aí que começo a tossir.

— Mary, você precisa vir agora — ele diz e então a porta está aberta, tentáculos de fumaça se enroscando no seu rastro, como se eles também

estivessem perturbados pela comoção noturna.

Com uma mão segurando a camisa sobre a boca, desço da cama e toco o chão com os pés descalços, procurando por obstáculos. Alguém me agarra assim que chego perto da porta e me puxa para o ar fresco, e antes que eu tenha tempo de me orientar sou puxada para as plataformas, onde vejo os outros todos encolhidos uns colados nos outros.

Atrás de mim posso sentir o calor, as labaredas famintas que estão consumindo nosso refúgio pedacinho por pedacinho. Destruindo as outras casas nas árvores, ficando cada vez mais brilhante ao devorarem os suprimentos e correrem ao longo dos galhos.

Estamos todos na borda da plataforma onde passei a tarde olhando as nuvens com Cass. Agora ela está tentando abraçar Jacob, que está tremendo, soluçando e pedindo desculpas. Jed, Harry e Travis estão em pé com as mangas arregaçadas, as testas reluzentes de suor, encarando as chamas.

O ar está tão seco que estala, o que abafa os gemidos dos Esconjurados.

Estamos presos e isso é fatal. A nossa frente não existe nada, abaixo apenas o imenso trecho de aldeia com bandos de Esconjurados. Atrás de nós está o fogo, que lentamente consome seu caminho na direção das longas plataformas.

De vez em quando as chamas caem como gotas em cima dos Esconjurados, que se tornam fornalhas vivas incendiando uns aos outros, espalhando o inferno às estruturas da aldeia.

— Talvez as chamas os matem a todos e aí possamos escapar — diz Cass, descansando o queixo no corpo em convulsões de Jacob.

Os homens não respondem. Em vez disso, eles permanecem paralisados, como se agir fosse algo arriscado demais. Já vejo bolhas se espalhando pelo braço direito de Jed.

Nosso mundo se enche de calor e luz, e finalmente Travis diz tão baixinho que nossas palavras quase são engolidas.

— Um de nós vai ter que passar por eles. Um de nós vai ter que ir até o caminho para amarrar a corda. Temos que sair das plataformas e ir para

aquele caminho.

Cass aperta Jacob, tapando suas orelhas com a aprovação de Jed e Harry.

— E não pode ser você, — Harry diz a Travis — por causa da sua perna — examino as palavras dele na minha cabeça, procurando a acusação, mas não encontro.

— Eu poderia ir — murmuro. Espero pelas objeções deles, e depois de segundos demais elas vêm. Simples e diretas.

— Não vai não — eles dizem. — Será um de nós.

Jed e Harry não olham um para o outro enquanto contemplam qual deles se sacrificará pelo resto de nós.

— Eu posso pelo menos pegar a corda — Travis resmunga ao descer mancando a plataforma, de volta ao fogo que se aproxima cada vez mais.

Jed coloca o braço sobre o ombro de Harry, Harry coloca o braço na cintura de Jed e eles caminham um pouco para longe de nós, cabeças abaixadas.

Parecem estar orando e eu me pergunto se tudo isso é minha culpa porque parei de acreditar em Deus há tantos meses. Eu me pergunto se deixaria de acreditar no oceano, se desistiria de Travis, se desistiria de tudo o que se coloca no caminho entre eu e Deus — se pudesse nos salvar.

Se pudesse salvá-los.

Travis desliza ao redor de Jed e Harry abraçados e se ajoelha desajeitado na beira da plataforma mais próxima da Floresta de Mãos e Dentes e do caminho que poderia ser nossa salvação.

Eu rastejo até perto dele e o ajudo a dar os nós.

— Não entendo como isso vai funcionar — digo a ele, meus dedos tremendo e mal conseguindo acertar.

— Vai funcionar do mesmo jeito que funcionou para nos trazer aqui. Mas alguém vai ter que estar do outro lado para amarrar a corda — ele diz.

Ele põe as mãos sobre as minhas, tão quentes e tão familiares.

— Aqueles dias ali, na casa. Aquele é meu mundo. Aquela é minha verdade — ele diz. — Aquele é meu oceano.

Nos olhos dele eu posso ver a confusão de palavras que passam pelo seu coração, e quando ele abre a boca tudo o que diz é:

— Eu queria ter podido manter você a salvo.

Ele passa o dedo pelos meus lábios e depois se levanta para levar a corda até Harry e Jed, para prepará-los para a travessia.

Minhas pernas tremem até eu me levantar e antes que eu consiga compreender o que está acontecendo, uma figura passa por mim correndo, passos irregulares, e se joga da borda da plataforma, voando sobre o círculo de Esconjurados abaixo de nós e pousando com um impacto e um rolamento. Em cada uma das mãos leva uma faca, o metal reluz com as chamas.

Ele se recobra, se levanta e então começa a cambalear na direção da Floresta, na direção do portão e do caminho, minha corda trançada de cores vivas amarrada em sua cintura e arrastando atrás dele.

No começo ele está sozinho, os Esconjurados não percebem sua presença. Mas em seguida eles começam a se mover em sua direção. Eles o sentem, o desejam.

— Nãããão! — eu grito ao me arrastar para a frente e agarrar a beirada da plataforma, como se eu pudesse pegar a corda nas minhas mãos e, com um puxão, trazê-lo de volta à segurança.

Os soluços dilaceram meu corpo, mas não permito que eles saiam. Ao invés disso, preces escapam de meus lábios e eu as repito sem parar.

— Por favor, por favor, por favor, por favor.

Ele tropeça, cai, se levanta, mas não consegue manter o ritmo da corrida. Sua perna está fraca demais. Seu passo é muito irregular. Seu corpo está quebrado demais.

— Por favor, por favor, por favor, por favor...

Os Esconjurados estendem seus braços para ele, seus dedos puxando-o, seus pés tropeçando na corda trançada. Ele é constantemente puxado para trás, colocado de joelhos quando a corda é puxada com força.

— Por favor, por favor, por favor, por favor...

Posso ouvi-lo gritar quando o primeiro o alcança. Ele os ataca, mas são muitos. Ele enterra uma faca num deles e, antes que possa puxá-la fora, é empurrado para trás e perde o equilíbrio. Posso ver o sangue se espalhando por sua camisa. Meu irmão começa a me puxar pelo ombro, tentando evitar que eu olhe essa cena, mas tudo o que sei é que, contando que eu não tire meus olhos de Travis, ele estará bem e chegará às cercas sem ser machucado ou infectado.

Ele cambaleia mais uma vez e os Esconjurados começam a formar uma pilha em cima dele.

— Por favor, por favor, por favor, por favor,.. — eu preencho cada palavra com minha vida, desejando trocar a minha pela dele.

Uma flecha passa voando pela minha cabeça, depois outra, outra e outra. Cada uma atinge um Esconjurado diferente. Eles começam a cair e finalmente Travis emerge debaixo da pilha, cambaleando na direção do portão.

Harry está atrás de mim, usando sua besta com uma velocidade incrível, o rosto pálido e molhado, mas a mira determinada e certa. Jed me deixa, assume uma posição ao lado dele, pega uma segunda besta, e juntos começam a derrubar a massa de Esconjurados.

A alegria explode dentro de mim, uma crença e uma salvação tão puras que sinto como se uma luz brilhasse de cada poro do meu corpo.

Por um momento, por um momento estranho e iluminado, tenho completa e definitiva fé de que Travis conseguirá chegar intacto às cercas. De que iremos viver e de que verei o que existe além da Floresta. De que verei o oceano. Fecho bem os olhos, esperando guardar bem esse sentimento.

E é aí que Travis volta a cair. E aí que seus gritos chegam aos meus ouvidos e eu desabo, porque meus braços não têm mais forças para segurar meu corpo vazio.

— Por favor — sussurro uma última vez. Travis se levanta, tropeça, chega até a cerca e escancara o portão. Alguns Esconjurados o seguem antes que ele consiga fechá-lo, mas Harry e Jed os despacham num instante, uma

flecha atrás da outra derrubando todos.

Travis finalmente está sozinho e a salvo. Suas roupas estão cobertas de sangue, e mesmo daqui eu vejo seu peito ofegante. E então ele levanta uma das mãos, acena e sinto a plataforma estremecer quando Harry e Jed caem de joelhos atrás de mim. ,

— Não — murmuro, incapaz de aceitar isso.

São necessárias dez tentativas para que ele consiga prender a ponta da sua corda trançada no galho sólido de uma árvore imensa ao lado do caminho.

Sentimos as chamas ficando cada vez mais fortes às nossas costas quando ele começa a puxar a corda sobre o abismo.

Todos prendemos a respiração como se fôssemos um só. O calor está quase nos queimando. Argos gane e Jacob estremece enquanto a corda grossa vem se aproximando centímetro a centímetro até que finalmente Travis a puxa com força e a amarra.

Ela balança para frente e para trás. Nossa salvação. Travis desaba de encontro a árvore, e antes que alguém possa me impedir jogo minhas pernas sobre a corda, cruzo os tornozelos e começo a me puxar, uma mão atrás da outra, me afastando das plataformas em chamas. Ouço Harry chamar meu nome, sinto que ele tenta pegar meus pés, mas eu arrisco um chute, me recusando a ser trazida de volta.

— Ainda não está seguro! — Harry grita. — Você devia deixar um de nós ir primeiro, por via das dúvidas!

Balanço a cabeça em negativa. Concentro-me em uma das mãos e depois na outra. Ignoro a pele que queima sob meus joelhos.

— Você não tem sequer uma corda de segurança! — ele grita.

Agarro a corda com mais força e deixo a cabeça cair só um pouco para poder ver Travis no meu mundo de cabeça para baixo. Ele está encostado na árvore, e, diante dos meus olhos, a cabeça cai de encontro ao peito.

— Não! — eu grito.

— Você não tem sequer uma arma se ele se transformar! — Harry grita.

Mas não deixo as palavras deles me distraírem: concentro-me apenas em colocar uma mão na frente da outra. Na tensão nos meus músculos. Na corda cortando minha carne. Concentro-me em Travis e em minha necessidade de tocá-lo, senti-lo, curá-lo.

Quando chego ao outro lado, deixo as pernas caírem e o sangue começa a voltar a circular nos meus pés. Estou de frente para a plataforma, Jed, Harry, Cass e Jacob destacados pelas chamas.

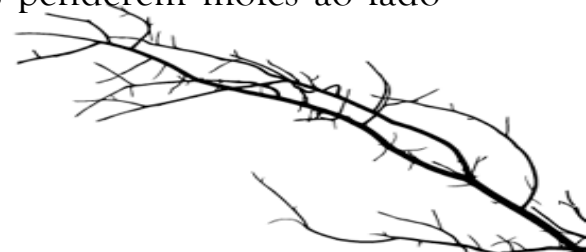
Olho para baixo, meu pescoço tenso entre meus braços. A minha esquerda está a Floresta de Mãos e Dentes, onde os Esconjurados já começam a se reunir, começando a se arrastar em nossa direção. A minha direita, o caminho que leva à escuridão.

Logo abaixo de mim está Travis, o corpo ensanguentado, braços estendidos, e subitamente fico paralisada de medo. Medo da maneira como ele está parado, o jeito como ele me estende os braços, a forma como o sangue gruda na sua pele, a maneira como ele aguarda abaixo... como se quisesse me devorar.

XXXII

Minha boca se abre para gritar, mas não sai nenhum som. Estou pendurada pelas mãos, meu corpo pesado e está difícil respirar. Sinto meus dedos começarem a escorregar, o sangue da corda que corta a minha pele tornando minha carne escorregadia. Tento recuperar minha pegada, levantar minhas pernas novamente, mas meus braços estão cansados demais. Meus músculos estremecem somente com o esforço de ficar pendurada e estou irritada com a minha pressa de não ter permitido que Harry amarrasse uma corda de segurança ao meu redor.

Meus olhos ficam borrados de lágrimas quando tento focar em Travis lá embaixo. Finalmente, ele abaixa os braços até eles penderem moles ao lado



do corpo, totalmente exaurido.

Deixo-me cair com o som da velocidade do vento, e vou rastejando até onde ele está. Ele está recostado no tronco de uma árvore logo do lado de dentro do portão. Seu corpo treme. Sua respiração é difícil e entrecortada. Mas ele ainda está vivo.

— Travis! — grito quando o puxo para perto de mim. Eu o nino como se fosse uma criancinha. — Você vai ficar bem — eu lhe digo. — Você está bem — descanso o queixo nos seus cabelos, a cabeça dele cai contra meu peito.

Posso sentir seu sangue molhar minha própria pele.

— Por que você fez isso, Travis? — pergunto. — Por quê? — minha voz falha e posso sentir os lábios dele se movendo, mas não ouço palavra alguma.

Ele revira os olhos quase até atrás da cabeça.

Agora eu o sacudo, quase com violência.

— Você não pode! — grito na cara dele. — Eu não vou deixar!

Um sorriso se forma no canto de seu lábio, onde um fio de sangue começa a descer até o queixo.

— Vamos dar um jeito nisso — digo a ele. — Talvez exista outra aldeia. Quem sabe um curandeiro. Tem certeza de que foi mordido? Tem certeza de que não são arranhões como os meus?

O risinho dele para o tempo, nos leva para nosso próprio mundo, antes desta aldeia e da brecha. Antes de sua perna quebrar.

Para quando éramos crianças. Antes de conhecermos o mundo.

— Não teria feito diferença se fossem arranhões ou não — ele diz, a voz líquida. — Eu fui mordido durante a fuga da casa.

Minhas pernas bambeiam, tudo dentro de mim parece que vai desabar.

— Eu já estava morto — ele diz, abrindo os olhos.

Só consigo pronunciar as palavras *Por quê*, Não consigo encontrar minha voz, não consigo forçar o som a sair do meu corpo trêmulo. Engulo em seco. Esfrego a mão na testa dele, sua pele está escorregadia de suor e sangue. Abaixo a cabeça para tocar a dele. Minha boca paira sobre a dele, e tudo em

que consigo pensar é nos dias que passamos juntos na Catedral, quando eu lhe contava histórias sobre o oceano.

— Deixe-me rezar por você — murmuro. Meu nariz escorre, meus olhos estão inchados de lágrimas.

— Você nunca foi muito boa em rezar — ele diz dando uma pequena gargalhada. — Isso nunca atraiu você. Sempre foram as histórias.

Eu balanço a cabeça negativamente, fechando bem os olhos.

— Era você — eu digo.

Ele ri baixinho mais uma vez, mais como um suspiro do que uma gargalhada.

— Eu queria que fosse isso mesmo — diz.

Eu o puxo com mais força para meu colo, desejando apertá-lo tanto que a infecção finalmente deixasse seu corpo, que seu sangue fosse purificado com meu amor.

— Desculpe — sussurro. — Desculpe, desculpe — os soluços me assolam de tal forma agora que mal posso ouvi-lo me dizer o que sabe.

Só consigo pensar em como desperdicei meu último dia com Travis estando zangada com ele. Pensar que deveria ter passado aquele dia memorizando seu rosto. Contando as sardas nos seus ombros.

Percebo que nunca mais vou vê-lo como quando ele sorria para mim com o sol em seu rosto, que o fazia quase fechar os olhos e mostrava as ruguinhas dos lados dos seus olhos. Eu nunca o verei caminhar, com a passada irregular por causa da perna ruim.

Nunca mais sentirei o toque forte de suas mãos em meu rosto.

Subitamente, tudo em que consigo pensar são as coisas que não sei a respeito dele. Todas as coisas que nunca tive tempo de aprender. Não sei se ele sente cócegas nos pés ou se seus dedos são compridos. Não sei que pesadelos ele tinha quando criança. Não sei quais estrelas são as suas favoritas, que formas ele vê nas nuvens. Não sei do que ele tem medo de verdade ou quais são as suas lembranças prediletas.

E não tenho tempo suficiente agora, nunca terei. Eu quero viver o

momento com ele, sentir seu corpo contra o meu e não pensar em nada mais, mas minha mente explode de tristeza por tudo o que estou perdendo. Tudo o que irei perder. Tudo o que desperdicei.

O fato de que não vamos passar nossas vidas juntos. De que não tenho tempo bastante para guardá-lo na memória e que mesmo agora já o estou esquecendo.

De que eu não estou pronta para isso, não estou pronta para a morte dele.

— Me fale do oceano, Mary — diz ele. — Me fale sobre como ele é o último lugar intocado por tudo isto.

Eu balanço a cabeça.

— O oceano não é nada — digo. — É igual ao resto do mundo.

Ele pega meu queixo, e sua mão é surpreendentemente forte,

— Me prometa que você irá ao oceano — ele diz.

Balanço a cabeça.

— Mas você disse...

— Esqueça o que eu disse. Me prometa que você vai provar o gosto do sal por mim.

Quero que o tempo volte, volte e não avance mais. Quero prendê-lo e evitar que este momento escape por entre meus dedos. Mas não consigo. E a mão de Travis escorrega do meu rosto.

— Não — digo, me agarrando a ele, tentando mantê-lo comigo. — Eu escolho você. Escolho você no lugar do oceano.

— Me prometa, Mary — ele repete. Desta vez sua voz sai fraca, a respiração chiando.

— Eu te amo — digo a ele. Mas ele não responde. Porque ele está morto.

Então estou sendo puxada para longe dele.

— Não — protesto, mas os braços que me puxam para trás são fortes demais. É Harry e ele me joga do outro lado do caminho. Eu tento correr de volta.

— Você precisa deixá-lo — diz Harry, me empurrando para ficar onde estou.

— Saia do meu caminho! — grito de volta, enfiando os dedos na terra para tentar me arrastar de volta a Travis.

Harry me agarra pelos ombros.

— Você não entende? Travis está infectado. Ele vai se transformar!

Jed está em pé atrás de mim com uma foice. Está esperando, pronto para Travis se transformar. Pronto para acabar com tudo.

Estendo a mão para pegar a lâmina reluzente. Ele deve estar pensando que vou tentar impedi-lo, tentar impedir que ele chegue até Travis, porque luta comigo.

— Mary! — Harry tenta me puxar para não ir até Jed, mas lhe dou um empurrão com tanta força que ele se desequilibra no caminho, batendo em Cass e caindo no chão.

— Me dê isso aqui — eu digo a Jed.

— Ele tem que ser destruí...

— Me dê isso aqui!

— Mary, não deveria ser você a...

Eu pulo para pegar a foice, gritando, e desta vez consigo pegá-la pelo cabo. — Quem o ama sou eu. Sou a responsável por sua infecção. Sou eu quem ele estava tentando salvar, aquela por quem ele se sacrificou.

— Mary, me deixe...

— Solte a foice — minha voz é um grunhido.

A mão dele solta o cabo e num movimento só eu puxo a foice dele e a aponto para Travis.

Eu só queria poder fechar meus olhos, fingir que nada disso é real. Que tudo é apenas um pesadelo. Mas, ao brandir a lâmina na direção de Travis, vejo seus olhos se abrirem.

Aqueles olhos impossivelmente verdes.

Ele tinha fome de mim e demonstrava isso com aqueles olhos, mas nunca de um jeito tão doentio quanto agora.

Enterro a foice em seu pescoço, estremecendo quando sinto-a partir sua coluna vertebral. Seus olhos perdem o foco e é como se ele passasse a ver através de mim. Seu corpo amolece, todos os músculos relaxam ao mesmo tempo.

Ele se foi. Para sempre.

Sangue escorre pelo seu peito e eu soluço caída ao chão.

Jed pega a foice e me levanta. Estou fraca demais para resistir. Quero estender a mão e pegar a mão de Travis, senti-lo uma última vez, deixar seus dedos se entrelaçarem aos meus. Mas ele está muito distante.

Já estou começando a me esquecer do cheiro dele, a fumaça do incêndio apaga tudo.

Jed me carrega para longe de seu corpo.

— Não! — eu grito. Berro. Bato em Jed. Não consigo sequer inspirar o suficiente para soluçar. Minhas memórias de Travis estão se misturando, se confundindo, se distorcendo, se corroendo.

— Você fez o que precisava ser feito — ele diz. Como se essas palavras pudessem ser de algum consolo.

— Eu o amava — falo gemendo. — Ele era tudo. Por que não pude ver que ele era tudo? — o arrependimento me corrói, correndo por minhas veias como se quisesse substituir meu sangue.

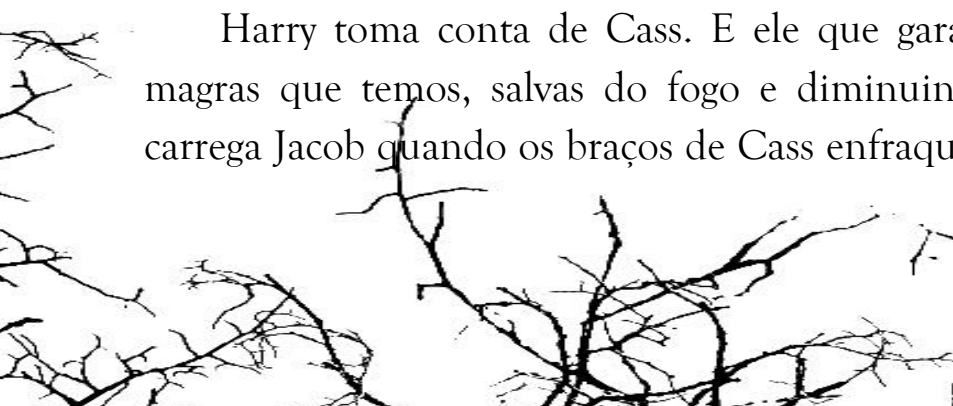
— Eu sei — diz Jed. Ele me joga por sobre seu ombro, posso sentir como seu corpo estremece e sei que ele está chorando. Por mim, por Beth. E me pergunto se algum dia já existiu um mundo mais cruel do que este que nos força a matar as pessoas que mais amamos.

XXXIII

A medida que os dias passam, não fazemos nada a não ser andar, tentando nos distanciar do fogo que devora seu caminho até nós. Cada um de nós lida com a perda de Travis da nossa própria maneira.

Cass se volta para Jacob e o amor dela se torna feroz. É como se ele fosse seu filho de verdade. Como se esse filho nunca tivesse pertencido a outra mulher e ela fosse a primeira. Ela se agarra a ele. Ele é o único que conseguiu penetrar o véu de silêncio dela.

Harry toma conta de Cass. E ele que garante que ela coma as rações magras que temos, salvas do fogo e diminuindo a cada passo. E ele que carrega Jacob quando os braços de Cass enfraquecem. Quando ela cambaleia



sob todo esse peso.

Eu desço o caminho sozinha. Uma andarilha solitária. Não presto atenção em ninguém. Tropeçando nas menores raízes, virando na direção das cercas e na dos Esconjurados. Eu olho para o nada. Me perguntando como posso ter perdido tudo em minha vida a não ser esta jornada. Esta esperança de que exista um fim.

De que este caminho irá nos levar até lá.

É Jed que me puxa de volta para o centro. Que pega na minha mão quando vago na direção das cercas e que gentilmente me conduz em frente. É ele que vê a tristeza no meu rosto. Que entende por que as lágrimas fluem silenciosamente até mesmo agora, três dias depois de deixar Travis.

Ambos perdemos nossos amores para os Esconjurados. Ambos fomos forçados a matar.

O incêndio ainda queima atrás de mim, nos forçando a seguir em frente. As cinzas cobrem tudo, transformando o mundo ao nosso redor em uma coisa cinza e desolada. O ar é espesso, difícil de respirar, o que faz com que nossos passos se tornem cada vez mais lentos.

Nenhum de nós fala de Travis, ou do incêndio, ou de nossos suprimentos cada vez menores apanhados às pressas da plataforma juntamente com armas antes que tudo fosse consumido. Nenhum de nós se pergunta em voz alta sobre o impacto que o fogo está provocando nas cercas, se o metal está derretendo ou enfraquecendo. Se os Esconjurados estão se derramando lentamente pelo caminho atrás de nós, se enfiando por entre brechas onde as cercas estão caindo devido ao calor.

Todos nós soltamos suspiros de alívio a cada portão que atravessamos e fechamos atrás de nós. Mas então o fogo nos alcança quando dormimos e somos forçados a continuar avançando. Com calor, cansados, esgotados, com fome, com sede.

Um pé, depois o outro. Tentando manter os olhos uns nos outros no meio da fumaça. Tentando não sentir o cheiro de carne queimada e ressecada no ar. Apenas sobrevivendo. Existindo. Nenhum de nós quer ser o

primeiro do grupo a desistir.

Às vezes, quando meus pés se recusam a se mover e minhas pernas tremem de fadiga, limpo o suor da nuca com um dedo e escrevo o nome de Travis nas cinzas que cobrem meus braços, Eu sei que não posso decepcioná-lo parando. Ele está morto por minha causa e não posso desonrar seu sacrifício me recusando a seguir em frente.

Uma noite, quando os sonhos de Travis ameaçam me afogar com lágrimas e raiva, me afasto do grupo em busca de ar e solidão. A noite brilha laranja no horizonte e meu corpo estremece, sabendo que o fogo avança constante sobre nós e que amanhã será outra longa perseguição.

Ouçõ alguém fungando na escuridão e olho ao redor, até ver uma pequena forma toda emboladinha olhando as chamas distantes. É Jacob. Eu vou até onde ele está, sento-me ao seu lado e o puxo, com certa resistência dele, para meu colo. Argos, que não deixou Jacob de lado desde o incêndio, vem fazer carinho na minha mão com seu focinho frio.

— Eu não queria — ele me diz novamente. Desde que fugimos ele não tem feito nada a não ser pedir desculpas por ter iniciado o fogo nas plataformas, e falo baixinho para ele ficar quieto, encostando os lábios nos cabelos dele. — Desculpe — diz no meio de um soluço e eu o abraço mais forte. O arrependimento nos consome a ambos e odeio pensar nele tendo que carregar essa culpa consigo por toda sua vida.

— Posso contar um segredo? — sussurro.

Seus soluços vão parando devagar e sinto ele fazer que sim com a cabeça.

— Minha mãe costumava me contar histórias sobre o oceano, e sobre prédios mais altos que árvores que tocavam o céu e como homens costumavam andar na lua.

Ele dá um risinho,

— Você está inventando histórias, tia Mary — ele diz. Mas posso dizer que ele quer acreditar em mim.

Eu me inclino mais para perto dele e sussurro:

— É verdade, eu tenho provas.

Retiro o livreto com a fotografia da *cidade de Nova York* da minha blusa e entrego a foto para ele. Ele a segura perto do rosto, forçando bem a vista. Não há luz suficiente no ar com o incêndio para mostrar nada além dos contornos dos prédios. Ouço ele prender a respiração.

— O que é isso? — pergunta, Ele passa os dedos sobre ela, percorrendo as letras.

— É a foto de um lugar que existia antes do Retorno. Que ainda pode existir.

— Como é que você sabe que ainda está lá?

Dou de ombros.

— Fé. Esperança — respondo. — E é por isso que estou dando ela a você. Para que você tenha histórias para continuar seguindo em frente. Alguma coisa em que acreditar além deste caminho — aliso seus cabelos e os tiro da testa, do jeito que minha mãe costumava fazer comigo.

Depois de algum tempo me levanto e o puxo também, e o levo de volta até onde os outros estão dormindo. Pela primeira vez adormeço tranquila e meus sonhos não me causam dor.

Na manhã seguinte continuamos a descer o caminho, reparo que Jacob está andando com a cabeça um pouco mais erguida, os ombros um pouco mais levantados, e sorrio.

Mas os dias continuam a ser longos, duros e intermináveis. Os suprimentos magros que Harry e Jed resgataram estão acabando. E então, finalmente, quando penso que não posso mais continuar, a primeira gota de chuva desliza pela minha testa. Trovões ecoam ao nosso redor e raios lampejam. Gotas grossas de água começam a cair como pedrinhas, quase dolorosas ao caírem.

Enquanto continuamos a descer o caminho, tenho certeza de que todos pensamos a mesma coisa: será esta a chuva que irá apagar o fogo? Que nos permitirá reduzir o ritmo dos nossos passos? Que nos permitirá um pouco de descanso, alívio, consolo?

As gotas aumentam e levanto meu rosto para o céu. Deixo que a água

desça pelo meu rosto, se misture com minhas lágrimas e lave minha raiva. Lave as cinzas no meu corpo, borrando onde o nome de Travis estava escrito no meu braço até desaparecer. Abro bem meus braços, deixando que a água me inunde.

Cass e Harry descem o caminho correndo, Jacob aninhado entre eles, procurando por abrigo. Procurando um galho, por um arbusto, alguma coisa para diminuir as ferroadas da chuva que agora começa a castigar.

Eu me deixo desabar, cair ao chão enquanto a água me lava por completo. Jed vem e se ajoelha ao meu lado. Ele põe a mão no meu rosto, me pergunta o que estou fazendo.

Dou um sorriso forte e largo. Digo para ele me deixar onde estou.

Ele olha para mim por um longo momento, a água pingando de seus cabelos, nariz e queixo.

E então ele me deixa em paz, pois compreende a minha perda.

A água empoça ao meu redor. Eu me torno parte do fluxo. Imagino que estou no oceano, cada respiração entrecortada pela água. Meus pulmões se revoltando como se eu estivesse me afogando.

O caminho debaixo de mim vira lama, amolece e eu rolo, o que permite que ele me cubra, fazendo com que eu me debata em água, lama e lágrimas.

Grito para os trovões. Berro para os raios. Urro para os Esconjurados e exijo que eles me digam por que tomaram tudo de mim.

Mas os Esconjurados apenas gemem e puxam as cercas.

Eu me levanto, percorro o caminho para cima e para baixo, sacudindo os punhos. Tentando atraí-los. Mas eles abaixam as cabeças. Saem vagando, arrastando os pés para tentar Harry, Jacob e Jed com sua fome.

Zangada, corro até as cercas, enfio os dedos por entre os elos e sacudo com toda a minha força. Choco meu corpo contra o metal.

Mas eles me deixam em paz. Os Esconjurados passam por mim como se eu nem sequer estivesse lá. A água e a lama mascaram meu cheiro.

Por fim, Harry enfrenta a chuva novamente e vem até onde estou agora, jogada de qualquer maneira contra a cerca. Ele me puxa de volta no

momento em que dedos de Esconjurados roçam meus cabelos como uma vaga lembrança.

Com movimentos gentis, ele limpa a lama do meu rosto. E então me puxa para seu peito e, no meio da fúria da tempestade e dos socos dos Esconjurados nas cercas, sussurra no meu ouvido.

— Eu também sinto saudade dele.

Por um momento somos um só em nossa dor, mas então ouvimos os gritos.

Levanto a cabeça e vejo Jed descendo o caminho com dificuldade, brandindo a foice no ar acima de sua cabeça. Quando meus olhos encontram os dele, ele para e faz um gesto para que nós avancemos. Não consigo ouvir o que ele está gritando.

Harry e eu nos levantamos, conseguimos nos equilibrar devagar e o seguimos.

Passamos por Cass e Jacob, que estão tremendo escondidos embaixo de um grande arbusto. Argos começa a vir atrás de mim e eu hesito, depois o empurro de volta para Jacob. O menininho agarra o cão pelo pescoço, enterrando a cabeça no pelo dele. Argos olha para mim e gane baixinho. Meus dedos brincam com uma de suas orelhas, cocando a ponta dela, e seus olhos relaxam, quase se fechando de contentamento, e ele vai se deitando bem devagar ao lado de Jacob. Distraído, o menininho põe a mão na barriga do cachorro, batucando os dedinhos, fazendo com que a perna esquerda traseira de Argos se contraia num pequenino espasmo. Cass olha para cima e diz um "Obrigada" bem baixinho, sem deixar de abraçar Jacob bem forte, voltando a boca ao ouvido dele como se estivesse recontando alguma história secreta.

Eu corro para alcançar Harry e Jed onde eles aguardam parados e em silêncio. Aqui o caminho é amplo o bastante para ficarmos ombro a ombro, com Jed no meio.

Ele levanta a foice, apontando caminho abaixo, e então a deixa cair como se o esforço fosse demasiado.

Dou um passo adiante, sem saber ao certo o que estou vendo, sem ter certeza se meus olhos me traem. Posso ouvir a respiração de Harry, ofegante por ter corrido o caminho todo de lá até aqui.

Caio de joelhos, sinto a pontada aguda de uma pedra se enterrando na minha carne, fazendo com que um fiozinho de sangue se misture com a chuva que escorre pela minha perna.

É o fim da cerca. O fim do caminho. Não há nada além a não ser Floresta. Outro beco sem saída.

Meus ombros caem, meus dedos arrastam na lama.

— Lamento, Mary — diz Jed. Porque ele sabe que esta era a minha esperança.

— Acho que é melhor esperarmos a chuva passar — diz Harry. — Espero que ela apague o fogo. E depois poderemos retraçar nossos passos, voltar até onde o caminho se divide e tomar outra rota.

Balanço a cabeça, gotas de água caem das pontas dos meus cabelos e das minhas orelhas.

— Este era o caminho — digo, minha voz pouco mais que um murmúrio.

— Vamos encontrar outro — diz Harry, tentando me acalmar. Tentando fazer eu me sentir melhor. Mas não ajuda.

Eu acreditava tanto que este era o caminho certo. Que ele me levaria para fora da Floresta e até o oceano.

— Talvez... — digo, me levantando e fazendo uma careta quando a dor do meu joelho sobe para a perna. Dou um passo para a frente.

— Não faça nenhuma coisa imbecil, Mary — diz Harry. — Isto aqui é mais um beco sem saída. Já encontramos outros antes. Sem dúvida vamos encontrar mais. Este caminho não era nada de especial. Nenhum deles é.

Volto a balançar a cabeça. Este caminho tem alguma coisa diferente — alguma coisa neste beco sem saída que parece diferente dos outros.

Passo os dedos pelas bordas da cerca até que elas esbarram na barra de metal.

— É um portão — eu digo junto com o som de trovões estourando acima das nossas cabeças. Volto-me para Harry e Jed, suas silhuetas obscurecidas pela chuva forte.

— É um portão! — grito. Tateio a barra de metal para achar as letras e a viro até poder ler o que ela diz. I, para o número um. Este é o primeiro portão.

Eles olham um para o outro e se aproximam para ficar ao meu lado.

— Mas as cercas não prosseguem além do portão — diz Harry. — Ela simplesmente se abre para a Floresta... Por que haveria um portão se este é o fim do caminho?

Meu coração bate forte no peito, marretando com tanta ferocidade que minha respiração sai em baforadas no mesmo ritmo. Se este é o primeiro portão, ele tem de ser o início e o fim.

— Porque a ideia é que nós temos de sair para dentro da Floresta — digo. Sei que isto é verdade com cada fibra do meu ser.

Mas Harry apenas ri.

— Que ridículo — ele diz. E então vê meu rosto. Ele me vê calculando a Floresta além das cercas. Me agarra pelos ombros, — Você não acredita mesmo nisso, acredita?

Minha respiração agora está acelerada e eu só faço que sim com a cabeça.

Jed intervém nesse momento.

— Mary, você não pode estar falando sério! — ele me puxa para longe de Harry. — Por que alguém iria querer sair para aquilo ali? — ele diz, apontando para o fundo da Floresta escura.

— Eu não sei — digo a ele. — Mas não importa. Este é o portão que vai nos levar para o oceano. Para o fim da Floresta — aponto para a barra de metal. — Ela está marcada com o número um. As letras correspondem a números e este é o primeiro portão. Este tem que ser o caminho.

Ao me ouvir, Harry joga as mãos para o céu e vira as costas, os dedos massageando as têmporas como se isso fosse ajudá-lo a controlar sua raiva

aparente.

— Mary — diz. Ele se volta para mim novamente e põe a mão no meu rosto, ela escorrega por causa da chuva. Então ele pega em minha mão. Olho para nossos dedos entrelaçados e isso me lembra do dia rio abaixo, quando tudo isso começou.

Da vez em que ficamos de mãos dadas embaixo da água do riacho e ele me pediu para ser dele. De repente eu percebo toda a dor que provoqueei nele desde então. A traição, a incerteza.

— Desculpe — digo a ele. A chuva pinga em minha boca enquanto falo.
— Lamento tanto por tudo.

Ele inclina a cabeça.

— Por que você lamentaria? — ele pergunta.

— Você teria sido um bom marido para mim — respondo.

Então ele entende que meu plano é passar por aquele portão, e aperta com mais força a minha mão.

— Eu sempre gostei de você, Mary.

Então eu sorrio, apenas de leve. Por um momento me pergunto como teria sido minha vida se eu nunca tivesse segurado na mão de Harry embaixo da água naquele dia. Se eu tivesse terminado de lavar a roupa a tempo, encontrado minha mãe na colina enquanto ela procurava por meu pai. Evitado que ela chegasse perto demais das cercas e se infectasse.

Eu nunca teria entrado para as Irmãs, nunca teria me apaixonado por Travis nem conhecido Gabrielle. Eu nunca teria aprendido os segredos delas nem desejado uma vida além das cercas. Eu teria me casado com Harry, nossos filhos teriam crescido conhecendo os filhos de Cass e Travis, de Jed e Beth.

Eu poderia ter ficado contente. Talvez até feliz.

Mas realizada?

Harry solta meu braço.

— Mas nós dois sabemos que você não queria ficar comigo.

Abro a boca para protestar, mas ele balança a cabeça.

— Você nunca quis — ele acrescenta.

Balanço a cabeça para clarear meus pensamentos.

— Esse mundo não existe mais — digo a ele. — Precisamos encontrar nosso próprio caminho agora. E para mim isso significa passar pelo portão — olho de relance para Jed antes de continuar. — Por favor — digo a Harry. — Volte para Cass. Fique com ela e Jacob agora. Você sabe que ela odeia trovões.

— Mas e se nós formos as últimas pessoas? — ele pergunta. — E se formos tudo o que restou? Se você nos deixar, não vai estar só nos condenando, mas também a toda a humanidade.

— Se nós somos tudo o que restou — digo a ele — então talvez não era mesmo para sobrevivermos. Quem sabe nós estivéssemos apenas adiando o inevitável ficando aprisionados em nossa aldeia?

— Cass tinha razão: você está apenas correndo atrás de histórias infantis bobas e isso é uma coisa muito egoísta — ele diz ao jogar seu machado de gume duplo no chão, virar as costas para mim e se afastar, voltando pelo caminho até a escuridão úmida.

Eu pego o machado, testo seu peso na minha mão, o cabo escorregadio de chuva e de lama.

— Existe outra maneira — Jed diz assim que Harry se afasta o suficiente para não ouvir-nos. — Há outros caminhos, provavelmente outras aldeias. Este não pode ser o único caminho para o oceano, se é que ele existe mesmo.

Eu vejo a água descer pela face dele e pingar de seu queixo.

— Não, este é o caminho.

Mais uma vez vejo a irritação de Jed em seu rosto.

— Mas como é que você pode saber, Mary? — grita. Seus músculos parecem tensos de frustração.

Jogo as mãos para o céu, igualmente frustrada.

— Porque eu decifrei o código e ele funciona. Porque, de acordo com o código, este é o primeiro portão — grito de volta. — Porque eles não teriam posto um portão aqui sem motivo...

— Nós nem sabemos quem Eles são, Mary! Como é que podemos confiar que Eles puseram um portão aqui por um motivo? Eles construíram estas cercas, estes caminhos por toda parte. Você não acha que se existisse alguma coisa importante lá fora que Eles quisessem que nós encontrássemos, Eles teriam construído um caminho lá?

— Jed, tudo o que eu sei é que...

— Você não sabe nada! Você nos pediu para ter fé de que estávamos seguindo o caminho certo e ele nos levou até essa aldeia.

— Mas era o caminho certo. E não foi fé. Eu sabia para onde estávamos indo, sabia como ler sinais no caminho. Isso nos levou à aldeia de Gabrielle.

— Isso nos levou a uma armadilha mortal, Mary.

— Nós não tínhamos outra opção, Jed! — estou ofegante agora, o peito arfando e as mãos fechadas em punhos. — Por que você sequer se importa se eu passar por aquele portão? pergunto a ele. Vejo que ele ficou chocado com a pergunta. — Você virou as costas para mim depois que nossa mãe morreu!

Ele recua, os ombros caindo um pouco. Ele olha para a Floresta e por um instante ouvimos o barulho da chuva caindo com força ao nosso redor.

— Porque você é tudo o que me restou de família — ele diz.



XXXIV

— **M**ary, ainda podemos voltar — diz Jed, a chuva voando de seus dedos quando gesticula. — Podemos deixar a chuva apagar o fogo. Recuar e pegar outro caminho. O fogo deve ter matado a maioria dos Esconjurados. Temos algumas armas, nós vamos conseguir passar.

Posso ver como seus olhos brilham com essa possibilidade, — Podemos achar outra aldeia, uma aldeia saudável. Podemos ter uma vida... — ele deixa a voz morrer. — É o que eu queria — ele, fala tão baixinho que quase não ouço suas palavras sob o som do trovão. — Mary, por que perseguir velhos sonhos? O que o oceano pode lhe dar que nós não podemos?

Eu me pergunto se ele não teria razão. Se meus sonhos de oceano não são mais que isso: sonhos de infância. Fantasias. Fico imaginando como eu poderia ter sequer acreditado que existiu um lugar intocado pelo Retorno. Um mundo vivo fora da Floresta.

Penso em dar meia-volta, em subir pelo caminho e acompanhar suas curvas, sem jamais saber se estamos indo na direção certa.

— Pelo menos espere até de manhã antes de tomar uma decisão — diz Jed, a voz gentil, percebendo minha hesitação. Posso sentir suas mãos no meu pulso, me puxando de volta pelo caminho. E parte de mim quer ceder.

Ouçó um gemido, ouço o som familiar de ossos se quebrando quando os Esconjurados forçam dedos e mãos por entre os elos da cerca.

— Mas amanhã será tarde demais — digo a Jed, soltando meu pulso. — Os Esconjurados terão nos cercado amanhã. Terão cercado o portão.

Jed fez um gesto com a mão na direção da cerca e a água sai voando de seus dedos.

— Eles já estão nos cercando agora e você quer ir para lá?

— Mas agora está chovendo, Jed. Isso vai apagar meu cheiro. E o único momento em que posso partir.

Já posso sentir meus braços e pernas começarem a tremer aterrorizados. Coloco a mão na cintura, torcendo para que ele não repare como o machado treme na minha outra mão. Fico imaginando se ele acha que não tenho coragem de ir até o fim. Se eu irei até o portão e hesitar. Fraquejar, dar meia-volta.

— Mary, não vai dar certo. Tentei isso com Beth na chuva, mas mesmo assim ela foi atacada.

— Ela foi atacada por Gabrielle — argumento. — E Gabrielle se foi — penso no corpo desidratado dela na última vez em que a vi. Me pergunto se ela finalmente encontrou a paz ou se ela continua vivendo, incapaz de se mover, olhando para o céu.

Jed ainda balança a cabeça em negativa, mas permaneço firme e ereta. Resisto à necessidade de fechar os olhos quando ponho a mão na tranca que mantém o portão fechado.

— Prometi a Travis que não desistiria da esperança — digo a ele. — Prometi a ele que não aceitaria segurança nem tranquilidade. Não às custas dos meus sonhos.

— De que valerão seus sonhos se você estiver morta? — ele pergunta, voz baixa.

Em resposta, abro a tranca e me esgueiro pela abertura. Já estou a alguns passos de distância quando ouço Jed me chamar, mas não paro.

Agora eu estou na Floresta de Mãos e Dentes. Não estou mais protegida por cercas. Não há Esconjurados perto do portão e nenhum que eu possa ver ou ouvir em parte alguma na escuridão imediata.

Pela primeira vez em minha vida sou eu quem está do outro lado da cerca.

Estou correndo, o sangue passando rapidamente pelos meus braços, e seguro com força o machado. A tempestade cai furiosa mente ao meu redor e posso ouvir árvores caindo, o som de galhos sendo jogados ao vento. Não sei dizer se os sons que me cercam pertencem a Esconjurados. Mantenho os olhos colados no chão à minha frente, tentando olhar através da escuridão brilhante em busca de algo que me faça tropeçar. Que me enfraqueça. Ou que me torne um alvo.

Dei cinquenta passos antes de me permitir respirar, de permitir que a esperança expulse o medo do meu coração. Percebo que vou realmente conseguir. Então os estrondos ao meu redor aumentam de intensidade e me dou conta de que, muito embora eu esteja coberta de lama, os Esconjurados ainda sentem meu cheiro. E então lembro do meu joelho. Lembro de ter caído, da dor aguda, do sangue.

Agora eles me rastreiam, o cheiro acre do sangue percorrendo a noite chuvosa. Posso ouvir os gemidos deles. Ouvir seus ecos. Minha mente começa a gritar comigo para dar meia-volta enquanto ainda tenho tempo. Para voltar correndo ao portão. Para escolher uma vida com Harry e retornar à nossa aldeia.

Mas em vez disso eu insisto e sigo em frente. O ar úmido faz minha garganta arder e meus pulmões gritarem. Os músculos das minhas pernas queimam e já me sinto fraca. A falta de comida e a fuga do incêndio durante os últimos dias começam a cobrar seu preço.

Me descuido, começo a correr mexendo os braços de qualquer maneira, o cabo do machado escorrega. Sinto dedos quebrados agarrarem meu pulso, dou um safanão e grito. Para todo lugar que olho agora, eu os vejo surgindo da escuridão.

Estou cercada por Esconjurados.

Preciso me forçar para não sentir pânico. Em vez disso, agarro o machado com as duas mãos e começo a brandi-lo, correndo através da clareira que minha arma cria. Ao meu redor, pedaços de carne vão caindo, o ruído borrachento do aço se chocando com carne podre misturado ao som da chuva batendo no chão, pés escorregando na lama.

Mas não é o bastante.

Eu tropeço. Meus pés são agarrados. Rolo de costas. Ataco. Os músculos dos meus braços gritam com o esforço. Cravo meus pés na terra, tentando me arrastar pelo solo encharcado. Toda parte, eles estão em toda parte.

Fiquei presa na camada de folhas, galhos e terra podre, meu corpo puxado para baixo pela sucção. Não consigo escapar. Estou perdida. Finalmente, a Floresta, a inevitabilidade disso tudo, venceu.

É então que ouço os gritos. Não de terror, mas de fúria. Ouço a voz me mandando correr e subitamente os Esconjurados sumiram. Uma mão se estende em minha direção, me pega e me puxa até me colocar de pé. Me faz seguir em frente.

E Jed, e ele brande sua espada ao meu lado.

Um novo som emerge na Floresta: o som de água corrente.

— Por aqui — agarro Jed, puxando-o em minha direção enquanto corremos para o som. E, subitamente, o chão se inclina violentamente sob nós e nos agarramos um ao outro ao cairmos por uma encosta íngreme. Deixo cair o machado e uso as duas mãos para interromper a queda, tentando agarrar a terra enlameada. Enterro os dedos dos pés, cotovelos e joelhos no chão, galhos se enterram na pele macia da parte inferior dos meus braços, pedrinhas raspando a carne das minhas pernas e um graveto puxando meu rosto. Até que finalmente paro.

Respiro fundo, quase me engasgando com a chuva. Meu corpo lateja em tantos lugares que nem consigo contar.

Eu só quero poder descansar um pouco aqui, ver quantos ferimentos a queda provocou em mim. Mas aí ouço os gemidos e a água correndo furiosa ainda mais perto, e caio de joelhos.

Levanto a cabeça e vejo a horda de Esconjurados no alto da colina, observo enquanto eles descem rolando atrás de nós. Eles deslizam ao meu redor, braços estendidos e bocas abertas.

Com tantos corpos é impossível encontrar Jed. Começo a gritar o nome dele, apavorada.

Finalmente consigo vê-lo. Ele está olhando para mim, em pé no ponto onde conseguiu parar deslizando. Exatamente nesse instante um Esconjurado enorme desce a colina escorregadia, colidindo com toda a força contra ele.

Vejo Jed sair voando e cair de costas com um forte impacto. Saio em disparada. O Esconjurado recupera o balanço quando meus pés escorregam, prendendo na lama. Não consigo achar meu machado e então agarro um galho para afastar os Esconjurados que rastejam ao meu redor.

— Jed! — grito. — Estou chegando, aguenta firme!

Meus olhos se enchem de lágrimas inúteis, me cegando. Eu as enxugo com o braço, mas isso só torna o problema pior, meus cílios ficam sujos de lama.

Jed não está se mexendo. O Esconjurado se aproxima rastejando. Ele está se inclinando sobre Jed quando me aproximo. Começo a gritar, torcendo para distrair o Esconjurado, torcendo para fazer com que ele não morda meu irmão.

Ele abaixa a cabeça e eu atiro o galho pesado que estou segurando. Ele passa raspando pela sua cabeça e olha de relance para mim. Por um momento, penso que venci. Penso que o atraí o suficiente.

Mas então, com a ferocidade de um animal, ele se agacha sobre Jed e abaixa a cabeça.

Então eu tropeço e caio sobre um dos joelhos, o mesmo que havia atingido antes. A dor explode atrás dos meus olhos.

Sinto uma mão roçar minhas costas; viro-me e soco uma Esconjurada com toda minha força. Ela recua, cambaleando. Isso é o bastante para que eu perceba que tropecei na foice de Jed.

Agarro seu cabo macio de madeira, lembrando o peso dela de quando a usei para matar Travis, e ataco. Mato a Esconjurada e depois cambaleio na direção de Jed e giro a foice na direção do Esconjurado.

É uma morte suja e não faço ideia se ele mordeu Jed. Tem sangue por toda parte, cortes nos nossos braços, rostos e pernas por causa do tombo da colina. Ele ainda não está consciente, mas está respirando.

Eu o cutuco, sacudo seu ombro. Mas uma dupla de crianças Esconjuradas avança sobre nós. Deixo Jed e me aproximo delas, os dedos frouxos ao redor do cabo da foice. Os Esconjurados não são gananciosos nem habilidosos na caçada. Sua única força reside nos números, em cansar os vivos. Por isso as duas crianças vêm na minha direção e é fácil passar a foice nelas. Vê-la atravessar os crânios e depois cada um cair, uma pilha de roupas cercado carne ressecada.

— Vamos lá, Jed — digo. Volto ao lado dele e começo a puxá-lo pelos braços. — Precisamos ir embora!

Ele abre os olhos de novo, mas não consegue mexer as pernas direito. Seus movimentos são lentos e descoordenados. Eu continuo puxando os braços dele, me apoiando na lama, escorregando demais para conseguir nos levar a algum lugar.

Mais Esconjurados avançam sobre nós e eu o deixo para continuar lutando. E uma torrente interminável deles. Olho para o alto da colina para ver mais e mais deles descendo.

E tenho certeza de que é assim que vou morrer. De que escolhi errado. De que não era este o caminho que eu deveria ter tomado. O portão nada mais era do que um portão. Não era uma resposta.

São Esconjurados demais caindo em cima de nós. Esconjurados demais

para eu conseguir me defender.

XXXV

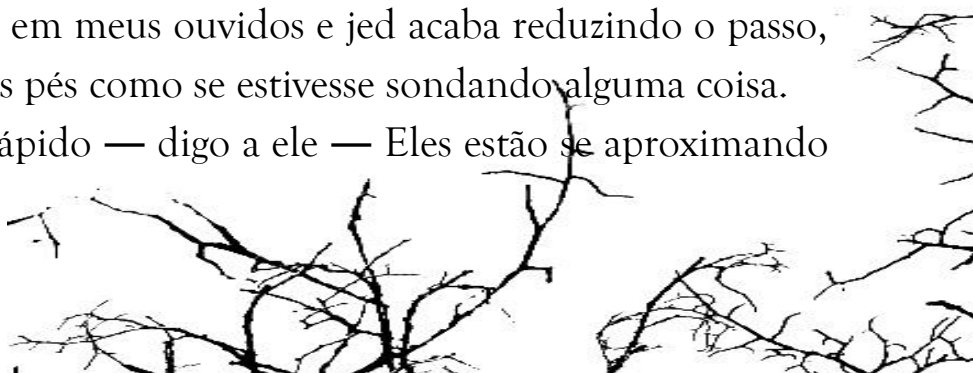
Uma mão agarra minha cintura e estou para passar a foice nela quando percebo que é Jed. A lâmina para por muito pouco antes de cortar sua garganta. Ele está agachado, o rosto contorcido de dor.

— Por aqui — ele diz. Olho para trás, vejo a horda nos alcançando. Está escuro demais para ver quantos são, mas sei que são o bastante para nos derrubar. — Tem um rio aqui perto — ele diz. — Vamos ficar mais seguros lá.

Concordo com a cabeça e ele vai na frente mancando. Tento lhe oferecer apoio, para ajudá-lo, mas meus próprios pés perdem o equilíbrio e a todo momento escorrego.

O rugido da água lateja em meus ouvidos e jed acaba reduzindo o passo, começando a deslizar com os pés como se estivesse sondando alguma coisa.

— Precisamos ir mais rápido — digo a ele — Eles estão se aproximando



demais novamente.

Ele levanta a mão e eu me calo.

— Aqui — ele diz, eu estou prestes a passar por ele para ver para o que ele está apontando e ele me puxa para trás no último instante, justo quando sinto meu pé direito escorregar no nada.

Ele se ajoelha e eu faço o mesmo. Nós dois avançamos e aí sinto o vazio com minhas próprias mãos. Há um desfiladeiro, cortado pelo rio. Logo acima do rio posso ver uma cachoeira maciça, que fervilha e lança destroços na escuridão. O rugido da água agora é ensurdecedor, alimentado pela tempestade. Abaixo, ondas reluzem e o rio é espumante, faminto.

Fico apavorada só de olhar para baixo, cravo os meus dedos na lama. Jed desce um pé sobre a beira da encosta, perto das quedas.

Agarro a mão dele

— O que você está fazendo? — pergunto. Minha voz falha com a tensão.

— É alto demais para pular — ele me diz. — Pode haver rochas que não podemos ver. Temos que descer pela encosta.

Já estou balançando a cabeça em negativa.

— O terreno é macio demais. Nunca vamos conseguir.

Ele agarra minha mão, me puxa para o lado e enrola meus dedos ao redor de uma coisa firme e escorregadia de chuva.

— Raízes — ele me diz. — Podemos usá-las como corda. Cuidado com as pedras — ele acrescenta. — A chuva pode tê-las soltado.

Ainda estou insegura. Não consigo subir com a foice e não estou com vontade de descer. Mas aí a horda de Esconjurados desce sobre nós e Jed me puxa sobre a beira antes que o primeiro deles possa me pegar, e eu deixo a arma cair na escuridão abaixo ao tentar me agarrar na terra macia.

Eles começam a cair ao nosso redor, batendo em nós, nos agarrando ao caírem pela encosta.

— Se segure! — grita Jed. A torrente de corpos de Esconjurados não para, eles estendem os braços para nós ao passarem escorregando, o que nos força a descer mais. Continuamos a tatear e descer devagar até que encontro

uma pequena espécie de afloramento que me protege dos corpos que caem.

Não os ouço quando eles batem na água, mas não me atrevo a olhar para baixo. Jed se une a mim no meu pequeno espaço de proteção e juntos pressionamos nossos corpos à parede de terra, enterrando os dedos na lama, agarrando as raízes e os arbustos.

A chuva ainda bate nas nossas costas, o trovão se misturando ao som das cachoeiras e ecoando ao nosso redor. Nos clarões dos relâmpagos, posso ver os Esconjurados se debatendo na água bem lá embaixo.

Percebo que Jed estava falando comigo e tenho que fazer um esforço para ouvir sua voz.

—... Desculpe-me, Mary.

— O quê? — grito para ele.

— Eu disse desculpe-me — ele diz. E desta vez eu o ouço.

— Por que você veio pelo portão? — pergunto.

— Porque sou seu irmão mais velho — ele sorri, depois solta uma gargalhada. — E quero acreditar na esperança — não consigo deixar de sorrir um pouquinho também ao ver nós dois presos aqui na lateral de uma encosta durante uma tempestade, incapazes de ver qualquer coisa ao nosso redor a não ser Esconjurados que caem com a chuva.

Por um momento somos só nós dois, do jeito que costumava ser antes de Beth, Harry ou Travis. Antes de nosso pai e nossa mãe se transformarem e nós nos voltarmos um contra o outro.

— Obrigada — eu digo.

Ele está para responder quando um Esconjurado pula da encosta, cai em cima dele e o joga para longe de mim, caindo para o nada.

— Jed! — grito. Grito seu nome sem parar enquanto desço a encosta me agarrando em raízes, galhos e pedras, às vezes perdendo minha pegada e escorregando para baixo até encontrar algo com que deter minha queda.

Finalmente, chego perto o bastante da água. Ela ferve com galhos e corpos. Espumas brancas rolam sobre as ondulações. Nenhuma ordem, somente caos.

Às vezes uma cabeça rompia a superfície, mas nunca por tempo suficiente para que eu visse seu rosto. Braços se debatem, mas é impossível dizer se os braços pertencem a Jed ou a um Esconjurado. Corpos continuam a cair na água, criando ondulações que se misturam com as ondas.

Percebo que a corrente é impossivelmente rápida em alguns pontos, e por isso começo a me mover de lado descendo a encosta, tentando acompanhar a corrente. Torcendo para que Jed tenha conseguido encontrar alguma coisa em que se agarrar, para conseguir sair da água.

Com o passar da noite minha busca vai ficando mais frenética, mais desesperada. Encontro uma árvore que caiu em cima da água e vou andando sobre ela centímetro a centímetro, agarrando a casca áspera com as pernas. A chuva continua a castigar minhas costas enquanto avanço, rajadas de vento rasgando o desfiladeiro, me fazendo abraçar a árvore para eu não cair.

Quando saio da água, vasculho a superfície abaixo. O rio entope quando um tronco maciço fica emperrado numa parte estreita do desfiladeiro e a água começa a recuar. Ondas batem onde estou.

Eu recuo até a árvore, concentrando-me com tanta força que não vejo o que vem. Um braço surge da água. Me agarra. Me puxa para dentro. Para baixo.

Eu chuto, me debato e me viro. Alguma coisa puxa meus cabelos. Minha cabeça rompe a superfície e por um segundo acredito que meu salvador é Jed. Que foi ele quem me arrastou até a superfície.

Mas então vejo o rosto, a fome, os dentes. Eu ataco, luto contra a água com toda a minha força. A corrente passa por mim enquanto luto. Um relâmpago corta o céu e posso ver com clareza o que me cerca.

Ver os corpos espalhados como detritos, parte da sujeira que forma o turbilhão no rio.

E depois nada.

Em meu sonho, estou de volta à clareira na Floresta, aquela para qual a Irmã Tabitha me levou pelos túneis sobe a Catedral. A Floresta esta em silêncio. Não há mosquito zumbindo, nem pássaros cantando e eu estou só.

Subitamente, tudo ao meu redor desaba. O som retorna violentamente e é o grito da minha mãe quando se transformou. Vejo os Esconjurados saindo da Floresta e vindo correndo em minha direção, todos eles rápidos, todos eles usando coletes vermelhos-vivos. Minha mãe está lá, assim como Jed, Cass, Harry e Jacob. Vejo sempre os mesmos rostos vindo em minha direção, com fome de mim.

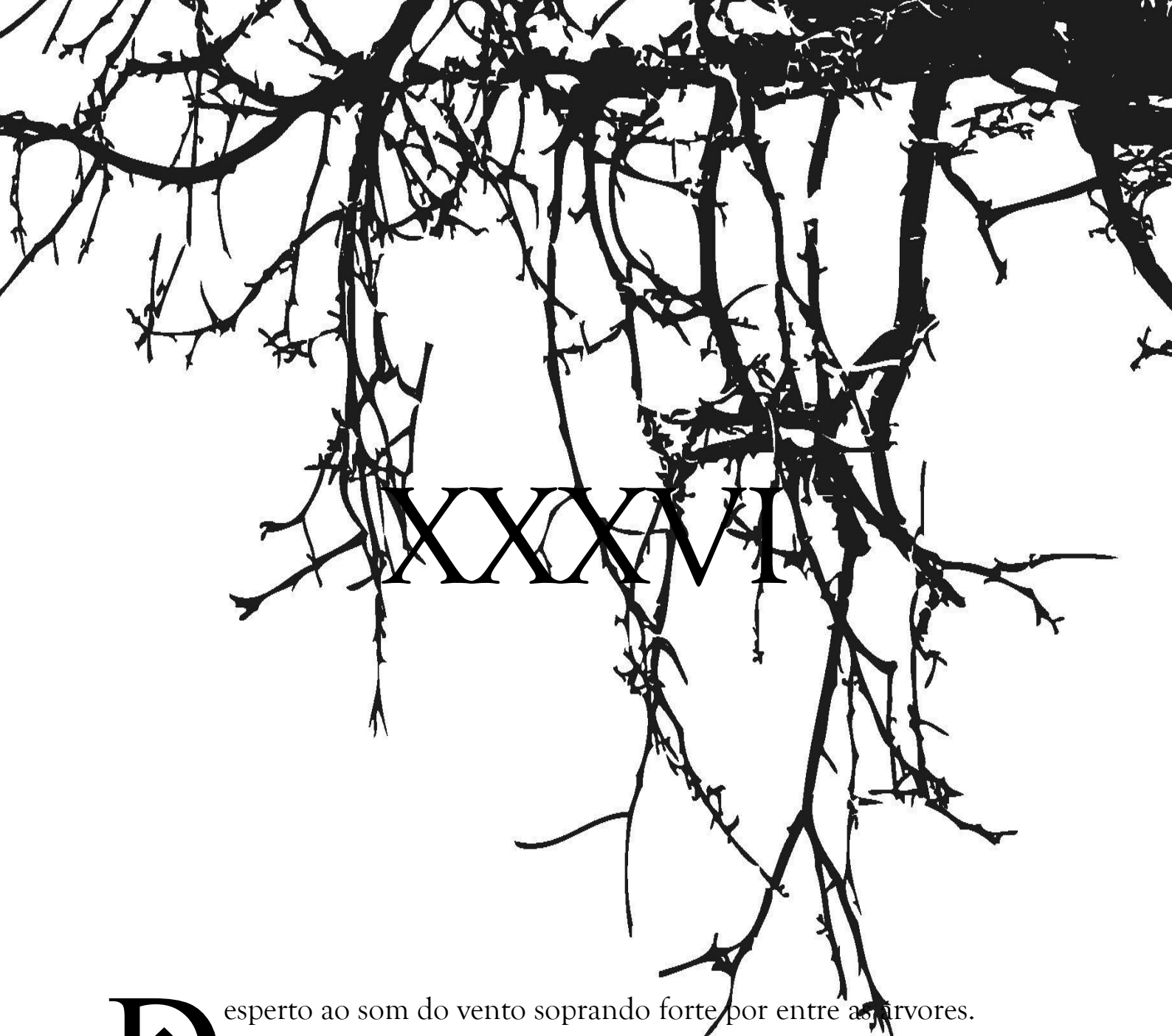
O pânico começa a tomar conta de mim até que me lembro das cercas. Estou protegida pelas cercas. Luto para encontrar a entrada do túnel, mas ela não está lá. O chão está liso, não consigo encontrar um único graveto que me sirva de arma. Os Esconjurados batem de encontro aos elos de metal da cerca, puxam e empurram. Minha cabeça parece que vai estourar com os gemidos.

— Mary... Mary... Mary — como um cântico, como uma prece. Suas bocas estão transbordando de sangue. Cada Esconjurado é minha mãe, Harry, Jed, Cass ou Jacob.

Eles erguem suas mãos para mim, os dedos como garras, apontando em minha direção. Posso sentir suas acusações como um soco, como um vento furioso me empurrando. E então a cerca se dissolve. Não há nada entre nós. Eles rastejam em minha direção. Rastejam como da última vez em que a vi. Minha única esperança é que a força deles acabe antes que me alcancem. Mas eu os sinto em minhas pernas, me puxando para baixo. Estou cercada, sufocada. Não posso respirar.

As mãos deles se enterram em mim. É como se eles estivessem todos tentando rastejar para dentro de mim ao mesmo tempo.

Não consigo impedi-los, eles ficam vindo e vindo e vindo, até que eu me afogo embaixo deles.



XXXVI

Desperto ao som do vento soprando forte por entre as árvores. Estou deitada de costas, com a água batendo nos dedos dos meus pés. A terra parece diferente. Encharcada. Macia. Molinha.

Tento abrir os olhos, mas o brilho do sol me cega, esfaqueando o fundo da minha cabeça com adagas afiadas de dor. O resto do meu corpo grita de dor também e eu solto um gemido baixinho.

Por algum tempo eu fico simplesmente ali, deitada. Respirando, lembrando do meu sonho e deixando que a culpa de perder Jed tome conta de mim. Quero me enroscar para dentro de mim mesma, quero arrancar os cabelos de desespero. Mas meu corpo dói demais e por isso eu deixo a água fazer cócegas nos meus pés, deixo o sol aquecer o meu rosto, deixo meu corpo parar de latejar. O ar que passa por entre as árvores é calmante,

tranquilizante, e quase volto ao nada, feliz por esquecer a Floresta, Jed, a esperança, os Esconjurados e meu sonho.

O som de alguém cavando chega lentamente aos meus ouvidos. O som de uma pá quebrando uma raiz, enterrando-se na terra macia, sendo retirada novamente.

E um som familiar e me faz sorrir. Época da colheita. Tempo de celebrar o sol e a primavera. O som se aproxima e sua repetição se junta ao ritmo do ar passando por entre as árvores como uma canção de ninar.

Uma sombra cai sobre meu rosto e abro os olhos bem na hora de ver um homem em pé em cima de mim com uma pá nas mãos. Ele levanta a lâmina sobre sua cabeça.

Rolo para a minha direita por instinto. A pá erra minha garganta e se enterra na areia onde estava meu pescoço.

O homem fica ali, ligeiramente desequilibrado, a lâmina enterrada bem fundo na areia.

Eu me agacho em posição de defesa, e quando ele puxa o cabo com força eu levanto as mãos.

— Espere, espere! — grito e ele para. Suas mãos afrouxam a pegada do cabo e ele olha para mim com uma expressão estranha e curiosa.

— Você... — ele faz uma pausa. — Você não está morta — ele finalmente diz.

— Eu estaria, se você tivesse conseguido o que queria — digo. Mantenho as mãos levantadas e começo a me afastar dele.

Alguma coisa atrás do ombro dele chama minha atenção — uma mulher Esconjurada com cabelos totalmente embaraçados está espreitando às costas dele.

— Cuidado! — grito. Ele se vira e a decapita com um golpe de muita prática. Ela cai lentamente ao chão.

Ele retorna o olhar para mim e começa a falar, mas suas palavras não penetram na minha névoa. Subitamente estou zozza ao tentar assimilar o mundo ao meu redor. Toda aquela extensão de água que se estende

eternamente ao meu lado.

— O oceano — murmuro. E então a noite anterior retorna à minha mente com toda a clareza. — Jed — eu digo, sem fôlego.

Eu me levanto, as pernas tremendo, e então começo a descer a praia correndo, examinando os corpos que chegaram à margem. A maioria de suas cabeças foi cortada, sem dúvida trabalho do homem que está me chamando.

— O que você procura? — ele grita.

— Meu irmão! — grito. — Ele estava comigo, e agora...

Há centenas de Esconjurados atulhando a praia, estou prestes a girar um deles para ver seu rosto quando o homem me alcança e me puxa para trás.

— Opa, calma lá — ele diz. — Cuidado com o que você está fazendo. Alguns desses Mudos ainda são perigosos.

Ele me empurra de lado e vira o corpo com a pá. Eu tapo o rosto com as mãos, e espio por entre os dedos. Mas não é Jed. Repetimos isso com todos os corpos da praia. Sinto náuseas todas às vezes e rezo para não ter provocado a morte de meu irmão. O homem me leva pacientemente de um corpo a outro, virando-os para que eu possa vê-los e depois rapidamente cortando suas cabeças com a mesma naturalidade com que cavaria um buraco na terra.

Olhamos todos os corpos da praia. Não encontramos jed.

— A linha da costa é muito grande — o homem diz finalmente. — Ele pode ter ido parar em outro lugar. É perigoso deixar esta enseada, mas posso levá-la se você quiser. Ou pode ser que ele ainda venha parar aqui. Nunca se sabe, normalmente depois de uma tempestade como a da ontem à noite fica aparecendo coisa por aqui durante dias.

Eu caminho até a beira da água e ele vem atrás.

— Por que você os chama de Mudos? — pergunto.

Ele parece surpreso com minha pergunta. Chega até a corar um pouco.

— Acho que gosto mais desse nome — ele diz, a voz um pouco atropelada. — É como os piratas que caçam ao longo da costa os chamam — ele dá de ombros. — Parece adequado.

— Onde estou? — pergunto, mantendo o olhar fixo na linha onde a

água encontra o céu.

— Esta praia não tem nome. Pelo menos não desde o Retorno.

Enterro meus dedos dos pés na areia fina. Outra onda arrebenta nos meus tornozelos, fazendo com que meus pés afundem um pouco no chão. Alguns cortes nas minhas panturrilhas protestam quando a água salgada sonda a carne ferida.

— Eu nunca vi o oceano — digo. Me pergunto o que Jed teria pensado ao ver toda aquela extensão de água. Se Travis teria ficado orgulhoso por eu finalmente ter conseguido. Por eu ter sobrevivido. Caio de joelhos e o homem, alarmado, dá um pulo.

Ele se vira para se agachar ao meu lado e juntos ficamos olhando para o modo como o sol faz a água reluzir.

— Normalmente ela não fica assim tão cheia de destroços — diz o homem. — Tempestades como a da noite passada trazem um bocado de madeira do rio, um pouco de lama e fazem a água ficar turva. Mas eu nunca tinha visto tantos Mudos antes.

Gosto do som da voz dele. Sua profundidade, seu tom. Ela me lembra Travis, se funde com a minha lembrança da voz de Travis, da maneira como as palavras escorregavam de seus lábios.

— Eu moro no farol ali em cima — ele diz, apontando colina acima, depois da faixa de areia, para uma torre alta pintada com faixas pretas inclinadas. — Meu trabalho depois das tempestades é vir decapitar todos os que aparecem na maré para que não possam entrar na cidade.

Olho ao meu redor. Para todos os corpos de Esconjurados atulhando a praia.

— Tanta carnificina — digo.

Ele dá de ombros.

— A maré vai chegar e levá-los todos de volta novamente — ele diz. — Em mais ou menos seis horas você nem vai saber que havia outra coisa aqui que não areia e espuma. A praia será o que sempre foi. Apenas uma praia.

— Mas haverá mais deles — digo. — Sempre há mais.

Ele dá de ombros.

— É assim que a vida é. Há dias em que você acorda, a praia está limpa e você se esquece de tudo o que nos cerca. E em outros você acorda e ela está assim. É a natureza das marés.

Ele desloca um pouco seu peso.

— Isso não significa que não vale a pena estar aqui.

Eu balanço na direção da água e mergulho meus dedos nela.

— É seguro? — pergunto. — Lá na água?

Ele dá de ombros mais uma vez.

— Seguro o bastante — ele diz. — É uma maré vazante, ela não vai trazer mais nenhum Mudo do oceano.

Entro na água. As ondas me empurram e eu luto contra elas para ir mais fundo. Até meus pés deixarem o chão.

O homem fica em pé na praia e observa, a ponta de sua pá enterrada na areia à sua frente, mãos cruzadas sobre o cabo. Esperando pelo meu retorno.

Dou chutes, viro de costas e deixo que a água me acolha. Levo os dedos à boca e lambo o gosto de sal que ficou neles.

Por um tempo, deixo que a água me puxe e me empurre, me levante, me segure quando caio. Eu vejo o céu, as nuvens, o sol, os pássaros voando em disparada. Espero a paz e a felicidade, mas só consigo pensar em Travis, Harry, Cass e Jacob. Em como eu perdi tudo, menos este lugar. Tento pensar em Jed e a vergonha me impede de lembrar como ele veto atrás de mim. Como ele morreu me salvando. Mas parte de mim também pensa que ele poderia estar orgulhoso por eu ter conseguido, por eu ter sobrevivido. Que ele sabia o que estava fazendo quando entrou naquela Floresta atrás de mim.

Sinto o peso de carregar sua esperança comigo.

Levanto minha cabeça da água e percebo que me afastei da praia. Eu me forço a seguir contra a corrente, deixo as ondas me empurrarem até a areia. Desço a praia na direção do homem, sentindo as pernas pesadas e desajeitadas agora que saí da água. Ele sorri para mim quando me aproximo, e não posso deixar de retribuir.

— Você se importa se eu perguntar de onde você veio? — ele pergunta enquanto vemos as ondas quebrarem na margem.

— Da Floresta — eu digo. — A Floresta de Mãos e Dentes.

Ele olha para mim do canto do olho.

— Sempre me perguntei se havia gente lá dentro — ele diz. — Mas nunca ouvi chamarem ela por esse nome. Mas faz sentido, eu acho.

— Como assim? — pergunto.

— Quero dizer, eu cresci aqui. Na beira dessa floresta. E todo mundo sempre diz que não existe nada a não ser Mudos depois daquele rio, além das cercas. É por isso que eles tiraram todos aqueles caminhos com cercas que levavam da floresta até a cidade quando meu avô era menino. Muitas crianças achavam que o caminho levava a algum lugar especial e se meteram em apuros. A ponte ainda está lá, sobre o alto das quedas, mas existe um portão no fim e nada além.

Penso no nosso portão, de como a chuva mascarou o som da cachoeira até estarmos bem em cima dela. De como a noite estava escura, de como era impossível ver além do seu próprio corpo. De como estávamos tão concentrados nos Esconjurados e em fugir. Estremeço só de pensar em como estávamos próximos. Que um dia existiu um caminho, mas que nos afastamos do caminho na escuridão escorregadia.

— As pessoas não gostam de falar sobre essas coisas — diz. Ele leva a mão sobre os olhos para olhar na direção da água, inspecionando o mundo ao nosso redor.

— Talvez elas tenham razão — digo a ele. Penso em Cass, Harry e Jacob e em como deve haver uma maneira de resgatá-los da Floresta de Mãos e Dentes. Penso em Argos e em como ele sonhava com tempos mais felizes, as patas estremeendo e a cauda batendo pela manhã, uma das orelhas em pé. Penso em Jed e em como ele sorriu para mim na noite anterior. Em como seus olhos brilharam quando ele falou na possibilidade de uma vida e de um futuro.

E então me lembro de Travis me puxando de encontro a ele e me

falando de esperança. Sua voz em minha mente é suave, quase fora do meu alcance como o fim de um eco. Eu me pergunto se vale a pena me apegar a essas memórias. Se esse fardo vale a pena. Eu me pergunto para que finalidade elas servem.

O oceano já está cobrindo os Esconjurados na praia, puxando-os para a água, chamando-os de volta. Por um tempo fico ali parada olhando, até a praia ficar vazia e o homem pegar a minha mão e me levar rumo ao farol.

FIM



A série A FLORESTA DE MÃOS E DENTES continua no livro dois:

The Dead Tossed Waves



Agradecimentos

MUITAS PESSOAS DIZEM QUE ESCREVER É UM OFÍCIO SOLITÁRIO. Tive uma sorte fenomenal de ter encontrado um apoio incrível e amigos maravilhosos ao longo do processo de escrita, e sou grata a todos os que me animaram, me ofereceram conselhos e ouviram minhas maluquices.

Devo um agradecimento muito especial ao meu agente, o solícito e hilário Jim McCarthy, por ter me dado uma chance e selecionado *A Floresta de Mãos e Dentes* na pilha de manuscritos. Também à minha genial editora, Krista Marino, cujo entusiasmo e dedicação são impressionantes. Muito obrigada à fantástica equipe da Delacorte Press, que trabalha incansavelmente para garantir que cada detalhe saia correto; a Vikki Sheatsley e Jonathan Barkat por sua visão, e a Beverly Horowitz, Orly Henry e Colleen Fellingham por todo o tempo que passaram com Mary.

Diana Peterfreund e Erica Ridley ofereceram críticas, entusiasmo e motivação maravilhosos. A família Davis entendia quando minha cabeça estava nas nuvens, e Jason Davis e JP ofereceram sua riquíssima experiência biológica e parasitológica para me ajudar a fazer um ajuste fino do mundo descrito no livro.

Tenho muito orgulho e muita honra do apoio que minha família me dá. Agradeço mais do que as palavras podem expressar à minha mãe, Bobby Kidd, que sempre acreditou que compraria meu livro numa livraria um dia; ao meu pai, Tony Ryan, que sempre me ouviu em longas conversas sobre construção de mundos; e às minhas irmãs, Jenny Sell e Chris Warnick, que sempre foram minhas maiores fãs em todas as coisas que escolhi fazer.

Obrigada, eu amo vocês!

Por último, obrigada a John Parke Davis, por de algum modo me convencer a ir ver aquele primeiro filme de zumbis, por pegar na minha mão e me alertar sobre as partes assustadoras para que eu pudesse sobreviver a elas e por passar incontáveis horas depois discutindo como sobreviver ao apocalipse zumbi. E, acima de tudo, por me dizer para escrever sobre o que adoro, mesmo que isso significasse escrever sobre zumbis. Sem você, este livro não existiria.